



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

ELLEN ELSIE SILVA NASCIMENTO

Ativismo liberal-conservador no Brasil pós-2013

Versão corrigida

SÃO PAULO

2022

ELLEN ELSIE SILVA NASCIMENTO

Ativismo liberal-conservador no Brasil pós-2013

Versão corrigida

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia sob orientação da Profa. Dra. Angela Maria Alonso; Área de Concentração Sociologia Política; Linha de Pesquisa Estado, Política e Ações Coletivas; da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção de título de Doutora em Ciências.

SÃO PAULO

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

N244a Nascimento, Ellen Elsie Silva
Ativismo liberal-conservador no Brasil pós-2013 /
Ellen Elsie Silva Nascimento; orientadora Angela
Maria Alonso - São Paulo, 2022.
304 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de Sociologia. Área de concentração:
Sociologia.

1. Conservadorismo (política). 2. Movimentos
sociais. 3. Direita (ideologia política).
4. Liberalismo. 5. MBL. I. Alonso, Angela Maria,
orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA TESE

Termo de Ciência e Concordância da Orientadora

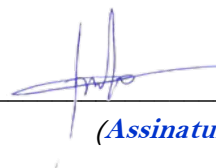
Nome da aluna: Ellen Elsie Silva do Nascimento

Data da defesa: 10 / 08 / 2022

Nome da Profª. orientadora: Angela Maria Alonso

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 20 / 12 / 2022



(Assinatura da orientadora)

Agências financiadoras:



A Antônia da Silva e Azimar Nascimento in memoriam

A José

Agradecimentos

Uma tese de doutoramento é sempre um enorme desafio que envolve um árduo trabalho intelectual, emocional (como define Hochschild, 1986) e mesmo físico. Minha experiência de pesquisa significou um envolvimento quase diário com um objeto de difícil abordagem, o que, somado às muitas exigências institucionais e às minhas próprias exigências, fez o desafio parecer, por vezes, insuperável. Eu não teria conseguido sem todo o apoio que recebi.

Agradeço à CNPq e à CAPES pelo financiamento imprescindível à realização da pesquisa. Aos fundadores da Z-library e a Alexandra Elbakyan, que teve a coragem de criar uma plataforma que disponibiliza artigos científicos gratuitamente, sem os quais este trabalho não existiria como tal, haja vista que a reserva técnica e o acervo físico que tive à disposição foram muito limitados. Agradeço às funcionárias que se prestaram a me ajudar com a burocracia da universidade, em especial à Evânia e à Georgina.

Meu agradecimento especial às pessoas entrevistadas na pesquisa, pela confiança, generosidade e gentileza, que me fizeram descobrir o que vejo de mais valioso na tese.

Agradeço à minha orientadora Angela Alonso, com quem aprendi a fazer pesquisa empírica. Pela leitura atenta, pelos bons ensinamentos e pelo exemplo de competência e seriedade com o *métier*. Também aos professores do Departamento de Sociologia da USP que contribuíram para minha formação: Marcos Alvarez, Maria Arminda, Fernando Pinheiro, Sérgio Miceli e Leopoldo Waizbort. Um agradecimento especial ao prof. Brasília Sallum e à Débora Maciel (Unifesp), que participaram da minha banca de qualificação e apontaram caminhos para a superação dos desafios da pesquisa.

Aos meus professores da Universidade Federal da Paraíba, onde me formei, devo muitos agradecimentos, em especial à Ana Montoia, que teve uma importância decisiva nos rumos da minha formação e quem eu tenho a honra de ter

como amiga; ao meu querido orientador Mauro Koury (in memorian) e a Aécio Amaral, por me encorajar e pela terna amizade.

Sou grata pelas contribuições dos colegas dos seminários de pesquisa coordenados pela Angela: Verônica Freitas, Viviane Brito, Vinicius Bessi, Patrícia Rezende, Pedro Feitoza, Pedro Rebucci, Jessica Horing, Leonardo Nóbrega, Yasodhara Soares, Mercedes Azevedo, Euzeneia Carlos, Rafael Barifouse. Um agradecimento especial à Gabriela Martins, pelos tantos bons conselhos e pela preciosa amizade, e ao querido Rafael Souza, por seu coração ancho e pela sensibilidade de me oferecer apoio quando eu me esforçava por disfarçar minha deriva metodológica. Agradeço também à generosidade da Camila Rocha e da Fanny Vrydagh, pelas boas conversas e pelos trabalhos exemplares que tanto contribuíram para esta pesquisa.

Ao luxo das amizades que fizeram toda a diferença nas fases mais difíceis do doutorado: Hugo, Endy, Cleto, Rômulo, Rodrigo, Marcello, Flávia, Ery, Tati, Wellington, Thomaz, Yuri, Júlio, Mathilde, Marcel. E àqueles da "malinha de mão do meu coração": À Sil, que me acolheu quando migrei da Paraíba; ao Wagner, que deixou a Pauliceia cada vez menos inóspita; à Mari, por me "emprestar" uma família paulistana, à Eva, pela cumplicidade, pelas aventuras e pela amizade tão rara. A Daniel. A Teresa e Mauro, pela hospitalidade e carinho de tantas horas. Ao Lino, por me fazer querer ser melhor, pelas tantas contribuições, pela paciência, por seu amor e por apoiar com palavras e gestos a participação da mulher na ciência.

À minha mãe, Julieta, que vibrou junto (e sofreu junto) em cada fase deste trabalho e é a pessoa que mais me apoiou nesse processo. Por seu exemplo de superação e força sertaneja, pelas rezas e por me dar a certeza de que eu terei a quem recorrer sempre que precisar. Ao meu pai, João Bosco, por seu amor e por ter me feito enxergar a pesquisa de um jeito novo. À minha irmã Emily, sempre prestativa e otimista, e ao meu irmão Davidson, por ter me dado dois sobrinhos que reascenderam minhas esperanças no mundo.

“Wherever we start, there is movement, something that went before.”

(Norbert Elias, *The Civilizing Process*)

“Facts are of the schoolboy’s world—they can be altered by diligent effort but they cannot be avoided. But what the person protects and defends and invests his feelings in is an idea about himself, and ideas are vulnerable not to facts and things but to communications. Communications belong to a less punitive scheme than do facts, for communications can be by-passed, withdrawn from, disbelieved, conveniently misunderstood, and tactfully conveyed.”

(Erving Goffman, *On Face-work*)

“[...] A man is in his actions and practice, as well as in his fictions, essentially a story-telling animal. I can only answer the question 'What am I to do?' if I can answer the prior question 'Of what story or stories do I find myself a part?’”

(Alasdair MacIntyre, *After Virtue*)

Resumo

O quadro do ativismo político no Brasil contemporâneo conta com a participação dinâmica e expressiva de grupos liberal-conservadores. Esta tese é dedicada a estudar esse campo, tendo, para isso, selecionado aquele que consideramos seu principal representante: o Movimento Brasil Livre (MBL). O trabalho é baseado em métodos de pesquisa qualitativa e se apoia nos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria do Confronto Político. Em diálogo com a recente literatura sobre o fenômeno, argumentamos que o ressurgimento do ativismo liberal-conservador foi impulsionado pelo ciclo de protestos iniciado em Junho de 2013 e contribuiu para reconfigurar o quadro e os significados do ativismo no presente. Sob influência de ideólogos conservadores, o grupo renovou as performances habituais da interação na "política do confronto" e conquistou uma notoriedade que contribuiu para certificá-lo como ator político. No mesmo sentido, a concorrência entre pares e o esforço por protagonizar o movimento pelo impeachment de Dilma Rousseff foi responsável pela consolidação do MBL e concorreu para o recrudescimento do próprio movimento. A trajetória do grupo também corrobora a tendencial ascendência da lógica do ativismo institucional no seio do que a literatura especializada chamou de "movement parties". Diante do dinamismo inerente do processo político e da recomposição do cenário de forças, o MBL precisou reposicionar-se no campo a fim de assegurar sua sobrevivência e viabilizar candidaturas eleitorais. Mas as guinadas estratégicas também provocaram defecções de apoiadores e uma consequente reorientação tática, embora não menos consistente com uma agenda conservadora.

Palavras-chave: Ativismo político; conservadorismo; MBL.

Abstract

Brazilian political activism of present days relies on the pronounced participation of liberal-conservative groups. This thesis is dedicated to studying this field, for what we have selected the one we consider its main representative: MBL – Movimento Brasil Livre [Free Brazil Movement]. This work is based on qualitative research methods and is supported by the theoretical framework of Contentious Politics. In dialogue with the recent literature on the phenomenon, we argue that the resurgence of liberal-conservative activism was thrust by the cycle of protests that began in June 2013, and contributed to reconfigure the disposition and meanings of political activism. Under the influence of conservative ideologues, the group renewed the usual performances of contentious politics and was certified as a political actor due to its noticeability. In the same sense, peer competition and the effort to get credit for leading Dilma Rousseff's impeachment mobilizations were responsible for consolidating the group as a political actor while contributing to a recrudescence of the mobilizations. The group's trajectory also corroborates a tendential increasing logic of institutional activism within the so-called "movement parties". Faced with the inherent dynamism of the political process and the rearrangement of forces, MBL had to reposition itself in the field in order to ensure its survival and build a solid constituency. But the strategic shifts also brought about supporters' defection and the need to a tactical reorientation, though no less consistent with a conservative agenda.

Keywords: Political activism; conservatism; MBL

Lista de abreviaturas e siglas

- AMBL – Academia do Movimento Brasil Livre
- ANMD – Aliança Nacional dos Movimentos Democráticos
- CNA – Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil
- CNPG – Conselho Nacional de Procuradores Gerais
- CONAMP – Conselho Nacional de Membros do Ministério Público
- CONTAG – Confederação Nacional de Trabalhadores na Agricultura
- COF – Curso Online de Filosofia de Olavo de Carvalho
- CQC – Custe o Que Custar (programa de televisão)
- CUT – Central Única dos Trabalhadores
- DEM – Democratas (partido político)
- EPL – Estudantes Pela Liberdade
- MAM – Museu de Arte Moderna de São Paulo
- MBL – Movimento Brasil Livre
- MDB – Movimento Democrático Brasileiro (partido político)
- MPL – Movimento Passe Livre
- MRL – Movimento Renovação Liberal
- MS – Movimentos sociais
- MST – Movimento dos Sem Terra
- MTST – Movimento dos Trabalhadores Sem Teto
- NOVO – Partido Novo
- OSCIP – Organização da Sociedade Civil de Interesse público
- PCB – Partido Comunista Brasileiro

PCdoB – Partido Comunista do Brasil

PCD – Pessoa com deficiência

PCO – Partido da Causa Operária

PDT – Partido Democrático Trabalhista

PEC – Proposta de Emenda à Constituição

PEN – Partido Ecológico Nacional (rebatizado de Patriota em 2018)

PHS – Partido Humanista da Solidariedade (, dissolvido em 2019 e integrado ao Podemos)

PM – Polícia Militar

PP – Progressistas (partido político)

PPS – Partido Popular Socialista (rebatizado de Cidadania em 2019)

PR – Partido da República (rebatizado de Partido Liberal, sob a sigla PL, em 2019)

PRB – Partido Republicano Brasileiro (rebatizado de Republicanos, em 2019)

PROS – Partido Republicano da Ordem Social

PSB – Partido Socialista Brasileiro

PSC – Partido Social Cristão

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira

PSOL – Partido Socialismo e Liberdade

PSTU – Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado

PT – Partido dos Trabalhadores

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

PTN – Partido Trabalhista Nacional (rebatizado de Podemos em 2017)

PV – Partido Verde

RoL – Revoltados on-Line

SFL – Students For Liberty

STF – Supremo Tribunal Federal

UBES – União Brasileira dos Estudantes Secundaristas

UFABC – Universidade Federal do ABC

UNE – União Nacional dos Estudantes

USP – Universidade de São Paulo

VPR – Movimento Vem pra Rua

Sumário

| | |
|---|-----------|
| AGRADECIMENTOS | 7 |
| RESUMO | 10 |
| ABSTRACT | 11 |
| LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS | 12 |
| INTRODUÇÃO | 18 |
| A literatura sobre movimentos sociais | 21 |
| Abordagem teórica | 24 |
| Metodologia e estrutura da tese | 26 |
| CAPÍTULO 1 | 33 |
| PERSPECTIVA CONSERVADORA | 33 |
| 1.1 Introdução | 33 |
| 1.2 Uma Sociologia do Conservadorismo | 34 |
| 1.3 O cadinho liberal-conservador | 40 |
| 1.5 Apropriações e configurações do conservadorismo à brasileira | 52 |
| CAPÍTULO 2 | 58 |
| NOVOS ATORES EM CENA: UM MOVIMENTO SOCIAL DE DIREITA | 58 |
| 2.1 Introdução | 58 |
| 2.2 Surgimento | 59 |
| 2.3 Palco e performance: esferas e estilo de ativismo | 71 |
| 2.4 Composição e perfil social | 79 |

| | |
|--|------------|
| 2.4.1 Gamers, dropouts e freaks | 79 |
| 2.4.2 Mulheres, negros e minorias | 88 |
| 2.5 Estrutura organizativa | 107 |
| 2.5.1 Entre amigos | 111 |
| 2.6 Finanças e demais recursos | 114 |
| 2.7 Conclusão | 124 |
| CAPÍTULO 3 | 126 |
| TRAJETÓRIA E EVOLUÇÃO DO ATIVISMO LIBERAL-CONSERVADOR | 126 |
| 3.1 Introdução | 126 |
| 3.2 Fase de concorrência: o movimento pelo <i>impeachment</i> de Dilma | 127 |
| 3.3 Fase de timbragem identitária: por uma direita descolada | 154 |
| 3.4 Fase de radicalização: a cruzada moralizante | 167 |
| 3.5 Fase de realinhamento: cisão faccional, defecções e inflexão moderada | 179 |
| 3.6 Conclusão | 187 |
| CAPÍTULO 4 | 188 |
| ENTRE O ESTADO E A SOCIEDADE | 188 |
| 4.1 Introdução | 188 |
| 4.2 Apartidário, suprapartidário ou <i>parti pris</i>? | 191 |
| 4.3 O movimento e as eleições | 196 |
| 4.4 Consequências do ativismo institucional | 205 |
| 4.5 Conclusão | 214 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 216 |

| | |
|---|------------|
| Ativismo e tecnologia digital | 220 |
| REFERÊNCIAS | 223 |
| 1. Fontes primárias | 223 |
| 1.1. Livros e documentos | 223 |
| 1.2. Páginas da internet | 224 |
| 2. Fontes secundárias | 225 |
| 2.1. Vídeos e documentários | 225 |
| 2.2. Matérias jornalísticas | 226 |
| 3. Referências bibliográficas (livros e artigos acadêmicos) | 234 |
| ANEXOS E APÊNDICES | 254 |
| Apêndice I – Classificação e roteiro das entrevistas | 254 |
| Apêndice II – Manifestações em São Paulo | 257 |
| Apêndice III – Candidaturas ligadas ao MBL em 2016, 2018 e 2020 | 260 |
| Apêndice IV – Aliança Nacional dos Movimentos Democráticos | 267 |
| Anexo I – Manifesto do MBL (primeira versão do manifesto por um Brasil Livre, de abril de 2015) | 273 |
| Anexo II – Como organizar uma manifestação (transcrição de aula interna de alinhamento entre militantes) (por Ricardo Almeida) | 274 |
| Anexo III – Carta do povo brasileiro (dos "movimentos que querem tornar este país uma Nação") | 279 |
| Anexo IV – Teste de Personalidade (Academia MBL) | 286 |
| Anexo V – Cronologia política do recorte temporal da pesquisa (jun. 2013 – nov. de 2020) | 288 |

INTRODUÇÃO

No início de junho de 2013, o veterano Movimento Passe Livre (MPL) clamou um protesto contra o então recém-anunciado aumento no preço das passagens de transporte público na cidade de São Paulo. A cada ano, aproximadamente, o MPL realizava manifestações em espaços públicos quando anunciado um reajuste de tarifa, de modo que se pode dizer que o grupo já havia entrado para o elenco de atores dos protestos de rotina na cidade. Naquele ano, porém, o evento engatilhou uma movimentação inesperada. Um número crescente de manifestantes tomaram as ruas e pulverizaram o núcleo de demandas. Muitos dos que qualificavam os protestos de "balderna" e "vandalismo" passaram a manifestar apoio ao movimento das ruas. Em pouco tempo, a pauta originária foi alcançada e o aumento da tarifa de transporte público revogado em inúmeras cidades. Mas os manifestantes não saíram das ruas. Protestos seguiram em escalada pelo país, permeados por uma algaravia de pautas oriundas de espectros políticos ora indefinidos, ora antípodas. A cada novo evento de mobilização, no entanto, vozes entremeadas aos dois polos ideológicos confundiam-se menos, sem que os protestos deixassem de ser plurívocos. Um novo cenário foi se plasmando: indivíduos debutaram como atores políticos, velhos atores repaginaram suas pautas e as bandeiras pelo passe livre foram ofuscadas por uma proliferação de novas bandeiras.

Como argumenta A. Alonso (2017), junho de 2013 foi marcado pela presença cumulativa de três diferentes repertórios de confronto¹: primeiro o repertório autonomista, trazido por pequenos movimentos independentes que iniciaram o protesto, marcado por performances iconoclastas e inspirações do ideário anarquista; segundo, o repertório socialista, trazido pelos grupos de ativismo mais habituais, de organização hierárquica e bandeiras da esquerda tradicional; e, ainda, o repertório patriota, com performances nacionalistas, evocando símbolos da tradição em torno do país e da

¹ Por repertório de confronto, entendemos, com Tilly, um “conjunto histórico e limitado de performances políticas, isto é, maneiras de exprimir reivindicações, que atores encontram disponíveis em seu tempo e das quais se apropriam para expressar suas demandas durante conflitos, de maneira alternativa e contrastiva em relação aos demais participantes” (Tilly *apud* Alonso, 2017). Para uma discussão sobre as diferentes formulações que a noção de repertório assume na obra de Tilly, cf. Alonso, 2012.

pátria. O confronto entre os diferentes grupos ainda não era marcante e alguns eventos daquele episódio assumiram um caráter de festa cívica. Essa heterogeneidade, inusual em demonstrações de rua, atraía pessoas sem vínculos pregressos com movimentos sociais, inclusive atores de viés mais conservador, menos habituados a ocupar as ruas.² Junho de 2013 deu vez a uma implicação espacial (Souza, R., 2018) entre manifestantes direitistas, esquerdistas e aqueles de convicção ideológica em formação, e marcou o início de um "ciclo de protestos" (Alonso, 2017; Tatagiba, 2018; Bringel & Pleyers, 2019), ou seja, a escalada e posterior declínio de eventos de protesto que implicaram múltiplos atores e organizações políticas e se espalharam por vários setores da sociedade, alterando a dinâmica rotineira de manifestações e dando vez à emergência de novas formas organizativas (Tarrow, 2009: 182).

O ano de 2014 deu continuidade ao ciclo, trazendo manifestações de menor escala com pautas de oposição à Copa. Passada a primeira fase do ciclo de protestos, o acirramento de tensões sociais persistiu e marcou o embate político da campanha presidencial de 2014. A reeleição de Dilma Rousseff³ foi ameaçada de modo contundente pela força de grupos opositores – força que só recrudescer após a derrota eleitoral do candidato de oposição pessedebista. A vitória da chapa Dilma-Temer não arrefeceu o movimento opositor; antes, novos atores inconformados com a estreita derrota do candidato de centro-direita foram emergindo e convergindo em torno da pauta do impeachment. É o caso do Movimento Brasil Livre (MBL), que será o objeto deste trabalho.

Ao longo do tempo, o MBL conquistou espaço de destaque nos veículos de imprensa – e na "opinião pública"⁴ –, alcançou uma capilaridade extensa através de mídias digitais diversas (Lerner, 2019), e ergueu uma robusta estrutura organizativa,

² Um dos mais expressivos eventos de manifestação do campo conservador é a Marcha da Família com Deus pela Liberdade.

³ Os protestos de Junho de 2013 acarretaram em vertiginosa queda de popularidade da presidente Dilma.

⁴ O sentido de "opinião pública" em geral, e no Brasil em particular, não deve ser entendido mediante um conceito em abstrato, e precisa ser matizado de acordo com a influência exercida pelos grupos que controlam os principais veículos de mídia. Sua definição é igualmente problemática enquanto resultado de sondagens de opinião, como argumentou P. Bourdieu (2002). Para uma discussão mais contemporânea do problema a partir da influência das redes digitais, cf. Kotras, 2018.

demonstrando capacidade de mobilização política em espaços físicos e virtuais, tal como se deu durante os protestos pelo impeachment da presidente Dilma Rousseff. O grupo assumiu, assim, o papel de principal representante de um ressurgente ativismo de direita, de viés liberal-conservador – tal como se autodenominam e como trataremos de problematizar ao longo da tese. Mas qual é o significado e quais são as implicações para as formas de ação coletiva desse amálgama contraintuitivo (muito embora antigo) e bem sucedido entre liberalismo e conservadorismo? O que teria levado grupos conservadores a se associarem, formando movimentos sociais⁵, e ocuparem as ruas naquele contexto? Lembremos que, até há poucas décadas, durante os anos do regime militar, a noção de ativismo político veiculada pelos órgãos oficiais do governo carregava uma conotação fortemente pejorativa e mesmo antipatriota.⁶ No presente, o conservadorismo político parece ter gravitado para esferas de ação antes dominadas por grupos progressistas; e assimilado as formas de ação política que lhe eram típicas, em particular, o ativismo societário. Ao longo desta tese, trataremos de examinar essa problemática e testar o conjunto das hipóteses sob o crivo de uma análise empírica.

Ao longo da história do país, movimentos sociais à esquerda e à direita estiveram atuantes nos episódios mais decisivos de mudança ou contenção de mudanças. Não obstante a multiplicidade de formas, esferas e orientação política dos movimentos sociais no país, a crítica acadêmica guiava-se pelo entendimento tácito que compreendia movimentos sociais no conjunto de práticas contenciosas da esquerda, mediante o pressuposto de que a direita se fazia operante por canais de atuação político-institucional e instrumentos coercitivos oficiais de manutenção da ordem, ou mesmo pelos principais veículos de mídia. Tal entendimento corresponde a uma concepção *sui*

⁵ "Social movements are defined as networks of informal interactions between a plurality of individuals, groups and or organizations, engaged in political or cultural conflicts, on the basis of shared collective identities" (Diani, 1992: 1).

⁶ Em publicações distribuídas em escolas durante regime militar, por exemplo, o verbete "ativismo" é definido como: "uma concepção de vida que se caracteriza por atribuir uma primazia à ação, sobre a contemplação e a especulação. O ativismo subestima estas altas atividades do espírito como inúteis e estéreis e valoriza apenas a ação concreta e imediata. Por isso, quase nunca escapa aos inconvenientes do imediatismo e da improvisação e não raro é uma forma de alienação pela qual nos deixamos absorver numa atividade febril, para fugir à reflexão sobre os grandes problemas humanos. O substantivo concreto *ativista* refere-se aos agentes de um movimento, organização ou partido, que fazem a ligação entre as cúpulas e as bases, difundindo a mensagem e promovendo o proselitismo." (Ávila, 1972: 69-70)

generis do que são movimentos sociais, concebidos como entidades ou grupos dotados de atributos e orientação ideológica determinados. Essa voga conceitual, dominante até meados dos anos 90, contribuiu para uma reificação do objeto de estudo e acabou por invisibilizar as formas de ativismo dos atores de perfil liberal-conservador cuja atuação se dava ao largo do Estado. Revisemos como se deu esse movimento teórico.

A literatura sobre movimentos sociais

A literatura dedicada aos movimentos sociais foi se desenvolvendo a partir de perspectivas analíticas distintas, conforme já o demonstraram vários balanços bibliográficos. Dos estudos de enfoque materialista e meta-histórico, inspirados em K. Marx, que viam na ideologia capitalista um mecanismo de obediência pela alienação; ao foco na relação entre códigos culturais e formas de dominação (influência da sociologia de M. Weber); e mesmo uma recuperação da contribuição de É. Durkheim pela influência nos desdobramentos analíticos inspirado na obra de E. Goffman, no movimento teórico que ficou conhecido como virada interacionista, de forte influência nos estudos de Sociologia Política (Alexander, 1998; Alonso, 2009).

Três principais paradigmas marcam as passagens desse movimento teórico – tentativas de explicar realidades sociais muito dinâmicas e, em seu turno, oferecer modelagens capazes de superar limites e propor revisões críticas dos modelos predecessores. A Teoria da Mobilização dos Recursos (TMR), a Teoria do Confronto Político (TCP e, mais adiante, TPP – Teoria do Processo Político), a Teoria dos Novos Movimentos Sociais (TNM). A primeira entende que movimentos sociais são ações planejadas com a finalidade de produzir e orientar um tipo determinado de sentimento coletivo de descontentamento, pressuposto básico para que consigam realizar suas metas (McCarthy & Zald, 1977). Por se tratar de uma abordagem microsociológica, o foco dessa análise voltou-se para os atores que realizam a ação. Interesses são sobrepostos a valores, e a influência de ideologias motivadoras são escanteadas. Essa escola teórica entende que movimentos sociais são grupos de interesses dotados de ação racional, que calculam as linhas de ação mais efetivas em vista do acesso a recursos, prestígio e poder dentro de um mercado em disputa – o que evidencia uma lógica empresarial e economicista. Pelo mesmo raciocínio, a desmobilização é explicada por

uma decisão deliberada, donde a racionalidade e o cálculo figurarem como os principais elementos explicativos da ação.

Essa perspectiva foi alvo de muitas críticas. O primeiro marco na elaboração de um novo modelo teórico se deu com a publicação de *From Mobilization to Revolution* (1978), de Charles Tilly, que deslocou a ênfase analítica da economia materialista para a política. A Teoria do Confronto Político inaugurava uma tentativa de aliar as micro-realidades sociais a uma perspectiva história e processual. Por essa lente de análise, diferentes fatores contextuais podem contribuir para uma maior ou menor permeabilidade das estruturas de poder, influenciando o posicionamento dos atores no jogo político e as formas da ação coletiva.

Uma perspectiva teórica concorrente também ia surgindo na França pela cepa de estudos influenciados pela eclosão de novos padrões de comportamento e demandas identitárias do movimento de maio de 1968, perspectiva trazida com a publicação de *La Production de la Société* (1973), do sociólogo A. Touraine. O argumento de base do livro aponta que, uma vez alcançadas as necessidades materiais fundamentais em uma sociedade, o eixo das demandas sociais se desloca para questões relativas aos significados culturais e às identidades dos grupos. Essa perspectiva também implica numa reorientação do entendimento das formas de poder e flancos de enfrentamento: vida cotidiana e relações intersubjetivas são entendidas como dimensões cruciais nas relações de dominação e controle. O conflito baseado na opressão física e material assume contornos simbólicos e sua análise passa a requerer métodos interpretativos, e não somente modelos explicativos (Alonso, 2009).

Os estudos sobre movimentos sociais se estabeleceram no Brasil durante a redemocratização e grande parte das análises foram influenciadas pelo potencial emancipatório de experiências como o movimento Diretas-Já e, depois, os Fóruns Sociais Mundiais. Daí a consideração do objeto como grupos organizados em torno de pautas progressistas, orientados a promover mudanças sociais inclusivas e a combater formas de desigualdade na sociedade. As formas de ativismo empregadas traziam uma tônica anti-*establishment*, e mobilizavam performances como marchas, ocupações, demonstrações públicas, greves, campanhas etc. As interpretações daquela realidade

vestiram lentes que os modelos analíticos disponíveis emprestavam, modelos elaborados de acordo com a definição de movimento social que dominava o debate.

As teorias sobre a abrangência do ativismo político no país geraram uma produção analítica que enxergava somente uma das dimensões do universo da ação coletiva, o que conformou uma tradição de estudos de movimentos sociais (muito profícuos, mas parciais e limitados) pela chave da emancipação democratizante (Gohn 1997; Sherer-Warren 2012 et al.). Os grupos de direita pareciam ausentes do campo ativista ou confundidos com as forças estruturantes dos processos societários. Falar em agência assumira um viés progressista e de esquerda; falar em estrutura era entendido como a dimensão operativa das forças conservadoras da direita, de modo que a literatura sobre movimentos sociais no país concentrou-se quase inteiramente nos atores de esquerda.⁷

O movimento teórico foi influente na definição dos objetos de estudo, mas também foi influenciado pela emergência de novos fenômenos. O desfecho autoritário de processos revolucionários em diferentes partes do mundo chamou atenção para a assiduidade das tensões contrarrevolucionárias em um panorama no qual os contramovimentos⁸ podem atuar em surdina ou hibernar, mas não desaparecem.

Nesta tese, propomo-nos a analisar o (res)surgimento do ativismo liberal-conservador, isto é de grupos que se autodenominam representantes de uma "nova direita", a partir da conjuntura política crítica iniciada com os protestos de junho de 2013. Tal (res)surgimento chamou a atenção de muitos pesquisadores, alguns dos quais ratificaram a denominação "nova direita" brasileira e buscaram oferecer uma proposta de caracterização conceitual, sem, no entanto, descurar do relativamente longo processo de incubação desse campo político (Cepêda, 2018; Rocha, 2019; Solano, 2021; et al.).

⁷ Exceções de destaque são os trabalhos de J. Cordeiro (2009) e H. Trindade (1974), como aponta C. Rocha (2018: 22).

⁸ Sobre a dinâmica movimento/contramovimento, cf. Dillard (in: Snow et al., 2013). "Movement/countermovement dynamics refers to the patterns of interaction between the originating social movement and the responding countermovement. A recognition of the importance of this dynamic came about with the concept of countermovements, which arose when scholars recognized that opposition to the movements of the 1960s bore a striking resemblance to social movements in both form and function."

Como consequência, esta tese reflete sobre os novos significados atrelados a "ativismo" e a "direita" no cenário contemporâneo, assim como examina os sentidos atribuídos ao que vem sendo designado como "nova direita", buscando qualificar tais predicados. Mais especificamente, este trabalho focaliza: o perfil e o estilo de ativismo dos atores, as práticas de sociabilidade implicadas nas interações digitais, e a estrutura organizacional do Movimento Brasil Livre – considerado "o principal movimento da nova direita." (Rocha, 2019: 119). Em um segundo momento trataremos de analisar a trajetória objetiva do grupo, tendo em conta os principais mecanismos atuantes no processo de constituição e estabelecimento do MBL, a ampliação do ativismo institucional e as inflexões da estratégia de ativismo do grupo como um todo *vis-à-vis* o dinamismo do processo político.

Embora tenha recentemente havido uma rápida expansão nos estudos acadêmicos sobre o campo conservador, essa área de pesquisa ainda está em vias de consolidar-se. O ramo da "direitologia" que nos parece menos desenvolvido é o que diz respeito às suas formas de ativismo societário, que será o foco da tarefa sobre a qual nos lançaremos ao longo da tese.

Abordagem teórica

O modelo teórico que nos pareceu mais adequado às ambições deste trabalho é a teoria do confronto político [*Contentious Politics*], sistematizada na publicação *Dynamics of Contention*, de D. McAdam, S. Tarrow e C. Tilly (2001), conforme apontamos há pouco. Nossa escolha se dá em razão da perspectiva capaz de dar conta tanto da dimensão relacional do confronto político, como da escala processual na qual ele se insere. Trata-se de um domínio de pesquisa, antes de tudo. O interesse central da análise é voltado para as interseções entre mobilização, atores e trajetórias, ao invés de tratá-los como fenômenos apartados – enfoque que dá um tratamento dinâmico às categorias da agenda clássica de pesquisa em movimentos sociais (oportunidades, enquadramentos, mobilização de recursos etc.). A atribuição de ameaças e oportunidades é flutuante e não um valor estrutural objetivo; por essa razão, os processos de mobilização não são estudados segundo suas condições de possibilidade, mas a partir da concatenação dos mecanismos causais mais recorrentes.

Como procedimento analítico, o método consiste em identificar os mecanismos mais robustos que permitem reconstituir o fio explicativo dos episódios de confronto contextualmente situados. Essa perspectiva abre espaço para uma visada mais dinâmica do processo político, sem perder de vista as contingências que se interpõem no curso de sua evolução e que fazem das previsões e desdobramentos de um episódio algo sempre incerto.⁹ Tendo em conta essa ressalva, o método busca reconstituir as variáveis da dinâmica processual (percepção de oportunidades, organizações, repertórios de ação coletiva, enquadramentos) a fim de entender a emergência de um movimento social *lato sensu*.

O núcleo do confronto político é definido como "episodic, public, collective interaction among makers of claims and their objects when (a) at least one government is a claimant, an object of claims, or a party to the claims and (b) the claims would, if realized, affect the interests of at least one of the claimants" (McAdam et al., 2001: 5). As relações que se estabelecem entre os atores são a chave de compreensão de um processo político. Movimentos sociais são uma dentre as variadas formas de interação que um conflito assume, guardando semelhanças-chave com outras formas contenciosas (ondas grevistas, levantes nacionalistas, revoluções etc.) que podem, eventualmente, apresentar a atuação de semelhantes mecanismos – a formação de um movimento remete a variantes empíricas de um processo mais geral, e importa menos do que a dinâmica e encadeamento dos episódios de confronto.

A Teoria do Confronto Político apresenta uma modelagem que mira a intersecção entre as diferentes esferas da vida social, visando explicar as dinâmicas confrontacionais que subjazem a processos políticos mais abrangentes. Mobilização, defecção e conversões identitárias, polarização e radicalização, formação de novos equilíbrios de poder e realinhamentos políticos são exemplos de mecanismos frequentes no jogo político. Os mecanismos reproduzem dinâmicas específicas do confronto político, transformando-os. A formação de identidades importa enquanto objeto de disputa entre os participantes, em razão de afetarem a configuração do litígio em geral; por isso, devem ser pensadas de forma combinada à ação, e não como constituição acaba-

⁹ É nesse sentido que B. Bringel (2012) afirma que os teóricos do processo político – Charles Tilly, em especial – sintetizam uma espécie de "estruturalismo relacional".

da. "Actors, in our view, are not neatly bounded, self-propelling entities with fixed attributes, but socially embedded and constituted beings who interact incessantly with other such beings and undergo modifications of their boundaries and attributes as they interact." (Idem: 56).

É a partir dessa perspectiva teórica que enfrentaremos os problemas de pesquisa acima anunciados.

Metodologia e estrutura da tese

Pesquisas sociológicas costumam se dar a partir de preocupações de tipo específico. Há aquelas de teor normativo, que engajam o pesquisador em uma análise crítica a respeito de determinado fenômeno e apontam para uma intervenção que visa a promover mudanças sociais desejáveis de um ponto de vista moral. Outras pesquisas são guiadas por uma preocupação etiológica e se propõem a explicar um fenômeno por seu encadeamento causal, rastreando condicionantes e apontando resultados de processos sociais. Há, ainda, pesquisas predominantemente descritivas, que observam processos sociais em seu curso histórico e tentam identificar semelhanças e variantes de fenômenos comparáveis; e entendem que a causalidade de fenômenos sociais só pode ser apreendida de forma parcial, de sorte que a reconstituição de *como* ocorrem tais fenômenos deve ser a primeira tarefa para sua compreensão. Este trabalho adota essa última abordagem.

Cada escolha não se dá sem riscos, sendo o principal deles o da sedução teleológica, que supõe explicar o passado pela manifestação presente dos fatos históricos, "peneirando" da realidade apenas os eventos que corroboram a explicação almejada. Nossos esforços em evitar semelhante viés retrospectivo não implicam, contudo, numa aposta objetivista ou na pretensão de isentar-se de subjetividade – incontornável na produção de todo conhecimento científico. Por outro lado, a suspensão do juízo de valor (em acepção weberiana) é tarefa de primeira importância, sobretudo ao se observar um objeto de pesquisa que pode ser considerado "antipático" ou "repugnante" (Harding, 1991 *apud* Nikolski, 2011), no sentido em que, enquanto pesquisadora, eu conhecia o objeto apenas por seu discurso em favor de ideias elitistas, sua belicosida-

de, suas demonstrações sexistas; traços que despertaram um *pathos* de "desidentidade".

Desafios semelhantes não são raros nas ciências sociais. O trabalho da socióloga A. Hochschild (2016) tornou-se uma referência nesse quesito e demonstrou o ganho heurístico proporcionado pela empatia na relação com o objeto. Foi desse modo que passei a acolher uma até então inesperada "empatia humana" pelo objeto; entendendo, ainda, que "é precisamente em face dos objetos 'repugnantes' que a empatia é preciosa naquilo que ela contribui para combater o etnocentrismo dos valores do pesquisador. Ela é, sem dúvida, menos eficaz, e até estéril, em face dos objetos espontaneamente 'simpáticos', já que exacerba a convivência original ao invés de ser um instrumento de ruptura." (Nikolski 2011: 124 – tradução minha).

Uma reconciliação com a subjetividade do pesquisador é objeto da reflexão de A. Abbott (2016), que critica uma tendência à "comoditização" do conhecimento formulaico e exorta à valorização do pensamento associativo no trabalho científico. Sua reflexão sugere ao sociólogo acolher "the expression of nonmoral emotion" (Abbott, 2016: 100). Tal aspecto, juntamente com a atenção ao tempo ["*momentaneity*"] e espaço ["*disposition*"], encontra-se condensado no projeto de uma "sociologia lírica", enquanto intento antiteleológico: "to see a moment as complete in itself, yet absolutely transitory, is thus the foundation of the lyric sensibility" (Idem: 103). Este trabalho também se inspira nessa perspectiva.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que se valeu de vasto material oriundo de fontes primárias e coletado por observação direta (participação em eventos, protestos, congressos, confraternizações, conversas etc.), pesquisa documental (conteúdo digital, jornalístico e bibliográfico) e 20 entrevistas semiestruturadas (por telefone, videoconferência, WhatsApp ou presenciais, conforme a disposição do entrevistado), a saber:

- i) Publicações bibliográficas e filmográficas que expõem aspectos relevantes e narram a história do MBL desde a perspectiva dos próprios atores (Kataguirí & Santos, 2019; Kataguirí, 2017; Não Vai Ter Golpe – O Nascimento

- de um Brasil Livre (documentário); vinhetas e minifilmes exibidos durante os Congressos Nacionais do MBL).
- ii) Publicações relevantes de atores políticos aliados ou concorrentes (Chequer & Butterfield, 2016; Zambelli, 2018).
 - iii) Postagens e vídeos publicados nas redes sociais (Facebook, Instagram, Twitter, Vimeo e Youtube) do MBL e de pares relacionais, selecionados por coleta manual.
 - iv) Registros fotográficos de primeira e segunda mão, bem como captura de imagens de mídias sociais.
 - v) Reportagens jornalísticas em veículos da imprensa nacional e internacional (Folha de São Paulo, Estado de São Paulo, G1, Revista Veja, Revista Isto É, Revista Piauí, El País Brasil, The Intercept Brasil, Buzzfeed, Vice, Carta Capital, Congresso em Foco, Agência Pública, The Guardian).
 - vi) Cronologia dos acontecimentos políticos mais relevantes no período 2013-2020 (Anexo V).
 - vii) 17 Entrevistas de primeira mão e 3 entrevistas de segunda mão, detalhadas no Apêndice I.

A seleção dos entrevistados obedeceu aos seguintes critérios: em um primeiro momento, entrevistas exploratórias com participantes dos Congressos Nacionais do MBL. Em seguida, o método reputacional possibilitou a mediação até os coordenadores de cada estado e as lideranças regionais. Por fim, entrevistas com lideranças nacionais e nomes de maior destaque do movimento.

O vetor da base para o topo na ordem de realização das entrevistas foi preferido em razão de havermos identificado uma tentativa de blindagem por parte das principais lideranças. Via de regra, os ativistas que ocupavam posições de maior destaque ou os mais influentes internamente – as "estrelas do MBL" – demonstraram menor ou nenhum interesse em cooperar com a pesquisa. Não raras vezes, uma hostilidade indisfarçada obstou a aproximação de parte dos entrevistados visados, sobretudo em relação às principais lideranças do grupo, o que limitou a coleta a anotações remissivas de conversas e interações informais.

Em uma das tentativas, foi possível estabelecer um diálogo direto pelo *chat* do Instagram com a principal liderança do grupo, Renan Santos, que, de início, disse não ter disponibilidade de agenda mas demonstrou interesse em saber mais sobre a pesquisa. Ouvi sobre algumas das razões de resistência em conceder entrevistas: "[...] eu acompanho todos os materiais que saem nas universidades sobre o MBL, da academia brasileira [...]. É ruim demais. Não tô falando que o teu é ruim, não te conheço, não vou ficar julgando aqui. Mas, no geral, a produção acadêmica sobre a gente é muito tosca. Tanto que, assim, as três únicas produções decentes que tão saindo são de fora do Brasil: uma na Bélgica, outra na Austrália, e outra na Alemanha. Então teria que ver, porque eu não vou ficar... desculpa o termo, tá... dando bom dia pra cavalo." Na continuidade do diálogo, algumas das barreiras pareciam ir-se desfazendo à medida que eu respondia a seus questionamentos sobre o teor da pesquisa e demonstrava reconhecer a relevância do MBL como ator político. Em seguida, um inesperado aceite ao pedido de entrevista: "Tá bom, se quiser passar aqui algum dia desses, daí você vem aqui no escritório do MBL. Pra mim, pelo menos, é melhor, aqui no Morumbi." Ele não havia confirmado um horário e eu fui até o endereço preparada para qualquer desfecho, inclusive para uma 'trolagem'.

O segurança do complexo empresarial permitiu meu acesso até o bloco que abrigava o conhecido escritório. Enquanto aguardava, após me identificar junto à recepcionista, o irmão Alexandre Santos veio ao meu encontro e disse, com polidez passivo-agressiva, que Renan não estava presente, que não adiantava esperar e que ele também não daria entrevista. Fui me dirigindo à saída e mirando a parede espelhada através da qual eu devia estar sendo observada. Voltei ao *chat* de Instagram: "Você vai aceitar fazer a entrevista?", perguntei. Ele apontou que não, acrescentando, em mensagem de áudio, que não me conhecia, que minha visita era "meio *freak*, com todo respeito. Me manda mensagem aqui e a gente marca outro dia, tal. Mas sério mesmo, isso tá até meio *stalker*". Deixei mais um pedido de agendamento de entrevista, que foi ignorado. O mesmo desenlace se deu com a maioria dos quadros de liderança nacional, ao que me conformei em perfilar o quadro de lideranças a partir de dados de acesso público, entrevistas de segunda mão e relatos dos pares. Ao final, avaliamos que isso não implicou em limitações substantivas aos resultados da pesquisa, uma vez que

tais lideranças apresentam um alto grau de racionalização do próprio discurso, com tendência a uniformizar esquematicamente as declarações.

Já a recepção das lideranças regionais e demais ativistas se mostrou – embora não inteiramente – muito amigável, à exceção notável das mulheres, que, embora não hostis, demonstravam desconfiança diante da abordagem. A reação pode ser compreendida por meio das precauções e instruções dos líderes: "Eventualmente alguém vindo com um bloquinho de notas querendo fazer perguntas, avisa a gente. Se for jornalista mulher querendo perguntar, se você for mulher, da sua bolsa, do seu sapato, pra fazer aquelas críticas da elite branca vindo fazer algum evento, mesma coisa." (Renan Santos durante o 3o Congresso Nacional do MBL).

As entrevistas não se deram sem embargos. Uma pesquisadora de Sociologia da FFLCH (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP), à qual as lideranças do MBL se referem como "a fortaleza inimiga" (Kataguirí & Santos, 2019), dificilmente teria fácil acesso ao grupo. A primeira tentativa de contato com o MBL se deu no contexto de seu salto de popularidade, durante o movimento pelo impeachment de Dilma, quando a orientação geral do grupo era proteger-se de jornalistas e infiltrados de esquerda. Sem sucesso, a pesquisa passou a privilegiar material de fontes secundárias: entrevistas de segunda mão, reportagens e fontes jornalísticas diversas. Adicionalmente, o conteúdo disponível nas redes sociais oficiais do MBL (Facebook, Twitter, Instagram e Youtube), bem como nas redes de seus ativistas, ofereceu valiosa fonte primária de material. Note-se que o conteúdo de mídias digitais diversas, como o Youtube, o site MBL News e o MBL Cast, foi, na maior parte das vezes, unificado nas postagens do Facebook. Os livros e vídeos produzidos pelo MBL também foram amplamente explorados, em especial, o livro *Como um grupo de desajustados derrubou a presidente: MBL, a origem*, escrito por Kim Kataguirí e Renan Santos, 2019, e publicado pela editora Record; e o filme *Não vai ter golpe*, dirigido por Alexandre Santos e Fred Rauh, da "2013 Filmes" (produtora independente do MBL).

Com o tempo, principalmente após a evasão de parte dos membros e ascensão de outros a cargos eletivos, o grupo inflexionou o tratamento com os "curiosos" diversos: jornalistas, pesquisadores e mesmo opositores políticos. Percebendo essa inflexão, foi feita uma nova tentativa de realização de entrevistas. Estávamos cientes de

que uma simples consulta das credenciais da entrevistadora revelaria uma orientação pouco afinada à bandeira do movimento. Mesmo assim, uma sorte diferente reservou melhor êxito à empreitada e a maioria dos entrevistados demonstrou vivo interesse em contribuir com a pesquisa. Uma pequena parte dentre eles pediu para não ser identificada e optamos por salvaguardar o anonimato de todos, resumindo o quadro de identificação (Apêndice I) a elementos de contexto e caracterização geral. Algumas entrevistas não foram gravadas a pedido dos entrevistados, casos em que a referência será feita a partir da recuperação das informações sistematizadas em diário de campo.

"Precisamos das suas redes sociais. Quanto mais melhor. É assim que funciona a confiança" – respondeu um dos ativistas a um pedido de dentro do movimento. Mesmo conhecendo casos de linchamento virtual e o forte engajamento midiático dos militantes do MBL, decidi habilitar a visualização pública da conta pessoal de Instagram (inicialmente criada para observar o campo) e do perfil alternativo de Facebook que havia criado no início da pesquisa. As entrevistas e o convívio mais próximo, embora episódico, com alguns dos membros do MBL permitiram um ângulo de observação que hoje nos parece indispensável ao exercício de "tirar o avental" e se "sujar" na realidade. A experiência de observar, participar, conversar e confraternizar com ativistas do movimento também deu vez a uma empatia inesperada, que consideramos um dos ativos da pesquisa.

A perspectiva teórica, a metodologia e o material empírico acima descritos foram as bases para a construção desta tese, que apresenta a organização seguinte: o capítulo 1 é baseado em pesquisas bibliográficas e se dedica a recuperar uma sociologia do conservadorismo, partindo da matriz mannheimiana, para revisitar os conceitos de direita, liberalismo e conservadorismo, bem como a noção de conservadorismo liberal, e brevemente apontar como tais ideias ganharam a adesão de grupos sociais. O capítulo 2 se vale de uma combinação entre técnicas etnográficas (trabalho de campo e observação de interações em redes digitais) e estudo de caso, apoiando-se, ainda, em extensiva pesquisa de mídias jornalísticas. Com base nisso, apresentamos o surgimento, perfil social, estilo de ativismo, recursos e estrutura organizativa do Movimento Brasil Livre. O capítulo 3 prioriza a análise da trajetória objetiva do grupo, e trata das diferentes fases da "evolução" do MBL. O quarto e último capítulo recorre à análise

de enquadramentos, valendo-se também do conceito de "modularidade estratégica" (Tarrow, 2013), e trata das inflexões da estratégia dos ativistas entre o Estado e a sociedade (do discurso de apartidarismo à tentativa de formação de partido, da participação crescente no jogo de disputas eleitorais às consequências desse movimento para o grupo).

CAPÍTULO 1

Perspectiva conservadora

*“Nada se assemelha mais a um "saquarema" [conservador]
do que um "luzia" [liberal] no poder.”*

(Visconde de Albuquerque)

1.1 Introdução

Este capítulo apresenta alguns dos conceitos que serão trabalhados ao longo da tese, são eles: conservadorismo, liberal-conservadorismo, direita e esquerda. Os dois primeiros conceitos serão utilizados com base na teoria de K. Mannheim (1986; 2017); os dois últimos, com base em S. Lukes (2003). Recuperamos, ainda, os escritos de E. Burke (2003), que nos servirão de referência para ilustrar o sentido do movimento conservador.

A primeira seção é dedicada a resenhar a Sociologia do Conservadorismo de Mannheim a partir das seguintes edições: *Conservatism: a contribution to the sociology of knowledge* (editado por D. Kettler, V. Meja e N. Stehr, 1986); e *From Karl Mannheim* (editado por K. Wolff, 2017). Dedicamos a segunda seção para refletir sobre a contingente fusão liberal-conservadora e as implicações do conceito, de acordo com o mesmo autor; subsidiariamente, com base no trabalho do comentador B. Longhurst (1989), refletimos sobre as bases sociais do Conservadorismo tal como entendido por Mannheim. A quarta seção apresenta o movimento que deu origem aos sentidos de "direita" e "esquerda", assim como os termos da definição proposta. A quinta e última seção é dedicada a uma reflexão analítica das configurações do conservadorismo entre nós, as particularidades e os grupos portadores.

Há uma plêiade de autores que, embora importantes, ficaram de fora deste espaço por motivos de concisão e de objetividade aos propósitos da pesquisa.

1.2 Uma Sociologia do Conservadorismo

O conservadorismo político tem seu berço na Inglaterra do século XVIII, mas um dos primeiros sociólogos a se debruçar sobre o tema foi o húngaro Karl Mannheim (1893-1947), ao desdobrar, do conceito de ideologia, a dupla relação com a utopia e com o ideal científico em face do dogmatismo. O conservadorismo é analisado não como mera ideologia¹⁰, mas como variante de distintos "estilos de pensamento"¹¹ – que, por sua vez, ganham uma conformação ideológica, assim como o liberalismo, o socialismo e o fascismo – no esteio de processos de legitimação de uma autoridade política. É nesse sentido que Mannheim propõe aliar a sociologia política e a sociologia do conhecimento (Longhurst, 1989) na tentativa de abarcar a complexidade do problema do conservadorismo enquanto derivação de transformações da consciência religiosa e de outros hábitos do pensamento reprimidos pelo racionalismo moderno.

Importa, primeiramente, estabelecer as diferenças mais fundamentais entre tradicionalismo e conservadorismo, de acordo com Mannheim. O "tradicionalismo" – em acepção weberiana – se refere a um estado psíquico "natural" de apego ao hábito, um "fato psicológico [formal] da consciência universal", ligado a formas residuais da consciência primitiva, em conformidade com a interpretação de possíveis prejuízos mágicos ou desgraças resultantes do rompimento com a repetição ou de mudanças perante as formas habituais da sobrevivência. Nesse sentido, o agir tradicionalista não

¹⁰ Mannheim propõe ressignificar o conceito de ideologia, opondo-se ao sentido dado por autores da tradição marxista em sua época (cf. Mannheim, 1998: 66-7). Ele se opunha, em especial, ao uso da noção de ideologia como mascaramento das intenções das classes dominantes, como conjunto de falsidades e mistificações sem valor cognitivo.

¹¹ "We refer to a style of thought as distinct from the mere variety of schools of thought, when the perceptible differences in thinking do not merely turn on theoretical differences, but rather when differences in the comprehensive world-view underlie the theoretical differences which can be readily made apparent; and – more importantly – if we can establish a different set of mind and a different existential relation to the object of knowledge. The assumption here is that not all thinking is thinking in the same sense, but that hidden behind this homogenising and concealing concept are the most varied existential relations, for which thinking serves in the most varied ways, and further, that all living thinking derives its distinctive make-up from this existential function." (Mannheim, 1986: 191). O conceito é desenvolvido, também, em oposição à perspectiva positivista, marcada por uma concepção ahistórica da origem das ideias. "We are blind to the existence of styles of thought because our philosophers have made us believe that thought does not develop as part and parcel of the historical process but comes down to humanity as a kind of absolute entity; and our literary historians who have written monographs on the great literary personalities like to persuade themselves that the ultimate fountainhead of all thought is the personality of the individual." (Mannheim, 2017: 262)

implica necessariamente no conservadorismo de natureza política (mais imprevisível e não puramente reativo), podendo se expressar em diferentes domínios da existência. Porém, a "funcionalização" da conduta tradicionalista tornou-se o núcleo de um *movimento* – ou contramovimento – político conservador, no sentido de surgir da resistência à "vontade de progresso" do mundo e das formas de vida.

"The fact that traditionalism turned into conservatism - in other words, that traditionalism changed from being a formal attitude more or less actively present in all individuals, into the source of emanation or energising nucleus of a 'movement' displaying a determinate if also historically changing structural contexture in its spiritual and psychological contents – is due to the immediately antecedent similar transformation of the 'will to progress' into a 'tendency' having its own distinctive substantive structure." (Mannheim 1986: 83)

Uma vez conformado, o conservadorismo torna-se cumulativamente reflexivo (diferentemente do tradicionalismo), tendendo a estruturar-se. Embora, para Mannheim, a mentalidade conservadora não tenha predisposição à teorização (os homens tenderiam a teorizar apenas as situações não habituais do modo de vida de um tempo), as ofensivas de oposição da ordem vigente provocam a reflexão das bases de dominação e de pressupostos histórico-filosóficos da mentalidade conservadora, engendrando uma contra-utopia de defesa e de auto-orientação. A estruturação intelectual desse processo de reflexão passa a constituir um modo de vida baseado, igualmente, em uma mentalidade que (1) segue evocando "conteúdos psíquicos" do tradicionalismo e (2) combina "elementos práticos" e "elementos emocionais" residuais de uma primitiva "consciência contemplativa mística." (Mannheim, 1986: 148).

A estruturação de uma mentalidade conservadora, portanto, resulta da tentativa de sistematizar os fatores relativos a processos de mudança social, e, nesse aspecto, guarda uma homologia com o agir reacionário. Tal estrutura do intelecto é, porém, objetiva e transcende o âmbito da experiência do indivíduo singular, embora seja também temporal, uma vez que está sujeita a modulações na história. Desse modo, não há uma forma essencialmente pura do conservadorismo, uma vez que sua expres-

são depende da configuração específica de uma dada formação social em seu contexto histórico.

Para Mannheim, o conservadorismo é um "complexo espiritual objetivo" (Mannheim, 1986: 74) que extrai seu sentido de um conjunto amplo de relações sociais; por isso, se se pode falar em uma subjetividade conservadora, não se deve concebê-la como a subjetividade do indivíduo isolado, e sim, em vez disso, do indivíduo como parte de um conjunto de relações sociais mais amplo. Ao caracterizar esse "complexo espiritual" como "objetivo", Mannheim deixa claro que a objetividade do conservadorismo político não se refere ao universalmente válido. Ela remete à "experiência *hic et nunc* [aqui e agora] do indivíduo particular" (idem, *ibidem* – tradução minha). Ou seja, o conservadorismo se expressa numa mentalidade (intelecto e emoções) dotada de uma estrutura objetiva que se caracteriza pelo apego à dimensão do vivido, do conhecido.

Se há, de um lado, uma valorização da experiência, a noção de experimentação, por outro lado, contrasta-se com o ideal conservador, que se apegar às formas da vida concreta, tendendo a rejeitar abstrações dedutivas e universalistas, cujo exemplo mais típico é a Declaração Universal dos Direitos do Homem. Isso fica claro quando nos debruçamos sobre a obra dos autores históricos discutidos por Mannheim. Nesse sentido, o movimento revolucionário de defesa, por princípio, de um conjunto de direitos naturais enquanto inscritos na própria condição humana e válidos universalmente foi o acontecimento decisivo que provocou uma reação conservadora, como ilustra a célebre formulação do conde saboiano Joseph De Maistre (1753-1821), discutida por Mannheim: "A Constituição de 1795, como suas predecessoras, foi feita para o homem. Mas o homem não existe. Eu já vi, em minha vida, franceses, italianos, russos; sei, inclusive, graças a Montesquieu, que se pode ser persa. Mas, quanto ao homem, declaro nunca na vida tê-lo encontrado; se ele existe, é sem o meu conhecimento."¹²

A Revolução Francesa é, em tudo, contrária à perspectiva conservadora, desde a égide racionalista do projeto Iluminista até a pretensão universalista do jusnatura-

¹² De Maistre, 1829: 94 – tradução minha. O texto ilustra, ainda, o argumento mannheimiano de que o conservadorismo remete também a uma forma particular de conhecer o mundo, razão pela qual Mannheim comenta a passagem (cf. Mannheim, 1986: 221).

lismo. Foi em reação a esse movimento que, na análise de Mannheim, as formas da vida tradicional – nelas incluída a irracionalidade típica do misticismo, do agir intuitivo ou dos preconceitos – passaram por *processos de racionalização*, funcionalizando-se¹³ num arcabouço intelectual e emocional reativo, sob a forma de um contra-movimento político, cujas condicionantes socio-históricas devem ser entendidas não somente em face do movimento revolucionário de 1789, mas também:

"[1] to the dynamic character of the modern world; [2] to the basis of this dynamic in social differentiation; [3] to the fact that this social differentiation affects the entire intellectual cosmos; [4] and to the fact that the fundamental designs of the decisive social strata do not merely crystallise ideas into actual movements of thought, but also create different antagonistic world-views and, embedded in these, different antagonistic styles of thought. In a word, the transformation of traditionalism into conservatism can only come about in a class-differentiated society." (Mannheim, 1986: 86)

Com a Revolução de 1789, a vida intelectual ficou especialmente marcada por uma "tendência polarizante" da filosofia política, notadamente entre a derrocada e a sobrevivência – ou formas de sobrevivência – do Antigo Regime. A formação do Estado moderno trouxe problemas estruturais desafiadores para a época: "a questão da unidade nacional, a participação do povo no governo do país, a incorporação do Estado na ordem econômica mundial, soluções para questões sociais" (Mannheim, 2017: 285), de modo que todos os debates e divisões da sociedade tenderam a assentar-se em torno dessa clivagem fundamental.

O filósofo inglês E. Burke (1729-1797), cujas ideias Mannheim também discute em detalhe, buscou influenciar esse debate intelectual (de consequências políticas) ao

¹³ Mannheim se vale de um dos elementos centrais da sociologia weberiana, que analisa o processo de racionalização da conduta irracional a fim de compreender a interação entre ascetismo religioso e modo de produção capitalista. A relevância desse processo para entender o conservadorismo se dá na medida da funcionalização dessa "dialética sem síntese" entre racionalidade e irracionalismo. Ou seja, há uma necessidade crescente de reflexão e justificação da irracionalidade típica da mentalidade conservadora a fim de resistir aos movimentos de mudança dos processos históricos, e de difundir-se enquanto contramovimento ideológico.

publicar, no calor da hora, suas *Reflections on the Revolution in France* (1790), um opúsculo que rapidamente ganhou alta circulação na Europa de fins do século XVIII e veio a influenciar diferentes correntes políticas, como o tradicionalismo contrarrevolucionário (ou "o contrário da revolução", como afirmava De Maistre), o romantismo político na Alemanha, e o conservadorismo-liberal na Inglaterra. Preocupado com o movimento e a vida das ideias difundidas pelos Iluministas franceses – influentes na derrubada da Coroa e na proclamação da carta de Declaração Universal dos Direitos do Homem –, Burke se apressou em prevenir que os ares revolucionários atravessassem o Canal da Mancha e perturbassem a ordem monárquica inglesa.

A fim de dissuadir os entusiastas ingleses da Revolução Francesa, o argumento burkeano se empenhou, primeiramente, em demonstrar que o processo revolucionário francês não tinha nada em comum com a Revolução Gloriosa, haja vista que aquela representava uma interrupção na continuidade da história política francesa ("o sistema de legitimação da ordem política" de fundamento religioso [Châtelet et al. 2001]). Enquanto uma evocava direitos naturais em abstrato, a outra visou a restaurar direitos adquiridos ao longo da história (títulos de nobreza, posições sociais hierárquicas): "the metaphysical and alchemistical legislators [...] have attempted to confound all sorts of citizens, as well as they could, into one homogeneous mass; [...] They reduce men to loose counters, merely for the sake of simple telling, and not to figures whose power is to arise from their place in the table." (Burke, 2003: 157).

A defesa da velha ordem implicava na recusa da igualdade jurídica. O passado histórico (e não a natureza) seria o lastro de legitimidade do direito e a garantia de continuidade da ordem. A ideia de natureza, por sua vez, não deveria ser entendida como fonte de direitos legítimos, mas sim de paixões e preconceitos defensáveis. "It is *natural* I should [feel the common feelings of men]; (...) in those natural feelings we learn great lessons; because in events like these [in the revolution] our passions instruct our reason" (Burke, 2003: 69). Contra o racionalismo das Luzes, "a razão oculta que predomina nos preconceitos", a defesa do irracionalismo, ou antes, de uma razão fundada na reabilitação dos preconceitos aprendidos na experiência histórica. "They [the governing power in France] have not one of the great influencing prejudices of mankind in their favour." (Burke, 2003: 139).

Como vimos em Mannheim, a irracionalidade típica da mentalidade mística e tradicionalista segue presente na mentalidade conservadora não somente pela dimensão dos preconceitos, mas no enfrentamento do novo. Nesse sentido, a reação conservadora pode assumir formas muito distintas conforme a configuração sócio-histórica das forças em oposição. A análise deve ter em conta, portanto, que não se pode presumir de antemão quais serão os mecanismos e pautas de adesão do movimento conservador. "How a conservative will react can only be determined approximately if we know a good deal about the conservative movement in the period and in the country under discussion." (Mannheim 2017: 281).

Há, no entanto, elementos que estão no eixo de todo pensamento conservador, a saber: 1) o valor da *propriedade* (enquanto tradução do concreto e da honra pessoal); 2) a vivência do *tempo* presente como a forma mais acabada dos processos do passado; 3) a maneira de encarar as *potencialidades* da sociedade como fatores do real e a partir do dado concreto; 4) a concepção da *liberdade*. Este último elemento merece reflexão mais detalhada.

Mannheim reconstitui o processo por meio do qual as disputas pelo sentido da liberdade apontaram para rumos tão distintos entre conservadores e progressistas. Estes últimos partiam do desejo de libertação do indivíduo de suas amarras medievais. No campo político, liberdade se referia ao direito do indivíduo de fazer o que deseja sem dano a outrem – seus iguais. O conceito de liberdade está, portanto, intrinsecamente relacionado ao conceito de igualdade, que se baseia no princípio da isonomia jurídica; ou seja, o ideal progressista de igualdade não se assume enquanto premissa empírica. No entanto, a reação conservadora ao postulado da igualdade passou a concebê-la – num "mal-entendido" – como se baseada em um suposto ideal de igualdade de fato, atacando-a enquanto anti-natural e anti-religiosa (por desrespeitar as hierarquias instauradas pela ordem divina, como em Burke).

"Out of this sociologically determined misunderstanding there grew, as often before, a new insight into the actual differentiation of trends of thought. Just as in the case of the concept of property, conservative thought once more rescued an earlier, almost submerged way of thinking and experiencing things, and, by

making it explicit, enabled it to play an active role in the dynamic process." (Mannheim, 2017: 292).

O ideal conservador de liberdade, por sua vez, demarca seu alcance conforme os limites das potencialidades do indivíduo – e não pelo respeito às individualidades dos demais, dos iguais. No entanto, esse ideal carrega um gérmen anárquico, já que, se levado às últimas consequências, o mesmo ideal ameaçaria a segurança do Estado por não limitar a ampliação do escopo de poder individual. Diante dessa antinomia, a aceção de uma "liberdade qualitativa" – em oposição à "liberdade quantitativa" do homem universal, de maior número – foi transferida do indivíduo para a "comunidade orgânica" estamental¹⁴ – ou a nação, na concepção da escola historicista – e, num segundo momento, para a dimensão do privado e da subjetividade, garantindo que o mundo exterior estivesse subordinado ao ideal de uma ordem estabelecida por Deus. "Here conservatism has clearly learned something from liberalism, from which it has taken over both the concept of 'separation of spheres' and of the 'hidden hand' which makes for universal harmony". (Mannheim, 2017: 293).

A "harmonia" entre conservadorismo e liberalismo, no entanto, não é necessariamente espontânea ou congênita. Em diferentes contextos, as duas correntes de pensamento em pouco ou nada se influenciaram.¹⁵ Os fatores que vieram a concorrer para o amálgama liberal-conservador dizem respeito à confluência de interesses comuns em cada contexto específico – interesses que podem atenuar, mas podem não dirimir as divergências. O conservadorismo liberal, enquanto corrente político-ideológica, carrega uma tensão permanente.

1.3 O cadinho liberal-conservador

O contexto de surgimento do conservadorismo político legou importantes componentes da fórmula de sua continuidade pelos séculos seguintes. Foi o que se deu

¹⁴ Mannheim destaca, nesse ponto, que o conceito qualitativo de liberdade deriva, ao menos em parte, do pensamento feudal estamental. "The 'liberty' of the different estates under feudalism (...) meant their 'privileges'" (Mannheim 2017: 293).

¹⁵ Mannheim oferece o exemplo da Alemanha do pré-guerra. (Mannheim, 1986: 46)

na Inglaterra – berço conservador – por meio da fusão com o liberalismo¹⁶, o que, por consequência, pôs à prova a firmeza de cada doutrina. No contexto da Revolução Gloriosa, esse "cadinho" liberal-conservador ganhou sua primeira representação no parlamento britânico com o partido Whig, cujo membro mais célebre foi o próprio E. Burke. Em oposição ao absolutismo monárquico do partido Tory, o liberalismo dos whigs se configurou como defesa de institutos de modernização conservadora, a exemplo da reforma de 1867 (Reform Act 1867), que ampliava a participação sufragista dos britânicos (homens e chefes de família) a fim de evitar a queda ou desestabilização da Coroa inglesa (Dard, 2006). Naquele contexto, o partido Whig havia se dissolvido dando lugar ao novo Partido Liberal (do qual, mais tarde, surgiriam os dissidentes que fundaram o atual partido Conservador). Ao revisitar esse processo, J. G. Merquior (1991) relembra a anedota do lorde Russell, primeiro-ministro da "Reform Bill". "Quando o duque de Newcastle pediu-lhe que abandonasse o velho rótulo whig, o lorde replicou que 'whig' tinha a vantagem de dizer em uma única sílaba o que 'liberal-conservador' diz em sete" (Southgate, 1962 *apud* Merquior, 1991: 110).

Mesmo diante da dificuldade de teorizar a partir de termos tão deslizantes, Mannheim chama atenção para a relação entre as perspectivas em mudança (variações e unidade interna) dos grupos portadores de cada corrente político-ideológica e as mudanças de posição dos mesmos grupos na sociedade. Nesse sentido, faz-se necessário relacionar o colapso ou amálgama de distintas teorias filosóficas com o colapso ou amálgama dos respectivos grupos portadores (Mannheim, 1986: 189), tendo em conta a íntima relação entre filosofias e o modo como se plasma a ação.

"[...] all philosophy is nothing but a deeper elaboration of a kind of action. To understand the philosophy, one has to understand the nature of the action which lies at the bottom of it. This 'action' which we have in mind is a special way, peculiar to each group, of penetrating social reality, and it takes on its most tangible form in politics. The political struggle gives expression to the aims and purposes which are unconsciously but coherently at

¹⁶ Tão ampla quanto a escola do pensamento liberal é a literatura acadêmica a respeito. Uma definição do conceito pode ser encontrada em Sandel (2005).

work in all the conscious and half-conscious interpretations of the world characteristic of the group." (Mannheim 2017: 270)¹⁷

Não obstante a intenção de salvaguardar as formas de vida do passado, conservadores (diferentemente dos reacionários) levam em conta o inexorável dinamismo do mundo social, fazendo-se, por essa razão, relativamente permeáveis a mudanças, desde que graduais e controladas. As mudanças no âmbito da ação no mundo guardam uma correspondência no âmbito das ideias, embora um mesmo "estilo de pensamento" se opere no curso dessa evolução.

É nesse sentido que a fusão entre conservadorismo político e liberalismo econômico pode ser compreendida. Em face das mudanças trazidas pelo advento do capitalismo industrial e da ameaça de difusão do ideal revolucionário francês, conservadores ingleses acolheram novas demandas liberais (para além da crítica ao absolutismo divino do monarca), forjando uma doutrina liberal-conservadora que se fez largamente influente no mundo.

Contemporaneamente, foram os teóricos do liberalismo (esteio filosófico que acompanhou o avanço do capitalismo) que passaram a ser alvo de esforços persuasivos por parte dos conservadores. Em resposta ao famoso ensaio de Friedrich Hayek (1899-1992) intitulado "Why I'm Not a Conservative"¹⁸, o inglês Roger Scruton (1944-2020) se empenhou em dissuadir o compatriota com base nas afinidades de interesses entre conservadores e liberais: "The real, deep-down conflict [is] between conservatism and socialism, which is a conflict over the nature and conditions of social membership. In this conflict liberalism must learn to fight on the conservative side. For liberalism is possible only under a conservative government." (Scruton, 2006: 230). Hayek, por sua vez, dava primazia à defesa do ultraliberalismo econômico não

¹⁷ Na continuação do argumento, Mannheim contemporiza: "We do not mean that every philosopher is nothing but a political propagandist, or even that he himself is necessarily committed consciously to a certain political point of view. A philosopher, or even an isolated thinker, may be quite unaware of the political implications of his thought, and yet develop attitudes and categories of thought, the social genesis of which can be traced to a special type of political activity." (idem)

¹⁸ Hayek foi um dos mais importantes economistas do ultraliberalismo econômico ou libertarismo, notabilizando-se como principal opositor do economista J. Keynes. Em 1974, Hayek foi condecorado com o Prêmio Nobel de Economia, que ele dividiu com o economista Gunnar Myrdal, embora ambos tivessem perspectivas contraditórias.

somente frente ao conservadorismo moral ou religioso, mas também frente a um regime político democrático – ou o 'bem-estar do dinheiro' acima do bem-estar das pessoas. “It is at least possible in principle that a democratic government may be totalitarian and that an authoritarian government may act on liberal principles” (Hayek, 1966). O escopo de defesa da liberdade se fez mais nítido com a defesa que fez Hayek do regime ditatorial de Pinochet, fruto de um golpe militar, bem como de Salazar, em Portugal. A ditadura chilena, em especial, pactuou a implementação de um "laboratório" das ideias de Hayek, vindo a abrigar grande parte dos economistas conhecidos como 'Chicago Boys'. A experimentação no plano da economia, porém, em nada ameaçava a conservação das hierarquias sociais.

Para além da prática do discurso, a "práxis" conservadora tem no ideário liberal seu antípoda e cara metade. As divergências quanto à viabilidade ou não das soluções oferecidas pelo mercado para os problemas sociais não têm força suficiente para clivar conservadores e liberais. Embora por vezes acaloradas, as críticas são recebidas como "fogo amigo" (a exemplo das discordâncias entre os liberais F. Hayek, Milton Friedman (1912-2006), Ludwig von Mises (1881-1973)) e contribuem para dinamizar e refinar o campo conceitual. Vemos um exemplo da crítica conservadora ao liberalismo econômico em Scruton, a respeito do governo de M. Thatcher:

"[I disagree about] the need to market solutions for every social problem. I'm all in favor of market solutions where they apply, but not all social problem does have a market solution. And there is a need for the maintenance of traditions and education in culture and in the law which are not traditions of free enterprise, but much more conditions of some kind of collective renunciation of one's own individuality. And that's what culture is, partly. And I think she [Thatcher] wasn't sensitive to all that."¹⁹

¹⁹ Entrevista de Roger Scruton a Peter Robinson, gravada em 27 de fevereiro de 2017. Embora inicialmente apoiador da administração de Margaret Thatcher, Scruton nunca foi convidado para exercer funções no governo, o que setores da imprensa inglesa apontavam como motivo de rancor. Entrevista disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1eD9RDTl6tM&list=PLHD-a89V56Gii5qSMspFuk2Xr9EFPKaQg> (cf. a partir de 11'50")

A t3pica da ren3ncia da pr3pria individualidade evoca uma modula33o discursiva especialmente cara ao sistema mon3rquico, que sup3e o empenho de dimens3es da individualidade do monarca em fun33o da preserva33o da Coroa – fen3meno que foi exemplarmente analisado por N. Elias (2001). Na outra ponta do argumento, a esfera da individualidade est3 no n3cleo da pedra de toque liberal.

Filosofias 3 parte, o que ambos – liberais e conservadores – t3m em comum reside na base social de suas ideias. Assim como a doutrina liberal est3 na base da economia capitalista, tamb3m o capitalismo serve de alicerce ao conservadorismo, como detalha Longhurst (1989: 141) :

"Conservative thought rejects the individualist, rationalistic anarchy associated with capitalism, preferring 'traditional' forms of behaviour. However, monopolist developments in capitalism facilitated the articulation of conservative themes with capitalist practice. One particular example of this is the role of the state. Conservatism's political statism contradicts liberal capitalist arguments for minimal state intervention, and as such makes conservatism particularly appropriate to capitalism's monopoly phase."

Embora permeada por tens3es e contradi33es, a s3ntese liberal-conservadora conseguiu estabilizar-se sob as bases da economia capitalista, com maior ou menor espa3o para interven33o do Estado. As discord3ncias conservadoras aos pressupostos da economia liberal (e vice-versa) s3o neutralizadas no n3vel da a33o pragm3tica, onde ambas seguem no mesmo passo.

Um segundo elemento apontado por Longhurst como base social do conservadorismo 3 o patriarcado.²⁰ "Conservative principles can only be fully explained through the additional utilisation of the category of patriarchy. (...) The religious aspect that often figures in conservative discussions can be expressed in terms of the

²⁰ "The term 'patriarchy' was taken by the sociologist, Max Weber, to describe a particular form of household organization in which the father dominated other members of an extended kinship network and controlled the economic production of the household. Its resonance for feminism, however, rests on the theory put forward by early radical feminism (...) as an over-arching category of male dominance." (Barrett, 1980 *apud* Longhurst 1989: 141).

symbolic role of the notion of 'God the Father', which itself has effects on the acceptance of legitimate modes of authority." (Longhurst 1989: 141-2). Nesse aspecto, é a doutrina liberal que faz vistas grossas ao descompasso entre ideário e ação política da síntese liberal-conservadora, dado que o conservadorismo está longe de franquear oportunidades ao desenvolvimento das potencialidades individuais das mulheres. "On the wider level, conservative thought has continued to exist partly because of its usefulness as a discursive weapon for men to use in their attempts to defend their power over women." (idem, ibidem: 143).

Permitimo-nos acrescentar um terceiro elemento de base : é também pela racialização (pós-)escravagista que o conservadorismo sentou raízes na sociedade contemporânea, uma vez que instituiu hierarquias simbólicas – com consequências materiais – em prejuízo das pessoas negras. Muito já foi dito sobre o papel do instituto da escravidão no desenho da nossa pirâmide social. A elaboração ideológica do "estilo de pensamento conservador" a respeito da estratificação segundo pressupostos organicistas é o corolário da dominação de classe, gênero e cor na sociedade. Tal ideologia passa a ser galvanizada pela resposta liberal aos efeitos do racismo. Diante dos infortúnios da vida, liberais-conservadores apostam na ética do trabalho empreendedor e na exortação à adaptabilidade. As pessoas negras são, desse modo, encorajadas a aceitar sua condição e suas circunstâncias e a se esforçarem para superar por conta própria os problemas que enfrentam, o que pode ser considerado um índice de dignificação do caráter individual.

'O mundo é naturalmente injusto e desigual, e nada pode ser feito quanto a esse fato.' Essa é uma das crenças compartilhadas no meio liberal-conservador, a qual remonta à teologia católica e serve de fundamento às ideias do liberal Milton Friedman.²¹ Espera-se, portanto, que os indivíduos reajam a essa circunstância valendo-se de sua própria força e segundo seus próprios interesses, o que desloca um problema social para a esfera unicamente individual.

²¹ "Life is not fair. It is tempting to believe that government can rectify what nature has spawned" (Friedman & Friedman, 1990: 137. Note-se que o argumento não é aceito por outras cepas liberais, como é o caso de Jonh Rawls (1971), que entende que a justiça é um valor moral e não se aplica ao mundo natural. A justiça diz respeito, antes, a como a comunidade política responde aos fatos do mundo tal como se apresenta.

1.4 "What's in a name?" direita, esquerda e aproximações conceituais

Os grupos liberal-conservadores são associados e identificados com a direita política. 'Direita' é, entretanto, um conceito impreciso e flutuante em razão da forte heterogeneidade de qualquer categoria que queira abarcar uma fatia tão ampla do mundo social ; tem alcance limitado, por isso precisa de tantos adjetivos. Falar em direita e esquerda é fazer uma simplificação que orienta mas também distrai a atenção das singularidades. Cumpre, de todo modo, explicitar as pretensões e significados implicados na utilização das categorias 'direita' e 'esquerda' ao longo da tese.

A representação das disputas políticas pela metáfora espacial não é coisa nova. A invenção da divisão entre direita e esquerda se inaugura no contexto da Revolução Francesa sob uma acepção de origem topográfica, e não substantancial ou simbólica. Os membros do parlamento passaram a se agrupar por afinidades em lados opostos da assembleia, embora a preocupação dominante do período mirasse abolir divisões políticas. O antagonismo incontestado entre direita e esquerda só se verifica no período da restauração da monarquia francesa, em meio ao debate que opunha "*la nouvelle et la vieille France*" (Gauchet, 1997). A divisão era ali recuperada em função da formação de alianças que fortalecessem o movimento de resistência às mudanças do regime.

Uma vez consolidadas no campo da política institucional, as divisões esquerda-direita gradualmente se estenderam pela sociedade francesa, demarcando posições e passando a representar categorias de identidade política no contexto da luta pelo sufrágio universal na França de 1848 (Gauchet, 1997).

Desde então, foram várias as tentativas de capturar o elemento fundamental que diferencia direita e esquerda. Steven Lukes (2003) menciona a disparidade simbólica que cada termo carrega, mas não deduz conclusões políticas de simbologias linguísticas. Desde um ponto de vista filológico, o signo "direita" é, no mais das vezes, associado a um campo semântico positivado, contrariamente ao signo "esquerda".²²

²² "As Laponce has remarked, 'Left and right linked politics, at the level of the cosmos, with other symbolic systems, social and religious in particular, that had already been used to explain man, society and the transcendental' (Laponce, 1981, p. 68). Yet in such symbolic systems the pre-eminence of the right is virtually a cultural universal (see Hertz 1973 [1928]; Needham 1973). Consider the evidence of Indo-European languages, such as the connotations of 'sinister', 'gauche', 'linkisch' and 'mal-adroit' and by contrast those of 'right' and 'rectitude', 'droit' and 'droite', 'diritto' and 'Recht' (Arabic,

De conotações polissêmicas a recorrências históricas, as categorias direita/esquerda exibem notável versatilidade. Não raro, os mesmos elementos são evocados por diferentes teóricos (ou atores políticos) ao propor uma distinção plausível. À guisa de exemplo, temos que a orientação em prol da ordem e da continuidade foi por muito tempo entendida como atributo da direita, e novamente deparamo-nos hoje com uma direita *anti-establishment*; o primado do individualismo foi tratado como distintivo da direita por vasta literatura de cepa marxista e já foi também entendido como elemento originário da esquerda (Dumont, 1985). A exaltação nacionalista também trai ambiguidades e pendula entre esquerda e direita conforme a conjuntura; o valor da igualdade, da liberdade ou da justiça é frequentemente presumido o fulcro das visões de mundo ora da direita, ora da esquerda, conforme o expediente evocado e a resposta oferecida à pergunta "justiça / liberdade / igualdade de quê?".

Apesar de escorregadiças, tais categorias permanecem atuais após mais de dois séculos de vida. Obstinadas tentativas de superação ou invalidação da pertinência de um divisor político bipartite não lograram abolir a percepção da política entre direitas e esquerdas. As análises disponíveis sobre o conteúdo que dá o lastro da divisão nos convidam a prestar a devida reverência à realidade e buscar partir do objeto tal como ele se apresenta. Admitindo-se que a coesão identitária da direita é cimentada por algo além da mera nomenclatura, cuidamos em dar atenção às "origens comuns, interseccionalidades, identidades compartilhadas e tradições identificáveis" (Lukes, 2003: 610), tendo em conta que a caracterização se faz por aproximações típico-ideais que orientam a análise mas não encerram a complexidade da coisa.

A percepção de divisões em direita e esquerda reflete e alimenta o cotidiano da política nas democracias representativas, onde a metáfora da espacialidade das representações políticas tem um escopo que se mostra durável, adaptável, genérico e excepcionalmente versátil, o qual incorpora o "legítimo e endêmico conflito de alternativas políticas" (Lukes, 2003: 608).

Muitas são as aproximações teóricas já feitas. Ao examinar as caracterizações vigentes, atentamos em evitar algumas das armadilhas frequentes do conceito. Como

apparently, displays a similar bias). The words for right connote dexterity, uprightness, what is customarily, morally and juridically correct, and the words for left their opposites." (Lukes, 2003: 607).

recomenda Lukes (2003: 609), cumpre evitar: 1) a concepção "sanitizada", supondo que os erros e excessos do passado são experiências desviantes ou malogro não representativo; 2) a concepção reducionista, que busca identificar direita e esquerda segundo correlatos sociais ou psicológicos, erigida em torno do conceito de classe, traços de personalidade ou orientação a propostas políticas específicas; 3) a concepção essencialista, que supõe ser possível destilar uma moralidade política ou visões de mundo inerentes à direita/esquerda; 4) a concepção nominalista, oposta à anteriormente mencionada, que incorre em uma resposta invariavelmente contextual e local, segundo a qual a divisão entre direita e esquerda obedeceria a nomenclaturas localizadas e variantes conforme cada tempo e espaço.

Um dos trabalhos mais citados sobre o assunto é o *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*, de Norberto Bobbio (1995). Nele, o autor reafirma a relevância e atualidade das duas categorias para a compreensão das disputas políticas, que restam incompreensíveis na ausência delas. A crítica frequente de negação da diáde direita / esquerda e defesa de um "terceiro incluído" perderiam de vista, segundo Bobbio, que o centro político, também ele, só faz sentido diante da oposição diádica fundamental. Embora excludentes, "direita" e "esquerda" não são categorias exaustivas; ou seja, é possível pensar a existência de correntes políticas sintéticas (uma "terceira via") ou transversais (pautas ambientalistas, por exemplo), embora essas correntes não alterem significativamente o jogo de forças e sigam na periferia da vida política. A avaliação tampouco ignora a forte heterogeneidade existentes em cada polo, que se explica por sua dinâmica posicional.

O argumento mais importante do livro é que o critério fundamental da clivagem entre direita e esquerda repousa na consideração do princípio da igualdade (e não da liberdade, que pode ser entendida como condição individual, sem necessariamente evocar a dimensão relacional que é suposta na ideia de igualdade²³). A igualdade é entendida como o ideal que norteia o paradigma societário da esquerda, enquanto a direita atribui as desigualdades a uma condição inscrita na natureza, contra a qual seria

²³ Sob uma perspectiva relacional, porém, também a liberdade e a própria ideia de indivíduo são concebidas relacionalmente. As polêmicas suscitadas pelo argumento de Bobbio, no entanto, não serão exploradas neste trabalho.

inútil voltar-se (Bobbio, 1995: 107). As desigualdades observáveis empiricamente são consideradas justas, portanto; já a esquerda compartilha a crença de que as desigualdades do mundo social são injustas e imorais por resultarem de processos estruturais de dominação e reprodução social.

Como aponta Mannheim, "words never signify the same thing when used by different groups even in the same country, and slight variations of meaning provide the best clues to the different trends of thought in a community." (Mannheim, 2017: 263). O sentido diverso atribuído a palavras como "igualdade" e "justiça" ilustra bem mais do que um deslizamento semântico: indica uma disputa pela justificação da conservação ou ruptura da ordem estabelecida, e mesmo, diria Mannheim, um estilo de conceber e experimentar o mundo.

Steven Lukes também destaca a importância de se compreender a esquerda e direita segundo fatores identitários partilhados. O autor não abandona a relevância do ideal de igualdade como tópica identitária frequente das variedades da esquerda, mas tal ideal é antes componente e não substância do que haveria de comum em meio às muitas variedades da esquerda. Ele propõe que a bipartição direita/esquerda seja usada tanto para identificar divisões políticas particulares como para relacioná-las a divisões em uma escala contextual mais ampla, envolvendo presente e passado, diferentes sociedades e tradições reconhecíveis, enquanto "liberal e conservador", "progressista e reacionário" são usados conforme contextos específicos (Lukes, 2003: 605).

Nossa perspectiva se apoiará na caracterização que Steven Lukes propõe. Para ele, o fator que primeiro unifica a esquerda, mais tarde transformando-a em tradição, é a rejeição das hierarquias simbólicas e da presunção de inevitabilidade das desigualdades: "[...] the left denotes a tradition and a project, which found its first clear expression in the Enlightenment, which puts in question sacred principles of social order, contests unjustifiable but remediable inequalities of status, rights, powers and condition and seeks to eliminate them through political action." (Lukes, 2003: 611). Nesse sentido, o Iluminismo pode ser pensado como movimento intelectual cujas consequências políticas pavimentaram trajetórias de um vasto escopo de atores coletivos de esquerda.

A distinção central está, para Lukes, na resposta que cada grupo oferece à questão do significado e implicações da equidade. De um lado, a esquerda parte do princípio norteador da moral igualitária – reverberada no ideal político de cidadania igualitária e no ideal de sociedade segundo uma ordem cooperativa, tomando os indivíduos como iguais. Ainda segundo o autor, é somente a partir da definição de esquerda que se torna possível entender o caráter reativo da direita, concebida a partir da necessidade de responder questões postas na vida prática, e complexificando-se ao longo dos anos em diferentes tradições. Seus teóricos vão de Burke a Constant e Tocqueville. Em seu léxico mais frequente, encontram-se expressões como "governo limitado", "equilíbrio", "pragmatismo" e uma indisposição a tratar de princípios demasiado abstratos na política. (Lukes, 2003: 617).

No que tange a um conteúdo subjacente, as direitas podem ser pensadas através de perspectivas variadas. Trataremos de estudá-las a partir da forma como se organizam em grupos de ativismo. Como são *reconhecidos* os grupos, partidos, discursos, políticas de direita ou esquerda? A questão não é puramente analítica mas envolve um norteador identitário. Como enfatiza Lukes (2003: 602), "'left' and 'right' are classifications that are both cognitive and symbolic: they promise understanding by interpreting and simplifying the complexities of political life and they stimulate emotions, awaken collective memories and induce loyalties and enmities". São compreendidas de modo diferente por atores diferentes, malgrado seu emprego frequente. Por essa razão, fazem-se indispensáveis à observação analítica – "são o que Durkheim chama de 'representações coletivas'" (idem, *ibidem*).

Na coletânea *Durkheimian Sociology*, organizada por J. Alexander (1990), Randall Collins recupera a relevância do sociólogo francês para as análises do mundo político. Ele argumenta, indo na contramão das interpretações mais convencionais de Durkheim, as quais entendem que seu modelo teórico não daria a devida centralidade ao fenômeno do conflito social, que é possível extrair uma teoria do conflito de seu modelo teórico.²⁴ Tomando como referência *Les formes élémentaire de la vie religieuse* (1912), Collins entende que, segundo Durkheim, do mesmo modo que a experiência

²⁴ COLLINS, Randall. "The Durkheimian tradition in conflict sociology". In ALEXANDER, Jeffrey C. (ed.). *Durkheimian sociology: cultural studies*. Cambridge University Press, 1990.

social da hierarquia teria origem nas hierarquias religiosas, a religião funcionaria, a um só tempo, como um sistema de conformação e afirmação da sociedade e como a instância pela qual a sociedade se reproduz. A teoria do conflito de Durkheim ofereceria os princípios formadores da solidariedade intragrupo (Collins, 1990: 109), pela contraface de um sistema de conformação e reprodução social. Conflitos sociais *anti-establishment* impõem desafios simbólicos às bases sociais da vida cotidiana. Diante de instituições e estilos de vida estabelecidos, os conflitos apontam para modelos alternativos sobre como instituições poderiam funcionar e como sociedades deveriam ser organizadas. O que se coloca em questão, portanto, é uma luta de transição de símbolos.

Ainda segundo Collins, as representações coletivas, que são pilares da sociedade, passariam por um processo de avaliação e ressignificação em meio à experiência ritual. Tal processo pode gerar tanto solidariedades renovadas como hostilidades e alienação. Essa ambivalência traduz as duas faces da experiência no mundo social: a criativa, que gera desde novas religiões e uma nova moralidade; e a recreativa, de caráter reprodutivo dos vínculos de solidariedade existentes, portanto, de função conservadora. É dessa forma que Durkheim, para além de ter sido considerado um sociólogo conservador (Nisbet, 1986: 88-9), foi reabilitado pela relevância de sua modelagem teórica no estudo de fenômenos disruptivos, contingentes e relativos à mudança social, como as tensões entre conservadorismo e progressismo.²⁵

Ainda acerca dos sentidos da oposição política, A. Hirschman (1991), em *Rhetorics of Reaction*, apresenta uma elaboração mais detalhada das formas retóricas utilizadas por grupos à direita (conservadores) e à esquerda (progressistas). Entre conservadores, observa-se a retórica da perversidade ("as ações coordenadas que visam melhoria da ordem têm efeito perverso na prática, agravando os problemas que se quer remediar"), retórica da futilidade ("a ordem presente é inexorável e tentativas de transformação são anódinas") e retórica da ameaça ("transformações sociais põem em risco as conquistas alcançadas"). A contrapartida progressista se dá pelo uso das retóricas da perfectibilidade ("é preciso moldar a sociedade desejada"), do progresso como

²⁵ Collins extrai uma teoria do conflito durkheimiana do livro *Les formes élémentaire de la vie religieuse*, obra tardia do autor, e de algumas das ideias desenvolvidas em *De la division du travail social* (1893). Com base nessa leitura, consideramos que o diálogo com Durkheim, sobretudo com sua obra tardia, pode ser especialmente frutífero para a sociologia política.

lei inevitável ("a história está do nosso lado"), da sinergia ("as boas mudanças se acompanham de coisas boas") e perigo iminente ("há mais riscos na inação do que na mudança"). Note-se que variantes das *retóricas da intransigência*, típicas das teses conservadoras, são eventualmente veiculadas também por setores progressistas.

1.5 Apropriações e configurações do conservadorismo à brasileira

Como apresentamos no início deste capítulo (seção 1.2), o pensamento conservador guarda uma relação íntima e cara com o tempo passado, donde a defesa das tradições e das formações sociais instituídas. O título de propriedade, a ordem familiar, a sucessão hereditária, o direito à herança são alguns dos exemplos da síntese entre tradições e instituições conservadoras. Note-se, porém, que o passado é entendido como a instância de legado de direitos a certos grupos, mas não de deveres, dívidas ou responsabilidades. Essa assimetria se reflete na disposição geográfica dos valores mais enfatizados e da apreciação de legitimidade das formações socioculturais institucionalizadas. De um lado, os conservadores sediados em países ricos, incomodados com o fluxo migratório de países menos desenvolvidos, apegam-se ao valor da ancestralidade e tecem duras críticas às políticas de refundação nacional com base no que consideram uma "valorização folclórica da diversidade" (Bock-Coté, 2019) e uma mentalidade de "tábula rasa" diante das promessas de uma modernidade emancipatória (Hicks, 2004). De outro lado, o conservadorismo em um país periférico como o Brasil, onde as elites econômicas são majoritariamente compostas por brancos de ascendência europeia – muitos dos quais pertencentes a família de imigrantes de menos de um século atrás –, rejeita o elemento da ancestralidade como fator de direitos a povos espoliados (como negros e indígenas), e propõe justamente um pacto de "tábula rasa" em relação às injustiças do passado de dizimação indígena e escravidão negra.

A análise de A. Kaysel se baseia nessa contradição para, em diálogo com B. Ricupero (2012 apud Kaysel 2015: 51), rejeitar a proposta conceitual de Mannheim: "Em um país americano, como o Brasil, o culto ao passado, que Mannheim identifica como um dos elementos-chave do estilo de pensamento conservador, enfrenta não poucos problemas. Afinal, reivindicar o passado, isto é, a colônia, não era uma opção para as elites imperiais, engajadas na construção de um Estado nacional independen-

te." No entanto, essa consideração perde de vista dois aspectos centrais. Diferente do agir tradicionalista, cuja orientação se baseia num mesmo conjunto de ideais, o conservadorismo só pode ser entendido em vista das particularidades de cada formação histórica e de cada configuração social. Ou seja, o agir conservador depende de um conjunto concreto de circunstâncias. Sua expressão formal não pode ser determinada *a priori*.

"There is no doubt what the traditionalist reaction will be when something new – say, the railway – is introduced. But how a conservative, or someone who is acting in keeping with the political conservatism of an epoch, will conduct himself can be estimated only on the basis of our knowledge of the distinctive character and structure of the 'conservative movement' in the country and period under discussion. We are not yet concerned with enumerating the factors which must be considered as determinants of the structure and distinctive conservatism: its concept and its nature character of a particular type of conservatism, in a particular country and at a particular point in time (...). What is already evident is that 'conservative action' (...) involve (...) a conscious or unconscious self-orientation to a manner of thinking and acting which can always be characterised historically in depth, as to contents and form". (Mannheim, 1986: 73-4)

Outro aspecto que precisa ser levado em conta é o relativismo moral do movimento conservador e sua rejeição a todo tipo de universalismo. O que se manifesta como incoerência desde um ponto de vista lógico formal é, para o conservador, expressão de uma apreciação qualitativa do mundo. O culto ao passado não deve ser entendido como forma absoluta em nenhum contexto; do contrário, poderia implicar na superioridade de povos incivilizados, por exemplo. O conservador brasileiro Luiz Felipe Pondé pode nos ajudar a entender esse ponto. A respeito do irracionalismo burkeano, ele afirma: "Jamais um conservador será um racionalista universalista. Sua vocação é um ceticismo político e um relativismo moral associados à ideia de que grande

parte da nossa sobrevivência é difícil de se entender por qualquer forma de geometria ou engenharia social."²⁶

Com isso, a ideia de um passado vergonhoso (de escravização e dizimação no Brasil colônia, por exemplo) é substituída pela valorização da singularidade de cada história, da perspectiva qualitativa em detrimento da quantitativa e do caráter incomparável de cada constelação histórica (Mannheim, 1986), como defendem os intelectuais negros do MBL.

A penetração do pensamento conservador em grupos desfavorecidos e pertencentes à base das hierarquias sociais (os pobres, os racializados etc.) é facilitada por uma moral que se baseia na religiosidade e na honra pessoal, donde a justificação da rejeição do que se considera "atalhos" de ascensão social (reservas de vagas para um grupo demográfico, os "fura-filas") (Hochschild, 2016). Um outro tipo de aderência do conservadorismo a grupos mais pobres foi apontada por J. S. Martins (1996) ao analisar rituais de linchamento nas décadas finais do milênio, o que ele correlaciona ao caráter excludente do processo de modernização brasileira. Pelas lentes de Mannheim, esse fenômeno se dá como forma de compensação da crescente racionalização das formas de vida, provocando uma "retração" do conservadorismo "para o privado", na dimensão individual, ou para a periferia do capitalismo, na dimensão social.

"(...) insofar as these elements of the past are grounded and active in material social life, they will always transform themselves, in accordance with the new stages of consciousness and social development, and thus keep alive a 'line' in historical continuity which would otherwise become extinct". (Mannheim, 1986: 101-2)

O fenômeno do conservadorismo permite entrever que, mesmo em meio aos processos de racionalização que marcam a experiência moderna, "the intuitive, qualitative, concrete forms of thought which rationalism repudiates have by no means

²⁶ Pondé, 2021, publicado na Folha em 4 de abril de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/luizfelipeponde/2021/04/entre-bolsonaro-e-lula-na-disputa-eleitoral-de-2022-petista-e-o-menos-ruim.shtml>

disappeared altogether" (Mannheim, 2017: 273). Tais formas de pensamento se tornam manifestas quando capazes de agenciar uma reação conservadora.

O irracionalismo²⁷ de agentes como Olavo de Carvalho se plasma nesse processo. Por muitos anos, seu 'estilo de pensamento' encontrou reverberação limitada, tendo ele próprio passado por processos de mudança. Olavo se dedicou por muitos anos à astrologia e ao tradicionalismo esotérico da Escola Perennialista (cf. Teitelbaum, 2021) antes de se dedicar aos estudos em filosofia e à carreira de ideólogo. Conforme o contexto político se alterou, seu pensamento foi sendo 'refuncionalizado' sob novas formas de um *agir conservador*, o que Mannheim define nos seguintes termos:

"People experience, and act, in a 'conservative' way (as distinct from a merely 'traditionalist' way) in so far, and only in so far, as they incorporate themselves into one of the phases of development of this objective mental structure (usually into the contemporary phase), and behave in terms of the structure, either by simply reproducing it in whole or in part, or by developing it further by adapting it to a particular concrete situation." (Mannheim, 2017: 283)

Tal nos servirá para estanciar a caracterização do nosso objeto: o Movimento Brasil Livre. O MBL foi e é um dos grupos que se esforçaram por reabilitar o conservadorismo como tal, embora a partir de uma configuração muito particular. Vejamos o que diz Kim Kataguiri a respeito de E. Burke, considerado um ídolo:

"A lição n.1 do conservadorismo: toda mudança que você vai fazer, tem que ser uma mudança gradual, por meio das instituições, tem que ser uma mudança que vá de baixo pra cima e primeiro contamine de maneira positiva a sociedade pra depois você passar pra cima. (...), com a população querendo, fazendo

²⁷ 'Irracionalismo' não deve ser entendido, aqui, como elemento de desqualificação ou crítica, mas pela preferência por explicações de mundo fincadas na experiência sensível, nas intuições, no misticismo ou nos preconceitos.

uma pressão pacífica. Não dá pra falar democrática porque na época [Burke] não falava em democracia."²⁸

Sabemos, no entanto, que Burke escreveu *Reflections* como um libelo contra o projeto de um regime democrático que ele abominava ("A perfect democracy is therefore the most shameless thing in the world." [Burke 2003: 80]). A suposição de um processo de mudança "de baixo pra cima" configuraria, para Burke, o pior tipo de degeneração do governo, haja vista que os "de baixo" não deveriam ser considerados dignos de equipararem-se aos "de cima", como se lê na citação abaixo, na qual ele expressamente defende a inadequação ou imerecimento dos trabalhadores a qualquer atributo de honra ou de governo :

"The occupation of a hair-dresser, or of a working tallow-chandler, cannot be a matter of honour to any person—to say nothing of a number of other more servile employments. Such descriptions of men ought not to suffer oppression from the state; but the state suffers oppression, if such as they, either individually or collectively, are permitted to rule. In this you think you are combating prejudice, but you are at war with nature."
(Burke, 2003: 42)

Uma reconfiguração filtrada do conservadorismo clássico também se dá pelas modulações do liberal libertariano – corrente de viés anarcocapitalista que se difundiu com base nas ideias de economistas como F. Hayek e von Mises, da escritora Ayn Rand, dentre outros. O libertarianismo – ou ultraliberalismo – foi enormemente influente na formação do MBL e dos demais grupos da direita contemporânea, embora, no Brasil, o termo tenha sido escanteado no debate político diante do risco de confusão entre os libertários de direita e esquerda. Como explicou o próprio Kim Kataguirí aos pares do libertarianismo estadunidense em evento promovido pelo instituto Atlas Network (Nova York, 2016), o termo 'liberalismo', no Brasil, passou a acumular várias referências distintas entre si, guardando em comum seus efeitos de conservação das estruturas sociais.

²⁸ "Live Política c/ Kim Kataguirí". Canal do Fábio Porchat, 30 de Junho de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Wf5yqZz6t9s> (ver a partir de 40'35").

Por suas configurações específicas, o Movimento Brasil Livre pode ser caracterizado como um grupo ultraliberal de viés conservador-versátil, tendo em conta nossa proposta de classificação do conservadorismo brasileiro em, ao menos, duas grandes alas: 1) um conservadorismo cardinal, que apresenta pouca variação de métodos e objetos ao longo dos séculos e se faz mais resiliente às marés de temperamento de cada tempo. Essa ala aderiu a formas de ativismo pouco transigentes em subsumir mecanismos de continuidade e difusão de seu ideário (preocupação cultural, por exemplo) a diretrizes político-econômicas; e tem uma preocupação moral mais inflexível, pouca renovação discursiva e alto grau de adesão a uma moral religiosa. 2) Um conservadorismo versátil, que também se apresenta como conservador em relação às hierarquias de classe, raça e gênero, mas é liberal nos costumes e na economia. Porém, é atento ao termômetro de cada conjuntura e dotado de um acurado senso de oportunidade que lhe confere capacidade adaptativa, tendendo a recrutar os atores políticos mais pragmáticos ou volúveis. É essa a ala do conservadorismo que vem se valendo das formas de ativismo mais inovativas e das performances mais arrojadas, e é dotado de uma moralidade secular e circunstanciada.

Ao longo de nossa história, são numerosos os exemplos de disputas movidas por grupos conservadores de caracteres distintos. Os capítulos que seguem se dedicam a analisar o caso de um desses grupos.

CAPÍTULO 2

Novos atores em cena: um movimento social de direita

*"Dirá alguém que, com o tempo e o uso, todas as palavras se degradam.
Por exemplo: liberdade. Outrora nobilíssima, passou por todas as abjeções.*

Os regimes mais canalhas nascem e prosperam em nome da liberdade.

*Hoje, 'liberdade' é um palavrão que, como tal
não devia entrar em casa de família."*

(Nelson Rodrigues, A euforia de um anjo)

2.1 Introdução

Este capítulo inicia o estudo de caso de um movimento social representativo do ativismo liberal-conservador, o MBL. Parte-se aqui de uma etnografia sociológica, baseada em uma abordagem "êmica"²⁹, que "investiga como as pessoas locais pensam, (...) percebem e categorizam o mundo, suas regras de conduta, [valores], e como [percebem] e explicam a realidade." (Avanza, 2018 *apud* Vrydagh, 2020: 10). Nosso objetivo é caracterizar o movimento social em particular, a partir do foco em distintas dimensões de sua ação, traduzidas nas perguntas: quem? (perfil das lideranças e apoiadores), qual? (forma social, contornos), o quê? (atividades e identidade política), quanto? (financiamento, recursos), onde? (sítios, abrangência), quando? (contexto, formação), por quê? (objetivos e propostas), como? (mecanismos, estratégia).

Para responder a tais questões, o capítulo discute a agenda de pesquisa originada das mais recentes atualizações teóricas do estudo do confronto político [*Contentious Politics*] – perspectiva teórico-metodológica aqui adotada. Importa investigar "as referências de interpretação e transformação da realidade que emergem das práticas e

²⁹ A 'ética' e a 'êmica' são perspectivas analíticas apresentadas pelo linguista Kenneth Pike nos anos 1960 e mais tarde adotadas nas pesquisas em ciências humanas. Diferentemente da abordagem 'ética' – desde o exterior e sob o ponto de vista da observação –, a abordagem 'êmica' se esforça por apreender o objeto desde de sua própria perspectiva, ou seja, desde dentro do grupo social. Cf. Headland, T. N., Pike, K. L., & Harris, M. (Eds.). (1990). *Emics and etics: The insider/outsider debate*. Sage Publications, Inc.

discursos dos atores/sujeitos sociais contemporâneos", bem como "os novos sentidos e significados que vêm sendo dados hoje às noções de 'militância', 'mobilização', 'engajamento', 'ativismo' e 'movimento social'" (Bringel, 2012: 57).

Versões da autobiografia do MBL já foram narradas em vídeo³⁰ e prosa.³¹ Os fatos que as lideranças do MBL revelam em seus registros de anamnese são recheados de feitos extraordinários, personagens heroicos, recursos e mediações recônditas. Apesar do viés inerente, a versão nos parece exemplarmente reveladora dos mecanismos de coesão intersubjetiva entre lideranças, militância, simpatizantes, opositores e público amplo. Com o cuidado de evitar que os artifícios da narrativa sobredeterminem a análise, partiremos dos relatos dos próprios ativistas para também circunstanciar o propósito das investidas discursivas do movimento.

2.2 Surgimento

O surgimento do MBL resulta de um processo que conjuga cálculo, recursos, oportunidade, utopia vigente e contingência. O grupo é fundado em novembro de 2014, logo após o resultado da reeleição de Dilma Rousseff.³² Porém, sua formação se dá anteriormente, a partir da mobilização de uma rede de relações heterogêneas, a qual se beneficiou enormemente de espaços virtuais que hospedaram debates entre direitistas de distintas vertentes, mas unânimes na oposição aos governos do PT. O trabalho de C. Rocha (2019) demonstrou exemplarmente como se deu a formação dessas redes, com destaque para as comunidades virtuais que se formaram primeiro na plataforma do Orkut e depois do Facebook, e para as reuniões anuais do Fórum da Liberdade³³, em Porto Alegre. Na edição de 2012 do Fórum, muitos dos que vinham

³⁰ Cf. o documentário *NÃO Vai Ter Golpe – o Nascimento de um Brasil Livre*. Direção de Alexandre Santos e Fred Rauh. Documentário de produção independente, 2019 (134 min.)

³¹ Kataguiri & Santos, 2019. Trata-se do livro *Como um grupo de desajustados derrubou a presidente*.

³² Segundo D. Fisher (2019), frustrações eleitorais costumam instigar a formação de novas identidades políticas, a exemplo do movimento conhecido como "The Resistance", que surgiu da oposição à eleição de Donald Trump.

³³ Na página oficial do evento, lê-se: "Em nove edições, o Colóquio já reuniu nomes como Arturo Damm Arnal, Ricardo López Murphy, Denis Rosenfield, Louis Basire, Walter Lídio Nunes, Daniel Randon, Clovis Benoni Meurer, Fernando Schüller, Mário Mesquita, Dan Ioschpe, Demétrio Mag-noli, Bruno Garschagen, Marcos Troyjo, Aod Cunha, Luiz Felipe Pondé, Diego Escosteguy, Roberto

dialogando virtualmente tiveram chance de dar rosto vivo aos nomes e perfis dos avatares com que costumavam debater nas redes sociais. As principais lideranças do que seria o MBL ali estavam e vários deles se conheceram pela primeira vez.

"[Eu conheci o pessoal do MBL] primeiro pelas redes, e aí depois nos eventos você conhecia as pessoas, trocava ideia e tal. E nisso a direita se formou muito assim. (...) Você tinha um evento dos libertários, por exemplo – que hoje tão até meio marginalizados – e aí todos íamos até lá, porque era a única coisa que tinha. Um olavista lançou um livro, ia todo mundo. (...) Tinha o Orkut, e depois veio o Facebook, e aí mudou um pouco. (...) Quando você tinha um lançamento de livro, uma palestra, congresso, Fórum da Liberdade, Estudantes pela Liberdade, em todos esses eventos iam as mesmas pessoas. Então no mesmo evento você tinha Joel Pinheiro da Fonseca, Paulo Kogos, Kim, o pessoal do Olavo, todo mundo no mesmo lugar, eram as mesmas pessoas. (...) Você chegava no evento, e ia ligando os nomes às pessoas [da internet]. Eu peguei essa época, e era uma coisa muito *underground*. (...) Nesse ambiente em q você tem um governo de esquerda que tá 10, 11, 13 anos no poder, você organiza ali um lançamento de livro, numa livraria pequena, aí vão ali umas 50 pessoas que são do meio da internet, né, aí começa a juntar pessoas, e vem mais gente, mais gente. Aí o outro que lança o canal. Nisso você movimenta uma coisa, é um exercício interessante e que tem um certo viés de vanguarda também, parece que você é membro de uma resistência, e isso pega muito. Tanto que você observa agora, nas declarações de membros do governo, igual Felipe Martins, ou outros que foram ali desse meio, muitos ali se criaram nesse meio, de ativismo muito orgânico. E essas pessoas falam muito que nós somos maioria, agora ninguém nos para. Tem um que de misticismo. E isso se criou por causa dessa ori-

Padovani, Eduardo Alcalay, Eduardo Wolf, Paulo Rabello de Castro e Mauricio Harger. A realização desses eventos atrai grande atenção da mídia, rendendo inúmeras entrevistas, programas de televisão, inserções no rádio e matérias em jornais" (fonte: <https://www.forumdaliberdade.com.br/forum>). Não são mencionadas as participações dos ex-presidentes Lula e Fernando Henrique Cardoso.

gem quase que marginal, muito apartada do centro do debate público. (Entrevista: E18)

Finda mais uma edição do Fórum da Liberdade, os participantes seguiram atuando de maneira avulsa e dispersa em espaços de visibilidade muito restrita, o que permitiu um relativamente longo processo de incubação de ideias, objetivos e estratégias políticas.

No ano seguinte, em 2013, novos encontros e reencontros se deram, só que dessa vez o contexto era excepcional. A “efervescência criativa” daquele início de ciclo de protestos deu novo ânimo à rede de atores direitistas que ia se fortalecendo longe das vistas dos principais agentes do debate público (mídia, academia etc.), e foi também decisiva para o surgimento do MBL.³⁴ Como detalha Rocha, mesmo durante o auge de popularidade dos governos de centro-esquerda do PT, havia uma expressiva comunidade de pessoas que interagiam em canais virtuais em torno de ideias de direita – o que se coaduna com o nosso entendimento base (bastante elementar mas muitas vezes esquecido) de que nenhuma corrente política é dominante a ponto de debelar toda oposição. De representatividade minoritária, essa rede operava em espaços de “contrapublicidade”³⁵, o que lhes conferia a proteção do anonimato em torno de com-

³⁴ É possível argumentar que a gênese do movimento está inscrita em eventos ainda mais remotos, como a reação à primeira eleição de Lula, em 2002, ou a indignação em torno do escândalo do Mensalão, em 2005. Tal encadeamento analítico dificilmente seria refutado de maneira definitiva, mas ele carrega o oxímoro de ser, a um só tempo, ousado e trivial. Primeiro porque esbarra na aporia do problema da causalidade nas ciências sociais e frequentemente incide em teleologias tão sedutoras quanto enganosas. Segundo porque pode nos lançar em escavações sucessivas em busca de vestígios ancestrais, o que potencialmente resultaria em tarefa inoperável e inócua. De outro lado, uma análise preocupada com o mapeamento genético de uma força social, se levado às últimas consequências, nos colocaria em face do mesmo elemento de origem de todas as coisas, tornando-as semelhantes e inespecíficas. Tendo em conta tais ressalvas, é importante salientar que nenhum movimento se origina mediante um *fiat* metafísico; ao contrário, é necessária uma conjunção de fatores para que as ações de vários indivíduos ou de uma coletividade ganhem expressão político-social. Por isso, a abordagem analítica deste trabalho não se pergunta quando o movimento social é gerado, mas como ele se forma, o que naturalmente inclui uma atenção ao contexto de formação. Resumidamente, o ponto em questão reside na abordagem que damos ao tempo do fenômeno. Nesse ponto, buscamos nos aproximar da abordagem de A. Abbott, que ressalta que o tempo que plasma a dinâmica de um processo social é, também ele, um tempo social, e não o tempo cronológico que rege a sucessão dos acontecimentos no calendário (cf. Abbott, 2016).

³⁵ Públicos alternativos formados por grupos marginalizados da esfera pública dotados de uma performatividade disruptiva, cujos membros partilham identidades, interesses e discursos de tal modo conflitivos com o horizonte cultural dominante que correriam o risco de enfrentarem reações hostis

portamentos ofensivos ou potencialmente infratores das práticas de sociabilidade nos espaços públicos. Esse ingrediente de berço legou muito do caráter e performatividade dos grupos que hoje observamos e que foram influenciados ou gestados nesses espaços. É o caso de vários ativistas do MBL, como veremos.

Um movimento social pode ser definido como uma rede de interações predominantemente informais entre indivíduos e organizações que partilham uma identidade em comum e apresentam demandas que vão de encontro a atores adversários (Diani, 1992: 1). Mas não é raro observar a centralidade que alguns atores individuais exercem na formação de um movimento, em razão de seu papel como articulador³⁶ de teias relacionais múltiplas. Tal é o caso de Renan Antônio Ferreira dos Santos, principal liderança que identificamos no MBL.

Pertencente à geração³⁷ nascida em 1984, Renan Santos – a principal liderança do MBL – conta em livro como enxerga seu papel na formação do movimento.³⁸ Nos idos de 2013, ele vivia junto com a família de classe média alta na cidade de Vinhedo (SP), vinha trabalhando como empresário em negócios no ramo de recuperação de metalúrgicas, iniciados pelo pai, e amargava o acúmulo de fracassos em sequência: como empresário falido, como quase-líder da juventude do PSDB durante os anos de faculdade, quase-presidente do grêmio estudantil da Faculdade do Largo de São Francisco/USP, quase-bacharel em Direito pela USP, e pretendente malfadado de uma beldade sueca que flertava com seu amigo. A depressão à espreita e a crise dos 30 anos agravava seu estado de alheamento, a ponto de sua própria mãe encorajá-lo a ir até a vizinha cidade de São Paulo a fim de reanimar sua índole ativista em meio aos protestos do mês de junho, que viam pela televisão. “Até as minhas amigas, em São

caso fossem expressos sem reservas em públicos dominantes, uma vez que seus discursos e modos de vida são aceitos como corretos, normais e universais. (Warner, 2002 apud Rocha, 2019).

³⁶ "Broker", na terminologia de McAdam et al. (2001), também traduzido como "mediador". O projeto teórico-metodológico proposto por McAdam, Tarrow e Tilly define "brokerage" (articulação ou mediação) como um mecanismo relacional, nos seguintes termos: "the linking of two or more previously unconnected social sites by a unit that mediates their relations with one another and/or with yet other sites." (McAdam et al., 2001: 26).

³⁷ F. Vrydagh (2020) faz uma cuidadosa análise da influência do fator geracional no engajamento dos ativistas do movimento pró-impeachment de Dilma.

³⁸ Kataguirí & Santos, 2019: 27 et seq.

Paulo, foram nesses atos”, insistia ela. A essa altura, a imprensa cabriolava o tom de reprovação na cobertura dos protestos, o que encorajou os hesitantes à adesão.

Só e com o ímpeto heroico que a camisa verde-amarela³⁹ lhe inspirava, Renan estacionou seu carro, misturou-se à aglomeração que começava a se formar e tentou se enturmar com as lideranças da manifestação, mas lideranças não havia. Entre arre-dio e intrigado, resolveu se apresentar para um dos oficiais de segurança como orga-nizador dos protestos, anunciando que se tratava de mobilização contra a PEC 37, a qual limitava o poder de investigação do Ministério Público.⁴⁰ A rejeição da proposta vinha sendo interpretada como a forma mais assertiva de lutar contra a corrupção, em grande medida devido à campanha iniciada pelo CONAMP (Conselho Nacional de Membros do Ministério Público) e pelo CNPG (Conselho Nacional de Procuradores Gerais). Renan ouviu falar da PEC 37 pela televisão e foi particularmente influenciado pelas críticas do comentarista Arnaldo Jabor. Mas não foi a defesa do Ministério Pú-blico que o mobilizara até a avenida Paulista em junho de 2013.

Para Renan, como para muitos, participar daquela manifestação não significava suspender suas convicções ideológicas. Ele era defensor da livre concorrência entre empresas de transporte e rejeitava com veemência a bandeira do Movimento Passe Livre, o qual organizou os primeiros protestos em São Paulo. Além das discordâncias ideológicas, ele rememorava ali o ranço dos anos inglórios de militância ao lado de seus antigos colegas do movimento estudantil na Faculdade do Largo de São Francis-co da USP, por quem demonstra seu pouco apreço (“horda de engajadinhos”, “ripon-gas vazios”, “fala mole”, “cafona”, “modorrento” etc.). E, no entanto, ele enxergou na movimentação de 2013 algo de atraente e uma oportunidade de fazer emergir algo novo.

³⁹ Como demonstra A. Alonso (2017), o verde-amarelo da camisa da seleção brasileira de futebol foi um dos símbolos do repertório denominado “patriota”, o qual marcou sobretudo a terceira fase daquele ciclo de protestos.

⁴⁰ A Proposta de Emenda à Constituição 37/2011, abreviada de PEC 37, de autoria do dep. Lourival Mendes (PTdoB/MA), foi um projeto legislativo brasileiro que pretendia tornar a apuração de investigações criminais uma atividade privativa da polícia judiciária, excluindo-a das atribuições do Ministério Público. Apresentada em 2011, a PEC foi levada para apreciação do plenário da Câmara em 2013, sendo rejeitada em 25 de junho do mesmo ano, em meio ao clima de protestos, com apenas 9 votos favoráveis e 430 contrários.

Renan Santos é um dos casos da “gente esquisita” que passou a ocupar a segunda fase do ciclo de 2013⁴¹, quando se deu o seu batismo nas ruas e se renovou o vigor ativista de quem via na política a própria vocação. Ele trazia uma orientação liberal bem maturada desde, pelo menos, o contato com a rede Estudantes Pela Liberdade (EPL) na universidade, assim como pela audiência do canal de Youtube que disponibilizava, em versão legendada, uma famosa série de vídeos dos anos 80/90 chamada *Free to Choose* (“Livre para Escolher”), que divulgava as ideias de Milton Friedman. Seu mundo de referências inclui influências variadas: leituras que vão dos “Chicago Boys” a Guimarães Rosa, diálogo com articulistas como Reinaldo Azevedo e Rodrigo Constantino, amigos que incluem hippies e ricos empresários, dos muito jovens aos muito velhos.

Para entender o que levou um personagem como Renan a se aventurar, por conta própria (embora mais tarde tenha encontrado o irmão caçula junto com a namorada), a participar dos protestos de 2013 é importante ter em conta que (1) ele fora socializado, durante a vida universitária, em um ambiente que há muito valoriza o protesto e a manifestação política em vias públicas como demonstração de consistência combativa e legitimidade moral perante os pares. A geração pós-redemocratização presente no movimento estudantil foi ensinada a admirar os mártires da luta contra a ditadura e muitos ansiavam oportunidades de demonstrar bravura, mas os confrontos políticos daqueles anos ganhavam escassa repercussão nacional. A relação dos governos petistas de então com o movimento estudantil era de uma oposição pactuada, o que atenuava o potencial disruptivo dos movimentos sociais então atuantes. Renan não fica incólume a essa influência. (2) Eventos de protestos também são uma ocasião de criação, recriação ou adensamento de vínculos de solidariedade.⁴² No caso de Renan, sua experiência confirmou as expectativas de reencontrar velhos conhecidos e ex-amigos (os “traidores” da proposta de chapa estudantil), fazendo com que fosse visto, reconhecido e ganhasse nova existência. Ativistas também vão a um protesto a

⁴¹ "Gente esquisita": é assim que alguns socialistas e autonomistas se referiram à camada da população sem prévia experiência com ativismo, e que então tomava as ruas; cf. Alonso, 2017: 52.

⁴² Um exemplo do que Couldry (2013) se refere como "'cultural resonances' (Gamson, 2004: 255) of political actions and discourse, and their framing possibilities both positive (encouraging recruitment) and negative (leading to disfavor or, worse, support by bystanders for opponents)." Citação de Snow et al., 2013, verbete "Bystander publics".

fim de ter ido, de ser certificado⁴³ pelos pares. Mesmo quando desacompanhado, eles não vão sozinhos. (3) E, a partir do momento em que os protestos transitaram do enquadramento interpretativo midiático de baderna para enquadramento motivacional de expressão democrática cidadã, instaurou-se um ambiente de “festa cívica” e expressão da democracia. O convite que não veio dos amigos universitários chegou pela mídia.

Renan já tinha uma vida ativa na internet e passou a acompanhar a organização de eventos pelo Facebook e a ingressar nos primeiros grupos políticos de Whatsapp, ainda muito pouco usado na época. Foi nesse espaço virtual que ele começou a participar do ciclo de 2013, junto à leva de engajamento dos autoproclamados “patriotas-cidadãos de bem” – se quisermos preservar as categorias nativas. Antes de chegar às ruas, essa parcela da população se mobilizava virtualmente e de forma dispersa, mas suficiente para criar um reconhecimento de pares de mesmo perfil sociocultural, diferenciado do perfil da militância do MPL.

Ora imerso na atmosfera da manifestação, Renan se dedicou a fortalecer o vetor da luta anticorrupção, apartidária e de classe média, fazendo frente às forças esquerdistas que concorriam naquele mesmo espaço. Levava motivação deliberada de se contrapor ao que ele chamou de “baboseira de ‘esquerda ética’ dos anos 90” e se mostrava bem disposto ao enfrentamento no seio da manifestação à qual aderiu. Tendo chegado antes do horário previsto, ele passou a improvisar um plano de “trollagem” (cf. seção 2.4.1) para formar um subgrupo capaz de ganhar destaque no ato daquele dia. A negociação com os policiais que faziam a segurança do local e um megafone emprestado que lhe chegara inesperadamente às mãos foram as vantagens de que ele se valeu para improvisar papel de liderança e atrair uma pequena aglomeração.

Com a chegada dos primeiros organizadores ao local, os grupos foram aos poucos se dividindo na disputa de espaço. Satisfeito por ludibriar os organizadores de esquerda, Renan se via como um agente do que os iniciadores do ciclo vieram a chamar de “sequestro” da manifestação – mecanismo de apropriação social de organizações

⁴³ Usamos o termo tal como definido por McAdam et al. (2001: 121): “Certification entails the validation of actors, their performances, and their claims by external authorities.”

preexistentes.⁴⁴ Os protestos passavam a incluir distintas centralidades e subgrupos – "intérpretes criativos" do cenário aberto." (McAdam 1995 apud Bringel 2013: 44).

Essa é uma dentre as tantas cenas que se passavam simultaneamente durante os protestos. O rito de iniciação naquele mês de junho tornou-se uma experiência significativa de um passado que recheia as camadas do presente, uma experiência que perdura na "densidade" do tempo (Abbott, 2016). Muitos são os que, assim como Renan, (re)nasceram como atores políticos a partir da experiência naquele ciclo de protestos.

"Eu não sabia nada de política, zero, um ovo, sabe (risos). Mas de 2013, quando começou aquele movimento, começou a trazer pra mim a indignação, né. Você vê corrupção. Você vê um bocado de gente roubando mesmo, com cara descarada, rapaz! (...) Aquilo foi me dando uma indignação, e foi somando. Foi uma questão de somar mesmo. E eu sou assim, às vezes eu me joga e vou. E fui. Com o apoio dos amigos, né. (...) Em 2013 foi a conversão mais forte. (...) depois houve uma conversão do 'é possível'. É possível você mudar esse governo, é possível você tirar essa quadrilha, é possível a gente 'resetar' isso daí. Então acho que começou com uma indignação e começou a se transformar numa esperança, numa possibilidade de mudar. A minha sensação foi essa." (Entrevista: E7)

O ano de 2013, portanto, acionou um conjunto de engrenagens temporais. Também a campanha em torno do pleito de 2014, em que a presidente Dilma Rousseff disputaria reeleição, entrava em processo de aceleração e mobilizou forças políticas antes dispersas. Como observam McAdam e Tarrow (2010), eleições e movimentos sociais se influenciam reciprocamente, modulando contextos contenciosos (assunto que será desenvolvido no capítulo 4).

⁴⁴ Por mecanismo de apropriação social, entende-se aqui, em linha com o que propõem Mc Adam et al. (2001: 47-8), o trabalho cultural e organizacional pelo qual atores redefinem instituições sociais e identidades coletivas já existentes para adaptá-los aos objetivos da contenda em que estão envolvidos.

Ainda num limbo profissional⁴⁵, Renan participou de uma festa que lhe fez conhecer um tipo que lhe parecia misterioso e envolvente, já antecedido por sua fama de funkeiro internacionalmente renomado. Pedro Augusto Ferreira Deiro (de 1983), o "D'eyrot", é natural de Curitiba, capital do estado que o MBL veio a apelidar de "reaçolândia", devido ao amplo apoio que o grupo ali recebe. Pedro abandonara a faculdade de publicidade para lançar-se na carreira de músico e produtor, e conheceu Renan através do irmão Alexandre Santos, o "Salsicha", que andava obstinado com a ideia de abrir uma produtora de audiovisual. Os dois produtores logo aventaram projetos em sociedade, unindo a fama e talento de um ao planejamento e recursos do outro. O plano começava por abrir um escritório e mudar-se para São Paulo. Renan, até então mero espectador do acordo mas ávido por achar seu lugar, ensaiou politizar a conversa trazendo postulados da doutrina liberal sobre o empreendedorismo no Brasil. Pedro se interessou e, dando prova de que foi bom aluno de marketing, propôs repaginar o liberalismo a fim de atrair novos interessados, e sugeriu valerem-se da produtora para o "banho de loja" na direita.

Os primeiros planos prosperaram e a produtora de Alexandre – o "Salsicha" – estreou realizando vídeos para pequenas *boy bands* que Pedro agenciava. Nesse ínterim, o advogado e ex-candidato a vereador Rubens Nunes, que conhecia Renan pelo grupo Renovação Liberal de Vinhedo, recomendou a jovem produtora para a campanha a deputado estadual do candidato Paulo Batista, pelo PRP. O novo contrato com cliente importante fez Salsicha convidar outros amigos a investirem seus talentos na empresa: Fred Rauh foi contratado para editar os vídeos e Rafael Rizzo, as imagens, valendo-se de sua habilidade na criação de memes. A campanha eleitoral de Paulo Batista (que era corretor de imóveis) o transformou no "capitão do raio privatizador", através de uma produção de vídeo *nonsense* que mimetizava histórias de superheróis e o universo dos videogames, valendo-se de superpoderes nas missões contra o movi-

⁴⁵ Renan atuou por muitos anos como empresário nos negócios herdados do pai, até a decretação de falência. Anos mais tarde, ele passou a ser investigado pelo Ministério Público por suspeita de lavagem de dinheiro através da empresa Angry Cock. Segundo dados da Receita Federal de março de 2022, Renan e família são donos de empresas que acumulam R\$396 milhões e dívidas; cf. a matéria de Luiz Vassallo e Marcelo Godoy (2022), disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,ministerio-publico-amplia-investigacao-contralider-do-mbl-por-suspeita-de-lavagem-de-dinheiro,70004006552>

mento grevista dos estudantes da USP, contra "os comunistas" do PT e mesmo contra a lotação dos trens da rede pública⁴⁶. A inventividade da estética *trash* lhe rendeu fama no jornal New York Times e na HBO estadunidense. Às vésperas da eleição de 2014, o grupo esperava ansiosamente o resultado objetivo que a campanha renderia.



O "raio privatizador" destruindo extraterrestres comunistas, transformando estudantes grevistas em formandos, e organizando o transporte público. Fonte: capturas do canal de Youtube do MBL; montagem própria.

⁴⁶ Ver imagem a seguir, baseada em capturas do vídeo "Paulo Batista e Seu Raio Privatizador", publicado em 30 de agosto de 2014, e disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=htD7wMjUuHl>

O resultado que veio pôs as convicções à prova: Paulo Batista teve uma votação inexpressiva e Dilma aparecia à frente do candidato de oposição, Aécio Neves (PSDB), com quem disputaria o segundo turno. O grupo seguiu voluntariosamente engajado em evitar a reeleição da presidente, agora reanimado pelo engajamento do humorista Danilo Gentili, que, cativado pela campanha, tinha declarado voto no candidato superherói e resolveu colaborar como "amigo do MBL". O roteiro do vídeo foi o pretexto para convidar uma pequena celebridade da internet, o qual chamara a atenção do grupo em razão da repercussão de um vídeo de Youtube de estética e conteúdo afins, que criticava o programa do Bolsa Família, do governo federal. Kim Kataguirí (de 1996) era visto pelo núcleo do grupo como figura excêntrica por sua mestiçagem afro-oriental e sua eloquência desenvolta e precoce. Convite aceito, ele decidiu abandonar o curso de economia na UFABC e em pouco tempo se mudou para o escritório do MBL, empolgado com a participação naquela turma de galhofeiros profissionais e com a chance de conhecer o ídolo do programa de humor político CQC, da Rede Bandeirantes. O vídeo tratava de uma distopia futurista e começava com um pronunciamento direto da "República Bolivariana do Brasil"⁴⁷, mobilizando a retórica da ameaça de perigo, como tipifica A. Hirschman (1991).

Uma vez mais, a campanha não teve resultado imediato e Dilma foi reeleita. Inconformados, os irmãos Santos decidiram organizar um evento pelo Facebook, convocando uma manifestação pelo impeachment da presidente recém-reeleita, na tentativa de revigorar movimento de junho de 2013. A data escolhida foi o 1º de Novembro de 2014. Na descrição do evento, lia-se:

"Non Dvcor, Dvco [do latim 'não sou conduzido, conduzido', lema do brasão da cidade de São Paulo]. São Paulo, o estado mais rico, desenvolvido e escolarizado do país deu seu recado nas urnas, mais de 64% de sua população disse não para os desmandos e a roubalheira do PT. Ademais, o recente escândalo da Petrobras, que contou com o envolvimento direto da presidente da república

⁴⁷ Publicado em 24 de outubro de 2014. Disponível no canal do ex-MBL Fábio Osterman: https://www.youtube.com/watch?v=RPT_MEILuTU

e de seu tutor, Lula, é de relevância enorme. A república está comprada e entregue nas mãos de uma corja de ladrões e ditadores sem quaisquer escrúpulos. Se o STF está comprado hoje, imagine como ficará em 4 anos após a nomeação de mais 3 ministros. Se a democracia está fragilizada hoje, imagine como ficará após a tal 'reforma política' de Dilma. Paulistanos e Paulistas!! Vamos as ruas protestar e pedir o Impeachment já de Dilma Rousseff. Caso contrário, vamos cortar os laços de servidão que nos ligam a união [sic]!"

Aquele 1º de novembro passou a constar como data de nascimento do Movimento Brasil Livre, que também se define como republicano e liberal.⁴⁸ A página do evento registrou confirmação de cerca de 2 mil pessoas, e o Datafolha contabilizou mil participantes na capital paulista. A manifestação foi percebida como algo de vulto e considerada um sucesso. Além de São Paulo, duas outras cidades registraram participação: Goiânia com a organização de Silvio Fernandes, e Porto Alegre, com Fábio Ostermann e Marcel Von Hatten, que conheciam Renan através da rede Estudantes Pela Liberdade (EPL). Fábio atuava como fiscal do Instituto de Estudos Empresariais, Diretor-executivo do Instituto Ordem Livre e Diretor no Instituto Liberal. Ele foi um dos fundadores do MBL, assim como Juliano Torres (também da ala libertariana do MBL, formado pela Atlas Network e diretor executivo do EPL), e administrava uma página de Facebook chamada "Movimento Brasil Livre".⁴⁹ Criada em 2013, a página que deu nome ao grupo era uma paronomásia do MPL – Movimento Passe Livre, que conquistara súbita visibilização –, renovando as disputas pelo espólio dos

⁴⁸ Anos mais tarde, os irmãos Santos diriam que o chamado separatista, de essência anti-republicana, não passava de "trollagem" inofensiva. (Fonte: palestras durante o 5º Congresso Nacional do MBL).

⁴⁹ "(...) Então do dia 10 para o dia 15 (de novembro), que foi a segunda manifestação, decidiu-se usar o nome Movimento Brasil Livre, que era o movimento do Fábio. Na verdade, era uma página só. O Fábio que ligou e falou: "olha gente, já temos um movimento, está tudo montadinho, é bem simplesinho, e é um nome bem facinho, Movimento Brasil Livre'." (Paulo Batista em entrevista para Camila Rocha (2019: 167)).

protestos de junho. A página de internet é considerada o embrião do grupo⁵⁰ que seguiu ativo e engajado desde então.

2.3 Palco e performance: esferas e estilo de ativismo

Dentre as principais novidades relativas ao ativismo contemporâneo está o dinamismo no uso das redes sociais, o que é por vezes traduzido como termômetro da "opinião pública" e do potencial disruptivo de um dado ator social. A ampliação da conectividade trouxe substantivas implicações para a prática e teoria dos movimentos sociais. Na literatura acadêmica, o problema do *free rider* – pessoas que optam pela desmobilização diante da expectativa de ganhos conquistados por outrem – era visto como desafio e ponto cego de muitas análises sobre as motivações de um protesto. Com o advento das tecnologias digitais, a questão deslocou-se para a efetividade do ativismo digital – também denominado "cyberativismo" ou "slackactivism" ("ativismo preguiçoso", em tradução literal) – e as implicações do tipo peculiar de sociabilidade que se estabelece a partir das interações virtuais. No MBL, as redes sociais e tecnologias digitais são utilizadas não apenas como espaço alternativo de atuação, organização ou debate; elas compõem as engrenagens de funcionamento, afinam o tom discursivo e as formas de comunicação adotadas. A internet é a esfera prioritária (mas não exclusiva) do ativismo societário do grupo.

"Praticamente todos os municípios da cidade possuem grupos de discussão aberta no Facebook, contando com alguns milhares de pessoas, onde boa parte do debate municipal acontece. Tais espaços, inaugurados em seus primórdios nas comunidades do finado Orkut, são hoje a verdadeira Ágora municipal, local de embate político e termômetro eleitoral dos mais importantes. (...) Os membros de nossas filiais municipais devem adentrar [as MAVs petistas – Militância em Ambientes Virtuais], com o intuito de refutar as ideias socialistas e estatizantes dos agentes políticos ali presentes – sempre em alto nível – propagando ideias liberais e

⁵⁰ Anos mais tarde, o MBL teve que brigar na justiça para manter o nome do grupo, cujo domínio foi registrado em propriedade de Marcello Reis.

identificando possível aliados na construção da unidade liberal na cidade. O socorro de outras filiais municipais, na forma de ataques coordenados, será muito bem-vinda." (Manual de Filiais do MBL, 2015: 25)

Um dos elementos de novidade na caracterização do ativismo "libcon" diz respeito à sua expressiva atuação em espaços digitais e a suas performances discursivas. O papel central que as tecnologias digitais desempenham não se restringe a campanhas e recrutamento de membros; antes, elas constituem (mas não encerram) a esfera de atuação e o eixo de organicidade dos grupos.⁵¹ E. Solano Gallego et al. (2021) tem argumentado acerca da construção de uma nova subjetividade nos grupos de direita contemporânea, o que se deve, parcialmente, à utilização das redes sociais. Nossa pesquisa identificou, de fato, a priorização de práticas digitais na estratégia de ativismo societário do MBL, embora essa ênfase não se dê necessariamente em detrimento da atuação em espaços físicos. O crescimento em capilaridade das redes sociais do grupo esteve entre os principais objetivos de curto prazo do MBL, o que, além de criar dispositivos de recrutamento de novos membros⁵², também se correlaciona com o potencial de mobilização em espaços físicos e de influência no debate público e nos resultados eleitorais.

Bennett & Sergerberg (2012) argumentam que as mobilizações em espaços digitais são mais eficientes quando se combinam a formas tradicionais de mobilização não digitais. Essa combinação esteve na mira dos esforços dos primeiros anos de vida

⁵¹ A defesa da internet chegou a virar bandeira de mobilização diante da proposta de limitação de uso de internet fixa pelas operadoras de banda larga, moção posta em consulta pela Anatel em dezembro de 2016.

⁵² A maior visibilização do debate da direita encoraja muitos outros, antes isolados, a exprimirem suas ideias e a buscar pessoas que partilham da mesma comunidade de pensamento. É o caso de um dos coordenadores regionais entrevistados, que diz ter sempre convivido com pessoas de esquerda no meio universitário onde se formou. Num comentário que é recorrente entre os militantes do MBL, ele disse que nunca concordou com as ideias que eram proferidas, embora não soubesse elaborar o porquê. Deu-se que, durante uma festa promovida pelo centro acadêmico de Ciências Sociais, ele foi duramente criticado por um grupo de mulheres feministas após ter reprovado a maneira como elas dançavam funk. Sentindo-se acuado, encontrou arrego em uma comunidade virtual de libertarianos. Ele conta que seu primeiro contato com ideias libertarianas se deu de maneira aleatória, por ter acessado um vídeo do canal Ideias Radicais, do youtuber Rafael Lima. Pouco tempo depois, filiou-se ao MBL. Para uma análise mais detalhada sobre engajamento político da militância de direita, cf.: Vrydagh (2020).

do MBL, o que se demonstrou nas inúmeras atividades promovidas pelo grupo (cf. seções 3.2 e 3.4, principalmente). A ocupação de espaços públicos (principalmente os espaços considerados simbólicos) foi, antes, agenciada pelo ativismo virtual e não prescindida em razão deste. Tais constatações apontam para uma articulação das práticas em espaços virtuais e físicos, sendo indispensável o esforço por superar os habituais binarismos entre o ativismo virtual e a militância encarnada dos protestos de rua (Pleyers, 2013; Enjolras et al., 2013).

O processo de socialização pregressa em espaços virtuais, sobretudo no universo de interações em torno de videogames (como veremos adiante), lega características importantes do "estilo de ativismo"⁵³ do MBL – bem como do imaginário político e perfil majoritário dos recrutados do MBL. A combinação entre "esculacho"⁵⁴, performances discursivas, disputas semânticas e semióticas caracterizam esse estilo.

"A política é uma luta discursiva: trata da distribuição de líderes e seguidores, grupos e instituições, ao longo de conjuntos simbólicos altamente estruturados. Conflitos de poder não se referem apenas a quem leva o quê e quanto; dizem respeito também a quem será o quê e por quanto tempo. Se, na ação recíproca entre instituições comunicativas e seu público, um grupo é representado a partir de um ou outro conjunto de categorias simbólicas, esse é um fato absolutamente decisivo; muitas vezes, chega a tornar-se uma questão de vida ou morte. No decurso de conflitos sociais, indivíduos, organizações e grandes grupos podem ser transferidos de um lado para o outro da classificação social, através de súbitas e muitas vezes desnorteantes rupturas do tempo histórico. Todavia, por mais inovadoras que pareçam ser, essas categorias são variações de temas muito antigos e consolidados." (Alexander, 1998: 22).

⁵³ Utilizamos a definição de "estilo de ativismo" oferecida por A. Alonso (2016: 378): "Por 'estilo de ativismo' entenda-se o uso predominante de certa técnica de ação política (lobby, manifestações públicas etc.)."

⁵⁴ O termo é tomado de empréstimo dos próprios atores e utilizado aqui como categoria nativa.

"Então você é a favor de ofender as pessoas? Sim!". Recebida com aplausos e risos por numerosa plateia, a frase foi proferida no palco do maior evento anual do MBL pelo comediante Léo Lins, em sessão dedicada ao tema do esculacho. "Há um caráter civilizacional no esculacho", defendiam lideranças do MBL. O esculacho já foi trabalhado em estudos sobre instrumentos de pacificação e violência policial contra moradores das favelas brasileiras (Zaluar, 2016); porém, tal como praticado por ativistas *libcons*, a prática mistura bullying e agressão verbal deliberada, voltada para produzir efeitos psicológicos e sociais no oponente, tais como desmoralização, anátema, intimidação ou ridicularização – como reza a quinta regra do livro *Regras para Radicais* (de Saul Alinsky), que é recorrentemente citado como um importante manual de ativismo.⁵⁵ O método também promete uma eficácia particular quando direcionado a personalidades públicas, uma vez que as agressões verbais interpelam uma reação que certifica o MBL como oponente político equiparável, explorando o que G. Simmel (1955: 17) chamou de "tendências integradoras" do conflito.

Um outro importante manual que serve de referência às performances discursivas do MBL é baseado na retórica erística (referência a Éris, deusa do caos, da contenda e da discórdia na mitologia grega), a qual remonta à Grécia Antiga como um dos métodos ensinados pelos sofistas. O método erístico consiste em argumentar em vista da vitória sobre um inimigo, em explorar o conflito ao invés de resolvê-lo, ao invés da busca pelo verdadeiro.⁵⁶ O principal ícone da erística filosófica é Arthur Schopenhauer, autor presumido do manual *Como vencer um debate sem precisar ter razão – 38 estratagemas* (o título é de escolha dos editores, já que o filósofo não concluiu nem jamais chegou a divulgar os escritos em questão). O livro chamou nossa atenção durante relatos de entrevistados e é também a base do curso oferecido por Kataguirí na "Academia MBL", além de compor a biblioteca do MBL – assim como a biblioteca que era recomendada nos famigerados COFs (cursos de Olavo de Carvalho sobre Filoso-

⁵⁵ Cf. Alinsky, 1971. "Esse é um livro que eu leio sempre", dizia Pedro D'eyrot durante o 5º Congresso Nacional do MBL.

⁵⁶ Cf. a seção "Nature of Sophistic thought" do verbete "sophist" da Encyclopedia Britannica (Kerferd, 2022). Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Sophist-philosophy/Nature-of-Sophistic-thought>

fia). Foi o próprio Olavo quem fez as notas e comentários da edição da Auster, ainda em 1997:

"O que o leitor tem nas mãos é um tratado de patifaria intelectual. Mas não para uso dos patifes, e sim de suas possíveis vítimas. Trata-se de um receituário de precauções contra a argumentação desonesta, aquele tipo de polêmica interesseira onde o que importa não é provar, mas vencer. Ensina a reconhecer e a desmontar as artimanhas do debatedor capcioso — o sujeitinho que, nada tendo a objetar seriamente às razões do adversário, procura apenas desmoralizá-lo ou confundir a plateia para fazer com que o verdadeiro pareça falso e o falso verdadeiro."⁵⁷

A advertência é uma exposição flagrante do método argumentativo que celebrizou o próprio Olavo, o qual guarda forte ascendência sobre o MBL, como demonstramos ao longo da tese. As performances discursivas de inspiração erística são observáveis na atuação dos ativistas que ganharam fama junto ao MBL. A título de ilustração, destacamos uma das performances que celebrizaram o ativista Arthur do Val. Infiltrado em protestos esquerdistas contra a anulação da nomeação Lula para ministro da Casa Civil ou contra restrições da política habitacional do governo, Arthur entrevistava os manifestantes:

"Arthur do Val (AV): Você é contra ou a favor do Lula na Casa Civil?

Manifestante esquerdista 1 (M1): A favor.

AV: Explica pra nós aqui qual que é a importância da Casa Civil?

M1: Sobre a Casa Civil? (corte).

M2: Do ponto de ... da... como que eu vou falar... (corte).

M3: Não sei. (corte)

⁵⁷ O livro teve sua terceira edição lançada em setembro de 2019, com arte da capa em que se lê o nome de Olavo de Carvalho dividindo o mesmo destaque do nome Arthur Schopenhauer. Cf.: Schopenhauer & Carvalho, 2019.

M4: Casa Civil é o ministério mais importante de todos os ministérios. Se a gente... (interrompe)

AV: Quantos são? Peraí, desculpa.

M4: Ah não sei quantos são [os ministérios]". (corte)⁵⁸

AV: Você sabe qual é a primeira faixa do "Minha Casa Minha Vida"?

M5: Eu não entendo dessas coisas não."⁵⁹

Além do artifício dos corte de edição, é possível identificar a presença de, ao menos, três dos estratagemas erísticos: perguntas em desordem (7º estratagema), uso intencional de *mutatio controversiae* (18º estratagema), e desvio (29º estratagema). O xará de Schopenhauer faz parecer que, para sustentar a legitimidade da nomeação do ex-presidente Lula como ministro da Casa Civil (questão que estava no centro daquela manifestação), seria essencial conhecer as atribuições da pasta ministerial; ou que, para lutar pela ampliação do acesso à moradia por meio de políticas habitacionais, seria essencial conhecer especificidades técnicas do edital do "Minha Casa Minha Vida". Ao entrevistar alguém que demonstra conhecer a particularidade do argumento de desvio, o arguidor interrompe a resposta e interpõe outra pergunta igualmente inessencial ("quantos são [os ministérios]?"). A argumentação é nitidamente cavilosa, mas o efeito que se produz é a desmoralização dos manifestantes esquerdistas, e não a exposição do ardil do entrevistador.

O roteiro foi repetido muitas vezes. Atentos à hesitação no reconhecimento dos grupos por trás dos distintivos e performances habituais, muitos grupos à direita passaram a investir na confusão de símbolos como tática de trollagem – Arthur aparece quase sempre vestido de vermelho, visando a desorientar e ganhar a confiança do in-

⁵⁸ Transcrição parcial do vídeo "Testando a Militância Petista na manifestação pró-governo do dia 18 de março", publicado no canal de Youtube "Mamaefalei", em 21 de março de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=58yys1cACYg>

⁵⁹ Transcrição parcial do vídeo "MTST — Acampamento Paulista", de 6 de março de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W5TjIRqJs4>

terlocutor, e começa a abordagem de maneira cordial, fazendo a interação escalar, aos poucos, em agressividade.

Merece destaquem os estratagemas de encolerizar o adversário (8º) e usar a raiva (17º) do outro a fim de vencer a discussão. Esse tipo de recurso passou a ser explorado por Arthur após sua adesão ao MBL, que se deu por convite personalizado, após os primeiros meses de sua atuação como youtuber. Episódios como invasão de gabinetes funcionais e embates com inimigos políticos, protagonizados por Arthur do Val⁶⁰ e Fernando Holiday, principalmente – para citar os casos mais famosos –, seguidos de provocações e ofensas pessoais (último dos estratagemas erísticos, a ser empregado quando falham os demais) também visam a encolerizar o adversário. As performances são gravadas do começo ao fim. O incitador entra em cena já com uma câmera em punho, antecipando o efeito que quer provocar e a fim de repercutir o tumulto, explorar as reações de raiva e causar sensacionalismo nas mídias sociais, espaço privilegiado de campanha do grupo. Mas mesmo ideias bem-sucedidas têm um ponto de exaustão. Com a reputação e visibilidade crescente, Arthur passa a ser objeto da mesma estratégia de exposição de cinegrafistas de ocasião, e chegou a recorrer a comitivas de apoio e a favores da Polícia Militar⁶¹, que lhe dedicava proteção ou escolta durante sua atuação.⁶²

⁶⁰ Em sessão da Comissão de Ética da Alesp que julgava a cassação de Arthur (em 12 de abril de 2022), o deputado Barros Munhoz (PSDB) deu um testemunho, na presença do próprio Arthur, que nos parece relevante: "Na CPI das universidades, eu fui observando a postura dele [Arthur] e, a determinado momento, quando terminou a sessão, eu falei: 'Arthur, por que você insiste em atuar do jeito que você atuou lá no plenário? Por que não faz como você está fazendo nessa CPI? Você é um cara brilhante, inteligentíssimo, faça a boa política, Arthur!'. Sabe o que ele me respondeu? (...) 'E depois, como é que eu me elejo?'. 'Ah, então, eu disse a ele, esse é o caminho que você escolheu pra se eleger?' (...) Eu vivi 1964, eu me lembro onde eu estava exatamente a hora que eclodiu o golpe em 31 de março de 64 (...) – e nunca vi o que estou vendo agora, essas ameaças que nós estamos recebendo [exaltado]. Isso daqui [brandindo um pedaço de papel impresso que ele lê em seguida] é uma covardia (...), isso é a degeneração da atividade política. Eu tenho um aqui que é suave: 'só me fala o seguinte, você que ouse votar a favor da cassação do Arthur do Val, o 'bagulho' vai ficar 'loco' pro seu lado.' Não é o pior. O pior é um que ameaça a desgraça minha e da minha família, incluindo os meus filhos e meus netos. Isso não é política, minha gente. Não merece fazer parte do nosso convívio quem faça esse tipo de política!" Transcrição de transmissão da TV Alesp; gravação disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bbAlrmFeB34> (ver a partir de 1:28'00").

⁶¹ Para um registro de Arthur protegido pela Polícia Militar, cf. vídeo publicado em 13 de janeiro de 2017 no canal de Youtube do Diário do Centro do Mundo. Para um vídeo em que um entrevistado responde Arthur e faz perguntas que este não consegue responder, com quase 2 milhões de visualizações (audiência equiparável a dos vídeos de Arthur, na época), cf. "O cara que respondeu o Arthur do

Arthur do Val se notabilizou ao transmitir, em seu canal de Youtube "Mamãe-Falei", performances de desqualificação dos manifestantes do campo esquerdista. Mas a tática de enfrentamento direto não nasceu junto com o canal. Assim como tantos outros *youtubers* de política ainda anônimos, a "livre iniciativa" de Arthur brota no terreno de oportunidades da arena política pós-2013, marcada por nova percepção acerca do espaço e das oportunidades políticas disponíveis (Souza, R., 2018), bem como de um acréscimo de interesse em assuntos do político e pela consequente proliferação de iniciativas dispersas. Os primeiros vídeos do canal "MamãeFalei" tratavam de diversos temas de interesse público, desde os mais triviais, como assaltos e cotidiano dos motoristas no trânsito, aos mais polêmicos, como liberação da maconha, maioria penal, cotas em universidades ou a chamada "pílula do câncer" – este último causando uma majoritária e destoante repercussão negativa em razão dos argumentos pró-ciência que Arthur enunciava. Assim como outras manifestações individuais em espaços públicos (físicos ou virtuais), o conteúdo do canal expunha uma tensão subjacente diante dos grupos opositores visados, mas é somente quando Arthur passa a filmar o enfrentamento direto com as pessoas que dão corpo e forma ao confronto entre esquerdas e direitas que o número de visualizações disparou. A agressividade mais ou menos disfarçada das filmagens e a violência verbal das reações dos entrevistados face às provocações de Arthur encontraram corrente na maré de tensões explícitas que vinha se acostando às formas de interação de rotina. Com uma câmera na mão e uma provocação na ponta da língua, ele se lançava às ruas com a finalidade de produzir gravações de confronto com ativistas de esquerda.

Pelas razões apresentadas, o esculacho, as performances discursivas e disputas narrativas sintetizam os principais elementos do estilo de ativismo do MBL, o qual encontra ressonância no campo liberal-conservador como um todo.

Mamãe Falei!", publicado em 15 de novembro de 2016. Disponíveis, nesta ordem, em: <https://www.youtube.com/watch?v=u0yecQqnwLQ>; e <https://www.youtube.com/watch?v=G7t9ajXYxuw>

⁶² O método MamãeFalei atraiu a simpatia de muitos policiais. O ex-comandante da Guarda Civil Metropolitana, Carlos Alexandre Braga (PP) tornou-se coadjuvante em vários vídeos do canal Mamãe Falei durante candidatura a vereador em 2020. Quadros de destaque da PM, como o Coronel Telhada (PP), também já manifestaram reiterado apoio político a Arthur. Outros (ex-)profissionais da PM chegaram a participar ativamente como membros do MBL, como é o caso de Gabriel Monteiro, em que pese seu rompimento ulterior com o grupo, em 2019.

2.4 Composição e perfil social

O MBL não apresenta uma composição uniforme; a heterogeneidade foi um dos primeiros achados empíricos, em contradição com muitos chavões que resumiam o grupo a um "bando de playboys". O grupo encontrou um primeiro elemento identitário em torno do anti-petismo: "Quando o Renan me chamou pra entrar no MBL, o Renan me falou o seguinte: "(...) Nós somos federalistas. O Paraná é teu, você faz o que você quiser. O MBL tem de tudo, tem libertário, tem liberal, tem conservador. É todo mundo contra o PT, todo mundo junto pra derrubar o PT." (Entrevista: E20). Como argumenta della Porta (2005: 178):

"Activists develop tolerant identities, framing differences as an enriching characteristic of the movement (...); tolerant identities derive from long-lasting experiences of common mobilization — through a process of 'contamination in action.' A challenge for the movement is sustaining this apparently weak form of commitment over long term."

Apresentamos algumas das formas como o MBL produz vínculos associativos intra-grupo e a relação desses vínculos com o perfil de ativistas do grupo.

Quanto ao perfil ocupacional, há presença de professores, empresários, motoristas de aplicativo, secundaristas, universitários, grafiteiros, tatuadores, advogados, aposentados, judeus, muçulmanos, umbandista, evangélicos, católicos, ateus, espíritas etc. Ao mesmo tempo, alguns perfis são majoritários ou dominantes dentre os participantes: homens, jovens, brancos, integrantes de classe média e média-alta, profissionais liberais. E há também flagrantes confluências não imediatamente ideológicas, que chamaremos de *gamers*, *dropouts* e *freaks*.

2.4.1 Gamers, dropouts e freaks

Os aficionados por videogames e animes⁶³ são quase unanimidade no MBL. Não é à toa que as produções de mídia voltadas para o recrutamento de novos ativis-

⁶³ "Anime" é o nome comumente usado para se referir a animações produzidas no Japão.

tas e para a comunicação interna (a chamada dos congressos nacional, por exemplo) são repletas de referências a videogames, e destoam radicalmente do material de campanhas de massa (convocatória de manifestações "fora Dilma", por exemplo).⁶⁴ Esse universo lúdico é vastamente utilizado na linguagem dos memes e empresta muitos dos elementos da estética do MBL, o que se faz notar desde a inovadora campanha do Raio Privatizador até o simbólico fliperama arcade que ocupava espaço de destaque no escritório da sede nacional, na Vila Mariana. Mas não é apenas a dimensão estética que recebe essa influência. O intercruzamento entre esse universo e o mundo da política não é novo. O escritor D. Baren (2017) já apontou os vínculos existentes entre a comunidade *otaku*⁶⁵, a extrema direita norte-americana e o masculinismo.⁶⁶ O MBL também explicita o quão influentes foram os *animes* para a geração millenium (nascidos do começo dos anos 1980 até meados da década de 1990), especialmente a icônica série *Cavaleiros do Zodíaco*, que rendeu bem mais do que avatares nos jogos de luta. É o próprio Renan Santos quem dá a pista:

"O Cavaleiros do Zodíaco [CZ] formou o caráter da geração nascida em meados dos 80. (...) Foi a primeira grande narrativa para jovens formarem caráter dentro de um desígnio animado. Ela impacta muito inclusive no trabalho político com essa geração. (...) Pra mim, o CZ é fundamental por algumas razões. A ideia de arquétipos (...), os tipos transcendentais (herói, anti-herói, vilão, o mago, o sábio, o governante, o mestre), são todos muito corrompidos. Os arquétipos são todos muito corrompidos. E o CZ, como quase todo *shonen*, é exageradamente arquetípico. Isso ajudou a formar muitos tipos. Os meninos dessa geração tinham uma primeira grande divisão (que eu vejo no MBL, por exemplo) entre saber se você é o Seiya ou se você é o Ikki. Isso define muito o caráter de como você vai agir com relação a um grupo. O Kim [Kataguirí] é claramente o Seiya do MBL, o

⁶⁴ Ver, por exemplo, <https://vimeo.com/193096816> e <https://vimeo.com/136333541>

⁶⁵ "Otaku" é o termo japonês usado para se referir a pessoas aficionadas em animes, mangás (histórias em quadrinhos japonesas), vídeo-games e similares.

⁶⁶ Cf. Barren, 2017, publicado no Medium, e disponível em: <https://medium.com/@DaleBeran/4chan-the-skeleton-key-to-the-rise-of-trump-624e7cb798cb/>

operário padrão do MBL. O Shun é claramente o [Fernando] Holiday. Enquanto o Arthur [do Val] claramente é o nosso Ikki. Ele não anda com o bando, dá trabalho. (...) Pra mim, o papel dos cavaleiros que ajuda muito na questão política é o papel de trazer arquétipos."⁶⁷

Os arquétipos extraídos de *animes* e as lógicas de sociabilidade do universo *gamer* (ludismo, competitividade, valorização do conflito, maniqueísmo) fazem parte do leque de referências e imaginário político da militância do MBL. Apesar do aspecto burlesco e desinteressado do ludismo político, seu alcance de influência transcende o círculo imediato de ativistas do grupo, modulando tanto a percepção da realidade como o tipo de ação disseminada. A combatividade, por sua vez, é também cultivada nas interações offline como ferramenta de recreação intragrupo, e produz efeitos associativos entre pares e oponentes políticos.

O ludismo cômico – um dos recursos preferidos ao grupo fortalece a solidariedade do grupo e contribui para a descontração do clima de tensões inerentes ao conflito político, conferindo ao grupo um aspecto menos sisudo e mais atraente aos jovens, principalmente. Uma segunda vantagem do investimento cômico reside no teor de "negabilidade" que imuniza o enunciador. Por mais transgressiva ou mesmo criminosa que uma declaração venha a ser, a réplica de que tudo era apenas uma brincadeira resta como corolário disponível. A ambiguidade do cômico oferece ao emissor da piada a prerrogativa de decidir o que e em quais circunstâncias uma piada, trote ou *bullying* deixam de sê-lo; enquanto o indivíduo alvo é constrangido seja a corresponder em demonstração de virtude autoderrisória, seja a recolher-se pelo ultraje sofrido. Expressões de ofensa, indignação, raiva e vergonha são convertidas em recompensa que alimentam a reprodução da prática.

⁶⁷ Renan Santos durante evento do 4o Congresso Nacional do MBL. "Shonen" é um gênero de mangá que tem como público-alvo adolescentes do sexo masculino. A comparação dos membros do MBL faz sentido para quem está familiarizado com os personagens de "Cavaleiros do Zodíaco". No anime, Seiya é o herói "clássico", que trabalha para a equipe e faz as vezes de "bom-moço". Ikki, por sua vez, é um anti-herói: no começo do anime, ele é apresentado como um dos vilões; mais tarde, é revelado que ele está do lado da justiça, embora não siga as regras e se assemelhe a um "lobo solitário". Já a comparação com Shun é uma referência à orientação sexual de Fernando Holiday.

Esses elementos caracterizam uma das práticas que se popularizaram primeiramente nos Estados Unidos a partir de interações online – a "trollagem". Derivação de *troll* para o Português, o verbete originário da língua inglesa é polissêmico, sendo usado tanto para se referir à ação de pescar, rolar, pivotar ou cantarolar, como, em sua forma nominal, a duendes travessos e seres sobrenaturais.⁶⁸ O ativismo de "zoeira", como é também frequentemente denominado, muitas vezes ganha um parentesco com a trollagem online, embora a trollagem seja um mecanismo gestado na internet e caracterizado pela dissociação entre a personalidade anônima da internet e o indivíduo internauta, como detalhar a especialista em mídia W. Phillips (2015).⁶⁹ Tal dissociação corresponde ao que a autora chama de "máscara da trollagem", e diz respeito a um necessário embotamento emocional do "troll" para com o objeto da trollagem, à revelia dos traumas e tragédias eventualmente causados. Tudo vale a pena na cruzada pelo riso, ou antes, pelos "lulz" – corruptela do plural de "lol" ("laugh out loud"), indicando prolongamento e veemência da risada. "I did it for the lulz is the troll's catchall excuse, explanation and punchline" (Phillips 2015: 187).⁷⁰ Na migração do virtual para o mundo físico, continua a autora, o troll cola-se a uma personalidade identificável, no seio da qual incidem emoções como inibição, medo, hesitação. Desse modo, as performances tendem a se tornar mais responsivas a sansões e responsabilização, reforçando o vínculo de dependência da proteção e apoio que o grupo oferece.

Como já foi demonstrado por Phillips (2015), comunidades de trolls compõem a base da chamada *alt-right* estadunidense, contribuindo para a eleição de Donald Trump. No Brasil, trolls do mundo real e virtual convergem em torno da crítica ao

⁶⁸ Tomamos como base o verbete do Webster. Cf. "troll." *Merriam-Webster.com*. 2022. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/troll> (último acesso em maior de 2022).

⁶⁹ "The vast majority of trolls I've worked with agree, and insist that their troll selves and their offline ('real') selves are subject to totally different sets of rules. Despite the explicit and biologically necessary connection between the troll and the person behind the troll, and despite the correlation between real-life whiches and online behaviors (even simply in terms of search interest or basic technological access), trolls believe that there exists a fundamental difference between what they do as trolls and who they are as people. This presumed disconnect isn't about which behaviors are real, exactly, but which behaviors are attributed to what self." (Phillips, 2015: 228-9).

⁷⁰ Na epígrafe da *Encyclopedia Dramatica* lê-se "In lulz we trust". Há outras paródias de teor religioso, como: "In the beginning was the Lulz, and the Lulz was with God, and the Lulz was God. He was with God in the beginning. Through him all trollings were made; without him nothing was trolled that has been trolled. In him was drama, and that drama was the light of all mankin". Cf. o verbete "Lulz" da *Encyclopædia Dramática*, *apud* Phillips 2015: 185-6.

"politicamente correto" e de fenômenos de base (a problemática acerca do gênero, da família, do papel da mulher, das relações raciais etc.), como no caso do MBL.⁷¹

Um outro elemento saliente no perfil das lideranças do MBL é a relativa rejeição da educação formal. Via de regra, as biografias das lideranças têm, em comum, o abandono dos estudos de nível superior, principalmente por motivos de discordância, inadequação ou simples desinteresse. É o caso dos fundadores Renan e Alexandre Santos, Pedro D'eyrot, Kim Kataguiri, Fernando Holiday e muitos outros. O perfil do *dropout* (do Inglês, 'desistente') é bem acolhido no grupo, o qual não somente valoriza o mito do *self-made man* disseminado com base em trajetórias como a de Steve Jobs, Mark Zuckerberg, Bill Gates e mesmo Olavo de Carvalho (ambos sem graduação formal mas não por isso menos célebres), como também investe em críticas mordazes contra práticas e conteúdos pedagógicos das universidades públicas⁷² e do sistema de ensino de modo mais amplo. Os ativistas do campo liberal-conservador acreditam haver uma perseguição ideológica nas instituições de ensino.⁷³ Por essa razão e pelo ideal individualista, o sistema de *homeschooling* – ensino doméstico, fora da escola – tor-

⁷¹ O artigo de mídia de Rodrigo Nunes (2020) – o qual chamou nossa atenção para o trabalho de W. Philips – observa que o "troll" também contribuiu para normalizar as práticas e declarações mais transgressoras de Jair Bolsonaro. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2020/01/alvim-errou-a-mao-na-trollagem-bolsonarista-inspirada-na-direita-dos-eua.shtml>

⁷² Mentor intelectual dos anos de formação do MBL, Luiz Felipe Pondé também costuma criticar o sistema universitário brasileiro, propondo reformas vigorosas (fiel à orientação reformista da tradição conservadora). Já a professora (licenciada) do curso de Direito da USP, além advogada e deputada federal (pelo PSL e, depois, PRTB), Janaína Paschoal radicaliza: "tinha que fechar [as universidades] e começar tudo de novo". Janaína era uma unanimidade junto ao grupo por ter sido coautora do processo de impeachment, até tornar-se inimiga por desavenças com Arthur do Val, então colega na Alesp. Para a fala de Janaína Paschoal, cf. entrevista que ela concede a Pondé (ver a partir de 17'30"), disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5oH9fXr-oBo>

⁷³ A Sociologia é um dos alvos de crítica prediletos dentre as disciplinas acadêmicas. Um dos gurus intelectuais desde os primeiros passos do movimento é o escritor e administrador paulistano Stephen Kanitz. Em palestra durante o 2º Congresso Nacional do MBL, ele argumentava que a Sociologia teria surgido da esquerda, a qual, por sua vez, teria gênese nos tempos da caverna, quando o "homem tipo G (garanhão)" fazia filhos para que a mãe e o público criassem: "estes são de esquerda, professores de Sociologia etc." Já o "homem tipo P (patriarca)" não permitia que terceiros decidissem os destinos dos filhos, assumindo a responsabilidade pela prole e formando a primeira família patriarcal de direita. Disso resultaria também a revolta das mães feministas contra a autoridade dos pais. A palestra se deu diante de um público sério e de ar compenetrado.

nou-se uma das agendas desses ativistas. Também o projeto conhecido como "Escola Sem Partido" foi por muito tempo objeto de campanhas prioritárias do grupo, mas sofreu esvaziamento paulatino e fez o movimento recuar da defesa de sua viabilidade prática, o que se deu em grande medida por influência de intelectuais e políticos críticos do projeto, como Reinaldo Azevedo e Mendonça Filho, ambos considerados amigos do MBL.

Com o tempo, o grupo encontrou uma maneira de suprir a falta de diplomados na sua base de ativistas, haja vista que o antiacademicismo do MBL não equivale a um anti-intelectualismo professo: a "Academia MBL" [AMBL]. Concebido em 2020 e lançado em 2021, o projeto tornou-se uma das principais atividades internas, combinando autofinanciamento (as vagas da primeira turma custaram R\$1.136,40), estratégia de recrutamento ("[A AMBL é] a nova maneira de ingressar no MBL"⁷⁴) e preparação de candidaturas (ver seção 4.4). Os alunos matriculados devem responder a um questionário ("teste de personalidade"⁷⁵ elaborado pelos coordenadores Ricardo Almeida e Ian Garcez) que os classifica em um dos três perfis de militantes: comunicadores e porta-vozes ("atenienses"), líderes e organizadores ("espartanos") e intelectuais e criadores ("alexandrinos")⁷⁶. A "grade curricular" das aulas é subdividida em módulos que vão de "História e Pensamento do MBL" a "Marketing Político" ou "Fundamentos da Memística e Redes Sociais".⁷⁷ A aula inaugural da AMBL contou com o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso em bate-papo informal por videoconferência junto com Renan Santos e com o tucano Andrea Matarazzo⁷⁸. Um dos

⁷⁴ Cf. vídeo publicado por Kim Kataguirí em seu canal do Youtube; o trecho relevante está transcrito junto à nota 279; o vídeo está disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=X02st_oV1Gg

⁷⁵ Ver anexo IV.

⁷⁶ Fonte: <https://academia.mbl.org.br>. Cf. também o vídeo "Como funciona a Academia MBL", publicado em 16 de março de 2021, no endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=UYJ1ERbnOs4>

⁷⁷ Os módulos da primeira turma foram: Formação Política I; História e Pensamento do MBL; Fundamentos de Memística e Redes Sociais; História da Política do Brasil; Teoria do Estado e Fundamentos Básicos do Direito; A Arte do Debate; Liderança e Coordenação de Equipes; Economia e Administração Pública; Petismo: uma análise introdutória; Introdução ao pensamento de Leo Strauss; A Arte de Refutar; Linguagem Visual; Organização e Militância; Marketing Político. Fonte: <https://academia.mbl.org.br/>

⁷⁸ Aula disponível no canal do MBL, em: Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=q0uYafbGt7M>

alunos do curso relatou que havia cerca de 2 mil alunos, um pouco menos e que houve debandada nas turmas após as primeiras provas.⁷⁹ Ao final do curso, os alunos participaram de uma cerimônia de formatura durante o 6º Congresso Nacional do MBL.

A tentativa de emular os rituais do mundo acadêmico formal expressam um esforço de compensação simbólica pela falta de prestígio daqueles que, por várias razões, não conseguiram graduar-se no ensino superior.⁸⁰ M. Sandel (2020) – professor de Filosofia Política da Harvard University – enxerga uma correspondência entre um difuso ressentimento contra a elite acadêmica e a adesão dos mais pobres ou menos educados ao populismo ultraconservador de políticos como Donald Trump e Jair Bolsonaro. Nesse sentido, o filósofo propõe uma reavaliação de três aspectos-chave da vida em comum: (1) repensar o papel das universidades na distribuição de estima social e como árbitro das oportunidades de vida; (2) refundar a dignidade do trabalho e os mecanismos de reconhecimento de cada profissão para o bom funcionamento da sociedade; (3) ressignificar o ideal de mérito com base na dependência determinante de configurações fortuitas e aleatórias de cada contexto para o sucesso individual.

A fina análise da socióloga A. Hochschild (2016) faz um diagnóstico semelhante em alguns aspectos. Sua pesquisa identificou a percepção, dentre parte dos eleitores estadunidenses mais pobres, de que as elites (intelectuais, e não as econômicas) são arrogantes e desprezam "os de baixo". Esse sentimento foi argutamente explorado por Steve Bannon (estrategista da primeira campanha de Trump e também influente nos primeiros anos do MBL) ao agenciar uma "revolta dos deploráveis" contra o elitismo cultural representado por Hillary Clinton, que havia se referido a alguns eleito-

⁷⁹ Cf. os vídeos publicados por Higor Borges em seu canal do Youtube, relatando sua experiência como aluno (<https://www.youtube.com/c/HigorBorgesRJ>). A informação sobre o número de inscritos foi calculada a partir da descrição postada em vídeo publicado em 10 de março de 2021, na qual o *youtuber* relata que "pelo valor não acessível a todos [...], nem 5% dos 40,000 inscritos conseguirão ter acesso ao curso final" (os "inscritos" em questão foram alunos pré-inscritos, ainda não pagantes, que tiveram acesso limitado ao conteúdo inicial do curso). Já em vídeo publicado em 30 de maio de 2021, o *youtuber* afirma (a partir de 6'30") estar "havendo um esvaziamento dos grupos depois das provas". Vídeos disponíveis, nesta ordem, em: <https://www.youtube.com/watch?v=ojWqzVV4iaU> e <https://www.youtube.com/watch?v=AdrKm77Lm-Y>

⁸⁰ Segundo o Censo da Educação Superior (Inep), apenas 5% dos brasileiros terminaram o ensino superior. O percentual alcança 21% na população com até 34 anos de idade. Cf.: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior/resultados>

res de Trump como "a basket of deplorables."⁸¹ O sucesso econômico de Trump, por sua vez, não era enquadrado como elitismo, mas como empreendedorismo (de conotação virtuosa, portanto), o que, para Hochschild, corrobora uma "moral estoica" ou religiosa que vincula a honra pessoal à aceitação das próprias circunstâncias de vida.

Ambos os trabalhos de M. Sandel e A. Hochschild contribuem para nossa compreensão de que o ressentimento anti-intelectualista e as críticas à Academia ganham uma repercussão política que evoca o irracionalismo do campo conservador (seção 1.2) e encontra ampla ressonância na população sem-diploma.

Para além do irracionalismo, há um perfil de ativistas que marca o campo liberal-conservador e que é comum no grupo: "O MBL atrai muito maluco, é impressionante!" (Entrevista: E8). Os "malucos" – ou "*freaks*" – são uma categoria de difícil apreensão, e que, nesse contexto, se referem a tipos considerados excêntricos. Cabe aqui notar que "maluco" e "freak" são categorias sociais, e não médico-diagnósticas.⁸² Porém, é significativo que exista essa associação no plano simbólico, isto é, que os próprios membros do MBL utilizem categorias como a do "maluco" para se referir a um perfil de indivíduos comum no grupo.

Cumpramos notar que a militância exercida por tipos excêntricos não é inédita na política, mas ganha contornos e dimensão diferentes a cada tempo em razão de variantes conjunturais. Concentramo-nos aqui somente na influência que as interações exercem nas performances políticas.⁸³

⁸¹ A frase completa de Clinton em discurso proferido em Nova York, em 9 de setembro de 2016, foi: "You could put half of Trump's supporters into what I call the basket of deplorables" (cf. a matéria de Zeke Miller, 2016, para a Time, disponível em: <https://time.com/4486437/hillary-clinton-donald-trump-basket-of-deplorables>). C. Lasch (1996) – autor bem acolhido no campo liberal-conservador e muito citado por Bannon – apresenta argumentos mais sofisticados no mesmo sentido. Cf.: Lasch, 1996.

⁸² Qualquer afirmação nesse sentido precisaria ser embasada em pesquisa multidisciplinar, e os dados obtidos só seriam confiáveis, do ponto de vista empírico, se baseados em diagnósticos individuais de um número considerável de membros do grupo e de um grupo de controle, representativo da população em geral.

⁸³ Mc Adam et al. (2001: 49) definem performances como "scripted interactions in the improvisatory manner of jazz or street theater rather than the more repetitious routines of art songs or reli-

Há um notório investimento psicológico do MBL em seus quadros. O grupo encoraja seus participantes a atuarem de maneira inflamada na dramatização das pautas defendidas – não é à toa que o símbolo do MBL é uma onça e que a cada ano haja uma premiação do coordenador de maior destaque em âmbito nacional, o qual recebe o título de "Onça MBL". Em entrevista nossa, um dos premiados descreve a si mesmo: "Eu não nego, eu sou um cara da treta. Isso eu não nego, eu adoro treta. (...) O que eu não aguento é essa coisa burocrática. Eu não gosto de burocracia. Eu levantei e falei: eu quero treta! (...) Competi com 300 núcleos, nós ganhamos porque todo mês eu fazia um ato." (Entrevista: E6). As performances são gravadas e destinadas a mobilizar as emoções do público que assiste aos vídeos nas redes sociais. O exagero e a exasperação são táticas ensinadas em sessões de treinamento interno. Um treinamento exemplar inclui manuais sobre temas que vão desde a retórica aristotélica à dialética erística, passando por dicas de linguagem corporal e truques intimidação psicológica.⁸⁴

Após treinados, os militantes participam de um torneio de debate que é realizado anualmente durante o congresso nacional do MBL. Uma sala com várias mesas de debatedores é tomada por um burburinho ensurdecido. Em cada uma das mesas, dois competidores debatem um tema a ser anunciado (política de cotas, direito ao aborto, imposto é roubo, por exemplo), devendo cada um tomar um posicionamento a favor ou contra, conforme sorteio. Ao final de cada sessão de debate, que inclui um tempo cronometrado de argumentação, réplica, tréplica e arremate, um árbitro do MBL avalia o desempenho de ambos e anuncia o melhor. O vencedor do concurso participa, então, de um debate com a estrela do movimento, Kim Kataguiri.

A formação de lideranças tem como teste de fogo o desempenho retórico, performático e argumentativo, o que orienta os desígnios e funções que cada um receberá. A menos que demonstrem habilidades a serem capitalizadas, aqueles de perfil pacato e conciliador vão se deixando ofuscar perante os mais agressivos, o que gera uma

gious rituals. Such performances group into repertoires, arrays of known possible interactions that characterize a particular set of actors."

⁸⁴ Treinamentos baseados em manuais escritos ou organizados por Olavo de Carvalho (2019, *Como Vencer um debate sem precisar ter razão*), Saul Alinsky (1971, *Rules for Radicals*) e Jordan Peterson (2018, *12 regras para a vida*), principalmente.

ostensiva e celebrada competição dentro do movimento. O relato de Paulo Batista, o capitão do "raio privatizador", é bem ilustrativo: "Renan muito mais atirado do que eu, sempre muito mais atirado, mais agressivo. Pra ele não bastava só eu estar com o megafone, ele queria que eu colocasse o dedo na cara. Coisa que às vezes não eram necessárias, não é meu perfil. Em alguns momentos eu fui obrigado a adotar (um tom mais agressivo), porque a situação me colocou nessa condição."⁸⁵ No documentário lançado pelo MBL⁸⁶, vemos uma cena em que Renan Santos discursa inflamadamente na avenida Paulista do alto de um carro de som, até mirar a câmera do cinegrafista correligionário que lhe filmava, ao que ele se despe, num átimo, da investidura da revolta e lança uma piscadela marota para a lente. A combinação de agressividade e zombaria é um dos retratos do álbum de perfis do grupo.

2.4.2 Mulheres, negros e minorias

Como já apontamos, o MBL possui uma absoluta maioria de ativistas e quadros de liderança do sexo masculino; a representação masculina é total dentre os membros do núcleo decisório. A razão de ser dessa desproporção merece ser investigada. Examinamos, a seguir, alguns aspectos de como vem se estabelecendo a interação do MBL com as mulheres.

Como vimos no primeiro capítulo 1 (seção 1.3), uma das bases sociais do pensamento conservador se finca no patriarcado. Um índice expressivo do conservadorismo patriarcal no que tange às práticas do MBL está na representação da mulher como objeto das interações sociais e conseqüente encolhimento do escopo da subjetividade feminina. A interposição da relação entre os gêneros segundo uma lógica relacional sujeito-objeto não é, obviamente, invenção de um único grupo. Ao ser gestado em uma sociedade patriarcal, não é surpresa que o movimento reproduza hierarquias de gênero. No entanto, enquanto grande parte dos indivíduos reproduz um padrão de interação sexista por aprendizado de socialização, hábito ou inércia, os mais conservadores tendem a mover diligências para conter o ritmo das mudanças que ameaçam a

⁸⁵ Paulo Batista em entrevista a C. Rocha (2019: 166).

⁸⁶ *Não vai ter golpe*, 2019.

configuração tradicional acerca do lugar que as mulheres podem ocupar na sociedade. Aí reside um aspecto intrigante do casamento liberal-conservador: a doutrina liberal repousa na defesa do direito individual como inalienável perante a comunidade, e a propriedade de si mesmo como princípio do direito de propriedade das coisas. Os avanços civis alcançados pela relativa emancipação feminina já não são contestados politicamente no que se refere à propriedade de si mesma (e não do marido ou do patriarca), embora persistam ainda formas culturais perversas de semelhantes práticas.

Nesse cenário, os partidários do liberalismo (ou libertarianismo, em sua versão mais radical) dividem-se no que tange ao direito da mulher de interromper a própria gravidez sem ter que responder criminalmente por isso. A ala secular do libertarianismo costuma se colocar a favor do direito de escolher ("pró-escolha"); em contraste com outros atores que adotam a mesma posição, o tema é abordado pela ala secular do libertarianismo como uma questão de liberdade individual, e não um problema de saúde pública ou uma forma de promover a emancipação feminina. Já a ala religiosa ("pró-vida") se empenha em justificar a restrição ao direito de escolha da mulher ao evocar, principalmente, a aporia filosófica a respeito do *status* do indivíduo e a inconclusão da Biologia quanto à delimitação de um ser discreto em gestação.

A divergência, contudo, não configura uma clivagem interna no movimento, o que denota ser esta uma preocupação marginal para o grupo. Mesmo assim, essa foi uma das razões que, alegadamente, motivaram a saída oficial no início de 2021 de Fernando Holiday, um convicto militante antiaborto. Em sua crítica ao direito de escolha da mulher, ele diz: "Ao meu ver, a partir do momento que tem um gene separado, o feto ganha a sua individualidade. Acredito que essa é uma discussão interessante para se ter no meio liberal. A minha ideia de entrar nessas discussões antiabortistas é justamente para tentar demonstrar que é possível um liberal ser contra o aborto."⁸⁷

Essa opinião, no meio liberal, ramifica-se nos argumentos do livro *Contra o aborto*, de Francisco Razzo (2017). Filósofo de formação, Razzo é o intelectual de referência do MBL no que diz respeito à condenação do direito ao aborto, e sua posição

⁸⁷Fernando Holiday, em entrevista a José Fuchs (2021) para o Estadão, disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,fernando-holiday-o-combate-ao-aborto-e-a-causa-lgbt-nao-sao-bandeiras-do-mbl,70003597839>

repousa na crença de que a pessoa humana, e seus respectivos direitos jurídicos, constituiu-se no momento da concepção e deve ser considerada um bem em si mesma, pressuposto que, entende ele, cumpre estabelecer filosoficamente, e não biológica ou juridicamente.

O posicionamento do MBL também se inspira nas posições do Tea Party – ala libertariana do partido Republicano estadunidense –, com destaque para aquele que é considerado o "padrinho intelectual" do grupo: Ron Paul, o qual, junto com seu filho e senador republicano Rand Paul, são considerados as personalidades políticas que melhor representam os valores do MBL.⁸⁸ Em texto de referência sobre a questão do aborto, publicado em Português pelo Instituto Mises⁸⁹ e destinado aos correligionários libertarianos, Ron Paul defende haver uma "humanidade inerente do feto em desenvolvimento", deslizando capciosamente a qualificação para "bebê" e "criança". Em face do confronto, ele acusa seus oponentes de tomar o feto por uma "bolha de carne", uma "forma de vida análoga a uma bactéria", uma "acne que brota na testa". Com isso, ele busca suscitar ultraje moral e asco.⁹⁰ A tática não é arbitrária e tende a municiar de fortes afetos o confronto e acirrar a polarização. A invectiva de Ron Paul não hesita em qualificar a mulher que decide abortar (e, eventualmente, o homem que apoia tal decisão) dos predicados mais degradantes: "pessoas promíscuas e sexualmente irresponsáveis", "libertinagem", "hedonismo" etc. Quanto ao eixo argumentativo, ele evoca o princípio da não-agressão e da liberdade individual; entende que "a mãe está ganhando direitos e privilégios especiais ao mesmo tempo em que a criança está perdendo seus direitos. Um lado está ganhando à custa do outro"; e que a luta pelo direito ao aborto se baseia "apenas em argumentos políticos e sociológicos", sendo que, para ele, "a política é a rejeição da santidade da vida". Por fim, o texto apela a um ra-

⁸⁸ Em passagem pelo Brasil durante IV Conferência de Escola Austríaca (6 e 7 de setembro de 2014 na Fecomércio, em São Paulo), Ron Paul foi apresentado a Paulo Batista, o herói do "raio privatizador". Helio Beltrão e Roberto Chiocca intermediam a interação, registrada em vídeo publicado em 9 de setembro de 2014, no canal "Brasil Livre"; disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YhpF6CeyMoU>

⁸⁹ No endereço: <https://www.mises.org.br/article/241/a-questao-do-aborto>

⁹⁰ "If you (or any other mammal) bite into rancid food (...) [you] spit it out, gag, feel nauseated, make a revolted facial expression (...). Remarkably, humans also activate it by thinking about something morally disgusting— social norm violations or individuals who are typically stigmatized in society." In: Sapolsky, 2017: 41.

ciocínio *ad hominem* para provocar os pares não-religiosos e recalcitrantes: "Esse conceito tem muito mais em comum com a filosofia da esquerda intervencionista do que com a filosofia da liberdade. E não há nada de libertário nisso." (idem)

Embora a posição oficial do MBL tenha filtrado os argumentos de cunho mais explicitamente religioso, há, internamente, presença expressiva de defensores intransigentes da criminalização do aborto de matriz religiosa. No trabalho de campo, acerquei-me à mesa de debates ainda sem espectadores. O tema sorteado tratava do direito ao aborto e um dos jovens duelistas deveria usar táticas de defesa do ponto de vista pró-escolha, a despeito da convicção contrária. O árbitro do debate – um policial civil, bacharel em Direito, secretário parlamentar de Kim Kataguiri e autodeclarado sionista – deu vitória ao defensor *ad hoc* do direito de escolher. Em seguida, passou a instruí-los sobre a indefensabilidade do aborto mesmo em casos de estupro, já que, segundo ele, se tantos fatores vierem a coincidir para gerar o embrião (excepcionalidade do estupro, janela fértil da mulher, fecundação bem sucedida), há sinal de que a gravidez é da vontade divina. A conversa era levada entre os três homens que concordavam entre si, agindo com indiferença à minha posição de observadora mulher.

Os mais radicais chegam a estigmatizar os ex-defensores do direito ao aborto, como Arthur do Val, que se diz agnóstico e antigo “ativista pró-aborto”, mas hoje declara ter a mesma posição oficial que o MBL. Ainda assim, o tema não chega a ser ponto pacífico dentro do movimento, e segue sendo internamente questionado em sua maioria pelos libertarianos ateus no MBL, persuadidos, porém, a evitar polêmicas não-prioritárias e fortemente disruptivas, haja vista a marca confessional ser dominante nos quadros que compõem o grupo.

O pragmatismo que tal posicionamento carrega se reflete, ainda, no silêncio que permeia os argumentos daquela que é uma das principais ícones do libertarianismo, reverenciada pelo MBL e pela direita ultraliberal mundo afora: Ayn Rand.⁹¹ Declaradamente atea, Rand fazia incisiva defesa do direito ao aborto em qualquer momento da gestação, e elencava argumentos de várias ordens. Em um ensaio intitulado

⁹¹ Tanto nas entrevistas quando nas conversas informais com os ativistas do MBL, a reação generalizada era de incredulidade ao saber que Ayn Rand era tenaz defensora do direito ao aborto.

*Of Living Death*⁹², cujo texto foi originalmente apresentado em palestra no Ford Hall Fórum, em dezembro de 1968, Rand defende que a mulher, enquanto indivíduo, deve ter reconhecidos os mesmos direitos políticos e necessidade moral de liberdade que os homens. Nesse sentido, a imposição da gestação e da maternidade configuram, respectivamente, um desrespeito ao direito sobre o próprio corpo e ao direito à busca da felicidade.

"Abortion is a moral right — which should be left to the sole discretion of the woman involved; morally, nothing other than her wish in the matter is to be considered. (...) Never mind the vicious nonsense of claiming that an embryo has a 'right to life.' A piece of protoplasm has no rights — and no life in the human sense of the term. (...) To equate a potential with an actual, is vicious; to advocate the sacrifice of the latter to the former, is unspeakable.' (...) Parenthood is an enormous responsibility; it is an impossible responsibility for young people who are ambitious and struggling, but poor — particularly if they are intelligent and conscientious enough not to abandon their child on a doorstep nor to surrender it to adoption. For such young people, pregnancy is literally a death sentence: parenthood would force them to give up their future and condemn them to a life of hopeless drudgery, of slavery to a child's physical and financial needs. The situation of an unwed mother, abandoned by her lover, is even worse."⁹³

Para fazer jus à complexidade da pensadora, vale destacar que Ayn Rand era contrária à presença de mulheres em espaços de poder político ("[a female president] would become the most unfeminine, sexless, metaphysically inappropriate, and rationally revolting figure of all: a matriarch"). Ela entendia que a essência psicológica do feminino é venerar ["worship"] o masculino, desejar o domínio de um homem que a mereça. Tal ponto de vista é emulado de sua concepção sobre o papel natural de am-

⁹² Rand, 1968; o texto e o áudio da palestra estão disponíveis em: <https://courses.aynrand.org/works/of-living-death>

⁹³ Idem, *ibidem*.

bos (dominação e rendição) no ato sexual. Em seu romance *The Fountainhead*, o herói da trama Howard Roark chega a protagonizar uma cena de estupro da heroína Dominique Francon. O narrador onisciente confidencia que ela resiste, luta, tenta escapar, mas, ao final, sente-se satisfeita por haver realizado seu desejo.⁹⁴ O romance em questão foi levado ao cinema em 1949, e é ainda hoje aclamado pelos muitos fãs de Ayn Rand, dentre os quais o ex-presidente Donald Trump, que elenca o livro dentre seus favoritos.

"As far as the feminist movement is concerned, I am a male chauvinist, proudly"⁹⁵, provoca Ayn Rand ao comentar a bandeira pela liberação feminina. Conquanto afirmasse também que a mulher não é intelectualmente inferior, e que o homem não deve ter poder de tutela sobre ela, há em suas ideias uma normatização do desejo feminino como fundamento da dominância masculina no mundo político.

De volta ao arranjo que o MBL dá ao lugar da mulher, ouve-se frequentemente da militância e das lideranças do grupo que as mulheres podem estar onde quiserem, mas que a maioria delas não deseja estar na política, perspectiva que toma o *status quo* como expressão da natureza, e não da cultura cristalizada na tradição. Esse ponto de vista predomina nos círculos liberais-conservadores. A deputada federal e ex-integrante do MBL Caroline de Toni (PSL-SC), uma das fiéis apoiadoras do presidente Bolsonaro que rompeu com o MBL após o grupo assumir a oposição ao governo, apresentou, em agosto de 2020, um projeto de lei para acabar com a reserva de 30% a candidaturas de mulheres. O projeto de lei reitera a posição daquele partido, já antes publicizada na reação à denúncia de candidaturas laranjas na eleição de 2018: "Você tem que ir pela vocação, tá certo? Se os homens preferem mais política do que mulher,

⁹⁴ "It was an act that could be performed in tenderness, as a seal of love, or in contempt, as a symbol of humiliation and conquest. It could be the act of a lover or the act of a soldier violating an enemy woman. He did it as an act of scorn. Not as love, but as defilement. And this made her lie still and submit. One gesture of tenderness from him — and she would have remained cold, untouched by the thing done to her body. But the act of a master taking shameful, contemptuous possession of her was the kind of rapture she had wanted. (...) She knew that she would not take a bath. She knew that she wanted to keep the feeling of his body, the traces of his body on her, knowing also what such a desire implied." (Rand, 2005: 766; 769).

⁹⁵ A provocação, registrada no último discurso público que Ayn Rand proferiu (em 21 de novembro de 1981, em New Orleans), suscitou aplausos entusiasmados do público. O discurso está disponível em inúmeros canais libertarianos; cf., p. ex. (ver por volta de 43'45"): <https://www.youtube.com/watch?v=7XiBU8geK08>

paciência. (...) Ela [a mulher] prefere outras coisas, ver o Jornal Nacional e criticar, do que entrar pra vida partidária. Não é muito da mulher"⁹⁶, disse o então presidente do PSL, Luciano Bivar. O partido era, até meados de 2016, uma das preferências do MBL para acolher as candidaturas de seus quadros, mas a negociação malogrou.

Há uma evidente predominância masculina nos espaços de poder ocupados pelo grupo e no interior do grupo, o que não resulta de coincidências repetidas, mas da reprodução de uma estrutura social que oferece mecanismos diversos à dominação masculina e não abre mão do poder de decidir os papéis a serem desempenhados por mulheres. Preocupado com a imagem que a ausência de mulheres traria ao grupo, Renan Santos convida a atriz e estudante Francine Galbier a participar do MBL, ainda em 2017. Francine foi sendo alçada a espaços de destaque nas mídias do grupo e era orientada a atacar o movimento feminista, assim como Fernando Holiday, por ser negro, era apontado para atacar o movimento negro e as políticas de cotas. "Eu me arrependo de ter falado um dia algo contrário ao movimento feminista, de todos os vídeos que eu fiz (...). Recebi orientações do que era pra falar e, depois, percebi que fiz um papel ridículo", declara Francine após sua experiência de dois anos de participação e convivência com as principais lideranças do MBL: "não fazia sentido permanecer, principalmente em um ambiente extremamente machista."⁹⁷



Fonte: Instagram @mblive.
Acesso em junho de 2019

A agência feminina vem conquistando mais espaço no grupo, com merecido destaque aos anos da chamada "primavera feminista". Os grupos mais conservadores tendem a assumir papel de contramovimentos nesse cenário, mas não são de todo invulneráveis às mudanças de mentalidade que os tempos carregam. As inflexões da

⁹⁶Cf. a reportagem de Mattoso, Bragon & Suarez (2017) para a Folha, disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/02/partido-de-bolsonaro-criou-candidata-laranja-para-usar-verba-publica-de-r-400-mil.shtml>

⁹⁷ Em entrevista para matéria de Diego Toledo (2019), publicada no portal UOL, disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/11/11/mbl-fake-news-difamacao-ex-colaboradores-luciano-avan-roger-scar.htm>

pauta feminista dentro do MBL podem ser entendidas como parte desse processo. Há diversas mulheres profundamente engajadas que desempenham com afinco as tarefas do MBL. "Temos mais homens, porém as mulheres são muito trabalhadoras. São as meninas que fazem a revisão de card [meme] de texto, 'o que é que tão precisando?'. As meninas aqui são meu braço direito (...) são pessoas que se dedicam realmente." (Entrevista: E6).

O relativo protagonismo que algumas mulheres conseguem assumir junto ao grupo é reservado àquelas que, sem deixar de demonstrar combatividade, mostram-se atraentes e dinâmicas, papel que se confunde com a imagem que projetam, com o potencial de despertar desejo e admiração. Como analisa a socióloga A. Mears (2015), a beleza feminina, embora individual e própria a mulheres, é frequentemente manipulada como recurso masculino na finalidade de geração de status, lucro ou vantagens. O retrato feminino das ativistas de maior projeção no grupo tem um perfil preponderante: belas mulheres, de pele branca, longos cabelos estirados e corpo esbelto, vestidas em trajes sensuais e maquiagens; beleza esculpida diametralmente ao estereótipo da feminista de cabelos curtos e ao natural, roupas confortáveis etc. Se o MBL conseguiu confundir os estereótipos do direitista ao apresentar-se sob aparência despojada e deliberadamente relapsa (ou "transante" – ver seção 3.3), o mesmo não pode ser dito a respeito dos estereótipos femininos, a nos fiar pela imagem projetada pelas mulheres do grupo. Uma ativista do MBL dificilmente se camuflaria em meio a círculos feministas e de esquerda.

O *funk music* é um dos objetos culturais que merecem destaque por condensar os elementos que o MBL critica no feminismo. A rejeição da caricatura da mulher 'funkeira' sugere uma falsa sinonímia entre funk e feminismo, e a tática é empregada por ilustrar uma aparente contradição dos valores e discurso de mulheres feministas no que diz respeito à exibição do corpo feminino. "Os mesmos que criticam comerciais de cerveja com mulheres seminuas, exaltam vídeos de funk com mulheres seminuas. Vai entender...", diz a legenda de uma série de memes publicados no Instagram do MBL em dezembro de 2017.

O artifício parte de uma simplificação do problema da vontade e autonomia individual das mulheres. O feminismo conta com várias ramificações e divergências internas, mas costuma convergir na afirmação do valor intrínseco de toda mulher enquanto ser humano, e, conseqüentemente, na crítica ao uso de corpos femininos como produto de consumo direto ou indireto de relações capitalistas (a exemplo do histórico das práticas publicitárias de cervejas), cujos beneficiários são, via de regra, homens donos de capital. Uma outra frente da luta feminista se dedica à afirmação dos direitos sexuais das mulheres e combate aos mecanismos de censura em relação ao uso do próprio corpo, donde a valorização da sensualidade e do desejo femininos sob diversas formas, inclusive através do funk.



*Fonte: Instagram @mblivre
Referência à peça publicitária que comparou móveis a uma mulher. É ao clipe da cantora Anitta. Dez. 2017*

A crítica ao feminismo contemporâneo é um dos eixos de convergência no MBL, embora haja junto ao grupo um movimento mais recente de mulheres reivindicando um feminismo de direita⁹⁸ e buscando espaços de notabilização do ponto de vista feminino, o que ainda desperta resistência de muitos membros e seguidores. Tal é o caso do subgrupo *MBL Mulher*, formado em meados de 2020, diante da percepção de que era preciso "dar maior atenção ao nosso público feminino", pois "faltava oferecer um espaço onde elas [as mulheres] se sentissem mais à vontade, mais tranquilas para obter conhecimento e assim entrar no debate político"; o grupo propunha ser oferecer espaço, e "preparar essas pessoas para o debate."⁹⁹ O grupo vem pelejando para ser aceito internamente, diante de acusações internas de segregacionismo entre gêneros e de reproduzir as práticas da esquerda.

⁹⁸ Antes da emergência do grupo, Janaína Paschoal já havia se declarado publicamente uma feminista conservadora e de direita. A contradição entre conservadorismo de base patriarcal e feminismo revela a disputa de sentidos da bandeira feminista, bem como a modularidade de bandeiras de luta quando reduzidas a uma nomenclatura.

⁹⁹ Declaração em vídeo, publicada em 29 de maio de 2020, na página do Instagram @mblmulher. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CAyTyb6nqfc>

O embate político em torno da causa racial foi o foco de uma das arenas que deu mais visibilidade ao MBL. Também foi esse o embate que fez a fama do ativista Fernando Holiday ainda nos primeiros meses de vida do grupo.

Nascido na periferia de São Paulo e criado por família monoparental (o pai desapareceu após sair em viagem e a mãe o sustentou sozinha, enquanto trabalhava como auxiliar geral no Hospital Universitário da USP), Fernando da Silva Bispo (de 1996) é, declaradamente, negro, gay e pobre. De início, ele relutava em engajar-se no MBL, grupo que lhe parecia formado por um "bando de playboys" inconsequentes. Foi Renan Santos quem o recrutou em janeiro de 2015 após ter assistido a um vídeo artesanal na página de Paulo Batista, em que Fernando criticava o Movimento Passe Livre.

O codinome "de guerra" foi sugerido em referência à cantora de jazz Billie Holiday, também negra.¹⁰⁰ Fernando achava que o nome evocava uma *drag queen* e torceu o nariz, mas foi dissuadido pela insistência do mentor do grupo e sua sagacidade na confecção de bons personagens políticos. O carisma notório do doravante Holiday, somado aos seus talentos e atributos, fizeram dele um dos quadros que o MBL mais impulsionou em suas primeiras fases. Fernando Holiday surgiu como tal no Facebook em janeiro de 2015, e no mesmo dia postou um vídeo bem produzido com críticas mordazes e inflamadas à política de cotas. Não demorou até que o vídeo alcançasse mais de 40 mil visualizações e outros milhares de cliques interativos, entre curtidas, comentários e compartilhamentos.¹⁰¹ O vídeo era uma aposta midiática com base no faro de caça-talentos do MBL. "Passamos algum tempo preparando o roteiro, gravando e editando. O impacto de haver um negro falando contra as cotas raciais e se opondo à narrativa vitimista que as popularizava era muito grande. De certa forma, ter um dos 'oprimidos' negando a necessidade ou a razoabilidade das cotas era uma facada no coração da esquerda" (Santos e Kataguirí 2019: 126).

¹⁰⁰ Em entrevista, um dos ex-participantes do núcleo duro do MBL assevera que a inspiração do nome veio, na verdade, de Ryan Holiday, autor de livro que é referência para o MBL (Holiday, 2012), intitulado. *Trust Me, I'm Lying: Confessions of a Media Manipulator*.

¹⁰¹ Esse monitoramento foi feito por Eduardo Guimarães (2015) no Blog da Cidadania e verificado em nossa pesquisa. Disponível em: <https://blogdacidadania.com.br/2015/03/quem-inventou-fernando-holiday>

Holiday passou a ter sua imagem retratada em memes e vídeos como liderança continuadora da herança política do reverendo Martin Luther King Jr. (personagem disputado como ícone da direita, e não da esquerda) e do economista Thomas Sowell, que era negro e professor da famigerada Escola de Chicago. A condição racial e herança social do jovem ativista liberal-conservador lhe conferiram 'autoridade moral' e 'lugar de fala' ideais para que o MBL se gabaritasse ao confronto por deslegitimar campanhas e conquistas do campo progressista.

O método incluía contracampanhas de violação simbólica de ícones como Nelson Mandela e Zumbi dos Palmares, acusados de terrorismo e bandidagem, respectivamente. O foco das invec-tivas era a campanha de denúncia do racismo estrutural¹⁰² que permeia as relações sociais, e as políticas públicas de promoção de igualdade racial, notadamente, as cotas raciais. "Eu acredito que as cotas raciais, como o próprio autor Thomas Sowell diz muito, ela (sic) acaba reforçando o racismo. O que o governo está dizendo [através das cotas] é que eu, por ter um pouco a mais de melanina na pele, sou mais incapaz do que você, que tem menos melanina. Por ser negro, eu acabo me tornando um pouco mais burro e por isso eu preciso de uma ajuda, que são as cotas raciais. Eu realmente não acredito nisso."¹⁰³ Embora pareça convincente para alguns, o raciocínio derrapa flagrantemente na falácia conhecida como *straw man* – espantalho –, que consiste em atacar a distorção de um argumento. Nenhum defensor da política de cotas sustenta que o grau de melanina na pele guarda proporcionalidade com níveis de inteligência. Ao contrário disso, a fundamentação repousa no argumento de que, precisamente por terem as mesmas capacidades intelectuais das pessoas não negras, as persistentes taxas de exclusão econômica, social e cultural da população afrodescendente



Fonte: Facebook Movimento Brasil Livre, de 30 de janeiro de 2018.

¹⁰² Usamos aqui o conceito como definido por Silvio Almeida (2019).

¹⁰³ Entrevista a Tom Martins, publicada em outubro de 2015. O conteúdo da entrevista foi, em seguida, editado e replicado nas redes oficiais do MBL como expressão do posicionamento do grupo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=nlJ_St4tt7A (ver a partir de 10'35").

resultam da ineficiência de um sistema de organização social baseado no mito da meritocracia liberal.

Com o tempo, posto que o debate não cessa de atizar os ânimos do público (em especial, do público de direita), o MBL cuidava de aparar as arestas do discurso, e concentrava sua crítica, de um lado, na denúncia de um suposto "privilégio dos excluídos" de pele negra em detrimento de outros grupos excluídos, o que reitera a negação do conceito de racismo estrutural, e, de outro, na denúncia de um "racismo incremental" (suspeição da competência de todos os negros em postos qualificados). Entendo que esse último aspecto destaca o risco de um problema real, mas que não chega a suplantar os benefícios potenciais e os já auferidos pelo programa de cotas em universidades.

Além das críticas apontadas, o MBL se alinhou à perspectiva de que o passado escravista não configura uma dívida histórica frente à população afrodescendente, haja vista que os brasileiros do presente não assinaram contrato que lhes responsabilizem pelas ações do passado. Ademais, segue o argumento, como a ordem escravocrata responderia a processos de formação "espontâneos", resultantes de "configurações diversas", as injustiças do passado não deveriam ser reavaliadas no presente.

"É preciso tirar a pecha racista do Brasil, os problemas devem ser abordados de maneira construtiva. (...) Qual que é meu papel como negro na sociedade brasileira, sabendo que nós somos um país que saiu de um processo de escravidão, e de que o negro ainda tem, querendo ou não, inclusive os próprios negros enxergam ainda o negro como uma figura subalterna. Você vê um negro de terno no shopping, você vai achar que é o segurança do shopping. (...) Ainda hoje acontece isso. E é isso que o movimento negro chama de racismo, que eu acho que não é, eu acho que é uma mentalidade brasileira que precisa ser extirpada aos poucos, com educação, com o próprio negro se posicionando. (...) Tenta estabelecer um diálogo com a pessoa. (...) Seja o melhor que você puder em tudo o que você fizer, porque aí o racismo vai ficar para trás. A pessoa pode olhar para você meio assim, mas na hora que

você abrir a boca e começar a falar, acabou." (Paulo Cruz, professor convidado do MBL Cast #3¹⁰⁴)

Ao refletir sobre a questão racial no estado brasileiro de maior proporção populacional de negros, nosso entrevistado do MBL Bahia (que se declara branco), aposta na saída pelo empreendedorismo e pelo livre mercado:

"[Luiz] Tarquínio, aqui na Bahia, era um negro¹⁰⁵, filho de escravo, que virou um empreendedor, criou a filha, sem assistência do Estado. Então ele foi um dos primeiros empreendedores da Bahia, e foi filho de escravo, negro! Isso mostra que, quando tem trabalho efetivo, você consegue realizar. (...) Aqui na Bahia, pra você ter uma ideia, são três mil e quinhentas baianas de acarajé. Elas comemoraram que agora podem ter carteira assinada, CLT. Eu falei: 'gente, vocês não são empregadas, vocês são empreendedoras. Se você não vender o acarajé, você não bota dinheiro em casa. Você não tem que comemorar que você está com a carteira, você tem que comemorar a hora que você está vendendo acarajé, se tem outras pessoas da sua família que estão participando, que estão vendendo.' É um exemplo que eu quero te dar. Por isso que a gente precisa melhorar o linguajar dessas pessoas. 'Ah, eu sou comerciante, eu não sou empresário'. 'Não, você é empresário! É empreendedor! Você tá abrindo uma loja.'" (Entrevista: E7)

As estatísticas seguem desafiando as crenças. Segundo o IBGE, em 2019 o rendimento médio mensal das pessoas de cor branca foi 29,9% maior do que a média nacional, enquanto o das pessoas pardas e pretas foi, respectivamente, 25,5% e 29,9% inferior. Nesse mesmo ano, o rendimento dos homens foi 28,7% superior ao das mu-

¹⁰⁴ Publicado em 6 de maio de 2019. Disponível em: <https://soundcloud.com/mblivre/mbl-cast-3-movimento-negro?in=mblivre/sets/mbl-cast>

¹⁰⁵ Luis Tarquínio (1844-1903), foi um empresário, escritor e prefeito soteropolitano. É considerado pioneiro na introdução de direitos trabalhistas no país, muitos anos antes da aprovação da CLT pelo governo Vargas. Embora fosse filho de ex-escrava, suas características fenotípicas não permitem afirmar que ele era negro.

lheres.¹⁰⁶ A taxa de desocupação é um outro agravante da disparidade racial: pretos e pardos representam 63,9% da população desocupada.¹⁰⁷ Tais dados, somados a outras estatísticas oficiais, acusam um padrão de estreita mobilidade social da população negra, o que não se restringe às classes baixas, sendo mais fortemente estorvada na passagem da classe média para a classe alta.¹⁰⁸ Se considerarmos os resultados do IDH pela variável cor, veremos também que, em 2017 os negros tinham esperança de vida ao nascer cerca de 4% inferior aos brancos¹⁰⁹, sendo especialmente díspar a taxa de letalidade policial da população negra: apesar de compor cerca de 55% da população brasileira, os negros são 75,4% dos mortos.¹¹⁰

Os ativistas liberal-conservadores não são de todo ignorantes dessa realidade. Muitos acham que as estatísticas não são confiáveis; outros, que o racismo estrutural é um falso problema que será resolvido pelo livre mercado. Dentre esses, também alguns negros com conhecimento empírico de causa.

"Eu tomei um murro pelas costas de um policial quando era jovem. Eu, absolutamente indefeso. Não tava armado, já tinham me revistado, ele já tinha me mandado embora. Me deu um chute na bunda e falou 'vai embora!'. Quando eu falei 'tô indo', ele me deu um murro pelas costas e falou: 'só podia ser preto'. Então a polícia tem sim um comportamento, nesse sentido, racista, porque se você é negro ela te aborda de uma maneira diferente.

¹⁰⁶ PNAD contínua (2019), conforme divulgado pela Agência IBGE (2020), disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27594-pnad-continua-2019-rendimento-do-1-que-ganha-mais-equivale-a-33-7-vezes-o-da-metade-da-populacao-que-ganha-menos>

¹⁰⁷ PNAD contínua (2019) e PNAD contínua (abr.-jun. 2020).

¹⁰⁸ Ribeiro, Carlos Antonio Costa (2006). "Classe, raça e mobilidade social no Brasil". Dados, vol. 49, n. 4, pp. 833-873.

¹⁰⁹ Segundo o Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, em 2017, a esperança de vida ao nascer de pessoas brancas era de 76,62 anos, contra 73,69 de pessoas negras (Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, 2020; disponível em: <https://atlasbrasil.org.br>).

¹¹⁰ Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019: 62. Os autores tomam como referência para a composição da população brasileira dados de 2016, e usam o termo "negro" para englobar "pretos" e "pardos", na classificação do IBGE. Já os dados de letalidade policial referem-se a um universo de 7.952 registros de intervenções policiais que resultaram em morte entre 2017 e 2018. Os dados sustentam o fenômeno, pois a pesquisa não incluiu registros policiais da Bahia – estado brasileiro com maior proporção de negros –, que não enviou dados oficiais referentes ao período.

(...) Tende-se [na direita] a maquiagem o procedimento, o mau procedimento de determinados policiais. (...) Ela [a polícia] aprendeu a lidar com o negro como se ele fosse, de antemão, um marginal. Aí, depois que percebe que você não é, se você não fizer nada de errado, (...) se tiver dentro dessa caracterização [de traços informais] e for negro, aí pronto. Você tem que virar uma espécie de estátua até o sujeito se convencer que você não é o que ele tá imaginando que você seja, aí fica tudo bem. Isso quando ele não te manda embora tomando uma bicuda. (...) Dentro da viatura sempre tem o nervosinho (...), o cara que engatilha o revólver. Esse é o perigoso. (...) Se um negro entrar num shopping, ele ainda é seguido pela segurança. É assim que acontece. *Mas eu não acho que isso seja uma coisa que a gente pode chamar de racismo. É uma mentalidade brasileira que precisa mudar.*" (Paulo Cruz, professor convidado do MBL Cast #3 – grifo nosso.)

A receita oferecida como solução da questão racial se baseia em um mercado livre, no diálogo conscientizador e no reconhecimento de igualdade jurídica. "A igualdade jurídica já existe. Tá tudo certo. Ninguém deve nada pra ninguém." (Paulo Cruz, *idem*).¹¹¹ Os canais do MBL (mídias sociais, podcasts, Youtube etc.) exprimem os pontos de vista que unificam ideologicamente o grupo, ou seja, os temas que representam sua posição no confronto a grupos opositores. O espaço de real debate interno é limitado às nuances de um mesmo argumento, a exemplo do debate entre brutalismo *versus* gradualismo na implementação do projeto libertariano, ou se todo imposto deve ou não ser considerado um roubo. Em um episódio do podcast *Café com MBL*¹¹², que tratou da reserva de vaga para negros anunciada em 2020 pela empresária Luiza Trajano, dona da Magazine Luiza S/A, o mediador da conversa atua como contrapontista diante das críticas mordazes ao que os dois convidados brancos consideram ser racismo (anúncio de vaga de chefia para pessoas qualificadas de cor preta): "Não é uma

¹¹¹ O professor Paulo Cruz é convidado em todos os eventos principais do grupo por ser considerado um intelectual de referência, embora não seja ativista orgânico.

¹¹² Fonte : Podcast Café com MBL. "Magazine Luiza é RACISTA? | Com Mehero, Russo e Carlos", 21 de setembro de 2020. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6tHEMfSFNDkAHkqXRw5vQc?si=fee3bcfa809e44c9>

forma de combater o racismo você começar a normalizar pessoas de outras etnias em altos cargos de empresas? Hoje as pessoas não estão acostumadas a ver um negro como diretor, gerente, CEO. Se você começa a fazer esse tipo de ação, você acha que isso não ajudaria a normalizar pessoas de outras raças como chefes, como pessoas". Ele é então tripudiado por um dos "debatedores", e responde: "não, eu não penso isso, eu tô perguntando". "[Ele] faz o papel do professor, quando você incorpora o personagem... ele é um ator!", repetem, entre risos.

A defesa da liberdade nas decisões empresariais sai de cena quando negros ameaçam entrar em espaços de poder. Seja por estratégia de marketing ou por compromisso com a inclusão racial, uma empresa do setor privado (de gestão discricionária, portanto) não haveria de suscitar tamanho levante contra uma decisão interna, fossem seus críticos consistentes em relação aos preceitos liberais.

O MBL é formado por uma evidente predominância branca,¹¹³ embora venha contando com presença expressiva de militância formada por pretos e pardos, principalmente nos núcleos da região Norte-Nordeste. Nos quadros de liderança, essa presença é ainda irrisória. Um ex-coordenador negro, que era próximo do núcleo duro do movimento, conta-nos algumas das razões de sua defecção:

"Várias vezes [eu fui vítima de racismo dentro do MBL]. (...) Nesse meio da direita brasileira, algumas manifestações são naturalizadas. Como se você não tivesse direito de reclamar delas, ou cobram de você que você seja forte para aceitá-las. Quando na verdade, aqui já é uma divagação, mas quando na verdade o que existe é uma tentativa de se perpetuar papéis sociais. Então eu comecei a perceber isso. Pouco depois, eu já ambientado em certos debates, eu comecei a estabelecer relações: 'opa, isso aqui, eu não gostaria de admitir, mas essa fala do Silvío de Almeida, da

¹¹³ Também a base de apoiadores é de maioria branca. Nos anos de maior popularidade do grupo, durante a campanha pelo impeachment, pesquisa Datafolha com participantes do protesto de março de 2015 na avenida Paulista, convocados pelo MBL e Vem Pra Rua, mostrou que 69% se declararam brancos, 20% de cor parda e somente 5% de cor preta. Note-se que 47% da população do município se declara preta e parda e 48% dos paulistanos se identificam como brancos. Cf. DATAFOLHA, 2015a. Disponível: <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2015/03/1604284-47-foram-a-avenida-paulista-em-15-de-marco-protestar-contra-a-corrupcao.shtml>

Lélia Gonzales está correta'. Você começa a observar certos vícios da nossa classe média, que é racista, primitiva, reacionária, enfim. Você começa a ser confrontado com aquilo. Porque, na minha percepção, e eu ouvi isso de um amigo branco, por incrível que pareça, que nem é de esquerda. Ele falou assim pra mim: 'seus conflitos, suas indagações com a direita, é que você percebeu agora que o que essa direita quer é o negro domesticado'." (Entrevista: E18).

Em uma acusação de racismo que se tornou pública, o porta-voz do MBL-Belo Horizonte Thiago Dayrell Costa foi autuado em flagrante por injúria racial e vias de fato por haver chutado e xingado de "crioula" uma cozinheira vinte anos mais velha que ele, que tinha então 24 anos. Outros relatos indicavam que Thiago era reincidente em casos de racismo.¹¹⁴ Diante da repercussão, o MBL divulgou nota em defesa do correligionário, acusando perseguição política e injustiça contra Thiago, e ressaltando que ele seria expulso se as acusações fossem comprovadas. Casos de racismo explícito e anedotas de cunho racial são relevadas de formas opostas pelos ativistas do movimento. "As pessoas reclamam que os negros sofrem mais com desemprego do que os brancos. Na escravidão, não tinha um negro desempregado e eles ainda reclamavam", disse o comediante Léo Lins, despertando os risos da plateia que participava do 5º Congresso Nacional do MBL. Ao meu lado, um ativista com camisa do MBL, de pele branca, olha para o colega de pele negra e, entre risos, diz: "desculpa, mas eu achei engraçado". O homem negro permanecia sério e em silêncio.

Há uma frase atribuída à escritora Ayn Rand que diz: "A menor minoria é o indivíduo". A máxima se lê em camisetas confeccionadas pelo MBL, e sintetiza a resposta do movimento às demandas por inclusão democrática dos grupos minoritários. A hostilidade em relação a pautas identitárias perdura pelos primeiros anos do MBL. Embora já então contasse com diversos representantes de grupos socialmente minori-

¹¹⁴ Cf. matéria de Jornalistas Livres (2019), disponível em: <https://jornalistaslivres.org/bolsonarista-e-reincidente-em-casos-de-racismo>

tários e subalternos, o MBL forjou uma unidade que se reafirmava na oposição aos grupos esquerdistas e suas pautas, a exemplo da pauta pelos direitos LGBTQIA+.

As demandas por inclusão democrática da população LGBTQIA+ tornaram-se foco de um debate fortemente polarizado, sobretudo durante a campanha presidencial de 2018, a qual contou com a adesão do MBL à candidatura de Jair Bolsonaro. Ao participar do contramovimento em torno das questões de gênero e sexualidade, o MBL reforçou a campanha de deslegitimação que confundia direitos LGBTQIA+, "ideologia de gênero" e congêneres. Internamente, os ativistas gays do MBL passaram a formar subgrupos de convivência, sem a formalização de pautas específicas. As questões de gênero e sexualidade ainda suscitavam reações disruptivas e a inclusão de tal debate na agenda do movimento estava longe da ordem do dia, mas tampouco vivava alvo de disparadas, tal como ainda ocorre contra o movimento negro e contra o feminismo.

Após o rompimento formal com o governo Bolsonaro e a evasão da ala bolsonarista radical (cf. seção 3.5), os principais líderes do MBL passaram a acenar para os subgrupos que reclamavam mais atenção a suas demandas, inaugurando um movimento de disputa do sentido ideológico da bandeira LGBTQIA+.

"O MBL tem alguns desvios de rota que a gente achou por bem corrigir. Não é exato supor que a pauta LGBT é progressista. (...) Numa matriz de guerra fria, a gente pensa muito, quando se fala em esquerda, no marxismo. O marxismo começa por Marx dizendo que a homossexualidade é uma degeneração burguesa. A gente vê que a pauta já não é marxismo. A gente vê que a tradição da direita no pós-guerra ou se identifica com os governos militares e fascistas que a gente teve no pós-guerra, ou se identifica com o capitalismo norte-americano. E há de se ter em conta que, no triunfo da guerra fria, nos anos 80, tem um fenômeno que ocorre no mundo que é a Aids, conhecida como peste gay. A direita, influenciada por esse momento único da história, acaba relegando os gays. As alas de esquerda nos países democráticos (...) acabaram abraçando mais as causas LGBT." (Entrevista: E16).

Nesse traçado da gênese do movimento LGBTQIA+, o ativista entrevistado deixa em suspenso a explicação acerca de como entende a aderência da pauta inclusiva às esquerdas e não às direitas, haja vista que a conjuntura da epidemia de Aids – um dos fatores causais elencados – atingia ambas. Mecanismos de racionalização das crenças e justificação da conduta (Boltanski, 1991) fazem a conciliação entre empiria e dever-ser. O apego à crença de que o ultraliberalismo deveria atuar em defesa da liberdade LGBTQIA+ se sobrepõe à constatação de que os grupos que o representam atribuem à liberdade um caráter circunstancial e circunscrito.

Novas circunstâncias influenciaram as transformações por que o movimento passou. No contexto da guinada de oposição ao bolsonarismo, o MBL ensaiou um movimento mais ao centro político e inaugurou tanto o MBL Mulher, do qual falamos anteriormente, quanto o MBLGBT, esforço de síntese entre a pauta liberal e a pauta gay. A sigla foi encabeçada pelos ativistas F. Holiday e T. Pavinato.¹¹⁵

Assumidamente gay e ex-aspirante à batina católica, Pavinato fora convidado por Renan Santos, antigo colega da Faculdade de Direito de São Francisco (USP), a reintegrar o MBL e tocar o projeto do MBLGBT. Ele havia participado dos primeiros anos de formação, mas deixou o movimento em 2017 por discordância da sua aproximação com as bancadas da bala e da bíblia. "Voltei pro MBL em maio de 2019, quando o Movimento reconheceu os erros de rumo entre 2017-2019, e, neste ano criei o MBLGBT", declara em seu site pessoal.¹¹⁶ As conexões de sentido que ele tece entre a pauta LGBTQIA+ e a direita liberal se apoiam no paralelismo entre pessoas físicas (indivíduos) e pessoas jurídicas (empresas). Para ele, a defesa da liberdade não deve incidir apenas sobre a pessoa fictícia da empresa, mas também sobre as pessoas naturais. Desse modo, as pessoas devem ser livres para viverem sua sexualidade e fabricarem os próprios distintivos de gênero. "O liberalismo não comporta a ideia do liberal na economia e não nos costumes. Isso é uma invenção que o liberal consentiu pra ter um público maior do que ele teria." (Entrevista: E16).

¹¹⁵ Ambos acabaram se desligando o MBL – Holiday pelas razões que já apontamos e Pavinato pela causa da radicalização do MBL, chegando argumentar pela defensabilidade do voto no PT.

¹¹⁶ Fonte: <https://www.pavinatto.com/biografia> (acesso em dezembro de 2020). A página foi tirada do ar, mas seu conteúdo ainda está disponível em: <https://web.archive.org/web/20210403020143/https://www.pavinatto.com/biografia>

Já Fernando Holiday, que permanece religioso, evita desgastar a aliança liberal-conservadora em razão da luta pelos direitos da pessoa LGBTQIA+. Ele considera ser possível conciliar religião, conservadorismo e homossexualidade através da abstinência ou da discrição (não se render à "depravação", segundo suas palavras), sendo este o caminho que diz ter escolhido. "O fato de eu namorar outro homem é um pecado. O fato de eu ter um desejo constante por outra pessoa do mesmo sexo, mas não fazer isso, não é um pecado. É a única saída em estar na Igreja Católica e ser homossexual."¹¹⁷ Tempos depois, ele disse que seu último relacionamento fora com uma mulher, por motivo de carinho e admiração, mas que já estava buscando um relacionamento gay com a ajuda de aplicativos. Ao refletir sobre a condenação do Antigo Testamento à prática homossexual, ele recupera a dicotomia indivíduo *versus* coletividade, e diz crer que o julgamento final será de base individual e não coletiva, por perfil de pecadores.¹¹⁸

A forma como interagem as crenças, as perspectivas ideológicas e a percepção dos acontecimentos do mundo faz parte de um processo complexo que se reflete na transformação contínua dos próprios atores políticos e do grupo como um todo. Tal processo pode concorrer tanto para clivagens e defecções, quanto para adaptações e fortalecimento da unidade do grupo.

2.5 Estrutura organizativa

O MBL tem um tipo de liderança que se aproxima do que a literatura de movimentos sociais define como "empreendedorismo político" (Staggenborg, 2013). Empreendedores de movimentos sociais importam elementos-chave da racionalidade da administração empresarial para a estrutura organizativa do movimento. Há, no grupo, uma diretriz organizativa bem designada e uma valorização de papéis hierárquicos atribuídos por reconhecimento (os "pioneiros"), talento (as "revelações"), estratégia (os "mediadores") e dedicação (a "base"). Essa mesma pirâmide organizativa indica a

¹¹⁷ Em entrevista a Danilo Thomaz (2018) para a *Época*, disponível em: <https://epoca.globo.com/politica/noticia/2018/06/gays-de-direita.html>

¹¹⁸ Entrevista de Fernando Holiday por Marcelo Bonfá em 9 de maio de 2019, disponível em (ver a partir de 8'25"): <https://www.youtube.com/watch?v=7J6j7PcKmfw>

direção dos vetores de interação e dinâmicas de sociabilidade que tendem a se padronizar no grupo.

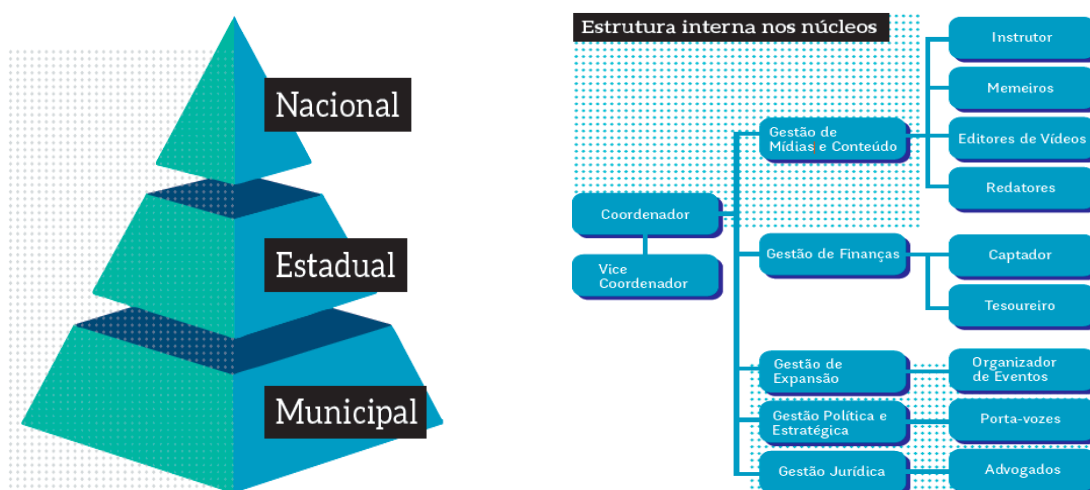
Não obstante a informalidade das interações (o que vai se revertendo com o tempo – cf. seção 4.4), a estrutura organizativa do Movimento Brasil Livre se assemelha à de uma empresa. O grupo já foi caracterizado como uma "*start-up* familiar" (Vrydagh, 2020)¹¹⁹, o que vai ao encontro da modelagem analítica oferecida pela Teoria de Mobilização de Recursos, que observa a semelhança entre organizações e associações ativistas. Em estudo de caso, S. Staggenborg argumenta que os líderes de movimentos profissionalizados tendem a formalizar suas organizações, o que contribui para sua manutenção em momentos de dificuldade; argumenta, ainda, que movimentos formalizados facilitam a costura de coalisões e estimulam o ativismo institucional (Staggenborg, 1988: 585). As conclusões da autora jogam luz também sobre o caso do MBL, que empreende diferentes projetos de formalização, ora como OSCIP, ora como partido (cf. seção 4.3).

A se fiar na estimativa dos organizadores, o MBL apresentava em 2017 um quadro com mais de 200 coordenadores em cerca de 400 cidades brasileiras, e dispunha de um detalhado conteúdo programático. O esforço de ramificação em núcleos e coordenações regionais começou a desenvolver-se durante a organização dos protestos nacionais pelo impeachment (cf. seção 3.2). Diferentemente da organização horizontalista dos "movimentos iniciadores [early birds]" (McAdam, 1995) do ciclo de protestos em 2013 (o MPL, principalmente), o Movimento Brasil Livre apresenta, desde o início da formação do grupo, uma estrutura organizativa muito racionalizada (primeiro por desempenho, depois por perfis psicológicos)¹²⁰ e hierarquizada. Earl e

¹¹⁹ A caracterização de F. Vrydagh (2020) assimila a da reportagem de Rita Azevedo, cf.: <https://exame.com/brasil/conheca-o-mbl-a-startup-que-surgiu-para-fazer-protestos>

¹²⁰ Em atividades internas (oficinas durante cada Congresso Nacional) e em publicações temporárias (*stories* do Facebook), o MBL passou a aplicar um questionário a fim de estratificar o perfil psicológico e ideológico de seus membros e seguidores. Um dos questionários aplicados em fevereiro de 2020 trazia as questões, assim apresentadas: "*privatizações? casamento gay? legalização de drogas leves? Bolsonaro? Paulo Guedes? Lava jato: total apoio ou com ressalvas? confia na imprensa? MBL deve ser partido? Caso Mari Ferrer: vítima ou fake? Carrefour foi racismo? tomaria vacina? deveria ser obrigatória? direita ou centro? liberal ou conservador? estabilidade ou risco? se importa mais com sua família ou com sua independência?*" Mais tarde, os coordenadores nacionais Ricardo Almeida e Ian Garcez elaboraram um teste de personalidade visando medir lealdade, carisma, habilidades e sensibilidade sociais, aplicado a todos os alunos da Academia MBL. (cf. Anexo IV).

Schussman (2003) apontam a tendência de declínio da importância dos associados e aumento da discricionariedade na tomada de decisão dos "movimentos empreendedores" (Staggenborg, 2013). Essa correspondência se verifica junto ao MBL. Há, ainda, uma distribuição simbólica de prestígio por reconhecimento ("os pioneiros"), talento ("as revelações"), estratégia (os "brokers" ou articuladores) e dedicação ("a base"). Tais atribuições se combinam às posições no seio da hierarquia piramidal das coordenações municipal, estadual e nacional (esta última sediada em São Paulo – SP, inicialmente em um imóvel na Vila Mariana e, depois, no conjunto empresarial America Business Park, no Morumbi).



Fonte: Reprodução, Manual dos Filiados do MBL

É difícil precisar a real dimensão do MBL porque, além do processo de recomposição sucessiva do quadro de ativistas (cf. seção 3.5), sua influência se mistura ao fenômeno do ativismo no mundo digital, também de difícil mapeamento. O trabalho de C. Lerner (2019) rastreou as ramificações das redes de direita no Facebook, demonstrando o alcance e a capilaridade de grupos como o MBL. À parte o quadro de membros ativos, o grupo costuma ressaltar o número de seguidores e de interações (curtidas, comentários e compartilhamentos) como demonstração do estofamento de sua base, apesar da variabilidade de tais dados. As ramificações do MBL nas teias da internet podem tanto superdimensionar como camuflar sua real dimensão. Nos primeiros anos após o surgimento, as páginas oficiais do movimento apresentavam número de interações inferior ao de grupos como o Vem Pra Rua ou Revoltados Online, mas sua articulação vinha se dando em diferentes plagas virtuais. Foi revelado que o gru-

po se utilizava do aplicativo Voxer para compartilhar suas publicações automaticamente nas páginas de seus seguidores de Facebook. "O grupo enviou uma mensagem direta aos fãs de sua página pedindo ajuda para aumentar o alcance das publicações do movimento. Aqueles usuários que clicaram no botão, autorizaram [inadvertidamente] o MBL a publicar até duas postagens por dia em seu perfil na rede social", revelou reportagem da Agência Pública.¹²¹

O trabalho de jornalistas revelou também que o MBL comprava, financiava ou dirigia anonimamente diferentes páginas ou blogs que propagavam notícias falsas.¹²² As páginas atuavam como metralhadoras giratórias, especializadas em atacar alvos e inimigos, valendo-se de desqualificação moral e manobras falaciosas. Conteúdos difamatórios eram encomendados contra o alvo do momento, e o MBL compartilhava o conteúdo em suas redes sociais. O disfarce na autoria do conteúdo republicado permitia terceirizar eventuais críticas e punições, facultando um argumento para a exumação de responsabilidades e consequências danosas. Foi assim, por exemplo, que o MBL se defendeu após haver republicado, em março de 2018, notícias falsas veiculadas num site parceiro ("Ceticismo Político", administrado por Luciano Ayan) que acusavam a recém-assassinada vereadora Marielle Franco (PSOL) de ter ligação com facções milicianas.

Ainda em 2015, o então deputado Jean Wyllys (PSOL) convocara o MBL para depor na CPI dos crimes cibernéticos que fora então instaurada no Congresso. O advogado Rubens Nunes conseguiu verter a convocação em convite e compareceu no lugar de Kim Kataguiri (que estava participando da mobilização pelo impeachment). Outros deputados considerados amigos do MBL compareceram, a pedido de Rubens, para dar apoio durante a sessão, são eles: Sóstenes Cavalcante, Marco Feliciano e Jair Bolsonaro. Durante as sessões da comissão, o deputado psolista afirmou, dentre outras coisas, ter sido caluniado através de postagens do MBL que diziam que ele havia declarado ter nojo dos cristãos e tramado a morte de um músico que lhe dirigia críti-

¹²¹ Reportagem de Natalia Viana (2015), disponível em: <https://apublica.org/2015/06/a-direita-abraca-a-rede>

¹²² Ver, por exemplo, reportagem de Gabriel Cariello e Marco Grillo (2018), disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/mbi-usa-aplicativo-irregular-para-compartilhar-conteudo-no-facebook-22540709>

cas. "Rubens Nunes respondeu que os vídeos citados pelo deputado não foram feitos pelo MBL e que o movimento não endossa tais declarações", embora houvesse republicado os vídeos, como informou a Agência Câmara de Notícias.¹²³ O MBL saiu incólume do episódio¹²⁴, e só veio a moderar tais práticas anos mais tarde, primeiro com o bloqueio das contas de Facebook em julho de 2018¹²⁵, e mais expressivamente na fase de realinhamento (cf. seção 3.5), após o rompimento com o bolsonarismo e o movimento de recomposição do grupo.

Em seu estatuto o MBL evoca os seguintes princípios: "Liberdade e responsabilidade; Paz e proteção a direitos individuais; Livre iniciativa e empreendedorismo; Incentivo ao trabalho e respeito à propriedade privada; Igualdade perante a lei; Democracia."¹²⁶

2.5.1 Entre amigos

"Somos uma fraternidade, e a defesa de nosso ideário, bem como a mútua cooperação, farão a diferença neste jogo político."¹²⁷ Assim apresenta-se o MBL em seu

¹²³Cf. reportagem de Luiz Gustavo Xavier (2015) para a Agência Câmara de Notícias. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/473538-movimento-brasil-livre-acusa-cpi-de-perseguiacao-politica-deputado-contesta>

¹²⁴ A Comissão Parlamentar de Inquérito foi concluída em maio de 2016 com parecer que recomendava a aprovação de projetos de lei de regulação restritiva de conteúdos nefastos ou criminosos na internet. Cf. o Relatório Final da CPI Crimes Cibernéticos, publicado em 4 de maio de 2016; disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-temporarias/parlamentar-de-inquerito/55a-legislatura/cpi-crimes-ciberneticos>

¹²⁵ O Facebook bloqueou sumariamente várias contas de usuários da plataforma no Brasil, a grande maioria delas ligadas a grupos de direita e extrema-direita. Mark Zuckerberg, CEO da empresa, passou a ser incluído na lista de inimigos do grupo. O comunicado do Facebook dizia: "Nós determinamos que você não está qualificado para usar o Facebook. Esta decisão é final. Infelizmente, por motivo de segurança, não podemos fornecer informações adicionais sobre o motivo da desativação desta conta. Para saber mais sobre nossas políticas, visite Termos do Facebook." A medida se deu após o escândalo de envolvimento da empresa de consultoria política Cambridge Analytica na utilização de dados privados dos usuários do Facebook. Os dados auxiliaram práticas de manipulação camuflada durante o referendo do Brexit e nas eleições estadunidenses que resultaram na vitória de Donald Trump, ambos em 2016. Sobre o caso, cf. a reportagem de Carole Cadwalladr e Emma Graham-Harrison (2018) para o *The Guardian*, disponível em: <https://www.theguardian.com/news/2018/mar/17/cambridge-analytica-facebook-influence-us-election>

¹²⁶ Estatuto do MBL, 2015.

¹²⁷ Manual de Filiais do MBL, 2015: 25.

Manual de Filiais. Tendo surgido a partir de relações de amizade pregressa, o MBL baseia parte expressiva de sua organização interna em relações de amizade. E de inimizade: "Militar no MBL é assim: no primeiro dia que você começa a militar, você já começa a ter resultado, já começa a ter grandes amigos, e, principalmente, grandes inimigos, que é o que importa (risos)", diz Renan Santos em entrevista a Rodrigo Constantino.¹²⁸ Um dos entrevistados nos conta que, após manifestar ideias de direita e engajar-se ao MBL, foi sentindo o distanciamento de várias pessoas de seu convívio, sem exceção da própria filha. "Hoje eu sou muito só e, sinceramente, muito infeliz!", desabafa, mas logo acrescenta: "eu também fiz muitos amigos no MBL." (Entrevista: E6). O discurso oficial de recrutamento do MBL sugere experiências como essa:

"Amizades serão perdidas, noites deixarão de ser dormidas e não serão poucos os que aconselharão aos novos líderes o afastamento deste mundo 'pérfido' e 'sujo'. A decisão, bem como suas consequências, é individual, e envolverá renúncias. Porém, o prazer de transformar a triste realidade do país far-se-á superior naqueles que enxergam mais longe. A luta por ideias e valores é sempre um mote que vale a pena pelear." (Manual de Filiais do MBL, 2015: 25).

Além de visar a promover uma "fusão identitária"¹²⁹ (Newson, 2019) dos membros perante o grupo, a mensagem exibe um apelo místico de inspiração cristã.¹³⁰ Ao consolidar-se enquanto grupo, o MBL reproduz práticas de diferenciação social e passa a também funcionar como uma confraria. Com notável frequência, coordenadores repetem a expressão "a família MBL", que é ecoada por membros e fãs. "Eu gosto de tomar uma, mas eu respiro MBL...", escreve um dos ativistas na apresentação de seu perfil de Instagram.¹³¹

¹²⁸ Publicada em 12 de abril de 2019, em: https://www.youtube.com/watch?v=ES_HLHxYIUM

¹²⁹ O conceito de "fusão identitária" é definido como "an extreme form of social bonding implicated in personally costly pro-group behaviours." (Newson, 2019: 431.)

¹³⁰ "Todos aqueles que tiverem deixado casas, irmãos, irmãs, pai, mãe, filhos ou terras por causa do meu Nome, receberão cem vezes mais e herdarão a vida eterna", lê-se no Evangelho segundo Mateus 19:29.

¹³¹ Fonte: Perfil Instagram de Fernando Lopes (de 1998), de Sorocaba (acesso em novembro de 2019; conta desativada).

Os vínculos afetivos que se estabelecem no processo de "mobilizações e recreações político-identitárias" (Martuccelli & Svampa, 1997) se traduzem em fator de coesão e geração de lealdades. A percepção dos atores acerca do próprio status junto ao grupo e as demonstrações de reconhecimento, estima e apreço entre os pares influenciam enormemente o tipo de engajamento dos ativistas, podendo fazer as vezes de uma retribuição material pelo esforço ou fidelizar a contribuição de um operador contratado. Rafael Rizzo (de 1992) – o "gênio das redes", nas palavras de Renan – e Arthur França estavam entre os primeiros contratados do MBL para administrar as redes do grupo e criar memes. Eles diziam não se dar conta das 12 horas diárias de trabalho no escritório do grupo. "Me divirto da hora que chego até a hora que saio", disse Arthur França¹³². Ou ainda:

"A gente virava a noite montando estratégia, aquele brainstorming direto, ideia pra meme pro Rizzo. Meme, meme, meme. A gente trabalhava o imaginário das pessoas 24 horas por dia. Então aquilo ali era o ano inteiro... Eu tava de alma e coração no negócio, botei tudo do meu bolso (...). Eu tenho um monte de roupa do MBL, eu comprei todas, nunca ganhei nenhuma (...), ninguém ganhava. Todo mundo tinha que ajudar a causa." (Entrevista: E17)

O engajamento dos ativistas é fortemente dependente dos vínculos afetivos entre pares nas fases de formação e estabelecimento do grupo. Porém, diante do desafio de gestão do movimento em seu conjunto (recursos, militância, objetivos etc.), tais vínculos podem ser descurados à medida que o movimento se expande. Um dos entrevistados conta que saiu do MBL porque um dia sofreu um acidente de carro e não recebeu a solidariedade que esperava do grupo.

"Os caras visualizaram a mensagem que mandei na hora do acidente, às 2h da manhã, mas não responderam nada, nem pra perguntar se eu tava bem. No dia seguinte, o Pedro pergunta se eu não vou pra o escritório. Então sempre foi uma relação meio escrota. Depois disso eu decidi que ia resolver minhas coisas e

¹³² Em entrevista a Luiza Albuquerque (2017b), para matéria publicada na Folha, em 30 de agosto de 2017. Disponível em: <http://folha.com/no1914163>

não ia voltar pro escritório. Mas não saí brigado de lá e mantive contato com os caras. Depois, parei de acompanhar política em 2019." (Entrevista: E19)

A economia afetiva obedece a uma lógica menos racionalizável e mais difícil de equalizar. Com o tempo e conforme evoluíram as prioridades do grupo, muitos afetos se misturaram a interesses, e parte dos ativistas (os mais veteranos, principalmente) modularam o tipo de engajamento sob uma lógica mais pragmática (cf. seção 4.4).

2.6 Finanças e demais recursos

"Todo trabalho do MBL é voluntário. Ninguém ganha nada. As pessoas estão porque acreditam no ideal, acreditam no que a gente faz, acreditam naquilo ali." (Entrevista: E6)

"Eu nunca ganhei nada. Quando vi a folha de pagamento de alguns, fiquei muito puto." (Entrevista: E17)

"Eles pagavam pra todo mundo que colaborava. (...) Eu recebia, dependia muito da produção de texto, eu recebia uns R\$1.200, R\$1.500, às vezes até um pouquinho mais." (Entrevista: E10)

Os recursos financeiros do MBL foram objeto de muita especulação – e, mais recentemente, de investigação criminal.¹³³ Nem os próprios coordenadores regionais do MBL conhecem todas as origens, fluxos e dimensão das finanças do grupo, além de ignorarem as remunerações recebidas por alguns ativistas. Os meandros dessas contas fogem do escopo e competência deste trabalho, mas algumas revelações e evidências denotam transações de interesse sociológico, conforme apresentamos a seguir.

Em razão das pessoas que fizeram a interseção entre o grupo Estudantes Pela Liberdade [EPL] e o que veio a se tornar o MBL (cf. seção 2.2), difundiu-se a suspeita de que o MBL seria financiado pelos irmãos Charles e David Koch, dos EUA. A

¹³³ Cf. a reportagem de Luiz Vassallo e Marcelo Godoy (2022) para o Estadão, disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,ministerio-publico-amplia-investigacao-contralider-do-mbl-por-suspeita-de-lavagem-de-dinheiro,70004006552>

instituição que inspirou a EPL, a Students For Liberty estadunidense (SFL), é um dos grupos que receberam apoio da rede de financiamento de iniciativas conservadoras e libertarianas criada pelos dois magnatas petroleiros. Ambas as legislações brasileiras e estadunidense proíbem a utilização de dinheiro americano em atividades políticas no Brasil. Alguns veículos de mídia alternativa¹³⁴ aventaram que a ideia da nova marca MBL seria uma forma de contornar o problema. O suposto fluxo financeiro nunca foi comprovado por entidade competente e os rumores de financiamento estrangeiro seguem sendo rumores.

Os membros do MBL costumam fazer chacota do enredo. "Irmãos Koch" passa a denominar a segunda categoria de contribuição mensal que o site da organização recolhe de doadores de varejo, com valores de R\$30 a R\$1.000 subdivididos em outras categorias que foram sendo renomeadas com o tempo: "agente da CIA", "mão invisível", "exterminador de pelegos", "rolo compressor", "imperialista yankee", "privatiza tudo", "I'm the 1%". As modalidades de captação de recursos também variam a cada núcleo. Além das doações dos filiados, são promovidas rifas de livros autografados, venda de artigos com a logomarca, vaquinhas virtuais e mesmo capitalização da fama das estrelas do grupo através da venda de ingressos para jantar com Kataguiri, Holiday ou Arthur do Val.

Alguns ativistas do MBL enxergam uma virtude nessa variação, como vemos nesta fala: "A gente tem nacionalmente uma ajuda muito grande das pessoas da nacional. O MBL é o único movimento que te ensina a pescar, ele não dá o peixe. Eles ensinam como fazer captação de recursos." (Entrevista: E5). Os novos filiados recebem treinamentos e cursos semanais; antes deles, também Kim, Renan e outros participaram de oficinas de formação no Atlas Network – um *thinks tanks* liberais – nos Estados Unidos. O aprendizado de estratégias de captação de recursos é uma das frentes de treinamento nos ativistas.

É incerto o volume da contribuição financeira que o MBL recebe de filiados. Em alguns núcleos, entrevistados relataram haver um aporte regular da parte dos

¹³⁴ Cf. as matérias de Antonio Carlos (2015), veiculada na Revista Fórum, e de Marina Amaral (2015) para a Agência Pública, disponíveis, respectivamente, em: <https://revistaforum.com.br/politica/2015/3/12/quem-esta-por-tras-do-protesto-pro-impeachment-11794.html> e <https://apublica.org/2015/06/a-nova-roupa-da-direita>

militantes, mas que era considerado irrisório frente às despesas operacionais das atividades. Uma das lideranças entrevistadas, que coordena cerca de 76 pessoas em diferentes núcleos da regional baiana, contou das dificuldades de caixa que enfrentava:

"Estou tentando manter uma conta corrente de contribuição da seguinte maneira: no mínimo dez reais por mês. Porque é um valor acessível pra todo mundo. Para a gente poder fazer as ações. (...) Tiro tudo do meu bolso o tempo todo. É gasolina, é panfleto... Algumas pessoas doam, mas ninguém é obrigado a doar. Se tiver dez pessoas doando, tem muito. (...) Eu não tenho nenhum tipo de ajuda de empresários, de político. Cada um paga a sua passagem [para os Congressos Nacionais]. Infelizmente, os núcleos não têm condição de arcar." (Entrevista: E6).

Um outro núcleo, que estava ainda em fase de estruturação, exibia melhor desempenho financeiro. Por contar com a simpatia de empresários locais e com devotado trabalho da coordenação regional, o núcleo de Roraima¹³⁵ conseguia arrecadar doações empresariais suficientes para arcar com despesas variadas, inclusive passagem

¹³⁵ O estado de Roraima destaca-se pelo apoio consistente a ideias de direita e pela ampla rejeição aos partidos de esquerda desde, pelo menos, meados dos anos dez, sendo o único estado do Norte-Nordeste onde o PT perdeu a reeleição de Lula já em 2006 e também aquele no qual Bolsonaro obteve a segunda maior votação nacional por habitante no primeiro turno, só atrás de Santa Catarina (fontes: TSE, resultado oficial das eleições de 2006, disponível em: <https://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-2006/candidaturas-e-resultados/resultado-das-eleicoes-2006>; para o comparativo, cf. a reportagem de Emily Costa (2018) para o G1, disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/eleicoes/2018/noticia/2018/10/08/bolsonaro-vence-o-1o-turno-em-13-dos-15-municipios-de-rr-haddad-em-2.ghtml>). A rejeição aos representantes da esquerda costuma ser atribuída a decisões políticas que afetaram grupos de interesse local. A saber, as decisões em torno dos contingentes de imigrantes venezuelanos e as consequências da atual crise migratória; a proibição do garimpo em terras indígenas, já no governo Collor (então PRN), mas aprovada por congressistas de partidos de esquerda; e a demarcação contínua da Terra Indígena Raposa Serra do Sol, em 2008, a despeito do lobby dos fazendeiros locais. "Porque aqui a marcação sempre foi de ilhas da reserva indígena, e aí você tinha um espaço entre essas ilhas que era de total uso dos agricultores, os principais agricultores daqui. Pra você ter uma ideia, logo no primeiro ano após a aprovação da Raposa Serra do Sol, o nosso PIB desceu 15%. Foi um baque econômico muito grande. A gente entende sim que existe essa questão do uso da terra indígena, mas deveria haver uma conciliação maior. As terras que os agricultores receberam tinham um valor muito menor, entendeu? As indenizações foram horríveis. Tinha agricultor com terra valendo mais de 1 milhão que recebeu terreno no valor de 60 mil reais. Então isso acabou gerando um baque econômico muito grande e isso fez com que o estado hoje criasse uma aversão ainda maior aos partidos de esquerda". (Entrevista: E5).

aérea e diárias de hotel para a viabilizar a participação do coordenador nos encontros nacionais, em São Paulo.

"Tem camiseta que você pode vender, buscar patrocínio com os empresários locais. (...) O que funciona melhor aqui principalmente é ajuda empresarial. Aqui a gente tem uma relação muito clara, os empresários têm uma noção muito clara de que é só a política que vai mudar o estado. Então eles investem mesmo. Tanto que hoje, o governador [Antonio Denarium (PSL)], ele foi eleito pelo empresariado local, é um governador que vem do empresariado. Então aqui, essa questão da empresa participar da política é muito mais comum do que em outros estados. (...) Aqui as empresas participam mesmo porque a política é muito vital. 80% do PIB é administração pública, então, se a administração pública for mal, todo mundo perde." (Entrevista: E5)

As parcerias com empresários se replicam em várias frentes de atuação do grupo, especialmente a institucional. O caso de João Doria (PSDB) é um dos mais exemplares: "Vocês representam a melhor razão da existência do país, do país de bem, das pessoas de bem", bradava o então prefeito a uma plateia lotada majoritariamente por jovens durante o 3º Congresso Nacional, em 2017. Após eleito, Doria tornou-se um importante aliado, e os membros do MBL passaram a ocupar vários cargos comissionados da administração municipal, a influenciar instâncias decisórias e a frequentar espaços VIP em eventos da prefeitura (cf. seção 4.3).

Em pouco tempo, o MBL ampliou seu portfólio de opulentos e influentes apoiadores. O grupo conseguiu editar o quadro de apresentadores do programa Pânico da rádio Jovem Pan, provocando demissão de detratores, apontando nomes amigos¹³⁶ e, com isso, ganhando audiência francamente simpática às agendas do grupo. Seus membros viajavam de carona em jatinhos particulares de empresários. Nomes importantes de espaços diversos de poder participaram de eventos do MBL sem cobrar cachê, por relação de mutualismo.

¹³⁶ Segundo matéria de Paulo Victor Ribeiro e Leandro Demori (2020), disponível em: <https://theintercept.com/2020/09/28/mamae-falei-mbl-crime-jovem-pan-panico>

Reportagem da Revista Piauí mostrou uma das táticas do grupo para arrecadar dinheiro e milhas através de grupos de WhatsApp.¹³⁷ Segundo as lideranças do grupo (Kataguiri & Santos, 2019), "doações muito expressivas" passaram a chegar conforme as manifestações pelo impeachment foram ganhando vulto. Os ganhos eram também indiretos:

"Eu me lembro bem daquela manifestação do dia 17, que foi a derrubada da Dilma lá na Câmara, que teve o voto do Bruno Araújo, e aí eu me lembro que, depois da manifestação (...), a gente foi comer no Habbib's. Tava eu, o Pedro, todo o pessoal que é da coordenação, e os caras loucos ali, vendo que com a derrubada da Dilma, ações e tudo mais estavam bombando naquele momento. Então eles iam passando aquilo lá pra criptoativos e tal." (Entrevista: E19)

Nascidos no ninho de teias da internet, o MBL concentra muito de sua atividade em espaços virtuais, e a estratégia não é diferente em relação a suas finanças. Além da monetização em plataformas digitais do conteúdo produzido (site de notícias, canal de Youtube, página de Facebook etc.), foi revelado pela Tecmundo¹³⁸, veículo de mídia alternativa especializado em tecnologia, e reiterado na entrevista a seguir, que o MBL se valia de blogs heterônomos para minerar criptoativos.

"Na época do Jornal Livre, que – a gente deve lembrar – era capitaneado pelo [Luciano] Ayan, dentro do escritório do MBL, todos os *frames* eram feitos por ele – eles instalaram na época um *script* chamado *Coinhive*, que basicamente fazia a mineração de criptoativos utilizando o processamento dos computadores dos visitantes sem avisá-los. Inclusive saiu uma matéria no Tecmundo falando sobre isso. Eles retiraram o *script* e não comentaram mais nada em seguida. (...) Eles usavam o processamento dos computadores dos visitantes pra fazer criptomoeda, pra minerar

¹³⁷ Bruno Abbud (2017), disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/o-grupo-da-mao-invisivel>

¹³⁸ Matéria de Felipe Payão (2017), disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/seguranca/122891-jornalivre-site-simpatizante-mbl-minerando-criptomoedas-pc.htm>

criptomoeda, sem avisar os visitantes. Você basicamente deixa lá o seu computador fazendo milhares de contas e o negócio vai minerando.¹³⁹ (...) Só que aí, eles colocaram o *script* do Coinhive no Jornalivre e eles usavam o processamento dos computadores dos visitantes. Enquanto você estava acessando o site, ficava tudo lento, travava tudo. Daí um monte de gente começou a reclamar que o site estava uma porcaria, e aí saiu a notícia no Tecmundo. Só que os caras não associavam, o MBL sempre negou que o site fosse deles. (...) O site do MBL News, aquele site de notícias deles, já estava monetizando legal por meio do 'Instant Articles'. Porque o Google Ads não tava mais pagando tanto na época e eles começaram a usar o Instant Articles." (Entrevista: E19)

A "saúde financeira" da empresa MBL, que corresponde às movimentações geridas pela coordenação nacional, difere muito da condição dos núcleos regionais, os quais, por sua vez, diferem entre si. As doações pelo site e as vendas da loja Movimento Brasil Livre têm como destino a pessoa jurídica Movimento Renovação Liberal (CNPJ 22.779.685/0001-59), de nome fantasia Renovação Liberal, cujo presidente mais recente e único sócio do quadro de administradores é Alexandre Henrique Ferreira dos Santos, conhecido como Alê Salsicha. Sua atividade econômica principal é descrita pela categoria "serviços de organização de feiras, congressos, exposições e festas", e a abertura da empresa data de 23 de março de 2015, oito meses antes da fundação oficial do MBL. A divergência de datas reflete tentativas e insucessos de iniciativas pretéritas. Na referida data, constava como presidente do Renovação Liberal a irmã caçula da família Santos, Stephanie Liporacci Ferreira dos Santos, a qual mora há anos na Alemanha. Antes, em julho de 2014, o estatuto do Renovação Liberal foi registrado em cartório na qualidade de OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público), ou seja, sem fins lucrativos, com a prerrogativa de oferecer abati-

¹³⁹ Moedas digitais, ou criptomoedas, são geradas quando computadores de alta potência competem com outras máquinas para resolver problemas matemáticos complexos dentro de um intervalo máximo pré-determinado, processo conhecido como mineração. Quanto maior a quantidade de máquinas concorrentes aplicadas na mineração de uma moeda, mais difícil torna-se a solução do desafio, o que demanda maior velocidade de processamento. A mineração bem-sucedida de criptomoedas depende, portanto, da capacidade de processamento dos computadores e, conseqüentemente, de altíssimo consumo de energia elétrica.

mento no imposto de renda dos doadores, dentre outros benefícios. As informações são compiladas em reportagem do jornal El País Brasil¹⁴⁰, que também revelou que o Movimento Renovação Liberal, no entanto, não constava no cadastro nacional de OSCIP do Ministério da Justiça.

Sobre a relação entre o Movimento Brasil Livre e o Movimento Renovação Liberal, Renan e demais dirigentes apresentam versões um pouco diferentes em conjunturas diferentes:

"O Movimento Renovação Liberal [MRL] não é uma empresa, mas sim uma Associação Civil sem fins lucrativos. A relação entre o MRL e o MBL precisa ser compreendida a partir da natureza jurídica de cada um deles. Não se deve confundir um com o outro. O MBL é uma associação de fato, que congrega milhares de indivíduos de diversas localidades do país identificados com causas de natureza política, social e econômica. Para não perder sua essência de movimento cívico compreendido como reunião espontânea de pessoas, optou-se por essa formatação. O Movimento Renovação Liberal presta apoio formal ao MBL, por exemplo em relação à realização de eventos, tendo inclusive registrado perante o INPI e cedido o uso da marca MBL, evitando-se que pessoas de má-fé pudessem se aproveitar de todo trabalho realizado por indivíduos que lideram o movimento." (Entrevista do MBL, para reportagem de Rossi et al., de 29 de setembro de 2017).

"O MRL é o CNPJ do MBL. É que a gente usa nomes diferentes. Tem o nome fantasia, que é o Movimento Brasil Livre, e que é uma marca (que o Frota tentou roubar com uma turma faz um tempo), e nós temos o CNPJ, que administra as coisas. O CNPJ que é uma Associação Civil sem fins lucrativos, que declara tudo certo pra Receita, tudo bonitinho. (...) É uma ONG, que não tem lucro, que é o Movimento Renovação Liberal que toca o MBL."

¹⁴⁰ Cf. Rossi et al. (2017a), disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/26/politica/1506462642_201383.html

(Entrevista de Renan Santos O Antagonista, em 10 de julho de 2020)¹⁴¹

A miscelânea de entidades controladas pela família Santos chamou a atenção de órgãos investigativos do Estado. Em julho de 2020, o Ministério Público de São Paulo moveu uma denúncia acusando Renan Santos de promover "confusão jurídica empresarial" entre MBL e MRL a fim de encobrir crimes fiscais, com o agravante de a família Santos acumular dívidas ativas com a União estimadas em cerca de R\$400 milhões.¹⁴² O incidente foi interpretado pelos membros do MBL como ataque de opositores direitistas, alegando que a denúncia foi extraída da conta de twitter @Lets_Dex, de perfil bolsonarista, como retaliação a uma sucessão de críticas e provocações do MBL contra os apoiadores do presidente. O cume da tensão manifesta entre os dois atores se deu após membros do MBL comemorarem as buscas e apreensões da Polícia Federal contra o "gabinete do ódio" bolsonarista no inquérito das fake news, uma vez que muitas testemunhas afirmam que o MBL se valia do mesmo expediente em seus primeiros anos. Renan conseguiu se desembaraçar de parte das acusações no processo de apreciação da denúncia, mas velhos aliados não tiveram a mesma sorte, como é o caso do empresário Alessandro Mônaco Ferreira. Diante da revelação das doações sucessivas de R\$600 que ele fazia na plataforma Google Pagamentos via Superchat (apelidada de "pimbada"), o MBL tentou debelar suspeitas, vendo-se compelido a revelar alguns dados da própria movimentação bancária. Descobriu-se, assim, que Mônaco havia doado quase R\$30 mil em um ano pelo Google Pagamentos¹⁴³, embora, nas palavras de Renan, ele fosse "apenas um dentre milhares de outros fãs e doadores do MBL".¹⁴⁴ Em diversas entrevistas concedidas pelos dirigentes do grupo,

¹⁴¹ Entrevista a Felipe Moura Brasil, publicada no canal "O Antagonista", em 10 de julho de 2020, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ID0wWFLJk2Q> (ver a partir de 5'50").

¹⁴² Renan alega que a dívida é de seu pai, Mario José Ferreira dos Santos, que trabalhava com compra de empresas em processo de recuperação judicial (em entrevista a Felipe Moura Brasil, referida na nota anterior). Renan foi proprietário de uma dessas empresas (Martim Artefatos de Metais, de estamparia de metal e de portas e janelas), empresa que também acumula dívidas trabalhistas.

¹⁴³Cf. Matéria do Estadão Conteúdo (2020b) para a IstoÉ Dinheiro, disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/mp-denuncia-lider-do-mbl-e-ex-membro-da-imprensa-oficial-por-trafico-de-influencia>

¹⁴⁴Extraído da reportagem de Danielle Brant (2020) para a Folha, disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/10/lider-do-mbl-e-denunciado-sob-a-acusacao-de-trafico-de-influencia-e-fraude-em-licitacao.shtml>

doações e vendas de camisetas eram apontadas como uma das principais fontes de receita. Os *stands* da loja MBL montados durante os eventos de maior porte contavam com intensa movimentação. Nas duas ocasiões em que solicitamos nota fiscal pela compra de livros e ingressos de participação no congresso nacional, a atendente me pediu para voltar depois ou para enviar e-mail solicitando nota fiscal. O canhoto do comprovante de débito apontava a pessoa jurídica Renovação Liberal como titular.

O fato é que o MBL logrou erguer uma robusta organização que, ao contrário de pares coetâneos como o Revoltados Online e o VPR, fortaleceu-se ao longo do tempo. Em seus primeiros anos, o grupo prosperou com a ajuda de meticulosa mobilização de recursos indiretos, fase em que ainda não gozava da visibilidade e tampouco das volumosas doações que viria a receber. O consenso dos setores de direita e centro-direita em torno da inviabilidade do governo Dilma favoreceu uma correlação de forças ideal para catapultar a projeção do MBL. O grupo passou a ser reconhecido como uma organização de base social capaz de mobilizar as pessoas, o que era necessário para lastrear o impedimento da presidente petista.

A capacidade de mobilizar recursos é crucial para os auspícios de um movimento social. Os grupos que concentram um grande número de dirigentes ou simpatizantes de classes sociais abastadas, como é o caso dos principais grupos que emergiram ou se consolidaram no pós-2013, podem mais facilmente prescindir da utilização direta de recursos financeiros, dado que dispõem indiretamente de ativos que garantem a infraestrutura necessária à organização interna e à realização de manifestações públicas. Exemplos dessa capacidade de mobilização de recursos não financeiros são fartos no contexto do movimento pelo impeachment:

"Conheci o Fernando Grella, então Secretário de Segurança Pública, na festa de um amigo em comum. (...) Quando o protesto estava com data marcada, liguei para ele. Fui instruído a telefonar para o coronel Glauco Carvalho, responsável na época pela PM de São Paulo, que nos ajudou com a logística do policiamento a partir dali e passou a ser uma pessoa muito importante para nosso movimento." (Chequer & Butterfield, 2016: 39)

O MBL não faz exceção ao expediente. Sua rede de contatos, apoiadores, filia- dos e doadores garantem suporte em vários níveis. Já apontamos as afinidades de agentes policiais em relação a Arthur do Val, especialmente – e ao MBL por extensão (cf. nota

61). O apoio de agentes de uma instituição decerto não se traduz em apoio da instituição. No entanto, o esforço de articulação (brokerage) que o MBL devota junto a personagens influentes de uma instituição como a Polícia Militar, seja por razões ideológicas, seja em vista de interesses específicos, é capaz de descompensar a neutralidade devida ao agente oficialmente designado a pacificar conflitos, convertendo-o em eventual recurso em favor de um dos lados. Seja pela força que assegura a tranqui- lidade das manifestações de apoio a suas pautas, seja pela força que intimida, ameaça e reprime manifestações de grupos opositores, vários grupos de direita, entre eles o MBL, contaram com apoio tácito ou manifesto de representantes ou efetivos da PM. Isso significou não apenas um endosso da política "law and order" promovida pelo grupo, como também um valioso recurso material de segurança e reputação do grupo e dos manifestantes que compareciam aos protestos por eles convocados, abonando e consolidando sua notabilidade enquanto ativistas ordeiros.

Confluências ideológicas da agenda ultraliberal do MBL e setores empresariais nacionais também selaram parcerias mutuamente rentáveis. Uma contraparte das do- ações que o grupo declarou receber de empresários se expressa na insistente exposi- ção de propaganda da imagem pública de marcas e personalidades (Luciano Hang, Flávio Rocha, dentre outros). Por muito tempo, o MBL negou receber apoio do em- presariado¹⁴⁵, embora ex-integrantes sugiram o contrário: "O MBL tinha relaciona- mento com várias empresas que pediam para eles escreverem coisas, e eu não acredito que eles faziam isso de graça." (Entrevista: E19).

"Você terá o que quiser: mulheres, dinheiro, fama, poder e sucesso", é o que os irmãos Santos prometem a Fernando Holiday¹⁴⁶ ao persuadi-lo a participar do projeto

¹⁴⁵ Kataguirí, 2017a, em coluna para a Folha. Disponível em: <http://folha.com/no1846542>

¹⁴⁶ Kataguirí & Santos, 2019 p.124.

incipiente, ainda em 2015. A promessa representava o imaginário decantado das aspirações daqueles que ganhavam poder e notoriedade por meio do MBL. O grupo investia, então, na imagem de despojamento e de representante das massas, e era importante apresentar rostos que corroborassem essa feição. Nos bastidores, uma intensa e eficiente articulação para robustecer a envergadura logística e financeira trabalhava sem descanso.

Como explica DellaPorta (2005), movimentos sociais não apenas se utilizam dos recursos disponíveis, mas também criam seus próprios recursos. A capacidade que o MBL demonstra de angariar e dispor de vastos recursos (materiais e imateriais) – mediante financiamento de aliados, entrada nas instituições políticas, recrutamento de militância jovem e intenso trabalho com mídias digitais –, bem como de construir uma robusta rede de organização, comunicação e plataforma de campanha política é um dos fatores centrais que explicam sua sobrevivência e consolidação como ator político.

2.7 Conclusão

Este capítulo buscou refletir sobre o contexto e os fatores que concorreram para surgimento do Movimento Brasil Livre, seu estilo de ativismo, o perfil de seus membros, a estrutura organizativa do grupo em suas conexões intersubjetivas e a importância do acesso a recursos na realização das atividades e no sentido da estratégia política.

Como vimos, o processo de constituição do MBL como ator político foi se estruturando com base em uma variedade de mecanismos, dentre os quais destacamos a apropriação de organizações existentes e a ação inovadora em meio a episódios contenciosos. "Social appropriation and innovative action often activate two additional mechanisms that result in the public constitution of new actors: certification; category formation." (McAdam et al., 2001: 316). A imagem a seguir ilustra a dinâmica de interação e concatenação dos mecanismos mais recorrentes no processo de constituição de novos atores, que se aplica ao caso do MBL.



Figure 10.1. Actor Constitution through Contentious Interaction

Fonte: McAdam et al., 2001: 317.

Também destacamos a influência das práticas de sociabilidade em meio a espaços digitais na forma como se expressa o estilo de ativismo do MBL, bem como a performatividade do discurso político. O tipo específico de combinação entre beligerância e esculacho marcam o estilo e a feição do ativismo liberal-conservador do nosso tempo. A "modularidade estratégica" (Tarrow, 2006) dos discursos combina-se à sua função performática, assim como à lógica interativa que permeia o contexto. Tentamos, assim, evitar o risco de uma análise objetivista, e ressaltamos os sentidos atribuídos pelos atores a suas experiências.

Dono de uma estrutura organizativa altamente racionalizada, o MBL realiza um tipo de "movimento empreendedor" (Staggenborg, 2013) de formato vertical, embora fincado também em uma economia de vínculos afetivos. A envergadura e capilaridade do MBL são também resultado de seu eficiente trabalho de mobilização e produção de recursos. O grupo resume o significado da política pela disputa de narrativas e propõe uma refundação de valores (como liberdade, humor e mérito pessoal) segundo uma perspectiva particularista.

CAPÍTULO 3

Trajectoria e evoluçao do ativismo liberal-conservador

"The only man who behaved sensibly was my tailor:
he took my measure anew every time he saw me,
whilst all the rest went on with their old measurements
and expected them to fit me."
(Bernard Shaw, *Man and Superman*)

3.1 Introduçao

Este capítulo é dedicado à análise da trajetória de ativismo do Movimento Brasil Livre ao longo de seu primeiro lustro de vida, intervalo no qual o grupo logrou estabelecer-se como um relevante ator político no cenário brasileiro. Argumentamos que esta trajetória é marcada por nítidas inflexões na orientação estratégica do grupo. Em larga medida, estas mudanças são reações às variações do processo político. A trajetória de ativismo do MBL é periodizada aqui a partir destas inflexões estratégicas em fases, que compõem as seções deste capítulo. Importa destacar que a delimitação das fases corresponde à nossa análise acerca da ênfase que o grupo confere ao complexo estratégico de suas ações, devendo ser entendida como predisposição ou *motto* dominante durante um intervalo de tempo. A relação com o tempo não corresponde, contudo, a uma associação puramente cronológica dos acontecimentos, mas à forma como, em cada conjuntura, o grupo desenvolve um cálculo estratégico diante da percepção das oportunidades políticas e do processo de aprendizagem e transformação progressiva do próprio grupo. Desse modo, intersecções entre as fases são esperadas e contribuem para reduzir os riscos das transições e para assegurar a transmissão de objetivos e de solidariedades no curso do processo de evolução do grupo.¹⁴⁷

¹⁴⁷ O termo "evolução" é empregado nesta tese em seu sentido etimológico (do latim *evoluĭtio, -ōnis*, ação de percorrer, de desenrolar), e não remete a uma conotação de progresso teleológico.

Nosso objetivo principal é, portanto, examinar o processo de estabelecimento do principal grupo de ativismo liberal-conservador no Brasil pós-2013, jogando luz sobre como, uma vez constituído, o grupo age em face das janelas de oportunidade política, e reage no enfrentamento de oponentes e diante das contingências no curso do processo; ou seja, como se produzem as (des)mobilizações, quais identidades os atores assumem e que tipos de interação engendram.

O texto pretende ir além de uma narrativa puramente descritiva; ele se baseia na reconstituição analítica da trajetória objetiva do MBL, buscando rastrear os mais frequentes e robustos mecanismos relacionais (McAdam et alii, 2001) do processo, ou seja, como se configura a dinâmica do enfrentamento entre diferentes atores políticos – tendo em conta que o comportamento dos atores não obedece a uma lógica automotivada – e que mecanismos mais recorrentes impulsionam tal dinâmica. Nossa aposta compreensiva reside, portanto, na intersecção entre as esferas da ação coletiva, da política e do confronto – como recomendam McAdam, Tilly e Tarrow (idem, ibidem). Examinaremos, em seguida, o processo em questão.

3.2 Fase de concorrência: o movimento pelo *impeachment* de Dilma

Após o surgimento oficial em novembro de 2014, os primeiros líderes do Movimento Brasil Livre passaram a planejar as ações que deveriam apontar para o objetivo imediato: a derrubada do governo do PT. É uma fase de intenso esforço de organização e desenho estratégico. A movimentação em torno do impeachment de Dilma seguia em fermentação. No início de fevereiro de 2015 (um mês, portanto, após renovação da posse de Dilma), o jurista Ives Gandra da Silva Martins publicou um artigo na Folha de São Paulo em que apresenta hipótese de fundamentação jurídica da destituição com base em crime culposo de responsabilidade ("omissão, imperícia, negligência e imprudência"), em atenção ao pedido de parecer técnico do colega José de Oliveira Costa, também advogado e membro do conselho do Instituto FHC.¹⁴⁸ O parecer

¹⁴⁸ O parecer teve custos estimados entre R\$100mil e R\$150mil, segundo honorários vigentes naquele ano, de acordo com reportagem de Mario Cesar Carvalho (2015) para a Folha, o que permite vislumbrar uma fração do volume de recursos empregados no movimento do impeachment como um todo. Note-se, ainda, que o ex-presidente Fernando Henrique declarava que o impeachment não era

recebeu apoio dos professores Modesto Carvalhosa e Adilson Dallari. Os argumentos do artigo em questão passaram a servir de fundamentação à campanha do MBL pelo impeachment.

O MBL se engajou resolutamente desde o início do movimento Fora Dilma, diferente de grupos concorrentes da mesma safra pós-2013, como o Vem Pra Rua (VPR) e o Revoltados Online.¹⁴⁹ O VPR, liderado pelo empresário Rogério Chequer, tinha papel mais comedido em relação aos demais, chegando a posicionar-se publicamente contra o impeachment por considerar, alinhado ao posicionamento inicial do PSDB, que não havia base jurídica que o endossasse. A estratégia do PSDB era voltada a sangrar o governo, enfraquecendo-o politicamente. A adesão do VPR à campanha só foi anunciada em meados de abril de 2015, em sintonia com a decisão do diretório nacional tucano e após publicação na imprensa do parecer do procurador do Ministério Público junto ao Tribunal de Contas da União, Júlio Marcelo de Oliveira. O parecer apontava as manobras fiscais que ficaram conhecidas como "pedaladas" e que, segundo o procurador, faziam as vezes de empréstimos camuflados ao governo. Os principais veículos da imprensa, a qual também atuava como um dos atores políticos centrais, traziam manchetes sobre a união da oposição pelo impeachment. Só então o VPR passou a fazer coro às vozes que clamavam pelo impedimento. Já o Revoltados Online, liderado pelo ativista Marcello Reis, começa defendendo a cassação da chapa Dilma-Temer e não apenas o impedimento da presidente. Reis também não se furtava a defender intervenção militar como "último vagão de nossa locomotiva"¹⁵⁰ direcionada a atropelar o Partido dos Trabalhadores.

Cada vez mais íntimos dos articuladores políticos profissionais, o MBL abandonou a revolta separatista que aventara no auge da amargura com o resultado eleito-

de interesse público naquele momento. Cf. <https://m.folha.uol.com.br/poder/2015/02/1584851-advogado-de-fhc-solicitou-parecer-sobre-impeachment.shtml>

¹⁴⁹ O Revoltados Online tem uma trajetória peculiar e distinta dos demais. O surgimento do perfil nas redes sociais remonta a 2006, quando Marcello Reis, principal ativista, organizou um grupo na rede Orkut para "caçar pedófilos", mas a fama meteórica começa em junho de 2013, quando registra em vídeo seu enfrentamento contra os manifestantes que empunhavam bandeiras de partidos políticos e é retratado pela imprensa como personagem proeminente dos protestos de então.

¹⁵⁰ Segundo a reportagem de Bigarelli & Oliveira (2015) publicada na *Época*, em 12 de abril. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Informacao/Acao/noticia/2015/04/o-que-pensam-os-organizadores-dos-protestos.html>

ral, durante o ato inaugural de 1º novembro de 2014 (seção 2.2), e passou a planejar táticas mais republicanas para defenestrar a presidente. O plano envolvia, em primeiro lugar, a disseminação de um quadro interpretativo que legitimasse a destituição, que convencesse a "opinião pública" de que havia base de sustentação jurídica para o impeachment, já que o grupo queria se diferenciar de intervencionistas até então aliados, como Marcello Reis e Eduardo Bolsonaro – o qual tinha também aderido ao ato que marcou o batismo do MBL, em 1º de novembro de 2014 – exibindo uma pistola Glock 9mm na cintura enquanto discursava do alto do carro de som, sugerindo que o pai Bolsonaro teria "fuzilado Dilma" se fosse candidato em 2014.

No final de janeiro de 2015, uma mensagem sem autoria declarada começou a circular por redes sociais e SMS. A mensagem criticava a crise hídrica em São Paulo, o aumento das passagens de transporte urbano, e convocava à participação em protesto contra os governos Dilma e Alckmin no dia 15 de março daquele ano. A respeito da convocatória, o VPR, que saiu enormemente fortalecido por sua participação, disse: "Fazer uma manifestação [em 15 de março] não foi ideia nossa. Também não foi uma iniciativa dos outros grupos, como o MBL e o Revoltados Online. Pode soar esquisito, mas a verdade é que recebemos um SMS 'do além'. É assim que costumamos brincar." (Chequer & Butterfield, 2016: 88). Já o MBL, ao receber a mensagem, suspeitou da organização do PSOL e cruzou o conteúdo da mensagem com postagens concomitantes das lideranças psolistas de crítica ao programa de austeridade do governo Dilma, o que serviu para que se convencessem da autoria esquerdista do chamado ao protesto. Com base nisso, o MBL decidiu se movimentar para capturar o foco do protesto na direção do "Fora Dilma", reivindicando para si a autoria da convocatória, mas rechaçando as pautas de simpatia da esquerda. "A gente precisa urgentemente estampar essa manifestação com a nossa cara. Não pode virar um outro 2013 esse troço! Temos que dizer que essa convocação é nossa", dizia Renan Santos entre correligionários (Kataguirí & Santos 2019: 133). Tal qual em junho de 2013, o MBL novamente recorria a um valioso mecanismo em processos de mobilização: apropriação social de organizações existentes.¹⁵¹ Contudo, a confusão espacial entre ativistas de distintos espectros ideológicos, tal qual em junho de 2013 (cf. Souza, R., 2018), fazia-se cada dia me-

¹⁵¹ Para uma definição do mecanismo de apropriação social, tal como o entendemos, cf. nota 44.

nos factível, sobretudo após poucos meses de uma disputa presidencial tão acirrada como a que se deu em 2014.

A oposição ao governo Dilma atraía a confluência de setores variados, dentre os quais não se incluíam grupos de esquerda ao PT, dado que estes não se mostravam dispostos a defender a bandeira do impeachment. À esquerda, o chamado da manifestação foi, de fato, encabeçado pela CUT, MST e UNE, principalmente, e a motivação anunciada era dar relevo à presença dos movimentos sociais tradicionais junto ao governo Dilma, defender a estatal Petrobras e criticar a política fiscal defendida pelo ministro Joaquim Levy – nomeado por Dilma na tentativa de reverter a perda de apoio que o governo vinha sofrendo. Era fácil prever que as políticas de austeridade endossadas pelo governo indisporiam os grupos que compunham sua base de apoio mais sólida – a esquerda –, mas vigorou a aposta de que o risco seria controlado.

Na realidade, o grau de "incerteza estrutural"¹⁵² (Dobry 2009) só aumentava. A conjuntura expunha uma greta nos pilares de coesão do governo. Embora inclinados a dar sustento a Dilma, os movimentos sociais de esquerda se viam alijados da governança (Alonso, 2017) e cada vez mais descontentes. Os grupos de franca oposição à direita, por sua vez, não tinham inclinação indulgente com o governo, nem mesmo diante dos agrados do novo ministro. Foi em meio a esse cenário que o anúncio da manifestação de descontentamento da esquerda fustigou e facilitou a articulação da manifestação pró-impeachment de ativistas do campo liberal-conservador.

A sexta-feira de 13 de março foi a data anunciada. Protestos de viés esquerdista eram geralmente realizados em dias úteis e protestos direitistas, no domingo. Naquela mesma sexta-feira, porém, o líder do Revoltados Online (Marcelo Reis) entrou na disputa ao anunciar que faria simultaneamente um ato Fora-Dilma de "esquenta" da manifestação do domingo seguinte. Os grupos disputavam acirradamente o enquadramento interpretativo que os acontecimentos assumiriam, donde a cobertura da imprensa figurar como objeto de disputa. As manchetes em torno do "13M" mostra-

¹⁵² Dobry, 2009 : 158. "Simplement, ce que l'on a appelé l'incertitude structurelle, et les logiques de situation qui commandent ses appréciations, ses perceptions, ses mobilisations et ses dérobadés, font que les calculs s'effectuent alors selon des voies sensiblement distinctes de celles qui caractérisent les contextes dans lesquels l'individu et le groupe ont à leur disposition des instruments d'anticipation et des points de repère institutionnalisés et familiers."

ram uma manifestação da ordem de 41 mil pessoas em São Paulo, com focos em 23 capitais (cf. Quadro 3, Apêndice II).¹⁵³

Dois dias depois, quase 1 milhão de pessoas ao redor do país compareceram à convocatória direitista, das quais 210 mil fizeram da avenida Paulista palco do maior protesto então visto desde as Diretas-Já.¹⁵⁴ Em março de 2015, ainda eram minoritários os defensores do impedimento da presidente, sem exceção dos manifestantes do "15M". Dentre estes, apenas 27% declararam espontaneamente estarem protestando pelo impeachment, enquanto 47% protestavam contra a corrupção e 20% contra o PT.

Com acusações de "frouxo" e "covarde" contra o PSDB e VPR, o MBL queria unificar a bandeira do impeachment, juntamente com o Revoltados Online e o ídolo Jair Bolsonaro, que participava da jornada de protestos em Copacabana e havia protocolado dois dias antes um pedido de impeachment com base no escândalo do Petrolão. Paralelamente, o VPR – que, embora tivesse menos seguidores do que o Revoltados Online, demonstrava maior poder de mobilização – ainda sopesava os condicionantes do cenário político e resolveu aderir ao 15M como expressão de indignação e luta contra a corrupção, reavivando os ânimos de fins de junho de 2013. O temperamento mais conciliador e menos agressivo também fez o VPR ceder na queda de braço para estacionar o caminhão de som em frente ao espaçoso vão do Museu de Arte de São Paulo no meio da avenida, localização privilegiada segundo os vários grupos organizadores. O esforço de autovisibilização explicitava o alcance das ambições do MBL. Assim, o MBL se posicionaria com dois caminhões no "espaço VIP" do Masp; o VPR

¹⁵³ Segundo o Instituto Datafolha. A PM estimou participação de 26 mil; os organizadores, de 170 mil pessoas. A Folha publicou, ainda, vídeo que supostamente flagrava agente sindical fazendo pagamento de R\$50 a participantes. Segundo reportagem de Lucas Vettorazzo (2015), publicada na Folha, os organizadores ofereceram ônibus, comida ("quentinhas") e pagamento de ajuda de custos a uma parte dos manifestantes. Cf. <http://folha.com/no1602738>

¹⁵⁴ Os números se referem à pesquisa Datafolha. As estimativas dos organizadores e da PM apontaram presença de 1 milhão de pessoas somente na avenida Paulista. Nem todas as localidades tiveram dados divulgados pela polícia, o que inviabiliza a comparação nacional com o Datafolha. Em face da consistência da metodologia do Datafolha, consideraremos seus dados como mais fiéis à realidade dos fatos. Por outro lado, há fortes indícios da tendência colaboracionista da polícia em relação aos protestos anti-PT. Além dos elogios à instituição nos protestos direitistas e das demonstrações de simpatia mútua, inúmeros policiais da ativa ou aposentados participam dos protestos anti-PT na condição de cidadãos, sendo por vezes saudados como heróis e "inimigos da esquerda bandida"; cf. reportagem da Folha ("Ato...", 2015), publicada em 12 de abril de 2015, e disponível em: <http://folha.com/no1615667>

ao lado sul, com um caminhão em frente à saída da estação Trianon-Masp e outro na rua Pamplona; o Revoltados Online mais ao sul, com um caminhão em frente à sede da Petrobrás e às saídas da estação Brigadeiro. Bem ao lado norte estava o caminhão dos intervencionistas do SOS Forças Armadas, ladeado por três caminhões do partido Solidariedade.

A manifestação contava, assim, com a adesão simultânea e pactuada de partidos, intervencionistas e movimentos sociais. Os atritos com a presença de partidos políticos e de grupos anti-democráticos que marcou manifestações anteriores e posteriores cedia espaço para uma convergência de circunstância visando enfraquecer e derrubar o governo, embora os grupos tivessem diferenças bem marcadas.

Diante do sucesso e magnitude inesperada do evento, o MBL anunciou, ao final do 15M, convocatória de nova manifestação para o dia 12 de abril, causando irritação nas lideranças do VPR, que foram pegos de surpresa. Mesmo hesitantes diante do risco de esvaziamento, o VPR decide aderir à organização para não perder espaço e é responsável por mobilizar, através de suas redes sociais, a maioria dos 100 mil presentes na av. Paulista, segundo estimativa do instituto Datafolha¹⁵⁵. O grupo, formado principalmente por empresários, dispunha de ampla gama de recursos materiais: mecenato, assessoria profissional, segurança de eventos nos protestos etc.

A demonstração do domingo reforçou o retrato da base social dos movimentos segundo um perfil majoritariamente branco e de classe média/alta, e passou a contar com presença mais expressiva de pessoas de idade avançada, das quais 41% tinham mais de 51 anos¹⁵⁶, público este menos afim ao perfil do MBL. Em renovada adesão, Jair Bolsonaro era um dos raros políticos vistos no meio dos protestos da capital paulista, e cobrava a pre-

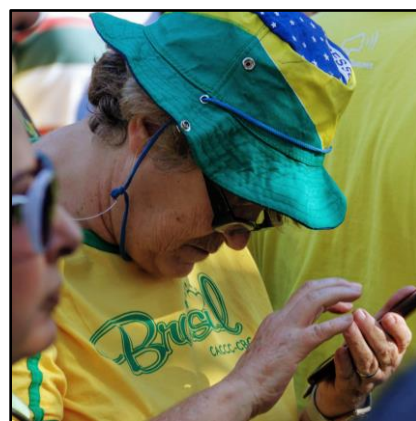


Foto: Ellen Elsie, Manifestante idosa usando smartphone durante manifestação na av. Paulista, 12 de abril de 2015

¹⁵⁵ A PM registra participação de 275 mil pessoas. Cf. a reportagem "Irritação...", 2015, disponível em: <http://folha.com/no1615756>.

¹⁵⁶ Datafolha, 2015b. Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2015/04/1615923-100-mil-foram-a-paulista-em-12-de-abril-77-defendem-impeachment.shtml>

sença de Aécio Neves, que era considerado a principal personalidade política de oposição.

Após julgar que havia uma tendência à exaustão das manifestações, o MBL passa a planejar alternativas para recrudescer o apoio ao impeachment e fortalecer a própria imagem como ator político. As rugas com o VPR se reforçavam em razão da disputa por protagonismo e da demora no consenso em torno do impeachment, já que o VPR insistia na necessidade de uma sólida base jurídica como condição à campanha pelo impedimento. O líder Rogério Chequer começava a gravitar em direção ao Fora Dilma, mas ainda priorizava a bandeira da ética na política.

Em reação à aleivosia do MBL, o VPR resolveu convidar várias das associações da direita que defendiam os ritos democráticos – sem ceder ao impulso autoritário de uma destituição inconstitucional – para redigir um manifesto de repúdio à corrupção e em defesa da ética na política.

"Eu fiquei muito irritado quando vi a chamada do Movimento Brasil Livre. (...) Anunciamos, durante a manifestação [de 12 de Abril de 2015], que dali a três dias entregaríamos aos parlamentares de Brasília uma carta escrita por representantes das "ruas". A decisão foi tomada como uma forma de usar a nosso favor, o máximo possível, aquela saída que parecia tão inapropriada. Colocar no papel as reivindicações da população era ir além dos protestos. Era declarar um posicionamento que naturalmente acontecia no nosso grupo: o fortalecimento da ideologia e do propósito de mudar o Brasil não apenas no curto prazo, mas de forma sólida e perene." (Chequer & Butterfield, 2016: 117-8).

O encadeamento relacional dos mecanismos empregados no processo explicita o caráter concorrencial que marcou a dispersão das mobilizações (em linha com o que propõe Dobry, 2009). A concorrência em relação aos pares refletia a disputa por promover o nome do MBL e conquistar a maior "fatia de mercado" disponível; a competição em relação aos grupos do campo opositor era preocupação de segundo plano. Em meio às disputas pela liderança do processo, o VPR propõe formar um bloco de oposição ao governo, embora ainda tímido em defender a destituição da presidente.

A iniciativa tinha por objetivo "coordenar datas e temas de manifestações em massa" (Chequer e Butterfield 2016: 119). Várias das entidades membro apresentavam-se como movimentos sociais mediante a criação de um perfil de Facebook de iniciativa estritamente individual e atuação digital. As várias entidades se somariam na formação de um bloco de oposição ao governo, chancelada pela presença em massa nas manifestações recém realizadas. Assim surge a Aliança Nacional dos Movimentos Democráticos (ANMD), intencionando tornar-se

"uma coalisão de forças, de absoluto caráter apartidário. Uma ALIANÇA formada por representantes legitimados pelas ruas. Integrada exclusivamente por cidadãos comuns, sem mandatos, sem ligação com o legislativo ou com o executivo, (...) com o incondicional compromisso de defender, unicamente, os interesses da população brasileira, (...) dispostos a não se dobrarem à influências políticas ou empresariais."¹⁵⁷

O nome combinava uma dupla provocação, sugerindo haver um pendor não democrático nos grupos que defendiam o impeachment – a saber, o MBL –, e modulando à direita o repertório do associativismo anti-integralista da Aliança Nacional Libertadora dos anos 30. O bloco proposto pelo VPR foi formado pelos signatários de um manifesto intitulado "Carta do Povo Brasileiro" – um epigrama-resposta ao documento que fez a fama do pacto de conciliação em torno da candidatura de Lula em 2002, a "Carta ao Povo Brasileiro". O texto do manifesto foi redigido nas trocas de mensagens de Whatsapp entre as 26 associações que primeiro aderiram à frente; outras 24 viriam a ampliar a lista de aliados (Apêndice V), sendo as principais o Vem Pra Rua e o movimento Nas Ruas.

Um mês depois do triunfo da manifestação de março, o texto da carta-manifesto foi lido diante de congressistas de oposição por Rogério Chequer e Janaína Lima, ambos do VPR e membros do conselho da ANMD. Sumariamente, a carta pedia um basta à corrupção e à impunidade, apoio incondicional ao então juiz Sérgio Moro, à Lava Jato e às 10 medidas contra a corrupção; mais transparência e menos impostos,

¹⁵⁷ Extraído de: <http://www.aliancanacional.org.br>, acesso em março de 2016 – página atualmente desativada.

educação de qualidade "universal e meritocrática", aprovação do projeto de lei do "Escola Sem Partido", voto distrital, mandato único e registro impresso do voto eletrônico. O texto também pedia o afastamento do ministro Dias Toffoli, mas adotava tom cauteloso ao defender a "abertura de investigação por crime comum da cidadã Dilma Vana Rousseff" (sic) e a apreciação dos pedidos de impeachment protocolados no Congresso. As manchetes do dia seguinte destacavam o "tom ameno" do documento, a ausência do pedido de impeachment e a reação da Aliança em torno do imbróglio.¹⁵⁸

O MBL via a iniciativa como inócua e acusava de interesses espúrios o PSDB, com o qual o VPR tinha vínculos e simpatia indisfarçáveis, embora mantivesse distância e sustentasse sua independência e apartidarismo. O cenário do impeachment era pouco alvissareiro para as ambições eleitorais do partido tucano, o que punha seus quadros em conflito de interesses. Embora neófito na política, o MBL interpretava com argúcia a movimentação em jogo, e explorava ao máximo o trunfo da mobilização popular a fim de constranger à adesão dos deputados pelo impeachment. Para o grupo, uma simples declaração de intenções e compromisso com a ética na política carecia de incisividade. Por essa razão, a Carta do Povo Brasileiro virou motivo de chacota: "Eles vão pra Brasília para pedir mais saúde, educação e lutar contra a corrupção. Se é assim, pede logo paz no mundo", provocava Renan Santos.¹⁵⁹

O efeito da carta-manifesto é anódino e, em pouco tempo, a própria ANMD é tomada por disputas internas de protagonismo. O VPR, acusado de centralizar as decisões, acabou se desligando ("sem rompimento") poucas semanas depois. Carla Zambelli, líder do movimento Nas Ruas, tornou-se porta-voz da ANMD, a qual, esvaziada, funcionava cada vez menos como bloco de oposição.

¹⁵⁸ Cf. Estadão Conteúdo, 2015; bem como a reportagem de Pedro Venceslau (2015), para o Estadão. Disponíveis em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2015/04/15/carta-de-movimentos-ao-congresso-nao-contem-pedido-de-impeachment.htm> e <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,tom-ameno-de-documento-racha-alianca-de-movimentos-anti-dilma,1670649>

¹⁵⁹ Extraído da reportagem de Laryssa Borges (2015) para a revista Veja. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/organizadores-de-protestos-contradilma-entregam-reivindicacoes-ao-congresso>

Como vimos, as rachaduras e subsequente processo de faccionalização¹⁶⁰ do campo aparecem já no momento de formação da frente. Dificuldades de convergência à parte, os organizadores dos protestos de março de 2015 não queriam dividir as ribaltas conquistadas com dezenas de outros grupos emergentes. O cenário se mostrava oportuno para a ascensão de novos atores, e o protagonismo ativista poderia abrir portas a espaços de maior poder político.

Assim como o MBL, o Revoltados Online de Marcello Reis (ex-marido de Carla Zambelli) declinara da participação na aliança, e resolveu acompanhar as empreitadas do comparsa Renan Santos na qualidade de "amigo do MBL". Marcello era visto pelos jovens liberais como um dos "malucos" que o MBL imantava (seção 2.3.1), mas seu feitiço vinha a calhar à estratégia que Renan apresentou para revigorar os brios do movimento que ia arrefecendo: uma marcha de São Paulo a Brasília, portando o libelo do impeachment. "[A Marcha] foi uma tentativa de ressuscitar um pouco a pauta do impeachment porque as manifestações deram uma caidinha ali, ainda em 2015. Com a Marcha a gente meio que tentou reerguer a história. Mas teve momentos bem difíceis."¹⁶¹

Na competição pela liderança do movimento Fora Dilma, o MBL resolveu também protocolar um pedido de impeachment, inaugurando uma frente de ativismo jurídico que fez a fama de Rubens Nunes, ativista e advogado do MBL. O pedido se baseava em longo parecer de juristas a respeito de crimes envolvendo "pedaladas fiscais", acordos de leniência e a compra da refinaria de Pasadena. A ideia de Renan envolvia levar coletivamente o documento, marchando desde a praça Panamericana, na zona oeste da capital paulista, até a sede do Congresso Nacional. A "contra-performance" (Benford e Hunt, 1992) se baseava na avaliação de que era necessário investir na confecção de mártires, figura que sobejava no campo da esquerda e que rareava na direita, segundo avaliação de Renan. "Falta à direita a linguagem do hero-

¹⁶⁰ Entende-se por faccionalização, na esteira de McAdam et al., 2001, o mecanismo caracterizado pela "competition among contenders that led to factional divisions and realignments [...]." (idem, ibidem: 33)

¹⁶¹ Fernando Holiday, em entrevista a Danilo Gentili, exibida em 30 de agosto de 2019 e disponível no Youtube (ver a partir de 3'40"), em: <https://www.youtube.com/watch?v=4h4eQ1NiAP4>

ísmo e do sacrifício" que legitimam a esquerda.¹⁶² A exploração de símbolos é ostensiva e aqui o ímpeto da "ilusão heroica", típico dos líderes ativistas (cf. Dobry, 2009), ganha uma forma acabada. Renan cuidava de convencer os pares a engrossarem a marcha evocando episódios como a Coluna Prestes, a peregrinação de Santiago de Compostela e outros. "Vocês precisam fazer como César, quando marchou para Roma. Como Aníbal, como Alexandre indo até a Pérsia" (Kataguiiri & Santos, 2019: 153). Os dois nomes mais conhecidos do MBL, Kim Kataguiiri e Fernando Holiday, formariam a vitrine de "mártires", de modo que Renan tratava de garantir a presença de ambos. Outros entusiastas viajaram até São Paulo para acompanhar o grupo em parte do trajeto que começou em 24 de abril de 2015, após reza coletiva do "Pai Nosso" e com duração prevista de 33 dias. "Marcha Pela Liberdade" foi o nome propagandeado na cobertura nas redes sociais e na imprensa – o que permitiria a repercussão que o MBL visava como objetivo de curto prazo.

Marchas fazem parte de um conjunto performances¹⁶³ utilizadas pelos movimentos da esquerda brasileira tradicional, normalmente em situações de carência material e logística. O desvelo e sacrifício empenhados em semelhante manifestação têm o potencial de traduzir-se em elemento de dignificação da luta, elevação do caráter e enobrecimento da causa. No caso da "marcha pela liberdade", o sacrifício deliberado e autoinfligido da travessia sobrepunha-se ao propósito da chegada – ou, antes, a travessia era o propósito.

Dois ônibus foram oferecidos pelo partido Solidariedade para apoiar o grupo, que contava com cerca de uma dúzia de andarilhos. Os ônibus serviriam ao repouso, transporte de mochilas e apoio logístico. Eles queriam seguir a pé. Cada dia de caminhada era registrado e continuamente postado nas redes sociais do grupo por Rafael Rizzo (diretor de mídia do MBL) e, mais tarde, pelo Revoltados Online, grupo de maior audiência até então dentre os atores de direita, e também presente na marcha. O MBL explorava à exaustão a retórica do sofrimento heroico, da precariedade dignificante, do martírio pela liberdade – retórica veiculada no trabalho de mídia que visa-

¹⁶² Extraído da reportagem de Gabriel Castro (2015) para a revista *Veja*, disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/a-revolucao-estetica-dos-andarilhos-do-impeachment>

¹⁶³ Para uma definição, cf. nota 83.

va a "fabricação de carisma" das lideranças (Bensman & Givant, 1975). Ao longo da marcha, os andarilhos vestiam túnicas que Renan distribuía no trajeto e iam relatando suplícios e tribulações nas mídias digitais e em entrevistas para a imprensa: um quase atropelamento de Kim Kataguiri, ameaças sofridas por militantes do MST, bolhas e feridas no pé, insolação, "colchão mole de hotel barato" etc.

Ao chegarem em Brasília (em 27 de maio de 2015), os andarilhos do MBL foram filmados e entrevistados por jornalistas que cobriam o pedido de impeachment recém-protocolado junto à Câmara de Deputados. Os ativistas Rubens Nunes e Fábio Ostermann haviam viajado de avião para articular a recepção do grupo junto ao Congresso Nacional. Na última hora, porém, a maioria da oposição, liderada por Aécio Neves, recuou do apoio à iniciativa do MBL e anunciou uma representação junto à Procuradoria Geral da República pedindo abertura de ação penal contra Dilma por crime comum.

Entre renitentes e desapontados pelo esvaziamento político do plano inicial, os ativistas voltaram para casa de ônibus ou avião, e seguiram articulando-se em torno do impeachment. A manifestação seguinte foi indicada para o dia 16 de agosto, dessa vez com o prévio acordo do VPR e Revoltados Online. A ideia era "fortalecer os deputados pró-impeachment (...), mais do que criticar o governo, atacar a oposição do Senado" (Kataguiri & Santos, 2019: 199). O protesto contou com a presença de 135 mil manifestantes somente na av. Paulista, segundo Datafolha (350 mil segundo a PM).

A Marcha Pela Liberdade é considerada o "ato fundador" do MBL.¹⁶⁴ "Saímos todos pessoas diferentes de lá – incluindo o MBL, que adquiriu a mística que tanto desejávamos (...). Foi um momento de virada para todos nós, pessoas e movimento. Regressamos a nossos estados de origem transformados", diz Renan (Kataguiri & Santos, 2019: 161; 191); "nossas almas regressaram imbatíveis", diz Kim (idem, ibidem: 192). A aventura coletiva também fortaleceu os vínculos intra-grupo, engendrando laços de confiança. Pela primeira vez, Fernando Holiday confidenciava sua inclinação homossexual e se converteu ao catolicismo após longas conversas itinerantes sobre teologia com o jovem Ian Garcez (nascido em 1994), que tinha saído de Flo-

¹⁶⁴ A expressão é adotada com base em um comentário de Luiz Felipe Pondé.

rianópolis para se juntar à marcha e conhecer pessoalmente aquelas personagens de Facebook. Outros, como Jean Batista, de Manaus-AM, passaram da condição de fãs do MBL a devotos militantes, empenhando recursos próprios para colaborar com a promessa de um préstimo redentor.

Apesar da malograda articulação política com a oposição tucana, o MBL considera vitoriosa a experiência da marcha, e não esconde o artifício do plano nem se desvia das críticas de impostura. Ao discorrer sobre a motivação do episódio, Renan revela o planejamento tático: "[a marcha] forneceria ao movimento pelo impeachment uma epopeia de luta e sacrifício que, em nossa cabeça, poderia entregar ao pedido de afastamento da presidente uma aura quase mítica" (Kataguirí & Santos, 2019: 162). Mas a história foi outra.

"Naquela época em que houve aquele encontro com o Hélio Bicudo, ali houve um conclave praticamente, qual versão, como vai ser. Todos queriam sair na foto. Se você pegar um pouco antes, quando o MBL vai pra Brasília, o encontro com o Cunha, aquilo devia ser um momento apoteótico, a intenção foi aquela. Você vai reparar que basicamente é o MBL que está ali, e alguns outros satélites. Mas o MBL não aceitava dividir protagonismo com outros movimentos. Queria ser a ponta de lança, e nunca a cauda. Isso marca todo o processo. E de certa forma, o MBL sabia se comunicar, e os outros colegas de então não tinham essa expertise. Os caras do MBL quase todos são oriundos ou passaram por produtoras. Essa questão sempre foi muito forte." (Entrevista: E17)

Com o desdobramento dos fatos, o MBL foi posteriormente persuadido a retirar sua petição a fim de fortalecer o pedido protocolado pelo jurista Hélio Bicudo e pela advogada Janaína Paschoal, quem ligou para Kim e Renan, ex-aluno da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, onde Janaína é docente. O pedido em questão lograra associar os principais grupos que vinham se movimentando pelo impeachment. Também se considerava que a assinatura de Hélio Bicudo, que participou da fundação do PT, conferia maior peso simbólico ao processo. Kim Kataguirí, que já nutria grande admiração por Janaína (ela foi influência decisiva para que ele decidisse,

mais tarde, ingressar na faculdade de Direito), buscou também estreitar laços com Hélio Bicudo, visitando-o em sua residência. Fernando Henrique Cardoso foi também procurado no processo de aproximação a personalidades consideradas influentes e engajadas na articulação do impeachment. A reunião com FHC foi fortemente criticada por pares, sobretudo da direita olavista, que acusaram o MBL de "fabianismo" – tática de evitar formas abruptas de confronto político para disfarçar objetivos socialistas de longo prazo.¹⁶⁵ O que realmente (pre)ocupava o grupo, porém, era a articulação em torno do impeachment e a ampliação da rede de influências para o futuro político do movimento, que já então nutria ambições eleitorais e partidárias (ver seção 4.3).

Com o aditamento do pedido inicial de Janaína Paschoal e Hélio Bicudo após a rejeição unânime das contas do governo pelo TCU – que Renan interpretou como indício de articulação política de "primeiro escalão" –, os grupos organizadores dos protestos de rua assinaram em subscrição a versão final do documento; dentre eles, o MBL.

Era mister demonstrar proatividade diante da aceleração de acontecimentos. O MBL já havia enviado militantes a Brasília para o "corpo-a-corpo" junto aos deputados; havia também impulsionado a hashtag #AcolheCunha na página de Facebook do presidente da Câmara, como resposta ao #ForaCunha dos atores de esquerda. Logo após subscrever o pedido recém-protocolado, o grupo decidiu armar acampamento no gramado do Congresso Nacional a fim de demonstrar apoio popular para que o presidente da Câmara, Eduardo Cunha, acolhesse o pedido para apreciação.

Havia, já então, um pequeno acampamento em frente ao Congresso de militaristas fãs do então deputado Jair Bolsonaro, que evocavam símbolos nacionalistas, cristãos e a memória do falecido deputado Enéas Carneiro (PRONA). O grupo era influenciado por Olavo de Carvalho, o qual havia formado um amplo contingente de policiais civis e militares em seus cursos de filosofia (o "COF"), e conclamava à forma-

¹⁶⁵ O termo, usado em sentido pejorativo em círculos olavistas, faz referência a uma associação socialista britânica – a Fabian Society, fundada em 1884 e ainda em atividade. Segundo a página oficial da associação, o nome alude ao general romano Quintus Fabius, conhecido por sua estratégia de retardar suas investidas militares até o momento certo, como que cozinhando os adversários em banho-maria. No caso do fabianismo, a estratégia é adotada visando implantar o socialismo por meio de reformas graduais. Cf. <https://fabians.org.uk/about-us>

ção de grupos anti-establishment de desobediência civil e resistência popular. "A ordem do dia era ucranizar", disse Renan, em referência ao repertório dos ativistas ucranianos durante o violento ciclo de protestos contra o governo, que marcou as negociações de entrada da Ucrânia na União Europeia, entre 2013 e 2014 – caso que se tornou influente entre ativistas de direita através do documentário "Winter on Fire" (Netflix, 2015).

O MBL, no entanto, adota tática distinta e resolve negociar com Eduardo Cunha – considerado um aliado circunstancial – uma "invasão consentida"¹⁶⁶ do gramado do Congresso Nacional, dentro do perímetro de propriedade da Casa. Avaliava-se que o acampamento poderia contrabalancear o movimento Fora Cunha – encabeçado por esquerdistas contrários ao impeachment – e enviar mensagem aos governistas acerca da disposição do deputado a acolher o pedido de impeachment. O principal óbice era o presidente do Senado, visto que o gramado era partilhado pelas duas casas. Diante da recusa de Renan Calheiros (PMDB), Cunha decidiu afrontar o colega de partido e liberou o acampamento dentro dos limites de jurisdição do Congresso. Assim, no dia 21 de outubro de 2015, cerca de 9 pessoas montaram acampamento no local, e acampamento cresceu nos dias seguintes, até chegar a mais de 70 barracas¹⁶⁷. Os deputados Carlos Sampaio (PSDB) e Mendonça Filho (DEM), que já haviam intercedido junto a Cunha em favor do movimento, acompanhavam instalação a fim de garantir a anuência também da polícia do Senado. Mais tarde, outros congressistas viriam a expressar apoio ao grupo. Dentre os citados estão os deputados: Jair Bolsonaro (PP), que foi escolhido padrinho de casamento em uma improvisada cerimônia de noivado durante o acampamento, Nelson Marchesan Jr. (PSL), Cristiane Brasil (PTB), Carlos Sampaio (PSDB), Mendonça Filho (DEM), Darcísio Perondi (MDB), Alberto Fraga (DEM), Bruno Araújo (PSDB), e o senador Ronaldo Caiado (DEM).

¹⁶⁶ Ao mencionar o acampamento, o MBL usa reiteradamente a palavra "invasão". Diz, também, ter-se inspirado no repertório de grupos como UNE e MST, tendo em vista que invasões e acampamentos eram das poucas performances até então ausentes no portfólio do movimento.

¹⁶⁷ Segundo reportagem de Débora Álvares e Paulo Gama (2015) para a Folha, disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/poder/2015/11/1706581-acampados-no-gramado-do-congresso-ha-um-mes-grupo-cobra-impeachment.shtml>

O acampamento contava com apoio material de diversas frentes: gerador e geladeira industrial emprestados por amigos, chuveiros e banheiro químico providenciado pelo deputado Sóstenes Cavalcante (DEM), vaquinha virtual, aportes de "amigos do mercado financeiro", barracas e mantimentos doados por apoiadores, dois apartamentos alugados para apoio, taxa de arrecadação entre os acampados etc. Ao longo dos dias, o número de acampados ia crescendo em progressão aritmética, contando com a adesão de apoiadores e ativistas dos quatro cantos do país; além dos olavistas-intervencionistas, cujo acampamento originário avançara parcialmente as barracas adentro do gramado; e do inveterado Marcelo Reis, que montou uma barraca colossal, rompeu a "lei seca" recomendada e animou as festividades e turras da turma acampada. Sua chegada se dá logo após um conflito que repercutiu na imprensa nacional acerca do conflito entre os ativistas do MBL e cerca de 100 ativistas do MTST, que aportaram no mesmo gramado das casas legislativas, em protesto que se opunha ao impeachment mas pedia a revogação da Lei Antiterrorismo – enviada pelo governo Dilma em 18 de junho daquele ano para tramitação no Congresso.¹⁶⁸

O conflito se deu uma semana após o início do acampamento. O MBL acusou o deputado Sibá Machado (PT) de haver encomendado o conflito diante da recusa de Eduardo Cunha a expulsar os acampados. Um ato legislativo assinado em 2001 pelos presidentes da Câmara e Senado de então (Aécio Neves e Edson Lobão, respectivamente) proibia a "colocação de (...) tendas ou similares" na área do gramado do Congresso. Ora em 2015, após inflamado discurso de Sibá Machado pela expulsão do MBL, Aécio Neves subiu à tribuna da Câmara e defendeu a legitimidade do acampamento enquanto manifestação democrática.



Foto: Agência Brasil, Renan Santos (com camisa da Levi's) na linha de frente do conflito com militantes do MTST.

Os ativistas do MTST reclamavam da disparidade de tratamento das autoridades para com os dois grupos: "Já fizemos várias manifestações na frente do Congresso

¹⁶⁸ O Projeto de Lei n.º 13.260 foi sancionado por Dilma em 16 de março de 2016. Ao tipificar o crime de terrorismo, o PL foi considerado por muitos uma ameaça de criminalização dos movimentos sociais e provocou fortes críticas da esquerda ao governo petista.

e nunca a Polícia Legislativa permitiu que os movimentos sociais montassem acampamento no gramado. Agora, pelo visto, a regra mudou. Se os 'coxinhas' podem, nós também podemos. Não pode haver distinção. (...) Eles têm até banheiro químico. Nunca vi isso numa ocupação sem-teto", disse um coordenador do MTST.¹⁶⁹ O movimento também divulgou nota acusando o MBL de hostilizar e provocar os sem-teto, sacudindo notas de dinheiro e "tentando descaracterizar e desmoralizar o movimento."¹⁷⁰

A polícia legislativa improvisou um cordão de isolamento entre os dois grupos e o MBL montou uma ação coordenada para fustigar agressões dos sem-teto com o objetivo de produzir registros em vídeo que vilanizassem os esquerdistas. "Vamos manter o cordão de isolamento, mas vamos avançar passo a passo, desrespeitando o que foi estabelecido pela polícia. A imprensa está aqui, e o Alexandre [Santos] está com a câmera. Conforme subirmos, eles baterão na gente. Quanto mais baterem, mais material registramos." (Kataguirí & Santos, 2019: 233). O plano parece ter funcionado: a alteração virou notícia em diversos jornais e rendeu farto material filmico. Após o incidente, o MBL registrou boletim de ocorrência por incitação a tumulto e agressão, reportando rojões, empurrões, uma costela desmentida e sangramento por perfurações superficiais de um espeto de churrasco. Ninguém quis fazer exame de corpo de delito. Os ativistas do MTST deixaram o local no mesmo dia.

Concomitantemente, a ativista Carla Zambelli organizava uma performance na qual ela e outros sete ativistas da ANMD se algemavam uns aos outros em torno de uma coluna do salão verde da Câmara dos Deputados, visando pressionar pela abertura do processo de impeachment. Ela também participaria, duas semanas depois, do ato organizado pelos acampados no dia 15 de novembro, junto com a jornalista Joice Hasselmann. O ato do Dia da República incluiu, ainda, recreação nos espelhos d'água e tentativa de invasão do Congresso de um subgrupo de militaristas. Na mesma semana, um dos acampados disparou quatro tiros para o alto a fim de intimidar e dispersar

¹⁶⁹ Extraído de reportagem publicada na revista Carta Capital ("MTST...", 2015). Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/mtst-disputa-o-gramado-do-congresso-com-grupos-pro-impeachment-9932><https://www.cartacapital.com.br/politica/mtst-disputa-o-gramado-do-congresso-com-grupos-pro-impeachment-9932/>

¹⁷⁰ Fonte: nota oficial do MTST, disponível em: <https://twitter.com/mtst/status/659487906965254144>

um grupo de mulheres negras que marchavam até o Congresso em razão da semana da Consciência Negra. A PM foi acionada e prendeu um policial civil sergipano, autor dos disparos. Ele participava, alegadamente, do acampamento de militaristas que se uniu à organização do MBL. A PM do Distrito Federal já havia apreendido pistola, spray de pimenta e armas brancas entre os acampados, que deixavam claro a que vieram.

Como parte das distintas estratégias de confronto, o grupo demonstrava uma gradação de níveis de violência política conforme os oponentes visados: intimidação, vitupérios e ameaça física iminente aos movimentos sociais de esquerda (que podem ou não corresponder às manifestações de violência); provocações verbais, lobby ou *doxxing*¹⁷¹ aos representantes institucionais de esquerda ou não aliados, conforme veremos adiante.



Foto: captura de tela do documentário "Não vai ter Golpe". Pedro D'eyrot segura bandeira do MBL no ato de 15 de novembro de 2015.

Os últimos acampados deixaram o local entre os dias 15 e 22 de novembro, prazo previamente estabelecido por Eduardo Cunha e Renan Calheiros. Ao avaliar o saldo político da empreitada, Renan considera ter conseguido neutralizar o movimento Fora Cunha e contribuído para o acolhimento do pedido de impeachment que se deu semanas após o fim do acampamento, no dia 2 de dezembro de 2015 – um gesto que foi consensualmente interpretado como retaliação diante de malfadada chantagem do presidente da Câmara. Eduardo Cunha vinha sendo alvo de várias acusações criminais e seu caso foi levado ao comitê de ética da Câmara, onde os deputados indicados votariam para decidir os rumos do processo. Testando as próprias forças, o Partido dos Trabalhadores decidiu enfrentar as ameaças de Eduardo Cunha e orientou seus deputados a votarem pela continuidade do processo contra Cunha, que correria o risco de perder o mandato e de ser preso. No mesmo dia,

¹⁷¹ Segundo Nagle (2017: 22), a prática de *doxxing* se refere ao constrangimento a oponentes através da divulgação de informações privadas e assédio virtual com consequências no mundo físico. A estratégia foi largamente utilizada por grupos de extrema direita estadunidense.

o presidente da Câmara acolheu o pedido de impeachment elaborado por Hélio Bicudo e Miguel Reale Jr., o qual seria apreciado e levado a votação nos meses seguintes.

Tomados por grande euforia, MBL e VPR trataram de logo decidir juntos a data da manifestação de apoio à abertura do processo: 13 de dezembro de 2015. O ato contou com participação de 40,3 mil pessoas e foi considerado tímido pelos organizadores, que decidiram rebatizá-lo de "esquenta" de outra manifestação prevista para 13 de março de 2016. Dias depois, atores de esquerda (CUT, MST, MTST, PSOL, PT, principalmente) organizaram protestos contra o impeachment e contra Eduardo Cunha, levando 55 mil pessoas às ruas, sempre segundo o Datafolha.

O final do ano de 2015 não trazia boas notícias para a oposição. Diante da manobra regimental de Cunha para compor a comissão parecerista com deputados da ala pró-impeachment, o ministro do STF Edson Fachin acolheu, no dia 08 de dezembro, acatou ação movida pelo PCdoB que pedia anulação da referida comissão, e decidiu pela estipulação de novos trâmites a serem determinados pelo judiciário.

O clima de incerteza e pessimismo era compensado pelos números crescentes de novos engajamentos nas redes sociais dos grupos de direita. O MBL registrava mais de dois milhões de seguidores, e chegaria, segundo Renan Santos, a quase 30 milhões de visualizações em um único dia (Kataguirí & Santos, 2019: 273; 304), quando da prisão de João Santana e condução coercitiva de Lula para depoimento.

Enquanto as ruas pareciam descansar do fim de ano, alguns grupos menores montaram acampamento em frente ao prédio da Fiesp, na avenida Paulista. Os grupos principais iniciavam a campanha digital "Natal sem Dilma", e seguiram preparando a manifestação de 13 de março, que não deveria falhar. O VPR contratou pesquisa de opinião para medir o temperamento dominante entre seus apoiadores e decidiu customizar a apresentação das pautas pelo foco da defesa da Operação Lava Jato, seguindo a inclinação pela luta anticorrupção. Já o MBL tentou reciclar o espírito das Diretas Já por meio da "ressonância simbólica" (Tarrow, 2016) do lema "Esse impeachment é meu!", que se inspirava na campanha "Eu quero votar pra presidente", de 1984. O grupo visava motivar o maior número à participação por meio de uma narrativa que oferecesse elementos para atribuição de protagonismo histórico por parte dos

manifestantes, ao mesmo tempo em que disputava o imaginário da "opinião pública" a respeito da interpretação do processo político em curso. "Nós acreditamos numa narrativa que empodere as pessoas. E essa narrativa, nesse momento, a mais bela é a do impeachment. (...) [Essa narrativa] mostraria que podemos pressionar nossos representantes em Brasília para que façam o que o povo que está nas ruas quer."¹⁷²

Os atores de esquerda insistiam em atrelar o pedido de impeachment a um golpe parlamentar, iniciado pelo ranço vingativo do presidente da Câmara, que tinha a reputação cada vez mais combatida por denúncias de corrupção. A estratégia buscava deslegitimar tanto o movimento político-institucional no seio do Congresso, quanto o movimento social que se apresentava como anti-corrupção e pró-impeachment a um só tempo, incorrendo na contradição de aliar-se a políticos considerados corruptos a fim de destituir uma presidente cuja idoneidade não fora ajuizadamente contestada. A campanha pelo impeachment se dá, portanto, em um cenário de disputas de "quadros interpretativos" (Benford & Snow, 2000)¹⁷³, no qual cada grupo apontava problemas que apelavam a valores existentes e socialmente partilhados, ao mesmo tempo em que disputava o convencimento público acerca das soluções que ofereciam.¹⁷⁴ Estudos apontam que os quadros interpretativos são mais efetivos quando acompanhados de um "enquadramento motivacional" – um chamado à ação coletiva concertada (idem, ibidem) –, o que pode ajudar a elucidar porque o apelo à mudança que animava o mo-

¹⁷² Renan Santos, em entrevista para reportagem de Bruno Fávero e Paula Reverbel para a Folha, publicada em 15 de agosto de 2015, e disponível em: <http://folha.com/no1669199>

¹⁷³ Benford e Snow partem aqui do conceito de *frame* de Goffman, que se refere a "'schemata of interpretation' that enable individuals 'to locate, perceive, identify, and label' occurrences within their life space and the world at large" (Goffman apud Benford & Snow, 2000: 614). Os autores então adaptaram o conceito de Goffman para a análise de movimentos sociais, definindo os enquadramentos das ações coletivas como "action-oriented sets of beliefs and meanings that inspire and legitimate the activities and campaigns of a social movement organization." (idem, ibidem).

¹⁷⁴ O conceito, trazido por M. Dobry (2009), de *coup* ('move', na tradução do próprio autor para o Inglês, e 'jogada', na tradução ao Português) pode servir para deslindar a querela discursiva em torno do impeachment da presidente Dilma, para uns, ou do golpe (*coup*, em Francês) parlamentar, para outros.

Sem a consideração do cálculo tático dos atores, as jogadas poderiam mostrar-se de forma independente e sem vínculo direto com as lógicas dos setores ou com os objetivos visados. As jogadas políticas fazem parte do funcionamento de rotina do político, por mais que seus efeitos possam variar numa conjuntura de crise.

vimento Fora Dilma demonstrava maior poder mobilizador do que o movimento Fica Dilma, pela permanência da presidente.

O MBL acreditava que um caminho à ascensão de pautas de direita se abria desde junho de 2013 e que um sentimento anti-establishment, que se refletia na súbita queda de popularidade da presidente Dilma, perdurava pelos anos seguintes. "A bola está quicando pro liberalismo. Daqui a 10 anos, talvez, seja o contrário."¹⁷⁵ Mais do que isso, a conjuntura oferecia o que McAdam et al. (2001) chamaram de "espiral de oportunidades"¹⁷⁶.

A organização das manifestações pelo impeachment representaria para o MBL a chance de galgar novos espaços de poder político e, oportunamente, promover pautas de interesses mais específicos. Nesse sentido, o grupo se aplicou com afinco na preparação da primeira manifestação do ano que começava, tendo a votação da Câmara na mira.

"2:00, 3:00 da manhã, nós passávamos por viadutos de São Paulo, a Ponte dos Remédios, a ponte dos remédios, aquele viaduto ali que fica perto do Tietê e que nós íamos todos assim pregando faixas convocando para as manifestações de madrugada, ou então colando lambe-lambe. Vamos fazer uma ação em tal lugar. Não tinha final de semana. Eu trabalhava, (...) fazia faculdade, e por vezes, no meu final de semana eu ia participar de atos, ia organizar manifestações, enfim, o tempo todo." (Entrevista: E18)

O contato pregresso com congressistas durante as semanas da marcha e do acampamento facilitou a arrecadação de doações e o usufruto dos ativos de partidos aliados (PSDB, DEM, Solidariedade e PMDB), os quais, por sua vez, barganharam espaço de palanque nos caminhões de som do MBL, tendo em conta que 2016 era ano eleitoral. Foi nessa época que o MBL começou a falar publicamente do recebimento

¹⁷⁵ Kim Kataguiri, em entrevista a Rodrigo Constantino, publicada em seu canal do Youtube em 12 de abril de 2018 (ver a partir de 1'00"), no endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=WCTus2WTd50>

¹⁷⁶ Segundo os autores, o mecanismo das espirais de oportunidade opera "through sequences of environmental change, interpretation of that change, action, and counteraction, repeated as one action alters another actor's environment" (McAdam et al. 2001: 243).

de "doações muito expressivas de várias pessoas" (Kataguirí & Santos, 2019: 322). Recursos humanos e financeiros de proporções extraordinárias¹⁷⁷ foram empenhados na organização coletiva da manifestação política que se tornou a maior da história de São Paulo, com presença de 500 mil pessoas, segundo o Datafolha (1,4 milhão segundo a PM e 1,2 milhão segundo o VPR, que contratou empresa de medição de público por conexões ativas de wi-fi em smartphones). Embora não haja dados consolidados quanto às demais cidades, cumpre notar que a cidade do Rio de Janeiro teve participação estimada em 1,5 milhão pelos organizadores; e que a PM divulgou estimativa de público de 100 mil ou mais pessoas nas cidades de Curitiba, Vitória, Recife, Porto Alegre, Campo Grande e Brasília, com focos também na maioria das capitais brasileiras. Como de hábito, o deputado Jair Bolsonaro circulava pela manifestação em Brasília e colhia aplausos e demonstrações de estima, enquanto políticos tradicionais, como Aécio e Alckmin, eram frequentemente vaiados.¹⁷⁸

Ao final do dia 13 de março, o governo divulgou nota oficial que enaltecia o "caráter democrático das manifestações", apelando a valores de "maturidade de um país que sabe conviver com opiniões divergentes" e de "respeito às suas leis e às instituições"¹⁷⁹ – tentativa de oferecer uma interpretação conciliatória ao movimento das ruas e neutralizar consequências disruptivas. Na sequência, Dilma confirmou a indicação do ex-presidente Lula para ministro da Casa Civil – responsável, dentre outras coisas, pela articulação do governo com os demais poderes. A base de apoio do governo claudicava e o gesto revelava tentativa do Planalto de conter a crise instaurada.

Ainda inebriados de excitação pelo sucesso da véspera, os ativistas do MBL seguiram engajados na campanha digital contra a nomeação recém-anunciada. A mobilização foi municada pelo vazamento – autorizado por Sérgio Moro, que era juiz de

¹⁷⁷ Inclua-se o aporte indireto de verbas públicas por meio da liberação das catracas de metrô da estação Trianon-Masp, instalação de banheiros químicos e anuência tácita com a instalação irregular de faixas de divulgação em espaços de alta exposição, como viadutos e avenidas.

¹⁷⁸ Naquele contexto, Bolsonaro já se apresentava como pré-candidato e aparecia em quarto lugar na corrida eleitoral, com 6% das intenções de voto, segundo pesquisa do Datafolha de 29 de fevereiro de 2016 (disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/eleicoes/2016/02/1744581-49-nao-votariam-em-lula.shtml>). Ele havia recentemente contratado um marketeiro e replicava estratégias da campanha de D. Trump, recém-eleito. Os jornais começavam a chamar a atenção para sua trajetória em ascensão, embora a viabilidade de sua eleição fosse vista com descrédito por muitos analistas.

¹⁷⁹ Cf. matéria de Cruz & Uribe, 2016, para a Folha. Disponível em: <http://folha.com/no1749561>

primeira instância no âmbito da operação Lava Jato e ícone do antipetismo – de grampo ilegal da conversa entre o ex-presidente Lula e a presidente em exercício Dilma Rousseff. O áudio exibia trecho considerado comprometedor, em que Dilma avisa do envio do termo de posse de ministro para ser usado "em caso de necessidade." O diálogo foi considerado prova de desvio de finalidade da nomeação; a finalidade real seria proteger Lula de um eventual mandado de prisão. Outros áudios de menor repercussão sugeriam também que Lula hesitava em aceitar a nomeação, a qual teria sido um pedido pessoal de Dilma em nome da sobrevivência do governo.¹⁸⁰ Lula não chegou a tomar posse, dado que o ministro do STF Gilmar Mendes acolheu a tese de desvio de finalidade e concedeu mandado de segurança ao PPS e ao PSDB, autores do pedido de cassação da posse de Lula.

Cada um dos acontecimentos recebia ampla cobertura dos veículos de imprensa e nas redes sociais. Em pouco tempo, uma manifestação imprevista vai tomando corpo, agitada pelas interpretações que imprensa e redes sociais forneciam. Os principais grupos de oposição se encontravam bem mobilizados e rapidamente capitalizaram em seu favor o vazamento do diálogo entre Lula e Dilma, considerado munição amiga, o "mais poderoso agitador de consciências [que] Moro nos dera nas mãos" (Kataguirí & Santos, 2019: 319). O MBL utilizou-se de trecho do diálogo em que Lula se despedia de Dilma ao telefone e criou o slogan "Tchau, querida!". O roteiro de desdobramento de manifestações já era conhecido e várias pessoas tornaram à avenida em aglomerações a favor do impeachment.

É importante reiterar que tais acontecimentos do mundo político estavam especialmente implicados num alto grau de 'incerteza estrutural' (Dobry, 2009) e não traziam em si o sentido da mobilização que provocaram. Em outro cenário, o vazamento do mesmo diálogo grampeado poderia fustigar uma reação de solidariedade e apoio ao governo, fosse dominante a interpretação de perseguição e ameaça à soberania democrática, como defendiam os principais atores de esquerda. Os enquadramentos (*frames*) interpretativos se inserem na disposição do jogo de forças políticas postas

¹⁸⁰ Ver reportagem de Fernando Castro (2016) para o G1, disponível em: <http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2016/03/em-grampo-lula-diz-que-nao-quer-fazer-como-nero-e-incendiar-o-pais.html>

em confronto. A interpretação disseminada¹⁸¹ pelos grupos de direita mobilizava os mais caros valores externados durante as recentes manifestações, a saber: a ética da luta contra a corrupção e a punição exemplar dos corruptos. Já os grupos de esquerda apelavam aos valores da injustiça da perseguição política e da soberania do voto democrático que conferiu o mandato presidencial de Dilma, mas careciam de "*enquadramentos* motivacionais" (Benford & Snow, 2000). A superioridade das forças oposicionistas era tamanha que restou pouco espaço aos governistas para uma tentativa de dissuasão perante a "opinião pública".

Com os ventos em desfavor, a crise recrudescceu e antigos aliados começaram a desembarcar do governo, caso da bancada ruralista na Câmara (que declarou apoio ao impeachment poucos dias após as manifestações de 13 de março) e, mais tarde, da CNA (Confederação Nacional de Agricultura e Pecuária do Brasil). A entidade se valeu do pretexto de que Dilma expressara anuência a uma declaração do dirigente da CONTAG (Confederação Nacional de Trabalhadores na Agricultura) em defesa da ocupação de propriedades rurais, e que o PT aplaudia a ameaça de dirigentes do MST a "pegar em armas" caso o impeachment fosse aprovado. Dilma era considerada aliada do agronegócio, tendo um histórico de defesa dos interesses do setor,¹⁸² às expensas da base de apoio mais fiel do Partido dos Trabalhadores, como os trabalhadores rurais e os sindicatos. Por essa razão, o governo considerou ingrata a defecção do setor ruralista, e a ministra da Agricultura e ex-dirigente da CNA Kátia Abreu tentou, sem sucesso, interceder em favor da presidente.

Como argumenta M. Dobry (2009: cap. 4, §30), conjunturas de crise política são marcadas por uma "sincronização dos ritmos setoriais" e pelo "estreitamento da arena política", ou seja, pelo afunilamento da atenção dos atores em vista de decisões cruciais. Ainda segundo o autor, semelhantes conjunturas dão esteio ao fenômeno de

¹⁸¹ Que corresponde ao mecanismo de difusão (diffusion) no modelo de McAdam et al. (2001). Segundo os autores, a ideia de difusão, que em sua acepção mais geral "includes any transfer of information across existing lines of communication", refere-se, agira no debate sobre movimentos sociais, à transferência "in the same or similar shape of forms and claims of contention across space or across sectors and ideological divides." (idem, ibidem: 68).

¹⁸² O governo Dilma fora, até então, o que menos sancionou demarcação de novos territórios indígenas desde a redemocratização. A presidente também implementou política de crédito rural favorável e atuou em defesa da regulamentação da terceirização dos serviços do setor agropecuário, que teve crescimento recorde mesmo durante os anos de recessão.

"desobjetivação" da conduta em prol de uma reavaliação tática, o que embaça prognósticos, remodela acordos de interesse e, potencialmente, medra novas configurações sociais. Estados de crise tendem a operar em um "campo desobjetivado" ou em "diferenciais de objetivação", ou seja, relações e condutas rotinizadas que, em momentos específicos, perdem poder construtivo e cessam de operar em concordância às atribuições de um dado setor e às transações conchavadas de rotina. A análise de um processo de crise deve ter em conta não apenas a objetivação "típica ideal" das lógicas setoriais inscritas na conduta, mas considerar os diferentes "graus de objetivação" que tais lógicas adquirem circunstancialmente.

O comportamento do setor ruralista era mais um índice da dinâmica de crise. A CNA tratava de ampliar suas redes de apoio para além dos espaços de poder institucional, e convidou o MBL para uma reunião e uma palestra enquanto organizador do movimento das ruas. O destaque que o MBL recebeu em relação aos demais grupos organizadores era fruto da mediação de Silvio Fernandes (ativista do MBL e membro da Sociedade Goiana de Pecuária e Agricultura) junto ao senador Ronaldo Caiado (DEM), e deste junto ao representante executivo da CNA em Brasília, que passou a estabelecer interlocução direta com Renan Santos.

Beneficiados pelos fartos recursos logísticos e financeiros da CNA, o MBL desfrutava de ativos de mobilização" ainda mais firmes na derradeira grande atividade de sua atuação na campanha do impeachment: a "operação Minerva".

Após a iniciativa pioneira do VPR ao lançar o Mapa do Impeachment – espécie de placar dos votos dos congressistas, visando pressionar os indecisos por meio da exposição pública –, o MBL replica e intensifica a tática de pressionar os deputados a declararem publicamente voto de apoio ao afastamento da presidente. A tática consistia em constranger pública e privadamente os deputados indecisos por meio da exposição em redes sociais, com caminhões de som em frente à casa da deputada ou deputado, ameaças de corrosão da base eleitoral, assédio em locais públicos (aerportos, restaurantes etc.) e telefonemas constantes ao número pessoal ou da residência familiar (e não exclusivamente ao do gabinete, como fazia o VPR). O ativista e *geek* Rafael Rizzo, que coordena e alimenta os canais digitais do grupo, era responsável por fornecer ("a uma velocidade assustadora", segundo Katagiri & Santos [2019: 342]) as

informações pessoais dos deputados (fotos, e-mails, telefones etc.). O grupo se subdividia de modo a fazer pressão constante sobre cada deputado durante o maior intervalo de tempo até que o deputado declarasse voto favorável à causa – por meio da prática conhecida como *doxing*.

O dia da votação na Câmara foi acordado para acontecer no domingo 17 de abril a fim de favorecer a organização dos manifestantes anti-petistas, que, em São Paulo – epicentro de todos os protestos do ciclo – , reuniram-se na avenida Paulista em 250 mil, segundo Datafolha (Apêndice II). Confiante no resultado da votação, o MBL organizou uma manifestação de caráter mais festivo, com diversas performances carnavalescas, hinos, coreografias, o tema da vitória de Ayrton Senna, shows de comédia, contratação bandas e animadores de festas, projeção de imagens, performances de maquiagem de avatares de Lula e Dilma, além dos tradicionais discursos políticos do alto de carros de som. Alguns participantes foram contratados por partidos da oposição para segurar painéis pelo impeachment, embora tivessem opinião contrária, conforme revelou reportagem da Folha.¹⁸³ Já os manifestantes que apoiavam a presidente se reuniam no Vale do Anhangabaú em 42 mil pessoas, segundo Datafolha. A manifestação contava com os tradicionais repertórios de protesto, entre roupas vermelhas, bandeiras, carros de som, estruturas infláveis, cartazes de exaltação às conquistas sociais do governo e de acusação contra Eduardo Cunha e políticos tucanos.



Foto: FolhaPress. Kim e outras lideranças acompanham votação do impeachment na Câmara em 17/04/2016

Os manifestantes da Paulista comemoravam o resultado da votação enquanto, no Vale do Anhangabaú, o clima era de lamento. Parte dos dirigentes do MBL acompanhava a votação desde o plenário da Câmara portando crachás de convidados fornecidos por Eduardo Cunha. Lideranças do VPR e do Nas Ruas/ANMD também tiveram acesso ao anfiteatro do plenário. As lideranças atuavam para evitar uma desarticulação e debandada de votos de última hora, apontando a tônica do conteúdo da pressão nas redes sociais de cada grupo. O MBL tinha alugado uma casa (ou "uma

¹⁸³ Ver a reportagem de Bergamin et al., 2015, disponível em: <http://folha.com/no1762071>

mansão", segundo Alexandre Santos¹⁸⁴) em Brasília para permitir uma atuação mais próxima dos deputados e para sediar o escritório temporário do grupo, e via o rosto de Kim Kataguiri ganhar destaque nas manchetes enquanto representante do movimento das ruas.

Após a primeira vitória, o grupo seguia atento à votação definitiva no Senado, e organizou em parceria com os demais grupos a última manifestação do ciclo do impeachment, em 31 de julho de 2016. O chamado do protesto dizia "ou você vai, ou ela fica". A maioria não foi, confiando de que a causa já estava ganha. Mesmo assim, vinte estados e Distrito Federal registraram focos de protestos contra Dilma. O Datafolha não fez contagem. A PM divulgou estimativa de 43 mil em todo o país. Ativistas de esquerda foram às ruas na mesma data, em vinte estados e DF, manifestando-se contra o governo interino de Michel Temer e pedindo a volta da presidente eleita. A PM contabilizou de 3 mil participantes, mas deixou de fora Rio de Janeiro e São Paulo, onde havia as maiores aglomerações.

O julgamento do processo de impeachment durou cinco dias e as lideranças ativistas acompanharam a votação do Senado pela televisão. Até o final do processo de afastamento, o MBL tinha protagonizado, em parceria com outros grupos, a organização de sete expressivos protestos pelo impeachment de Dilma, alguns bem maiores que outros. O trabalho de articulação dentro e fora das redes ilustra o modo como se relacionam as instâncias presencial e virtual do protesto (Breuer et al. 2015; Bastos et al., 2015). Como também argumentam Bennett e Segerberg (2012), o ativismo digital é mais eficiente quando combinado a formas tradicionais de mobilização não digital.

O grupo também soube agenciar a própria imagem, angariando os créditos da façanha ao manter uma eficiente comunicação com jornalistas e editores importantes, uma crescente rede de articulação com políticos veteranos e profissionais de vários espaços institucionais, e uma dinâmica atividade em plataformas digitais. A movimentação pelo impeachment marca o que denominamos *fase concorrencial* do MBL.

¹⁸⁴Cf. Kataguiri & Santos, 2019.

3.3 Fase de timbragem identitária: por uma direita descolada

Posto que a oposição ao PT e destituição da presidente Dilma foram o gatilho de formação do Movimento Brasil Livre (seção 2.2), o futuro do grupo tornou-se tema de debates internos e especulações alheias. Movimentos como o VPR e Revoltados Online haviam anunciado em redes sociais que o plano era "primeiro, tira a Dilma, e depois o resto", até que surgisse um representante ilibado. O MBL não quis fazer coro e deixou clara a sua defesa da gestão de Temer, esforçando-se por desvincular a política econômica do governo e as denúncias de corrupção contra o presidente e seus ministros. "Quando o Temer assume, qual é a ordem interna? Não bate no Temer!" (Entrevista: E17). Renan Santos já conhecia o teor da "Ponte para o Futuro" – programa de recuperação do governo interino – desde as apresentações durante a Marcha Pela Liberdade, em abril-maio de 2015, e passou a assimilar a defesa do pacote de reformas do governo às novas bandeiras do MBL. Mas o grupo tampouco almejava tornar-se uma plataforma de pressão popular em torno de pautas pontuais. Movimentos sociais podem apresentar ganhos mais tangíveis ao adotar uma postura pragmática com objetivos de curto prazo, mas não se fortalecem na ausência de uma "causa maior", um conjunto de enunciados prescritivos e remissivos de valores e objetivos partilhados, geralmente de longo alcance, e que constituem a identidade moral do grupo. Para o MBL, essa identidade se assentava majoritariamente na utopia libertariana – ou liberal, como o termo calhou em aclimatar-se no contexto brasileiro (seção 1.5).

A fim de promover o liberalismo econômico, o grupo entendia que o governo Temer era um aliado de circunstância, razão pela qual o MBL declinou de participar das eventuais manifestações lideradas pelo VPR que pediam apoio no combate à corrupção mas sem defender a destituição de Temer, embora ele tivesse se tornado alvo de diversos escândalos de corrupção. O grupo havia sido pego de surpresa, durante a gravação de uma *live*, pelas notícias que implicavam o presidente Temer em práticas de corrupção, vendo-se forçado a pronunciar-se em favor da renúncia de Temer, mas não chegaria ao ponto de trabalhar pelo impeachment do pmedebista, uma vez que eram aliados em torno da agenda econômica do governo. A bandeira da ética na polí-

tica sempre foi marginal dentro do grupo, mas preocupava a abrangência dos alvos da campanha anti-corrupção. No calor da hora, Arthur do Val apelava:

"A gente não pode deixar que os partidos de esquerda e as pessoas ligadas aos que colocaram essa corja, inclusive o Michel Temer, lá, ganhem a narrativa dizendo que eles já eram contra isso há muito tempo. Não, não! A corrupção não está em todo mundo. Então se todo mundo é igual, pelo menos põe o Lula porque o Lula faz mais pelos pobres. Não! Essa narrativa não pode ganhar."¹⁸⁵

Como observa B. Sallum em referência a Weyland (1993 apud Sallum 2015), "a corrupção só se torna fatal quando empregada como arma por poderosos adversários." Após reunirem-se em comitê de crise, o grupo tratava de pôr panos quentes na história. "(Vamos) dizer que é corrupção, mas não escândalo – então, falar que é corrupção e, ao mesmo tempo, comparar com a do PT, falando que do PT é escandaloso, isso acho que é uma bola dentro tranquila"¹⁸⁶, sugere Renan em mensagem privada aos correligionários preocupados com a omissão do MBL no ato pró-impeachment de novembro de 2016, marcado pelos antigos aliados antipetistas. O direcionamento político dado diante do assunto que povoava o debate do momento foi mudar o assunto, desviar-se da conversa, tergiversar. O incidente sequer chacoalhou a relação com o pemedebista, que, mais tarde, chegou a aceitar convite, para palestrar no 5º Congresso Nacional do MBL (em novembro de 2019), ora na condição de ex-presidente. O MBL era um aliado estratégico do governo na campanha das mídias digitais, e estava engajado na defesa das reformas econômicas pró-mercado.

Contudo, ainda antes das alianças com o governo Temer e da perspectiva de avanço liberal no âmbito político-econômico, as lideranças do MBL traziam o enten-

¹⁸⁵ Arthur do Val, em transmissão ao vivo da página do MBL, em 17 de março de 2017 (ver a partir de 3'00"). Disponível em:

https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=597831427007671

¹⁸⁶ O conteúdo da mensagem faz parte do pacote de mensagens hackeadas enviadas ao The Intercept. Cf. a reportagem de João Filho, 2020, disponível em:

<https://theintercept.com/2020/10/04/estrategias-antieticas-mbl>

dimento de que um avanço sólido e perene demandava mudanças de âmbito cultural, que alterassem a percepção, o imaginário e os valores da sociedade.

O projeto ressoava um dos mantras do pensador Olavo de Carvalho, que aleitou a maior parte dos grupos embrionários da direita contemporânea, sem exceção do MBL. Inspirado pelas teses do marxista Antonio Gramsci, Olavo há muito defendia a necessidade de priorizar estratégias de confronto no campo cultural, por entender que toda vitória política terá curto alcance se não produzir eco no imaginário coletivo da sociedade, razão pela qual ele passou a instruir seus seguidores a se aplicarem na produção de artefatos culturais com orientação política e na transição simbólica e redefinição das virtudes sociais.

Olavo é direta e indiretamente influente nas primeiras fases do movimento, seja por ter formado um grande número daqueles que se tornaram base ou lideranças do grupo, seja por ter orientado o sentido estratégico da militância conservadora, embora houvesse divergências táticas. "Quando eu cheguei lá, em 2015, houve uma tentativa de aproximação do movimento [Brasil Livre] com ele [Olavo]" (Entrevista: E18). A intimidade entre Olavo e o MBL foi se desenvolvendo através de livros, cursos de formação e debates em plataformas de videoconferência (*hangouts* ou *lives*). Em agosto de 2013 (dois meses após o início do novo ciclo de protestos), a editora Record lançou o livro *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota* – coletânea de artigos de jornal escritos por Olavo e organizados por Felipe Moura Brasil (jornalista da revista *Veja*, à época) a pedido de Carlos Andreazza, editor recém-contratado do Grupo Record e empenhado em estimular o mercado editorial através de livros que fizessem circular ideias de direita.¹⁸⁷ Andreazza identificava uma "demanda reprimida" por autores de direita e apresentou um projeto editorial que dava "um tratamento pop ao autor (...) desde a escolha do título até a capa", como revelou Andreazza: "nós *hypamos* o Olavo."¹⁸⁸ O livro virou um sucesso editorial e entrou para a lista de *bestsellers* da editora, com estimativas de 120 mil exemplares vendidos até o ano de 2020. Na cole-

¹⁸⁷ É também Andreazza quem encorajou Renan Santos e Kim Kataguiri a escrever um livro sobre a história do MBL, anos adiante. Após repetidos atrasos dos autores, o livro foi publicado em 2019.

¹⁸⁸Cf. Reportagem de Felipe Moura Brasil, no blog da revista *Veja*. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/felipe-moura-brasil/8220-nos-hypamos-o-olavo-8221-8211-120-mil-exemplares-vendidos>

tânea, Olavo sintetizava a receita do "imunizante da idiotice" com base no elogio do autodidatismo e na dessacralização do que ele chamava de "elite intelectual brasileira", representada principalmente pela academia (Olavo . Os argumentos influenciaram fortemente o perfil de ativistas do MBL (seção 2.3.1).

Olavo se tornou debatedor residente dos lendários *hangouts* organizados pelo cantor Lobão e transmitidos em seu canal de Youtube às quartas-feiras. A série de conversas se iniciou no segundo semestre de 2013 e se estendeu até o final de 2014, tendo contribuído para afamar a figura e as teses de Olavo.¹⁸⁹ O então noviço MBL participa de ao menos dois *hangouts*. No primeiro, Kim Kataguiri participou na condição de substituto de Paulo Batista (o "capitão do raio privatizador"), mas apresentava-se como representante do ainda desconhecido Movimento Brasil Livre. O encontro virtual discutia as diretrizes de uma passeata planejada para o dia 15 de novembro de 2014, em contestação à vitória eleitoral de Dilma. Um outro encontro virtual, já em um contexto de notoriedade crescente do MBL (julho de 2015), contou com a presença de Fábio Ostermann e Kim Kataguiri. Eles receberam conselhos do "professor Olavo" a respeito de estratégias de desobediência civil e criação de lideranças enraizadas em distintos espaços sociais. Olavo também ofereceu ao MBL cursos gratuitos de formação intelectual para lideranças seletas, orientou práticas políticas, conduta pública, sempre repetindo que a disputa cultural devia ser a frente prioritária do projeto maior de disputa pelo poder social, para além da busca por cargos nominais no governo. Após ouvir atentamente, Fábio pontuou:

"[Queremos] tornar o MBL não só uma entidade que canaliza ação popular, que organiza protesto, mas também um centro de formação de lideranças com valores sólidos. Não só na parte de ideias. A gente percebe que as pessoas não têm muito o cacoete se de falar em público, de apresentar uma ideia de maneira coerente,

¹⁸⁹ Após o fim da série de *hangouts*, Olavo começou a participar do canal "Terça Livre", surgido em seguida. O novo canal era organizado por Allan dos Santos, pupilo de Olavo e, mais tarde, um dos principais apoiadores do bolsonarismo.

e até de conversar com as pessoas sobre fatos políticos (...) que tem impacto muito grande no seu potencial multiplicador".¹⁹⁰

O plano ia tomando corpo e criando braços, com a atuação do grupo em diversas frentes de ativismo (digital, institucional, jurídico, secundarista etc.) e designação orientada dos membros para cada função. Os objetivos de curto, médio e longo prazo correspondiam, respectivamente, ao impeachment de Dilma, à propagação de ideias liberais e valores conservadores, e à dominância política e cultural da direita e ascensão das lideranças do MBL a posições de poder político (cargos eletivos, em especial). O ganho de popularidade nas redes sociais e nas manifestações dos grupos de direita levavam a crer em avanços substantivos no campo da política. Porém, Olavo considerava os avanços ainda tímidos no campo cultural. A estratégia de repaginar a direita respondeu a essa avaliação.

Em pouco tempo, a relação com Olavo é tomada por arengas – o MBL não seguiu suas orientações de desobediência civil insurgente durante o acampamento em Brasília e virou mais um dos alvos de desqualificação do ideólogo – embora o MBL continue tributário das principais ideias do escritor Olavo de Carvalho.¹⁹¹

Vimos que o acampamento em Brasília e a Marcha Pela Liberdade, ambos em 2015, foram motivados pelo intuito de encomendar uma bela história de heroísmo. Mas o plano não se encerrava nisso. A aposta também investia na rerepresentação estetizada do liberalismo e do estilo encarnado de um liberal descolado, o que veio a ser fartamente explorado nas fases subsequentes do movimento. Como disse Kataguirí,

"A nossa ideia é quebrar esse monopólio que eles [da esquerda] mantiveram durante anos. A ideia da Marcha, que muitas vezes é associada a coisas como a Coluna Prestes, por exemplo, um grande discípulo da esquerda, também é uma forma de destruir o

¹⁹⁰ Vídeo publicado em julho de 2015, mas removido do canal de Youtube Lobão Oficial. Originalmente disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8eeh_1EoB1E

¹⁹¹ Cf. o vídeo de Renan Santos a propósito da morte de Olavo de Carvalho, publicado em 25 de janeiro de 2022, no canal do Youtube do MBL, sob o título "O que eu penso sobre Olavo de Carvalho". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UYrFFvaGHws>

monopólio de todos os simbolismos que hoje a nossa esquerda mantém no nosso país."¹⁹²

A "destruição de todos os simbolismos" passava pela tática de confusão de paradigmas estéticos. "E aí, a gente estava parecendo esquerdista?", dizia Renan ao exibir a barba crescida, camiseta, lenço amarrado ao pescoço e uma manta marrom em torno dos ombros, durante a marcha. "Quero criar uma confusão na cabeça das pessoas de esquerda. É uma revolução estética, não de conteúdo". Ou ainda: "A gente criou uma linguagem que mescla diversão, provocação e um pouco de rock and roll, o que confunde o adversário", disse Renan Santos.¹⁹³ A estratégia comunicativa visava, segundo eles, superar o estigma de que a direita é "coxa", pesada e convencional. "Eu vou a festas boas, tenho amigos gays, negros, artistas. Dá para ser legal sem votar no PT ou no PSOL", diz Alexandre Santos. Pedro D'eyrot ia na mesma toada:

"Partimos da tese de que faltava estética e apelo para difundir na sociedade uma visão de mundo mais liberal. A esquerda contemporânea desenvolveu uma roupagem romantizada para seus ideais e, assim, formou uma militância consistente. Era preciso – com o perdão da ironia – revolucionar o liberalismo."¹⁹⁴

A tática da confusão estética foi prioritária até o segundo ano de vida do grupo, tempo que ajudou a maturar a estética em torno do projeto de uma "nova direita" e que acompanhou o movimento de "saída do armário" – um dos chavões usados para descrever a ascensão da direita – de vários atores do campo.

Não era a primeira vez que preocupações estéticas se combinavam com preocupações políticas. O controvertido realismo socialista (política do Estado soviético para as produções artísticas do período) ainda desperta debates críticos no Brasil e mundo afora. Ao largo da esfera estatal, o movimento de maio de 68, na França, teve ampla repercussão pelo mundo na renovação dos repertórios do ativismo (principalmente do

¹⁹² Kim Kataguirí, em reportagem de Gabriel Castro (2015) para a Veja. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/a-revolucao-estetica-dos-andarilhos-do-impeachment>

¹⁹³ Renan Santos, também na reportagem de Gabriel Castro (2015).

¹⁹⁴ Pedro D'eyrot, em reportagem de Gabriel de Barcelos (2017). Disponível em: <https://diplomatie.org.br/o-conservadorismo-moral-como-reinvencao-da-marca-mbl>

esquerdista), contribuindo para a notabilização da agenda ecológica e legando uma forte influência na produção artística e cultural do tempo, bem como na transição de padrões comportamentais das gerações seguintes, o que ganhou expressão através do apelo à liberação do corpo (uma nova moral sexual) e da mente (a popularização do uso de entorpecentes).

O movimento de maio de 68 tornou-se paradigmático também na percepção de analistas e cronistas influentes no Brasil, como é o caso de Luiz Felipe Pondé. Para o filósofo-cronista, a geração influenciada por maio de 1968 cristalizou estereótipos acerca do ativista de esquerda como tipo descolado, despreocupado, sensual e artisticamente sensível, enquanto o direitista era visto como tipo sisudo, antiquado, excessivamente responsável e pouco atraente. Para ele, a geração de jovens de direita deveria aprender a superar essa imagem:

"Um dos maiores desafios dos jovens que não são de esquerda não é a falta de acesso a bibliografia que seus professores boicotam (o que é verdade), nem a falta de empregos quando formados porque as escolas os boicotam (o que também é verdade), mas sim a falta de mulheres jovens, estudantes, que simpatizem com a posição liberal (como se fala no Brasil) ou de direita (quase um xingamento). (...) O celeiro de meninas que curtem papo cabeça e política são cursos como psicologia, letras, ciências sociais, pedagogia e afins, todos de esquerda. (...) O maior desafio para um jovem estudante liberal no Brasil é pegar mulher (no meio universitário e afins), sendo liberal. Claro, charme pessoal, simpatia, inteligência, grana, repertório cultural, sempre são fatores importantes, mas a esquerda tem um ponto a favor dela que é indiscutível: se você é de esquerda, pegar mulher é a coisa mais fácil do mundo. Qual o segredo da esquerda? É ser festiva. (...) A esquerda festiva (que é quase toda ela) reproduziu porque teve muitas mulheres à mão. Imagine papos como: 'Meu amor, se liberte da opressão sobre o corpo da mulher!' (...) Ou imagine você dizendo para uma menina bonitinha algo assim: 'O capital mata crianças de fome na África!'. Mesmo sendo ela uma jovem endurecida pela batalha contra a opressão da mulher (por isso tenta

desesperadamente ser feia), seu coração jorrará ternura. Imagine a energia de uma manifestação! Braços dados ou não, mas caminhando e cantando. Imagine a fuga, correndo juntos da polícia. Os corações batendo juntos! (...) O canal para uma direita festiva é: fale de liberdade, do sofrimento humano, de corpo, discuta documentários, diga que a vida não tem sentido, mas que a beleza existe, não se vista como o Sheldon, viaje para a Islândia, e (pelo amor de Deus!) não fale de economia. As meninas detestam economia, essa 'ciência triste', porque atrapalha a alegria da vida."¹⁹⁵

O texto, publicado como artigo na Folha de São Paulo, ainda em abril de 2014, foi inspirado em conversas com o escritor Leandro Narloch¹⁹⁶, e tinha entusiasmado alguns dentre os que se tornariam lideranças do MBL. Eles abraçaram a ideia de que a direita deveria aprender a ser festiva e conseguir "pegar mulher", visando mecanismos de coesão e continuidade baseados em determinadas "constituições libidinais" (Goodwin 1997).¹⁹⁷ O grupo passou a investir na reconstrução da própria aparência e na sugestão de que quem é de direita transa mais. A jogada publicitária virou o tema principal do 2º Congresso Nacional do movimento, em novembro de 2016. Em um dos painéis do evento, os conferencistas tentavam persuadir a audiência com base no seguinte raciocínio: sabe-se que há um número crescente de jovens de direita. Há pesquisas que afirmam que os jovens começam a vida sexual cada vez mais cedo, *ergo* ser direita é ser "transante". A inconsistência lógica não parecia incomodar, afinal, como em toda peça publicitária, o importante era impactar o imaginário e, no caso em análise, atizar instintos por poder e sexo. Segundo esse ideário, ser de direita já não implicaria em desvantagem na competição por mulheres – objetos de desejo dos sujeitos

¹⁹⁵ Coluna de Luiz Felipe Pondé (2014) para a Folha. Disponível em: <http://folha.com/no1443306>

¹⁹⁶ Jornalista de formação, Leandro Narloch se notabilizou como autor do bestseller "Guia politicamente incorreto da História do Brasil", publicado em 2009 pela editora LeYa.

¹⁹⁷ No artigo em questão, Goodwin se vale da expressão "constituições libidinais", cunhada por Freud, para tratar de um aspecto dos movimentos sociais que considera até então pouco discutido pela literatura especializada: a "estrutura e a 'economia' dos laços afetivos e sexuais de seus membros." (Goodwin, 1997: 53)

homens. Os jovens do presente estariam transando mais do que os do passado¹⁹⁸ porque a "nova direita" tinha aprendido a ser descolada.

O argumento tinha potencial de forte apelo junto ao público de *incels* (corruptela de "celibatários involuntários", em Inglês), um dos grupos que assomaram recentemente na política depois de muito tempo acantonados no universo dos videogames. "Direita transante" era, antes de tudo, um slogan midiático voltado para recrutar homens jovens. A preocupação estética encontrava correspondência nas reflexões de filósofos influentes da direita contemporânea, como Luiz F. Pondé e Olavo de Carvalho.



Foto: Ellen Elsie. Camiseta da loja do MBL durante 2o Congresso Nacional traz foto com Thiago, Pondé e Pedro.

O projeto de renovação da imagem da direita buscava transcender o escopo da aparência enquanto pura externalidade, e correspondia a um esforço de síntese entre aparência e essência, influenciando os ativistas tanto na composição do próprio estilo (adereços, porte, atitude etc.) quanto do caráter individual (opiniões, senso de humor, sexualidade etc.) a partir dos distintivos do grupo. As personalidades de reconhecido potencial ou de destaque do movimento passaram por um treinamento inspirado nas ideias do psicólogo Jordan Peterson e voltado para forjar ou aprimorar qualidades formais de liderança, tais como porte e postura, gestual, oratória, técnicas de enfrentamento em debates, manipulação humorística etc. Complementarmente, os líderes receberam recomendações de moda e estilo visual de autoapresentação. Kim Kataguirí revela (Kataguirí & Santos, 2019) que, após os primeiros contatos com os demais fundadores do MBL, Alexandre Santos decidiu que suas roupas eram "inaceitáveis" e que ele deveria adotar um corte de cabelo diferenciado que corroborasse sua marca e semelhante blasé. Fernando Holiday recebeu orientações que vão desde a escolha do novo nome – que ele adotou a contragosto (de Fernando Silva Bispo a Fernando Holiday) – e mudança de visual (cabelo *black power* e roupas mais descoladas), até a declarações sobre comportamento sexual (ele foi aconselhado a remediar a revelação de que vivia em castidade homossexual com outra declaração de que tinha vida sexual ativa mas

¹⁹⁸ A sugestão é contradita pelos resultados de pesquisas que afirmam que os jovens do tempo presente fazem menos sexo do que jovens gerações anteriores. Ver, por exemplo: Twenge et al., 2017.

responsável).¹⁹⁹ Com o tempo, os perfis de mais destaque do movimento voltaram a reproduzir o estereótipo do liberal bem sucedido de terno e gravata. Após eleitos, ambos Fernando Holiday e Kim Kataguirí mudaram a mudança de figurino e trocaram a camiseta pelo paletó (seção 4.4). Kim também cedeu a "apelos de internautas" e adotou corte de cabelo e visual convencional.

Foi no entusiasmo com o apelo da estética transante que o MBL faz chegar até jornalistas da Folha de São Paulo o "furo" de que um de seus fundadores era o famoso funkeiro Pedro D'eyrot, do *Bonde do Rolê*, banda musical formada em 2005, juntamente com Rodrigo Gorky e Laura Taylor, e especialmente popular entre os telespectadores da extinta rede MTV. O MBL comemorou a repercussão da matéria de outubro de 2016²⁰⁰ que o consagrava Pedro como ícone da auto-denominada "direita transante."²⁰¹ Antes do MBL existir, Pedro já acumulava fama como músico *funk fusion*, de estética escandalosa e apelo explicitamente erótico. A banda teve destaque na revista *Rolling Stones* e recebeu elogios de famosos como da banda *Coldplay* e Caetano Veloso. O próprio Pedro, que fora aluno de graduação incompleta em Publicidade, ajudou a lançar talentos musicais como Pablo Vittar, ícone transsexual no mundo pop. Em sua página de Instagram, cuja primeira postagem é de dezembro de 2012, Pedro publicou imagens de estética debochada, infringindo frontalmente padrões heteronormativos. Também aparece fumando maconha, sugerindo sexo grupal, protestando contra o projeto de "cura gay", e em cenas distintas de libido bissexual a florada. A primeira referência política em suas postagens é de março de 2016, quando ele se mostra diante de símbolos da maçonaria e faz troça com o então vice-presidente Michel Temer. Em agosto do mesmo ano, comentava a perda de amigos por conta de diferenças políticas. Já em outubro de 2016 (ano em que o MBL passou a disputar eleições), a maior parte de suas postagens trazia conteúdo político e suas lentes fotográficas migraram de praias e gramados para escritórios e espaços de trabalho mais convencionais. Mesmo

¹⁹⁹ Discutidas na seção 2.4.2. Cf. as notas 117 et seq.

²⁰⁰ Cf. a reportagem de Paula Reverbel (2016) para a Folha, que traz uma entrevista com Pedro; disponível em: <http://folha.com/no1820495>

²⁰¹ A fabricação de carisma e autopromoção pela interação com veículos de mídia foi também explorado no paradigmático movimento zapatista. O principal líder do zapatismo, conhecido como subcomandante Marcos, chega a posar em ensaio de revistas de moda e colaborava amiúde na caracterização de *glamour* e *sex appeal* em torno de sua imagem.

a luz e coloração das fotos se converteram em tons fechados, embora o apelo *sex symbol* em torno de sua imagem não tenha se perdido junto ao movimento.

O Pedro do Bonde dificilmente seria visto como conservador desde uma perspectiva moral. Fora dos palcos, o curitibano Pedro Augusto Ferreira Deiro (de 1983) se via como uma pessoa "calma e analítica." Ao participar da fundação do MBL, ele reciclou seus círculos de interação, estreitando vínculos com os irmãos Santos, que ele conheceu em uma festa de amigo em comum, e interessando-se progressivamente pelo projeto de estetizar as ideias liberais-conservadoras. Seus novos amigos e projetos ganharam uma ascendência inédita na "estrutura de relevância" (Schütz, 1973) de suas atividades, e passaram a ocupar a maior parte de seu tempo disponível, implicando no distanciamento de círculos pregressos e mesmo no rompimento de amizades antigas.



Foto: Instagram @pedrodeyro, Pedro convida jovens para colorirem seu corpo. Postagem de Maio de 2013

Pedro abandonou o Bonde do Rolê e passou a dedicar-se integralmente ao movimento, que já havia sido comparado a uma banda de indie rock na primeira reportagem sobre o MBL publicada pelo El País em novembro de 2014.²⁰² Na época, Pedro ainda escondia o rosto e preparava a aparição junto ao novo grupo, o qual acabou rendendo renovada fama e lucros indiretos.²⁰³ Seus talentos musicais foram aprovei-

²⁰² Kataguirí conta em livro (Kataguirí e Santos 2019) que Renan baixou a guarda contra a procura de jornalistas porque havia se encantado pela beleza da jornalista María Martín, que cobria a manifestação e teve a oportunidade de conhecer a sede e entrevistar o grupo em primeira mão. A jornalista menciona "o vocalista de uma banda conhecida internacionalmente (...) [que] prefere não participar da entrevista porque seus fãs não estão preparados para seu discurso." (reportagem de María Martín, 2014, disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/12/politica/1418403638_389650.html

²⁰³ Pedro se tornou investidor de criptoativos, aprofundou seu conhecimento e interesse pelo submundo da *deep web* e, mais tarde, veio a abrir empresa em sociedade com o especialista em Tecnologia da Informação Carlos Augusto de Moraes Afonso (conhecido como Luciano Ayan). Ayan colaborava e participava de distintas atividades do MBL; era também administrador do site de notícias falsas *Ceticismo Político*, que fornecia parte do conteúdo publicado nas redes sociais do grupo. Ao longo de sua trajetória, ele se converteu de crítico da esquerda a crítico da direita bolsonarista, chegando a declarar arrependimento por seu apoio ao impeachment e por não ter votado no candidato petista nas eleições de 2018. Em julho de 2020, uma acusação em esquema de lavagem de dinheiro provocou a prisão preventiva de Ayan, que depois foi liberado.

tados na midiatização da marca "direita transante". Em um vídeo intitulado "Os 10 passos para a liberdade", de outubro de 2016, os ativistas Pedro e Renato Battista improvisam na percussão, enquanto Renan e Fred Raoul arriscam um jingle na guitarra e Holiday folheia cartazes artesanais durante uma performance com narração em versos:

"Pra Lava Jato, justiça combate a corrupção / Fora Dilma, a rua é nossa, grande manifestação / combate à crise, austeridade, responsabilidade fiscal / pra acabar com os privilégios e a pirâmide geracional / é isso aí, que é pra vender empresa, que é cabide de monopólio estatal / e pra acabar com os Tiriricas²⁰⁴, vai ter voto distrital / Pois é, pro governo não mamar no salário que é só seu / o populismo brasileiro vai virar peça de museu / e vai ter poder pras cidades, no modelo funcional / e é pra acabar com o abuso do governo federal"²⁰⁵

A aura irreverente da "direita transante" não amainava as ações de confronto político do período subsequente ao sucesso do impeachment. O aspecto festivo que o grupo tentava imprimir à própria imagem era acompanhado por chamados de engajamento e mobilização digital. Em face de um novo governo que lhe posicionava ao lado das forças situacionistas, o MBL passou a concentrar energias para influenciar e pressionar as decisões políticas nas distintas esferas institucionais através de articulação política e mobilizações em espaços virtuais. Fora da internet (mas sempre interagindo em espaços virtuais), a principal mobilização do MBL mirou o movimento de ocupação estudantil em escolas públicas.

Influenciados pelo sucesso das ocupações estudantis paulistas contra projeto de reestruturação escolar do governo Alckmin (PSDB), entre novembro e dezembro de 2015, estudantes secundaristas e universitários e suas respectivas entidades representativas (UBES e UNE) iniciaram uma série de ocupações de escolas e universidades

²⁰⁴ Anos adiante, o MBL começaria a agenciar a candidatura do comediante Danilo Gentili para a eleição presidencial de 2022, estratégia que, na Itália de 2013, rendeu 25% dos votos da eleição presidencial com o candidato Giuseppe Grillo, que se apresentava como anti-sistema, anti-globalização e anti-corrupção.

²⁰⁵ Vídeo publicado no canal do Youtube do MBL em 14 de outubro de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iUVWC9md3Y4>

em protesto contra um conjunto de políticas que afetavam o sistema educacional brasileiro. A saber: a PEC 241, que instituía um teto de gastos com educação; o PL 193, conhecido como "Escola Sem Partido"; o projeto de reforma do ensino médio apresentado pelo ministro Mendonça Filho (DEM) ao presidente Temer. O MBL militava em favor de medidas que apontassem para a privatização dos serviços estatais considerados não essenciais, inclusive Saúde e Educação²⁰⁶, e era também especialmente próximo do então ministro da educação, o "Mendoncinha" – embora este criticasse a viabilidade do "Escola Sem Partido" e a postura do movimento em defesa do projeto de lei. Ou seja, o grupo era frontalmente contrário às bandeiras do movimento de ocupação, e via com preocupação o ritmo crescente de adesão dos jovens – parcela da população que o MBL prefere recrutar.

A esquerda considerava o movimento de ocupações estudantis um alento em meio à enxurrada recente de derrotas políticas. Sindicatos e partidos (o PSOL, em especial) prestavam apoio logístico e político aos estudantes. O MBL tomou parte no confronto dos estudantes contra governos estaduais e federal e desenhou estratégias de desocupação das escolas e neutralização dos opositores, contratando jovens blogueiros para elaborar panfletos e cartilhas pró-liberalismo a serem distribuídos nas escolas. Renan Santos organizou um debate no Paraná – principal foco das ocupações – entre pais e professores de alunos contrários ao movimento e o governador Beto Richa (PSDB), e participou de ato em frente ao Colégio Estadual do Paraná, a maior do estado. Arthur do Val entrou em cena com seu peculiar método de provocar manifestantes opositores (que fez a fama do canal Mamãe Falei), captando material audiovisual para divulgação em redes sociais a partir das discussões com esquerdistas e interações corpo-a-corpo marcadas por hostilidades mútuas. Uma estudante menor de idade chegou a registrar boletim de ocorrência por importunação sexual contra Arthur, mas o caso foi arquivado por insuficiência de provas.²⁰⁷ O ativista Eder Borges –

²⁰⁶ Os serviços que o grupo considera essenciais ao Estado são os de segurança pública, financeiro e o sistema jurídico-penal, embora igualmente sujeitos a controvérsias internas acerca da pertinência da participação estatal, já que a ala libertariana radical entende que o Estado não deveria existir nem em sua forma mínima.

²⁰⁷ Cf. reportagem de Mariana Gonzalez (2022) para a plataforma Universa, do UOL, que teve acesso ao boletim de ocorrência. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/03/08/do-val-foi-denunciado-por-assediar-estudantes-em-2016.htm>

depois eleito vereador pelo PSL em 2018 – também se destacou à frente dos atos de desocupação, levando carros de som para a frente das escolas a fim de tentar dissuadir manifestantes e convertê-los politicamente.

Após episódios de muita tensão, um conflito entre dois alunos sob efeito de droga sintética resultou no homicídio de um estudante. Kim Kataguirí usou sua coluna semanal na Folha de São Paulo para acusar a responsabilidade do "oportunismo da esquerda."²⁰⁸ O trágico incidente enfraqueceu o movimento dos estudantes, que recebeu ordem judicial de desocupação. As ocupações foram se desfazendo aos poucos, embora sem conquistas estudantis palpáveis – diferentemente do movimento do ano anterior nas escolas paulistas, que contou com decisão judicial favorável às ocupações e acabou resultando em conquista das demandas do movimento.

O MBL comemorou o desenlace, mas precisou suspender a estratégia de abordagem junto aos estudantes a fim de evitar problemas mais espinhosos. Com o tempo, o grupo designou uma coordenação encabeçada por uma mulher (Júlia Machado) para atuar junto ao público de estudantes menores de idade, promovendo debates em defesa da doutrina liberal e atraindo jovens e adolescentes pela promessa de unir engajamento político, enaltecimento das interações virtuais e do mundo digital, videogames, irreverência e sensacionalismo transante. O grupo conseguiu ampliar notavelmente a parcela de filiados entre 12 e 17 anos.

As bandeiras do movimento também voltaram o foco para menores de idade, mas agora pelo enquadramento seja da proteção do embrião, seja da responsabilização penal do menor infrator, como veremos a seguir, na fase "moralizante" do Movimento Brasil Livre.

3.4 Fase de radicalização: a cruzada moralizante

Em seu terceiro ano de vida, o MBL já era amplamente conhecido. O marketing da fase de timbragem identitária foi bem-sucedido em dissipar a pecha de almo-fadinhas sisudos que pairava sobre os jovens conservadores-liberais, mas a estratégia

²⁰⁸ Cf. coluna de 25 de outubro (Kataguirí, 2016), disponível em: <http://folha.com/no1825989>

saturava-se ao mirar apenas um setor da população. A sensualidade das performances pretéritas de Pedro deu a feição de umas das abordagens de que o grupo se valia para atrair um público mais jovem, mas não seria fácil conciliar a reputação de transante e conservador, como se pretendia. Conforme crescia, o MBL foi segmentando as frentes de ativismo, e designou diferentes lideranças para atuar junto a diferentes públicos. Os quadros que disputariam eleições atuavam junto a setores mais amplos na internet e outros espaços de debate público. Junto à militância de jovens, Pedro experimentava uma aproximação ousada entre conservadorismo e contracultura: "Nós [conservadores] somos os punk rockers, nós somos os subversivos de hoje. Quando falamos de biologia e que existe homem e mulher, e não cinquenta gêneros, estamos sendo subversivos."²⁰⁹ Com base no frame interpretativo de que a esquerda e, com ela, a "ideologia de gênero" tornara-se hegemônica, o MBL buscava convencer seus jovens seguidores que a defesa da ordem hierárquica e das instituições tradicionais era o equivalente da rebeldia da geração *beatnik* – uma espécie de "conservadorismo de vanguarda". O enquadramento refletia sobre a guinada – ou *identity shift*²¹⁰ – do MBL após aquele 2º Congresso Nacional de fins de 2016, cujo lema era "a direita transante", e o movimento de adesão a pautas moralistas e a aproximação com os evangélicos, como veremos a seguir.

Em setembro de 2017, a exposição de artes visuais contemporâneas intitulada "Queermuseum" foi encerrada um mês antes do previsto em razão de protestos de ativistas de direita, dentre os quais, o MBL. A movimentação começou na internet. Cerca de três semanas após a abertura da exposição, um blog de baixa audiência, dedicado principalmente à política do município de Passo Fundo-RS, publicou o texto de um advogado escandalizado com que ele chamou de "arte profana", "pedofilia, pornografia e os mais variados ataques à moral e aos bons costumes que se possa imaginar."²¹¹ Imediatamente após a publicação, o blogueiro, agente de segurança patrimo-

²⁰⁹ Pedro D'eyrot durante palestra no IV Congresso Nacional do MBL, em novembro de 2018.

²¹⁰ Mecanismo que McAdam et al. definem como: "alteration in shared definitions of a boundary between two political actors and of relations across that boundary" (McAdam et al., 2001: 162).

²¹¹ Cf. a postagem de Cavazolla Jr. (2017), publicada na página Lócus, que se identifica como "mídia de direita", disponível em: <https://www.locusonline.com.br/2017/09/06/santander-cultural-promove-pedofilia-pornografia-e-arte-profana-em-porto-alegre>

nial e secretário parlamentar do deputado Onyx Lorenzoni (DEM) Felipe Diehl visitou a exposição mais de uma vez e publicou vídeos no Youtube que exibiam uma gravação comentada de obras da exposição, repetindo os argumentos do blog.²¹² Durante a intervenção, Felipe interpelava funcionários, um artista e a equipe responsável pela exposição: "você é tarado?" ou "você é pedófilo?", em clara demonstração provocativa de constrangimento ou fúria. Dias depois, era a vez do gaúcho conhecido como Rafinha BK, que se tornara *youtuber* durante intervenção de enfrentamento às ocupações estudantis de 2016. Ciente da proibição a filmagens que o centro cultural instituiria, ele adentrou a exposição com câmera na mão e foi expulso por desrespeitar as regras e causar alvoroço em sua moção de denúncia.²¹³ A produção dos vídeos se inspirava nos métodos do canal Mamãe Falei, de Arthur do Val, e acabou chamando a atenção do escritório do MBL, que decidiu embarcar no bonde moralista, levando as manifestações a outra escala.

A articulação começou pelo Whatsapp. Mais tarde, o site JornaLivre, que era curado e alimentado por ativistas do MBL, publicou texto com o título "Santander Cultural promove pornografia e até pedofilia com base na Lei de Incentivo à Cultura"²¹⁴ – um enquadramento que evitava apontar "blasfêmias" contra a fé católica e destacava a moralidade no uso de recursos públicos. Horas depois, a página de Facebook do MBL divulgou o texto e, subsequentemente, diversos memes e postagens de ataque à exposição e à arte contemporânea em geral (objeto de crítica de filósofos conservadores, como o influente Roger Scruton²¹⁵). A Vara da Infância e Juventude de

²¹² Publicada em 6 de setembro de 2017, no endereço a seguir (atualmente fora do ar):
<https://www.youtube.com/watch?v=9tbgX20Wi6g>

²¹³ Publicada em 9 de setembro de 2017, no endereço a seguir (atualmente fora do ar):
<https://www.youtube.com/watch?v=OWNQNFuSKBY>

²¹⁴ Matéria 9 de setembro de 2017, disponível em:
<https://jornalivre.com/2017/09/09/santander-cultural-promove-pornografia-e-atepedofilia-com-base-na-lei-de-incentivo-a-cultura>

²¹⁵ Roger Scruton é autor de livro intitulado *Beauty: a very short introduction*, publicado no Brasil em 2013 pela É Realizações. O filósofo também é apresentador de um documentário na rede BBC sobre o tema "Por que a beleza importa?", no qual tece duras críticas à arte contemporânea e celebra o legado da arte europeia, destacando a comunhão entre espiritualidade e beleza clássica, ao tempo em que critica o que chama de culto à feiura da arte contemporânea e suas conexões políticas. O documentário recebe versão legendada em Português, a qual se torna o vídeo de maior audiência do filósofo no Youtube até o ano de 2019, quando o vídeo foi removido e reeditado. Confrontos políticos em torno da arte também agitaram a presidência do conservador Donald Trump, que selou seu mandato

Porto Alegre passou a receber denúncias de culto à pedofilia. O promotor responsável por averiguar o caso atestou ausência de conteúdo criminoso e se disse surpreso com o teor das denúncias: "Foi a primeira vez em 23 anos de Ministério Público que eu me deparo com questionamentos sobre exposições em museu."²¹⁶

O movimento de censura ao "QueerMuseum" provocou o encerramento, no dia 10 de setembro, da exposição. O Santander Cultural, instituto que sediava o evento, comprometeu-se a realizar duas exposições substitutas (uma sobre empoderamento feminino e outra sobre diversidade sexual), mas, diante de dificuldades, o banco suspendeu a segunda exposição e preferiu pagar multa de R\$420 mil ao governo federal. Pela sucessão dos acontecimentos, a cobertura da imprensa creditou o desfecho à ação do MBL, principal ator político da mobilização, embora o grupo só tenha embarcado publicamente na mobilização após notícia dos eventos mais contenciosos (pichação de agências bancárias do Santander, agressão a funcionários da exposição e inúmeras reações raivosas nas redes sociais). Em contradição, Kataguirí afirmou: "O MBL fez campanha contra e o Santander voltou atrás."²¹⁷ Felipe Diehl também reivindicava o mérito de ter fechado a exposição, conquanto se eximisse de responsabilidades pelas agressões: "Não concordo com agressão, com ameaça, nem com ovada. Nós ganhamos o Santander em rezas de terços e orações. Aí é que se concentra a luta. Mas como é que nós vamos trazer à tona? Dando a cara a tapa, indo lá, correndo risco de vida, de ser preso por alguma alegação falsa."²¹⁸

Fato já consumado, os grupos conservadores ainda se ocupavam em revolver o sumo de blasfêmias e imoralidades que extraíam do caso. A exposição artística se converteu em ritual de expurgo moral de uma ala da direita que vinha crescendo e ga-

com decreto que proibia a construção de prédios públicos desenhados no estilo arquitetônico conhecido como brutalismo – tendência modernista marcada por formas geométricas rígidas e concreto aparente, já em desuso nos Estados Unidos há mais de 40 anos – e exigia a contratação de projetos de arquitetura clássica.

²¹⁶ Cf. matéria de Flávia Tavares e Daniele Amorim (2017), para a *Época*, disponível em: <https://epoca.globo.com/brasil/noticia/2017/09/como-movimentos-ultraconservadores-conseguiram-encerrar-exposicao-queermuseu.html>

²¹⁷ Kim Kataguirí, em vídeo publicado em sua página do Facebook em 11 de setembro de 2017 (ver por volta de 1'00". Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=680258218764991>

²¹⁸ Em entrevista para matéria de Flávia Tavares e Daniele Amorim (2017), para a *Época*, op. cit.

nhando adeptos mesmo entre direitistas de cepa libertária, como o MBL, que não suspendeu a campanha, mas recrudescer o ritmo e o conteúdo crítico das postagens, o que demonstra que a mobilização não visava somente encerrar a exposição, mas provocar indignação contra um simulacro da esquerda. No dia seguinte ao encerramento da exposição, as redes do MBL publicavam um vídeo de Kim Kataguirí com a legenda "Esquerda tenta promover pedofilia e zoofilia para crianças – e com dinheiro público":

"O que tem a ver pedofilia, zoofilia, atacar o cristianismo com tolerância LGBT? (...) 'Ah, mas o MBL é um movimento liberal, como podem estar apoiando censura?'. Mas que censura? Vocês querem exemplo melhor do livre mercado funcionando, da vontade das pessoas funcionando do que clientes boicotando uma empresa que está promovendo algo que contraria os valores dos seus clientes? Isso é absolutamente liberal! (...) É lógico que não [é intolerância]. É intolerância por parte de vocês que não estão respeitando os cristãos, o símbolo da cruz, as crianças (...). Então o MBL fez campanha sim contra absurdo, vai continuar fazendo, vai continuar prezando por todos os pilares da civilização ocidental (a religiosidade cristã, a filosofia grega, o direito romano), e vai continuar combatendo essa inversão de valores que é promovida muitas vezes com dinheiro público pelas esquerdas brasileiras." ²¹⁹

O MBL ainda tentava refutar as imputações de censura ao enquadrar a mobilização como campanha de boicote – o que era, antes, um dos instrumentos mobilizados na campanha, cuja motivação partia de censura enquanto coibição ou correção disciplinar da linguagem artística. Após o encerramento da exposição, o grupo passou a pedir retratação do Banco Santander, recolhendo 28 623 assinaturas em petição online para "que seja feita uma doação de 800 mil reais a uma instituição de caridade que ajude crianças vítimas de abuso sexual"²²⁰ ; e punição dos artistas e curador, acenando para o público cristão através de postagens de apoio à Rede Record e ao então sena-

²¹⁹ Cf. vídeo publicado na página de Kim Kataguirí:
<https://www.facebook.com/watch/?v=680258218764991>

²²⁰Fonte: <https://www.change.org/p/grupo-santander-popular-exige-retratacao-do-santander-contra-a-pedofilia>

dor Magno Malta (PL).²²¹ Diversas casas legislativas de âmbito municipal e estadual também declararam repúdio à exposição, internautas convidavam a boicote contra o banco Santander, redes sociais, blogs e sites enxovalhavam de críticas não somente os responsáveis pela exposição, como a esquerda em geral. Jornais traziam colunas e reportagens diárias sobre o caso, que do-



Fonte: Facebook do MBL, 7 outubro de 2017

minou o debate público em plataformas digitais, como o Twitter, embora pesquisa da FGV tenha registrado atividade de *bots* (perfis falsos manipulados por inteligência artificial) na ordem de 8,69% das interações.²²² A hashtag #queermuseum entrou para a lista de "trending topics" da plataforma, gerando incisivas reações do público a favor e, principalmente, contra a censura artística do MBL.

O caso acionou um conjunto de mecanismos que precipitaram uma mudança nas balizas sociais – ou *boundary change* (Tilly, 2004)²²³ – acerca dos índices de identificação ou designação político-ideológica, igualmente provocando a tomada de posição de atores anteriormente ausentes no debate político, tais como artistas e celebridades. No entanto, as reações contrárias ao moralismo da censura artística não se converteram em unidade política, e a participação de celebridades conferiu mais audiência ao

²²¹ Cf., por exemplo, postagens da página Jornalivre veiculadas pelo Facebook do MBL: "Globo e Caetano Veloso são detonados em matéria da Record sobre caso de pedofilia no MAM", postado em 16 de outubro; e "'É um evento criminoso que faz apologia a pedofilia', diz Magno Malta sobre mostra artística do Santander", veiculada pelo MBL em 12 de setembro de 2017. Disponíveis, respectivamente, em: <https://www.facebook.com/mblivre/posts/711233639000782> e <https://www.facebook.com/mblivre/posts/681571118633701>

²²² Segundo pesquisa divulgada pela Diretoria de Análise de Políticas Públicas da FGV, disponível em: <http://dapp.fgv.br/pesquisa-da-fgv-dapp-identifica-uso-de-robos-em-13-debate-nas-redes-por-boicote-exposicao-queermuseu>

²²³ Tilly define, "boundary change" como "formation, transformation, activation, and suppression of social boundaries" (Tilly, 2004: 212). Uma baliza social, por sua vez, é definida como "any contiguous zone of contrasting density, rapid transition, or separation between internally connected clusters of population and/or activity" (idem, ibidem: 214); e é por meio delas, propõe Tilly, que se opera a separação entre "nós" e "eles" (idem, ibidem: 211).

caso. Embora houvesse uma reação majoritariamente contrária às manifestações de censura, os apoiadores da face moralista do MBL pareciam demonstrar maior coesão em torno do "choque moral" (Jasper, 1997) provocado pela exposição.

A sequência de eventos de confrontos em torno da pauta moral, tendo a arte contemporânea como bode expiatório, foi um dos efeitos da guinada de incentivos ("*incentive shift*") promovidos pelo outrora transante MBL. Ao farejar uma tormenta moralizante no debate público, mesmo as lideranças menos moralistas do MBL invertem a estratégia de marketing irreverente, passando a reforçar discursos de defesa da moral e dos bons costumes, marcados por um recrudescimento da hostilidade contra atores de esquerda ou meros oponentes políticos. A fim de garantir participação mais proativa, o MBL apimentou o caldo de ânimos ainda inflamados e reeditou o expediente de fiscalização das manifestações artísticas. Não foi difícil encontrar outra obra infratora da moralidade vigente e que envolvesse nudez – novamente castigada –, afinal a história da arte está apinhada de casos que escandalizaram os guardiães da moral de cada tempo.

No dia 26 de setembro de 2017, durante a abertura do 35º Panorama da arte brasileira, a performance artística "La Bête" [A Besta, em Francês] fazia uma releitura da série artística "Bichos" (1960), de Lygia Clark – um articulado de peças geométricas que ganhava forma a partir da intervenção do público. O veterano coreógrafo Wagner Schwartz tentou reanimar a obra, descontente em vê-la enclausurada para contemplação no Centre Pompidou de Paris; e concebeu uma performance na qual sugeria que seu próprio corpo se transformara em um articulado de peças que poderiam ser articuladas pelo público.²²⁴ Uma criança pequena, acompanhada pela mãe, participava da intervenção e tocou no pé e na tíbia do corpo do artista desnudo, ao chão. Uma filmagem da cena foi publicada no Youtube sob o título "Museu de Arte Moderna de SP tem exposição em que criança é estimulada a tocar homem nu"²²⁵ e o MBL prontamente levou o vídeo para suas redes, acusando o artista, o museu, a mãe da criança e a esquerda de "induzirem erotização infantil". Os deputados federais Marco

²²⁴ Fonte: <https://www.wagnerschwartz.com/la-b-te>

²²⁵ Publicado em: <https://www.youtube.com/watch?v=vKCYzfkncw> (acesso em setembro de 2017). O vídeo foi depois removido por determinação do Ministério Público.

Feliciano (PSC) e Jair Bolsonaro (PP) repercutiram e flamejaram as mesmas críticas. O então deputado Jair Bolsonaro, que enxergava exageros na proibição do uso de armas de fogo por crianças ou do trabalho infantil, agora evocava o Estatuto da Criança do e Adolescente a fim de criticar a interação monitorada com o artista nu.

Além de aproximar-se de deputados da bancada evangélica, o MBL passou a acenar também para a Rede Record de televisão (controlada pela igreja Universal do Reino de Deus), ao passo em que fazia críticas reiteradas à Rede Globo (considerada uma grande inimiga da Record, segundo o proprietário e pastor Edir Macedo²²⁶) e artistas parceiros. No ano de 2017, a Abraji (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo) registrou doze ataques do MBL a jornalistas, o que representou 53% de todas as queixas recebidas pela entidade.²²⁷ Temáticas em torno da sexualidade entraram para o debate político do dia e o combate à pedofilia virou o ponto de fuga do novo enquadramento discursivo do MBL. O grupo se ocupou em destacar e enaltecer operações policiais de rotina contra a pedofilia e elaborou um manifesto que colheu 63.650 assinaturas digitais:

"Nós queremos defender a proteção integral da criança e do adolescente, denunciando toda e qualquer ameaça que possa causar danos irreparáveis para as atuais e as futuras gerações. A família é soberana na orientação e formação dos seus entes, cabendo ao Estado apenas intervir quando práticas coloquem em risco ou ameacem a integridade da criança e do adolescente. Sexualização infantil e ideologia de gênero representam ameaças e violações aos direitos da criança e do adolescente, sendo o dever de todos denunciar os seus agentes. A ação em rede, por todos os meios de comunicação disponíveis, através de parceiros que adotem os

²²⁶ Cf. a matéria de Ricardo Feltrin (2007) para a Folha, disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0810200714.htm>

²²⁷ Segundo reportagem de Carla Castellotti (2017). Em notícia publicada em 2019 na página da Abraji, está disponível uma tabela com dados referentes a agressões a jornalistas atualizada até 8 de janeiro de 2019; estão ali tabuladas 87 agressões, 36 (41%) das quais envolvendo membros do MBL. A reportagem de Castellotti e a notícia veiculada pela Abraji, com link para a referida planilha, estão disponíveis, respectivamente, em: <https://www.vice.com/pt/article/wjxvvy/mbL-e-campeao-a-ataques-contrajornalistas-no-brasil> e <https://abraji.org.br/noticias/abraji-registra-156-casos-de-agressoes-a-jornalistas-em-contexto-politico-eleitoral-em-2018>

mesmos valores deste manifesto, atuará para alertar a população sobre ações classificadas como danosas ao público infantil, muitas destas criadas por governos, empresas, meios de comunicação e indivíduos com interesses obscuros, com agendas políticas mascaradas pelas artes, teledramaturgia, cinema, jornal, rádio e impressos."²²⁸

Na apresentação da ameaça em torno da suposta política de sexualização infantil e promoção da pedofilia, o MBL e parceiros construíram uma linha do tempo que rastreou acontecimentos desde a publicação do livro *Contra-Revolução e Revolta*, de H. Marcuse (1973), e o "uso da arte como ferramenta de subversão da sociedade", até a repercussão dos eventos "QueerMuseum" e "La Bête"; passando pelo debate acerca da Lei nº 13.005 (Plano Nacional de Educação), de junho de 2014, que propunha um programa de ensino de conscientização acerca das questões de gênero nas escolas (apelidado pelos grupos conservadores de "ideologia de gênero"), e pela tramitação jurídica acerca da "terapia de reorientação sexual" (apelidada de "cura gay" pelos grupos de esquerda).²²⁹

A repercussão da campanha encabeçada pelo MBL provocou a abertura de investigação da conduta do artista e do Museu de Arte Moderna pelo Ministério Público, que, meses depois, inocentou os investigados ao concluir que não houve crime de pedofilia, pornografia ou violação dos direitos da criança e do adolescente, dada a ausência de "contexto erótico" ou "ato libidinoso". Adicionalmente, o grupo de trabalho da Procuradoria Federal atestou que os organizadores de uma exposição devem ser obrigados somente a informar o público sobre a natureza do evento e a faixa etária recomendada, de modo a facultar a livre decisão e escolha dos responsáveis pelas cri-

²²⁸ "Manifesto Contra a Pedofilia e Sexualização Infantil", publicado em 30 de setembro de 2017, e disponível em: <http://www.manifestoprotecao.com.br><http://www.manifestoprotecao.com.br/>. O manifesto é uma iniciativa do MBL e conta com o apoio e coparticipação dos deputados Marcel van Hattem (PP-RS) e Paulo Eduardo Martins (PSDB), além de jornalistas, escritores, promotores de justiça, grupos e personalidades ativistas (Gil Diniz, Terça Livre, Bene Barbosa, Rodrigo Constantino, Socialista de iPhone, Clube Liberal Conservador, Reaçonaria, Igreja Batista Memorial, em Santa Cecília – PB, Instituto Médicos pela Liberdade, dentre outros).

²²⁹ Cf. <http://www.manifestoprotecao.com.br/timeline> (último acesso em março de 2021).

anças.²³⁰ As decisões judiciais, naturalmente, só foram publicadas nos meses de dezembro de 2017 e janeiro de 2018 (após o pico das mobilizações da direita) e tiveram pouco impacto no noticiário e nas redes sociais.

Os atores de esquerda pouco agenciaram o enquadramento oferecido pelo MP da livre escolha dos pais na educação dos filhos – tópica de forte apelo junto a liberais-conservadores, que costumam defender o direito ao *homeschooling* (ensino domiciliar). Optou-se por ratificar a campanha contra a prática de censura – enquadramento que visava mobilizar emoções e valores especialmente caros à esquerda por sua memória das perseguições da ditadura. A contra-campanha despreocupava-se do público de inclinação liberal que andava afinado aos conservadores.

A despeito da inconsistência material das acusações criminais, a tendência infratora e subversiva da linguagem artística e o "choque moral" (Jasper 1997) produzido pela veiculação de imagens da performance artística sob o enquadramento de uma exploração perversa de crianças foi bem sucedido em provocar um tipo particular de experiência social que não somente gerou coesão entre atores já posicionados no confronto político, como também arrebatou indivíduos antes alheios a preocupações eminentemente políticas, produzindo novas solidariedades que serviriam de sustentação a projetos políticos futuros. Em perspectiva processual, as mobilizações em torno de afetos morais retroalimentam uma dinâmica de relevância central que tem efeitos marcantes nos fenômenos do mundo social, como explica A. Abbott (2016: x): "the processual view's focus on the everyday making of social reality inevitably confronts it with the empirical fact that *social events are produced not only by causal mechanisms, but also by moral judgments and values.*"

A "campanha" moralizante promovida pelo MBL se reverteu em súbito aumento de adesão nas redes sociais do grupo (o que também representa maior monetização) e engrossou o número de apoiadores de inclinação conservadora e tradicionalista, mas também rendeu diatribes com a ala de conservadores de costumes liberais, como Luiz Felipe Pondé – considerado da "família MBL" mas duramente crítico da guinada anti-

²³⁰ MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL (2018; 2017). Disponíveis, respectivamente, em: <https://www.conjur.com.br/dl/requerimento-arquivamento-exposicao-mam.pdf> e <https://www.conjur.com.br/dl/requerimento-arquivamento-exposicao-mam1.pdf>

transante do grupo. Preocupações com a viabilidade das candidaturas no iminente pleito de 2018 – teste de fogo da real popularidade das lideranças – provocavam uma reconfiguração circunstancial do discurso e das parcerias do grupo. Kataguiri e Arthur, principais apostas eleitorais, assumiam a dianteira da campanha contra a arte e artistas contemporâneos; já Pedro e Renan agiam em surdina, dispensados da autopromoção eleitoral e de replicar as críticas do grupo em suas redes pessoais.

Outras campanhas semelhantes se espalharam pelo Brasil. Dez dias após a mobilização contra "La Bête", a exposição do artista Pedro Moraleida, em Belo Horizonte, foi alvo das mesmas invectivas, dessa vez por parte de vereadores e deputados locais. A performance de protesto baseada em gravar e disseminar mensagens de repúdio durante visita a exposições se repetiria vezes mais, com pouca variação.

Passados os eventos de maior repercussão, o MBL seguia vigilante e participando de mobilizações menores através de suas coordenações regionais.²³¹ Campanhas de censura artística iam perdendo o foco, mas o viés moralizante ainda dominava várias das intervenções políticas (contra o avanço da legislação sobre o direito ao aborto, contra a presença da filósofa Judith Butler, considerada a ideóloga da "ideologia de gênero", em um simpósio, a favor de pautas punitivistas etc.). Após o reconhecimento como defensores de pautas morais, as lideranças do MBL ganharam maior confiança do público "conservador-cardinal" (seção 1.3), o que renderia proveitosas parcerias. Além da eleição do católico Holiday como vereador em 2016, o anglicano Kataguiri era eleito deputado federal pelo Democratas, passando a compor a bancada evangélica, embora de modo pouco atuante. Também Arthur, agnóstico, tornava-se deputado estadual pelo mesmo partido, todos eles com ampla margem e votações expressivas.

"Naquele período [das manifestações contra exposições artísticas], as redes sociais do movimento cresceram de forma exponencial. A avaliação apressada sugeria que o movimento havia

²³¹ Diversas outras obras artísticas sofreram tentativa de censura, algumas delas com participação do MBL. Em julho de 2018, a filial baiana provocou a suspensão por um dia da exposição "Cu é lindo", no instituto Goethe Cultural. A campanha acusava o governo do petista Rui Costa de haver destinado R\$ 131 mil para a exposição e circulava imagens falsas do evento, que, na verdade, o contou com financiamento indireto no valor de R\$ 1 mil.

acertado, porque ele agora tinha aquele grande *squad*, né. Queríamos as eleições de 2018. O grupo ganha apoio de grupos inesperados. Porém, em 2019, com Bolsonaro eleito, com aquela delegação fascista de botequim, essas pessoas se chocam quando viram que o MBL não era aquilo que parecia naqueles instantes. Elas pegaram uns aspectos do que era o movimento e interpretaram como o todo. (...) Mas as pessoas se chocam porque o que elas viam de MBL era aquela defesa daqueles valores primários. Quando veem que não rola isso, aquelas pessoas se sentiram ultrajadas, traídas até. (...) O MBL se meteu [na campanha] pra colher resultados políticos imediatos, e o tiro saiu pela culatra, né." (Entrevista: E18)

A guinada estratégica (de transante a moralizante) da fase de radicalização²³² do MBL representa um tipo de mecanismo relacional conhecido como "*bait-and-switch*", em que a atratividade de uma propaganda chamariz é substituída pelo que convém ao emissor. Foi desse modo que o MBL, de um lado, metamorfoseou-se a fim de se beneficiar da inclinação moralista insuflada, e, de outro, inflamou tensões latentes ou manifestas de efeito polarizador, através de campanha baseada num enquadramento moral-reprobatório fortemente disruptivo e de efeito polarizante.

Muitos conflitos se estabelecem com base em divergências de apreciação moral sobre um dado problema – ou distintas "*cités*", como explicam Boltanski e Thevenot (1991). Tal é o caso da discordância em torno do direito ao aborto, implicado em uma estrutura moral que põe em conflito a *cité* da esfera doméstica, definida pelo apego à tradição, à família e ao valor das hierarquias; e a *cité* da esfera cívica, que se organiza pelo apego a valores democráticos e ao campo do direito. Mas os conflitos em torno das obras de arte são de outro tipo. Eles se baseiam em desinformação, confusão ou malversação sobre as especificidades do caso (a tipificação de crime de pedofilia, a natureza e função da arte, o funcionamento da lei de incentivo à cultura, a autonomia do campo artístico etc.).

²³² McAdam et al. define o mecanismo da radicalização como "increasing contradiction between prevailing claims, programs, self-descriptions, and descriptions of others across a boundary between political actors. (...) Radicalization is a robust wide-ranging mechanism" (McAdam et al., 2001: 189).

A fase mais moralizante do MBL contribuiu para popularizar o movimento e seus quadros. Um levantamento da escola de Comunicação Digital ePoliticSchool, feito através da ferramenta de monitoramento Crowdtangle, mostrava que o perfil do MBL no Facebook era a página de direita que mais crescia e a que mais interagia com usuários.²³³ Isso concorreu para o resultado eleitoral de 2018, o que representou um ganho rápido com consequências materiais e imateriais para o grupo. Mas a inflexão teve, também, muitas consequências indesejadas, contribuindo para alçar lideranças sem engajamento com o grupo e mesmo inimigas. O novo cenário que ia se anunciando obrigou o grupo a reorientar suas atividades e a mirar outros públicos, o que o incidiu sobre um desvio mais inesperado no MBL, em direção a um esforço de conciliação com atores políticos antes execrados.

3.5 Fase de realinhamento: cisão faccional, defecções e inflexão moderada

A trajetória do MBL até 2018 é marcada por acirrada competitividade, intenso dinamismo digital, profissionalização continuada dos ativistas, empreendedorismo político e *branding* publicitário, institucionalização crescente e midiaticização de contendas provocadas. A atuação mais renhida era fruto de um desenho tático e foi bem sucedida em afamar o grupo, contribuir para o avanço de pautas liberais na economia e conservadoras nos costumes e para impulsionar a candidatura de seus principais quadros de lideranças. Diferente de outros protagonistas do ciclo de protestos pelo impeachment, como VPR e o Revoltados Online, cujas lideranças apresentaram candidaturas fracassadas, o MBL alçou seus quadros ao pódio dos representantes legislativos mais bem votados; também foi influente na campanha por melhorar os índices de aprovação da Reforma da Previdência e no apoio à agenda econômica do governo Temer, como um todo.

Mas o grupo também amealhou, advertidamente, numerosos inimigos, entrando na mira de atores dos mais diversos setores sociais. Dentre as muitas demonstrações públicas de despreço ao longo dos anos, destacamos: depredação da kombi de campanha, estacionada em frente à sede do MBL, por cinco homens que gritavam

²³³ Cf. reportagem de Rossi et al. (2017b), para o El País, *op. cit.*

"fascistas!"; jornalistas se infiltraram em grupos de Whatsapp para expor táticas e vínculos escusos; o MBL passou a ser vaiado em manifestações dos grupos de direita; a "Vazajato" (vazamento de mensagens hackeadas) incluiu o MBL entre seus alvos; o Ministério Público moveu operação criminal contra membros do MBL; opositores de direita fizeram um twitaço com a hashtag #DerreteMBL, etc. As rivalidades eram encomendadas pelo próprio grupo, que baseava assim seu estilo de ativismo (seção 2.4). Mas o empuxo de hostilidades começava a sair do controle, provocando debandadas e inimizades imprevistas.

A primeira tormenta de impopularidade se deveu a atritos do núcleo da coordenação nacional com a ala libertariana do MBL, em dezembro de 2018. Durante transmissão de debate com Paulo Kogos – empresário e influenciador digital da direita, conhecido pela radicalidade de suas ideias de defesa do "brutalismo" (abolição abrupta do Estado) e pelo mantra "imposto é roubo" –, Renan argumenta, em clima de camaradagem, que nem todo imposto deve ser considerado roubo, em movimento de distanciamento do berço libertariano. O debate esquentou, ganhou a adesão do *youtuber* Rafael Lima do canal Ideias Radicais, e provocou um movimento de evasão em massa do MBL. Renan reagiu tentando, em vão, dissuadir os apoiadores através de um longo texto publicado no MBL News²³⁴ e encomendou a produção futura de um vídeo explicativo sobre a posição do MBL no debate.²³⁵ Com o tempo, as divergências remanescentes foram escanteadas e a querela virou anedota interna.

O principal fator que deslocou o MBL do vértice para a mira da artilharia de ataques na arena política foi o rompimento com o presidente Bolsonaro e seus apoiadores, em maio de 2019. Embora a contragosto, o MBL apoiara a eleição do capitão de reserva, chegando a embarcar parcialmente na campanha que, às vésperas da votação, tentou garantir a vitória em primeiro turno. Mas a lua de mel durou pouco mais de cem dias, quando ia ficando claro que Bolsonaro romperia o acordo pré-nupcial.

²³⁴ Publicado em 2 de dezembro de 2018, sob o título "Sobre Impostos e Imposturas", na página do MBL News, mais tarde tirada do ar. A postagem ainda pode ser acessada em: <https://web.archive.org/web/20190719015724/https://mblnews.org/blogs/sobre-impostos-e-imposturas>

²³⁵ Cf. o vídeo "Imposto é roubo?", publicado no canal do Youtube do MBL em 6 de agosto de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2z0ZnuwhHKE>

Sem conseguir a influência desejada nas nomeações da equipe e na atuação do governo, o MBL justificou seu afastamento com base na interpretação de um discurso anti-liberal no início do mandato em relação às práticas fiscais protecionistas do nióbio brasileiro e contra a banana equatoriana. A defesa dos interesses da família Bolsonaro às expensas dos interesses nacionais também virou assunto de críticas. E mais, "além do episódio das fake news, a gota d'água foi o governo enviar projeto de lei orçamentária com o aumento no fundo eleitoral para 2020", declarava Kim Kataguiri.²³⁶ Já os apoiadores do presidente reagiram raivosamente às declarações do MBL contra o "gabinete do ódio" e comemorações pelas buscas e apreensões da Polícia Federal na casa de bolsonaristas acusados de disseminar "fake news", por entenderem que o MBL acusava os bolsonaristas das mesmas práticas que utilizava sistematicamente. Consumava-se o processo de faccionalização²³⁷ da direita pós-2013.

À parte motivações manifestas e encobertas do rompimento com o governo, é fato que Renan Santos, principal liderança do MBL, desde muito nutria antipatias pelo ora presidente eleito, enquanto Kim Kataguiri e a maior parte da militância do grupo apoiavam o presidente.²³⁸ O ponto de inflexão mais decisivo foi a manifestação do dia 26 de maio de 2019, organizada por grupos apoiadores do presidente, como o Nas Ruas, Direita Brasil, Clube Militar, dentre outros. Bolsonaro havia declarado que o país era ingovernável e havia um clima de animosidades entre o presidente e o Congresso (sobretudo o chamado "centrão"), apontado como culpado do engessamento do executivo. A base de apoio do presidente decidiu, assim, realizar uma manifestação de apoio ao presidente e intimidação aos parlamentares do "centrão". A bandeira escolhida foi a defesa da reforma da Previdência, do pacote anticrime do ministro Sérgio

²³⁶ Em entrevista para matéria de Germano Oliveira (2019), publicada na IstoÉ. Disponível em: <https://istoe.com.br/kim-kataguiri-a-direita-esta-abandonando-bolsonaro>

²³⁷ Isto é, o processo de formação de facções em um grupo; por facções, entende-se aqui, seguindo a definição de Kretschmer (2013, in Snow et al., 2013), "a subgroup within a larger organization that is in conflict with other members of that organization."

²³⁸ "Jair Bolsonaro é um verdadeiro exército de um homem só. Deputado federal mais votado no RJ, é difamado pela imprensa chapa branca por fazer oposição aos que estão no poder. Rotulam-no de fascista, racista, homofônico e tudo o que há de ruim. Tudo isso porque não são capazes de rebater suas ideias e se defenderem de suas acusações. No Brasil, quem mata e rouba é vítima. O bandido é aquele que fala a verdade", dizia Kim Kataguiri em 10 de outubro de 2014, antes do surgimento oficial do MBL. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zXRofNuot1k>

Moro e da Medida Provisória 870, que assegurava a organização ministerial do governo. Como de praxe, parte dos grupos que difundiam a convocatória defendiam também intervenção militar para fechamento do Congresso e do STF. O MBL, que era amigo e articulador junto a vários parlamentares do "centrão", apegou-se a esse fato para desdenhar da organização e declarou que não participaria do evento, indispondo a direita bolsonarista. Para piorar, uma das *lives* de análise de conjuntura transmitidas semanalmente no canal de Youtube do grupo mostrava conversas entre integrantes da coordenação nacional acusando Bolsonaro de golpista e antidemocrático, obrigando o MBL (na figura de Arthur do Val) a pedir desculpas para "quem se sentiu ofendido" pelas palavras.²³⁹ Em meio ao entretanto, o MBL fez um esforço de conciliação: retirou do ar o conteúdo mais crítico ao presidente e seus apoiadores, ouviu e respondeu amigavelmente as críticas e tratou de se explicar exaustivamente. O argumento dizia que não era estratégico organizar manifestação contra o "centrão" no momento em que a bandeira da reforma da Previdência não estava em pauta para votação, em alinhamento à análise de Reinaldo Azevedo e, mais tarde, de Paulo Guedes, ambos amigos próximos do MBL à época; e que as invectivas pretéritas veiculadas no canal se destinavam apenas ao grupo de ímpeto mais autoritário, que iniciara a convocatória.

O estrago já estava feito e o MBL sofreu uma segunda grande evasão, perdendo mais de 200 mil seguidores em um único dia e tornando-se um dos inimigos mais enxovalhados pelos apoiadores do presidente, que apontavam: que o MBL havia muitas vezes participado de



Fonte: Folhapress, 30 junho 2019

manifestações ao lado de minoritários grupos intervencionistas; que Renan Santos também já havia falado em "destruir o STF"; que o grupo aventava ser o árbitro das manifestações legítimas e que estava rachando a direita. O MBL assistiu a um movimento de debandada de mais de 200 mil seguidores em um único dia. "Foi o pior dia

²³⁹ Cf. Entrevista de Arthur do Val a Nando Moura, publicada em 24 de maio de 2019, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=aDQo9_EbWC0 (ver a partir de 7'45").

da minha vida"²⁴⁰, disse Arthur do Val, após queda no número de seguidores do canal Mamãe Falei.

No mês seguinte, o MBL decidiu se juntar à manifestação de apoio ao ministro Sérgio Moro, em 30 de junho de 2019, mas foi hostilizado por pares, principalmente pelo grupo Direita SP. A cisão da direita era fato consumado e, até certo ponto, previsível. Sua aparente unidade era, antes, resultado de um processo de transitória "desse- torialização do espaço social" (Dobry, 2009). Formado em meio à crise política da fase final do governo Dilma, o bloco de direita tinha vocação para atuar em uma conjuntura crítica de enfrentamento político substancial e iminente, como foi o caso da disputa pelo impeachment. De acordo com M. Dobry, conjunturas de crise política têm uma dinâmica própria, a qual é preciso examinar em vista das mobilizações constituintes do processo político de base, bem como do "estado particular" das transformações sociais das quais emerge. Isso permite afirmar que as crises políticas se dão como "continuação das relações políticas ordinárias." Tal perspectiva metodológica – que o autor designa como "clauswitziana" (a crise como continuação de relações políticas por outros meios) e "durkheimiana" (que opera uma distinção entre estados "orgânicos" e estados "críticos" em uma mesma sociedade) – tem implicações teóricas decisivas. O deslocamento do foco de análise para as propriedades características das conjunturas críticas confere relevância também aos mecanismos de funcionamento de rotina nas sociedades complexas (interações estratégicas, propriedade social dos atores, transações entre grupos etc.).

Há momentos em que a distinção rotineira dos setores de atividade social se desapega temporariamente das lógicas setoriais mais específicas, as quais, em uma conjuntura de rotina, impõem-se aos atores e orientam sua conduta. Tal processo se traduz numa relativa suspensão da complexidade social: "sincronização dos ritmos multisetoriais" e conseqüente "estreitamento da arena política", donde a atenção dos atores voltarem-se para decisões centrais.²⁴¹ No caso brasileiro, a formação do bloco

²⁴⁰ Idem, *ibidem*.

²⁴¹ O grau de incerteza próprio a tais conjunturas é terreno fértil a reconfigurações sociais. Para Dobry (2009: 138), tais circunstâncias favorecem a emergência de líderes de pronunciado carisma, o que é por ele entendido como simples "ponto de coordenação tática", em discreta distinção da célebre tipificação weberiana.

pelo impeachment de Dilma reuniu grupos de direita fortemente heterogêneos, mas irmanados no desejo de destituir a presidente. À medida que a dinâmica da arena política retomava seu funcionamento de rotina, atores e grupos sociais tendiam a recriar ou recuperar objetivos políticos segundo interesses que refletiam o alto grau de diferenciação social que desestabilizava a coesão de uma coletividade. Rachas, traições e defecções foram consequências irremissíveis.

A rápida perda de popularidade do MBL, que incluiu a deserção de alguns quadros influentes ou promissores dentro do grupo e a expulsão de outros, provocou um movimento de recomposição da militância e metamorfose da identidade do MBL, de modo que o grupo foi forçado a se adaptar às novas condições de adesão política e ensaiou um movimento mais ao centro. "Convidamos você, não importa sua linha política (libertário, liberal, conservador, centro-esquerda, social-democrata) pra vir conversar conosco. Vamos trocar uma ideia. Talvez saia alguma coisa bacana disso aí", diz Renan Santos em vídeo divulgado nas redes sociais do MBL.²⁴² A mensagem não mirava mais os bolsonaristas. "Inês já era morta" e os líderes avaliavam que a reação mais acertada passava pela moderação dos "exageros", o que motivou o pronunciamento de *mea culpa* durante o 5º Congresso Nacional (novembro de 2019), replicado nas redes sociais e imprensa jornalística. O esforço de mudança também pedia um reposicionamento da marca. O MBL lança um manifesto do "novo MBL, versão 3.0". É lançada uma cartilha com "as 5 regras que vão dirigir o movimento", elaborada pelo intelectual orgânico e professor do MBL, além de auxiliar parlamentar comissionado do gabinete do deputado Arthur do Val, Ricardo Almeida:

1. Polarização não é espetáculo: (...) É preciso divertir em um nível mais fundamental. No nível do diálogo possível, há como polarizar sem ser estúpido. Essa é a primeira regra, ainda que não apareça ninguém para conversar.

2. O Brasil é um projeto inacabado: os liberais brasileiros (...) precis[am tornar] a nascer (...). O liberalismo brasileiro do século XIX criou as instituições deste país. A melhor experiência lib-

²⁴² Cf. o vídeo "Deu a louca no MBL??", publicado em 26 de julho de 2019 no canal de Youtube do MBL. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WfPIYsHbkmM>

eral do Brasil foi o Segundo Império. (...) Voltemos às origens, essa é a segunda regra.

3. Admirável meme novo: Os memes são hiper-reais. Continuarão. Mas, agora devem dizer o que queremos. Ideias e memes serão entrelaçados. Menos golaço, mais teoria - terceira regra.

4. Por um liberalismo popular: a quarta regra é o liberalismo dos pobres (...) Chega de liberalismo engravatado de elite (...). É preciso forjar uma nova comunicação.

5. A unidade básica da política é o município: Quinta regra: não faremos mais isso [de apoiar projetos presidenciais]. A partir de 2022, estaremos fora da briga presidencial; não teremos candidato oficial. (...) Nosso objetivo é construir a política [nos] municípios, cidades pequenas, nichos locais, incubações regionais (...), construindo os grandes temas nacionais de baixo para cima."²⁴³

Após verem-se vítimas de simplificações falaciosas (da direita bolsonarista) semelhantes às que haviam promovido contra a esquerda, o MBL deu entrevista para a Folha²⁴⁴ anunciando uma autocrítica, prometendo mudar e se qualificar intelectualmente e politicamente. O grupo buscava um realinhamento político junto a setores mais amplos, na esperança de reciclar o ativismo liberal-conservador e ganhar terreno para desenvolver novas estratégias de consolidação de uma base para seu projeto eleitoral em fermentação. Demandas por autocrítica foram frequentes da parte dos que julgavam que o Partido do Trabalhadores havia cometido erros graves, mas perdoáveis se acompanhados de um ato de contrição. Aqueles que pedem autocrítica ao invés de repudiar demonstravam um pendor indulgente. O MBL demonstrava perceber esse aspecto e se antecipou em manifestar posição oficial de arrependimento e amadurecimento ("MBL agora é paz e amor"), buscando angariar a simpatia dos moderados.

²⁴³ Publicado em 15 de agosto de 2019, na página de Facebook do MBL, disponível em: <https://www.facebook.com/mblivre/photos/pcb.1571846106272860/1571845979606206>

²⁴⁴ Cf. matéria de Carolina Linares e Fábio Zanini (2019), disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/07/mbl-admite-culpa-por-polarizacao-no-pais-e-exagero-em-sua-agressividade-retorica.shtml>

O esforço de conversão se fazia notar também no decréscimo de agressividade das publicações e declarações dos líderes. Renan chegou a se retratar pela atuação contra a exposição do Queermuseum: "não deveríamos ter entrado e participado da polarização. Não precisávamos ter feito o barulho que fizemos."²⁴⁵ O reposicionamento não era unânime. O carioca Gabriel Moteiro, por exemplo, criticou o *mea culpa* e o rompimento com o governo, e anunciou saída do MBL. Arthur do Val também discordava do *mea culpa* e entendia que a atuação mais agressiva foi necessária no contexto em que se deu. No mês seguinte à publicação do Manifesto 3.0, o deputado estadual se envolvia em esquentação na tribuna da Alesp, com os punhos à mostra e aos gritos de "vagabundos!" contra colegas – performance celebrada e difundida nas mídias do MBL. Já Kataguirí passou a se pronunciar contra belicosidades entre amigos e família por questões políticas e a defender o diálogo ampliado. Ele conversava e até elogiava comedidamente alguns políticos da esquerda, e foi criticado por ser visto almoçando ao lado de Marcelo Freixo (PSOL) e por participar de grupo de Whatsapp junto com Rodrigo Maia (DEM) e outros considerados de centro-esquerda.

"Os coordenadores estão em bastante sintonia. A maior dificuldade é transmitir para a base [do MBL]", disse Kim em entrevista,²⁴⁶ para surpresa de alguns. Ao adotar um discurso opositor ao governo e de conciliação com grupos mais ao centro, o MBL confundia a própria base, que resistia em aceitar mudança tão drástica de tom: "Hoje, por exemplo, o MBL ele tem uma linha de crítica muito forte ao governo federal em alguns aspectos. Isso me dá liberdade de discordar em relação ao MBL nacional. (...) Eu não concordo com isso e me sinto no direito de discordar", diz um dos nossos entrevistados (Entrevista: E7) que, mesmo assim, permanece no grupo. Diante da resistência da base e estranhamento do público, o grupo iniciou um trabalho de reciclagem da própria imagem, afirmando repetidamente que nunca houve mudança de princípios e que permaneciam coerentes, tentativa de escapar às críticas de inconsistência.

²⁴⁵ Em entrevista a Carolina Linares e Fábio Zanini (2019), *op. cit.*

²⁴⁶ Extraído da matéria de Matheus Lara (2019) para o Estadão, disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,mb1-temos-culpa-no-cartorio-movimento-quer-priorizar-debate-mas-tera-de-convencer-base,70003092132>

Motivações à parte, o MBL fez um esforço de conciliação e passou a tentar apresentar-se como uma "terceira via" de centro-direita à polaridade entre petismo e bolsonarismo.

3.6 Conclusão

O MBL demonstra um intenso dinamismo intraorganizacional, cálculo estratégico e uma ágil interconectividade junto a outros grupos e atores sociais diversos. Após sua fundação (capítulo 2), o grupo passa por processos de reconfiguração permanente tanto de parte de seus quadros ativistas, quando do perfil e caráter do próprio grupo. As guinadas do grupo – *identity shift* (McAdam et al., 2001) – denotam a tentativa de assegurar notabilidade, galgar posição de relevância na arena política e acompanhar o dinamismo inerente da realidade social. O ponteiro das guinadas do movimento obedece a uma avaliação atenta à conjuntura política e cultural, interpretação que se apoia fortemente na observação das redes digitais. Tal processo revela o caráter deslizante da identidade do grupo. O MBL abriga diferentes tendências, fruto de seu trabalho de recrutamento em diversas frentes. Tais tendências dão a feição de cada fase do grupo, alternadas conforme o potencial de ganho político estimado.

Ao reconstruir a trajetória de ativismo do movimento, delimitamos quatro fases principais. As disputas por protagonismo do movimento pelo impeachment de Dilma marcam a primeira fase, que denominamos "fase concorrencial". A segunda fase do grupo ("timbragem identitária") se concentra em preocupações estéticas e no marketing em torno da própria imagem, buscando alterar a percepção e produzir preconceitos positivos acerca das identidades de direita. Na fase seguinte ("radicalização"), o MBL inverte o vetor, apoiando-se em preconceitos negativos para desgastar a reputação de atores e personalidades de esquerda. As ações dessa fase correspondem a um pico da agressividade discursiva do grupo, e priorizam pautas de teor moral. Essa fase também coincide com o período que antecede o início oficial da campanha eleitoral de Bolsonaro. Por último, a fase de realinhamento ("paz e amor") é marcada pela evasão de antigos apoiadores, subsequente rompimento com o governo Bolsonaro e tentativas ampliação do leque de alianças, bem como de moderação do discurso e aproximação a novos apoiadores.

CAPÍTULO 4

Entre o Estado e a Sociedade

"[...] Os fatos são tudo. A melhor definição do amor não vale um beijo de moça namorada; e, se bem me lembro, um filósofo antigo demonstrou o movimento andando.

Vamos aos fatos."

(Machado de Assis, O espelho)

4.1 Introdução

A reconstrução da trajetória do Movimento Brasil Livre no capítulo anterior documentou uma relação entre o movimento e o sistema político que será tratada de maneira mais aprofundada neste capítulo. Aqui apontamos o modo pelo qual o ativismo profissional de tipo societário avança para o terreno tipicamente partidário, o eleitoral. Neste sentido, o MBL pode ser considerado como um caso do que a literatura de movimentos sociais define como 'movement party'.

A relação entre Estado e sociedade civil é pano de fundo de longos debates na literatura de movimentos sociais, o que se deve à problemática a respeito dos espaços e da configuração da ação social. Sociedades complexas e numerosas como a nossa dispõem de meios limitados de participação dos comuns nas instâncias decisórias da vida política. Em democracias representativas, o partido político constituiu-se historicamente como o instrumento mais acabado de participação em espaços de poder. No entanto, o processo de crescente burocratização da organização partidária interpõe diversas mediações institucionais à participação dos indivíduos na política.²⁴⁷ Também a organização sindical, que já ocupou papel de importância central na ação coletiva,

²⁴⁷ Sobre experiências de ativismo burocrático, ver Abers (2021).

reduziu expressivamente sua capacidade representativa em face de desgastes políticos e das sucessivas transformações no mundo do trabalho.²⁴⁸

Diante dessa realidade, desenhou-se um entendimento difuso de que as engrenagens do poder político estatal, tamanha sua dimensão e pervasividade, sufocariam as iniciativas de ação social transformadora. O debate se traduziu no dualismo entre estrutura *versus* agência (expressão importada do Inglês "*agency*" – ou ação potencialmente transformadora). Por esse entendimento, as instituições políticas fazem as vezes das forças estruturais da sociedade, guardiães do estado de coisas e resistentes a mudanças; ao passo em que os movimentos sociais (e não mais os partidos ou sindicatos) representam o potencial, ainda que exíguo, de transformação das formas de vida em comum e, eventualmente, do arranjo estrutural. O horizonte de agência individual foi gravitando da participação partidária ou sindical a formas menos burocratizadas de ação coletiva, buscando espaços para além das entidades tradicionais e à margem – ou às antípodas – das instituições estatais.²⁴⁹

Em razão desse entendimento, os estudos de movimentos sociais concentraram-se inicialmente em grupos que se organizam na contraface do Estado e que brotam da promessa de horizontalismo e desburocratização de suas estruturas; de tal modo que o tipo de interação e a arena de atuação vieram a assumir posto central no debate acerca do que define o movimento social. Os estudos que rastreavam o potencial emancipatório do movimento elegeram como ícones os grupos de orientação progressista, atuantes junto à sociedade civil e, por vezes, oponentes da lógica estatal.

A se valer da metáfora oferecida por S. Tarrow (2012), os movimentos sociais estariam, segundo uma concepção mais rígida da relação entre Estado e sociedade civil, do lado de fora ou em frente ao portão ("at the gate") de entrada nas instituições, zelosamente guardado pelos partidos. Porém, o dinamismo da vida social revela realidades que dificultam uma caracterização do movimento social a partir de sua arena de atuação ou mesmo da consistência de suas bandeiras. Muitos são os casos de ativistas, lideranças e organizações inteiras (à esquerda e à direita) que deslizam de uma esfera

²⁴⁸ Cf. MARTINS, Heloísa Helena Teixeira de Souza. *O Estado e a burocratização do sindicato no Brasil*. Editora Hucitec, 1979.

²⁴⁹ Cf. Tarrow, 1999.

de atuação societária para instâncias institucionais, a exemplo da formação do Partido dos Trabalhadores e suas lideranças, nascidos do movimento sindical, ou da emblemática trajetória do Podemos, na Espanha. Cumpre investigar, portanto, como se dá a dinâmica dos movimentos em face da disjuntiva Estado / sociedade civil – dinâmica que reflete uma feição particular da participação política em democracias contemporâneas.

Nesse quesito, a literatura especializada se divide em duas principais correntes. De um lado, há o entendimento de que alguns movimentos sociais se voltam exclusivamente aos estratos civis da sociedade, visando afetar valores, práticas culturais ou padrões de interação. Caudatária da teoria dos novos movimentos sociais (Melucci, 1980), essa corrente supõe que o Estado pode, eventualmente, atuar no polo oposto de um conflito específico, mas também pode figurar ao largo dos embates de determinadas associações, a exemplo das campanhas de sensibilização/conscientização acerca da condição dos grupos marginalizados (negros, gays, PCDs etc.). Uma outra corrente entende que, uma vez instituído, o poder normativo do Estado interpela o comportamento dos demais atores políticos perante suas instituições, sendo impossível ignorá-lo ou alhear-se de sua influência. Assim sendo, as variadas formas de ação política subsumem-se, em última análise, à dinâmica de conflitos gestada pelo Estado; de modo que supor a irrelevância ou marginalidade da instância estatal na configuração dos conflitos sociais corresponde a uma perspectiva "ptolomaica" de interpretação das forças sociais (cf. McAdam *apud* Abers & Bülow: 63). O monopólio de violência legítima exercido pelo Estado é um fator incontornável para se compreender como são geridos os conflitos da sociedade. Negligenciar a centralidade do Estado equivale a renegar a dimensão conflitiva que, no nosso entender, distingue movimentos sociais de outros tipos de associações não políticas.

A relação entre movimentos e instituições políticas é um tema de crucial relevância no entendimento dos mecanismos de mudança social engendrados ou dispostos em cada conjuntura. Este capítulo trata de analisar como se deu a aproximação do Movimento Brasil Livre em direção aos atores estatais, a fermentação da lógica eleitoral no seio do grupo e a entrada formal na arena institucional; bem como as impli-

cações dessa dinâmica no quadro mais geral de compreensão do ativismo liberal-conservador contemporâneo.

4.2 Apartidário, suprapartidário ou *parti pris*?

"No sentido burqueano da palavra, eu acho que hoje o MBL é um partido político. O MBL tem quadros, tem pessoas que unem em torno de um mesmo ideal, de um mesmo projeto de país, para disputar o poder." (Kim Kataguiri, em entrevista à Gazeta do Povo de 16 de outubro de 2017).

Surgido como reação à vitória eleitoral petista de 2014 (cf. seção 2.2), o MBL buscou se apresentar como força política no âmbito da sociedade civil, de modo que, no início de sua trajetória, declarava-se apartidário. "O MBL é um movimento apartidário, mas de forma alguma apolítico", dizia a postagem de 22 de maio de 2015, publicada na conta de twitter do grupo. A data está compreendida no intervalo em que o MBL se dedicava a propagandear a Marcha Pela Liberdade, ainda em curso mas prestes a aportar em Brasília para reunião com políticos da articulação pelo impeachment, quando se deu o primeiro movimento de desbragada aproximação com a lógica e *métier* da política institucional. "Graças à Marcha, o MBL estabeleceu interlocução direta com parlamentares dos mais diversos partidos; (...) e passou a respeitar o diálogo e a política, a tão criminalizada articulação política, como caminho necessário para alcançar a tão aguardada vitória contra o PT." (Kataguiri & Santos, 2019: 191).

O discurso de apartidarismo veio a calhar no ano de formação, ajudando o grupo a "surfear" a maré da conjuntura. Mas durou pouco, e o MBL veio a ser o primeiro dentre os próceres da "nova direita" a tentar – e lograr – entrada na política institucional, dando início a disputas por cargos eletivos e comissionados. Tal desdobramento não era inesperado; além da alta incidência de movimentos sociais que adentram a esfera estatal, muitos dos ativistas do MBL traziam bagagem de envolvimento pregresso com disputas eleitorais, direta (como candidatos) ou indiretamente (pela socialização familiar).

Mesmo durante os anos de alegado apartidarismo, a relação com partidos não esteve fora do eixo estrutural do grupo. O MBL primeiro ganhou forma e identidade como inimigo do Partido dos Trabalhadores. "Quando o Renan me chamou pra entrar no MBL, o Renan me falou o seguinte: (...) O MBL tem de tudo, tem libertário, tem liberal, tem conservador. É todo mundo contra o PT, todo mundo junto pra derrubar o PT, pra derrubar a Dilma." (Entrevista: E20). Ao longo de sua trajetória, o MBL desenvolveu diferentes tipos de relacionamento com os partidos (oposição, concorrência, infiltração, conformação), paralelamente aos esforços por formar uma nova legenda partidária.

Pode-se dizer que o MBL constitui o que literatura denomina "movement-parties". Como aponta Della Porta (2021), ao recuperar a definição de Kitschelt (2006), muitos dos grupos e lideranças surgidos num contexto de ciclos de protestos passaram a constituir uma forma híbrida de ativismo, que Kitschelt define como:

"[...] coalitions of political activists who emanate from social movements and try to apply the organization and strategic practice of social movements in the arena of party competition'. As social movements are networks of organizations and individuals, movement parties can be part of them, as testified by overlapping memberships as well as organizational networks and action links. Movement parties aim in fact at integrating the movement constituencies within their organizations, by representing movement claims." (Della Porta, 2021: 5)

Mas – diferente do que afirma Della Porta (2021) ao analisar o caso do Podemos e Syriza, que ela caracteriza como partidos-movimentos progressistas na Europa, surgidos da onda de protestos contra as políticas de austeridade da União Europeia – o partido-movimento liberal-conservador que se formou em meio ao ciclo de protestos brasileiros iniciados em 2013 não se engajou em práticas horizontalistas, não se esforçou por ampliar a participação democrática da sociedade; antes, ratificou um modelo hierárquico e elitista de gestão da própria organização, bem como de projeto de gestão dos conflitos sociais. Por outro lado, a busca por ocupar espaços de poder atra-

vés de articulações políticas e disputas eleitorais é objetivo comum a partidos-movimentos de qualquer orientação ideológica.²⁵⁰

As articulações políticas, geralmente realizadas nos bastidores das disputas eleitorais e sem a dependência de formalidades burocráticas, foram ocupando o centro das atividades do MBL, sendo cada vez mais atreladas à prática discricionária do pequeno núcleo de lideranças do grupo.

"A articulação política também era uma outra questão, porque o MBL sempre teve um pragmatismo político. E tinha plano. Desde o início, o MBL já demonstrava pelo menos uma vontade de participar da política institucional. Tanto que, quando diziam 'a bandeira do MBL é o impeachment', [respondia-se]: Não! A bandeira do MBL não é o impeachment, a bandeira do MBL são as ideias do MBL. O impeachment é só um ato, é só um objetivo. Tendo impeachment ou não, o MBL segue. Isso sempre foi dito, porque já tinha a intenção de participar da política institucional."
(Entrevista: E18)

Havia um debate interno no MBL sobre propostas e modelos de institucionalização, defendidos principalmente pelo então coordenador nacional Fábio Ostermann, que cobrava mais transparência nas ações e fluxos financeiros do grupo, e defendia que o MBL tivesse um estatuto claro de orientação de suas decisões. Contrariado, Ostermann acabou se desligando do movimento, mas foi um importante mediador (ou "*broker*"²⁵¹) junto ao Partido Social Liberal. O PSL vinha fazendo um movimento de aproximação a quadros mais jovens, e entrou em contato com o Instituto Mercado Popular – um "laboratório de políticas públicas" de inclinação liberal democrata²⁵² – por meio do diretor-executivo Felipe Melo França, quem, junto com Ostermann, havia participado episodicamente do trabalho de germinação do MBL em junho de 2013. É ele quem aproxima França do MBL e é, por sua vez, recomendado em convite a

²⁵⁰ O debate acerca dos partido-movimentos vem ganhando destaque e passando por revisões teóricas. O tema será mais explorado em artigo a ser publicado futuramente a respeito do ativismo liberal-conservador.

²⁵¹ Para uma definição, cf. nota 36.

²⁵² Cf. <https://www.facebook.com/omercadopopular/>

filiar-se ao PSL.²⁵³ O núcleo de lideranças do MBL conhecia o PSL pela fama de "legenda de aluguel" (Kataguiri & Santos, 2019: 197), e aspirava ocupar a estrutura partidária existente e institucionalizar uma ala de jovens liberais sob o nome "Livres". No entanto, as negociações com Luciano Bivar (presidente do PSL) não prosperaram porque, na versão do grupo, o MBL queria ter controle estatutário e garantia legal de que não seriam, mais tarde, expulsos da legenda (*idem*; Entrevista: E7).

A ideia de formar partido tampouco era consenso interno. Uma ala do grupo – a cultural, mais dedicada à repaginação da imagem da direita (ver seção 3.3) – defendia que a institucionalização arriscava descaracterizar a identidade do grupo. Mas os assuntos de direcionamento político obedeciam à lógica hierárquica da estrutura de lideranças, mais orientada a ganhos efetivos. Foram as dificuldades operacionais, portanto, que destinaram o projeto partidário ao tonel de fermentação – não ao cesto de rejeitos. O registro da candidatura de Holiday demandava uma solução pragmática e o MBL entrou em acordo com o então partido Democratas, o qual auxiliara as atividades do grupo em Brasília e que abrigava a maior parte dos congressistas mais próximos do MBL.

"Quem deu total suporte pra gente foi o DEM. A gente vivia no gabinete do DEM. Houve um *lobby* enorme dentro do Congresso. O Renan tinha um contato muito próximo com o Cunha, ou o assessor dele, não sei. Mas ele trazia as coisas em primeira mão pra gente e o negócio realmente acontecia. No acampamento, a gente participa de congresso do PMDB. Isso não tá escrito em lugar nenhum. E a gente vai no congresso do MBD pensando que, pô, se a gente convencer o Temer, que era um cara que queria sair de campo, a assumir, seria uma forcinha a mais pra tirar a Dilma. Nós fomos lá e berramos: "Brasil pra frente, Temer presidente! (...) Quando o Temer assume, qual é a ordem interna? Não bate no Temer!" (Entrevista: E17).

²⁵³ Fontes: Entrevista E6; "Fábio Ostermann explica por que deixou o MBL", 5 de fevereiro de 2018, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vqf31fDfFfw>; Rocha, 2019: 188).

Diante das negociações e envolvimento às escâncaras com grupos políticos tradicionais, o MBL resolveu, pouco antes do início da campanha eleitoral de 2016, editar seu texto de apresentação enquanto movimento apartidário (condão discursivo que animou os ciclos de 2013, ano de concepção do grupo, e de 2015, ano de crescimento) para movimento suprapartidário, defensor de ideias liberais por meio de candidaturas partidárias avulsas. O roteiro não era inovador. A bandeira de um ativismo avesso aos partidos tinha forte aderência nos protestos de rua, como se viu em junho de 2013, no Brasil, e em outras partes do mundo, a exemplo da "Primavera Árabe".²⁵⁴

Vários membros do MBL passaram a disputar cargos públicos e as páginas oficiais do grupo se engajaram avidamente na campanha de candidatos de várias siglas: DEM e PSDB, principalmente, mas também MDB, PP, PSC, Novo, PEN, PHS, PPS, PRB, Pros, PSB, PTB, PTN, PV, PR e SD (cf. Quadro 4, Apêndice III). Nas "Diretrizes Institucionais" do Manual do Ativista, o MBL mais tarde expôs parcialmente o grau de afinidade com os partidos do sistema político brasileiro, nível de interação e classificação designada.

"Coordenador: Caso seja filiado a partidos considerados 'neutros' (ex.: PSDB, DEM, MDB, PV, PSC, NOVO, PSB, PPS, PTB), deverá apresentar justificativa para a manutenção de sua filiação.

Membros efetivos: Os membros efetivos são aqueles que pertencem à Diretoria da Filial municipal. Eles poderão possuir filiação a partidos considerados 'neutros'. Apoiadores e Colaboradores: Podem possuir filiação a partidos diversos, excluindo-se as tradicionais siglas de esquerda (PT, PSOL, PCB, PCdoB, PSTU, PCO, PDT)." (Manual do Ativista do MBL, Diretrizes institucionais, p. 7).

A identificação de aliados e inimigos²⁵⁵ ia sendo reajustada conjuntamente. Mesmo a Força Sindical, entidade representante de um dos movimentos expressa-

²⁵⁴ "We'll continue our revolution/ our revolution is a people's revolution/ not a coalition's revolution nor a party's revolution", dizia o jogral repetido pelos manifestantes da Praça Tahrir, no Egito, em 2011 (documentário "The Square", 2013).

²⁵⁵ Aliados e inimigos são exemplos do que McAdam, Tarrow e Tilly chamam de categoria social que consistem em "a set of sites that share a boundary distinguishing all of them from and relating

mente atacados pelo MBL, tornava-se uma aliada de circunstância durante as manifestações pelo impeachment. O grupo arquitetava estratégias de ativismo baseada em múltiplas frentes, cada qual orientada por táticas específicas.

Com a popularidade crescente e algum aprendizado político acumulado, o grupo buscava soluções institucionais que acomodassem as demandas de seus membros, tanto do ponto de vista eleitoral como organizacional, visto que o debate em torno da formação de um partido encontrava resistência. Malograda a tratativa com o PSL em 2016, o grupo ainda tentou, anos adiante, fundar um partido próprio. A legislação vigente foi o obstáculo maior. O MBL cogitava métodos heterodoxos para contornar a lei: "juntar congressistas (...) e manipular pra chegar em objetivos próprios nossos", disse Alexandre Santos. O irmão aventava outro caminho: "Porque sério, tipo 470, 500 mil assinaturas a gente consegue, assim, com não muito dinheiro a gente consegue. Gastando uns 50 pau por dez meses aí, R\$ 500 mil, vai. A gente consegue botar um número de pessoas trabalhando, fora voluntariado, para conseguir as assinaturas", propugnava Renan Santos, segundo áudios vazados e divulgados pelo The Intercept.²⁵⁶

O partido seria batizado de 'Missão' e funcionaria como o braço institucional do Movimento Brasil Livre – um modo de preservar a reputação de movimento da sociedade civil sem abdicar do jogo de poder político institucional. As dificuldades somadas acabaram inviabilizando o plano e o MBL passou a costurar estratégias eleitorais individualizadas em cada estado da federação.

4.3 O movimento e as eleições

Passado um ano desde seu surgimento, o MBL queria medir seu potencial eleitoral já no pleito de 2016, abrindo terreno para candidaturas mais ambiciosas no futu-

all of them to at least one set of sites visibly excluded by the boundary" (McAdam et al., 2001: 143). Também na concepção dos autores, a formação de categorias (category formation) é um mecanismo cognitivo gerador de identidades que opera por meio dos submecanismos da invenção, do empréstimo e do encontro (idem, ibidem).

²⁵⁶ Audi et al., 2020. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/09/30/mbl-comprar-assinaturas-partido-patriota>

ro. O grupo começou a preparar candidatura logo após o encerramento da Marcha para Brasília (seção 3.2), em 27 de maio de 2015. O primeiro quadro lançado na rinha eleitoral foi Fernando Holiday, a despeito da vontade do mesmo (que, mais tarde, declarou ter vivido um início de depressão diante das consequências da decisão²⁵⁷).

A condição social de Holiday enquanto negro, pobre e gay era internamente considerada um trunfo de capitalização discursiva em prol da bandeira ultraliberal. “Isso aí não é problema. É solução. Você vai ficar gigante. Tem ideia disso?”, promete Renan (Kataguirí & Santos, 2019: 167) após Holiday lhe secretar, durante as caminhadas da marcha, que era gay. O número escolhido para sua candidatura foi o 25024 – tentativa de angariar votos do público gay. Holiday formava, junto com Kataguirí, a dupla de rostos mais conhecidos do movimento.

Uma vez eleito – o 13º vereador mais votado na São Paulo de 2016 –, Holiday recrudesciu a ofensiva conservadora e foi ganhando holofotes através de intervenções inflamadas na tribuna da Câmara e ações polêmicas, prontamente divulgadas em redes sociais, como a invasão ao gabinete de opositores e as invectivas contra o jornalista Gilberto Dimenstein, que revelara indícios de participação do MBL na propagação de notícias falsas. Disputas também se davam entre aliados e colaboradores. Meses após a vitória eleitoral, o site de jornalismo BuzzFeed publicou, em março de 2017, matéria com o ex-advogado de Cleber Teixeira a respeito de denúncia de caixa dois na campanha do vereador. A fim de salvaguardar o bordão usado em favor do corte de gastos públicos e do voto barato na proporção verba/eleitor, Holiday teria deixado de declarar à Justiça Eleitoral vários dos gastos de campanha. O diretório municipal do PT representou a denúncia junto ao Ministério Público Eleitoral e o processo tramitou até 2021, quando foi arquivado em 1ª instância, dado que as irregularidades não evidenciavam descumprimento da lei, embora apontassem para a tentativa de fazer crer ao eleitorado que o MBL contava com poucos recursos e teria o voto mais econômico se comparado aos concorrentes.²⁵⁸ Uma condenação se deu, porém, em decor-

²⁵⁷ Cf. a entrevista de Holiday por Marcelo Bonfá, disponível em (ver a partir de 13'00"). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7J6j7PcKmfw>

²⁵⁸ Segundo o levantamento da jornalista Ana Luiza Albuquerque, "o custo médio de cada voto nos outros vereadores eleitos na capital foi quase dez vezes maior: R\$ 10,20. O único voto mais bara-

rência de propaganda eleitoral irregular no Facebook – a campanha foi predominantemente baseada nas redes sociais – e Kim, Renan e Holiday pagaram multa de R\$5mil, cada.

De um lado, o MBL realmente investiu sua marca na candidatura de Holiday, mas essa não era a única investida naquele pleito de 2016. O aprendizado de articulação política e o portfólio da campanha irreverente pelo impeachment de Dilma abriram o caminho de uma trilha ainda mais auspiciosa: a parceria com o empresário e então candidato a prefeito de São Paulo, João Doria (PSDB). As afinidades do MBL com o empresariado deixavam clara a convergência ideológica, mas – escolados *businessmen* que já eram – a parceria se deu através de bem mais do que ideias afins. De um lado, a habilidade comunicativa e capilaridade digital cacifavam o grupo como estrategista da campanha eleitoral que se dava longe dos convencionais televisores. De outro, o capital financeiro do candidato e a chance do acesso à estrutura estatal facultada pelo prefeito selariam a vantagem do consórcio. O MBL se aplicou em intensiva campanha pelo Facebook, principalmente, de apoio a João Doria e em ataques ao candidato à reeleição pelo PT, Fernando Haddad. A peça mais icônica dessa campanha foi a recriação do *anime* "Dragon Ball"²⁵⁹, com destaque heroico dos candidatos Holiday e Doria (e Kataguiiri, recém filiado ao DEM e já preparando a candidatura de 2018), além de ligeira aparição dos aliados Onyx Lorenzoni (DEM), Ronaldo Caiado (DEM), e da equipe de militantes engajados na campanha.

As interações na plataforma com o conjunto de peças da campanha de Doria foram da ordem de 25 milhões. Como demonstrou F. Malini, o MBL havia se tornado a "principal cadeia de transmissão" do marketing eleitoral de Doria, assim como do correligionário Nelson Marchezan Jr., que seria eleito prefeito de Porto Alegre.²⁶⁰ Também Doria acabou eleito – em primeiro turno e com 53,3% dos votos válidos, segundo dados do TSE.

to que o de Holiday foi o de Eduardo Suplicy (PT)" (Albuquerque, 2017a). Disponível em: <http://folha.com/no1922068>

²⁵⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1781103168794508>

²⁶⁰ Em entrevista veiculada em Albuquerque, 2017a.

A contrapartida não é inteiramente conhecida, mas posteriormente foram divulgadas mensagens de um dos articuladores da campanha de Holiday que se referiam a uma doação de 1 milhão de "santinhos" à campanha (o que mais tarde se tornou um dos objetos da mencionada investigação por suspeita de caixa dois)²⁶¹, dentre outras modalidades de apoio material. Há ainda relatos não comprovados de ex-membros do MBL de que Doria bancava os custos do congresso nacional do movimento²⁶² (eventos que são realizados anualmente, via de regra em grandes centros empresariais, e Doria tem sido um dos palestrantes mais assíduos). Fato líquido e certo é que os militantes do MBL passaram a ocupar diversos cargos comissionados, tanto da parte da prefeitura de São Paulo como da vereança do debutante Fernando Holiday – e, mais tarde, dos demais líderes que o MBL conseguiu eleger.²⁶³

Com 48.055 votos²⁶⁴, a vitória eleitoral do primeiro quadro do MBL representava uma conquista em diferentes níveis. A inserção institucional tornava acessível uma valiosa gama de recursos e oferecia a possibilidade de empregar e remunerar parte dos militantes; os quais, ainda que submetidos ao estatuto que rege o funcionalismo público dentro dos limites de exercício da função, estabelecem vínculos mais amplos, o que gera lealdades de tipo novo, um gradiente de cumplicidade que confere força

²⁶¹ A respeito das mensagens, cf. reportagem de Vinícius Segalla e Gustavo Aranda (2017) para *El País*. Diga-se que, em 2021, o inquérito sobre a suspeita de caixa dois na campanha de Holiday seria arquivado, como noticiado em reportagem de Tayguara Ribeiro (2021) para a Folha. As reportagens aqui citadas estão disponíveis, nesta ordem, em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/04/actualidad/1509835952_694120.html e <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/08/justica-determina-arquivamento-de-inquerito-contra-fernando-holiday-sobre-caixa-dois.shtml>

²⁶² Como Rodrigo Constantino afirma que Renan Santos teria dito que chegou a trabalhar para o MBL e que reitera também ter ouvido essa informação circular; cf. o vídeo publicado no canal de Constantino (a partir do minuto 25): <https://www.youtube.com/watch?v=U65qVcIMOMM>

²⁶³ Tomemos o caso de "Rubinho" Nunes (de 1988), conhecido como o advogado do MBL. Natural de Vinhedo (SP), Rubens Alberto Gatti Nunes pertence a uma família de vereadores e se formou em Direito na PUC-Campinas. A amizade com o conterrâneo Renan Santos atraiu sua participação ao movimento, tornando-se coordenador jurídico, responsável por formular ou orientar as estratégias de judicialização que o grupo empreendia – uma das frentes de ação do MBL. Após sofrer derrota em candidatura pelo PMDB a vice-prefeito de Vinhedo em 2016, em chapa encabeçada pelo candidato Dr. Dario (PTB), Rubinho foi nomeado assessor parlamentar do deputado Kim Kataguiri, passando a acumular o trabalho que chegava dos escritórios do deputado Kim e do MBL, cujas raias são dificilmente separáveis.

²⁶⁴ Dados oficiais do TSE, disponíveis em: <https://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-2016/votacao-e-resultados/resultados-eleicoes-2016>

maior à ascendência do grupo na conduta individual do ativista. Esse tipo de interação se dá não apenas perante os diversos cargos comissionados indicados pelo grupo; a própria liderança, uma vez eleita vereador, vê-se instada a reconhecer e retribuir o que acredita ter auferido do grupo: "Eu devo minha carreira política ao MBL", disse Holiday durante Congresso Nacional do MBL.

O MBL passou a agenciar a carreira política de vários de seus membros: "Renan quer que eu saia [candidato a] vereador em Marília [SP], mas eu não sei, o que você acha? Acho que eu prefiro fortalecer a base jurídica do movimento." (Entrevista: E8). Uma vez eleitos ou comissionados, os ativistas se capacitavam a contribuir de maneira mais robusta com fundos, recursos, serviços ou como estatística de êxito: "Daí eu me tornei vereador aqui, fui eleito vereador (...) e o MBL me convidou pra fazer parte do MBL. Porque o MBL começou a convidar deputados, vereadores, políticos pra poder fazer parte do grupo, fortalecer politicamente o MBL" (Entrevista: E7). Por esse método, o grupo ia atualizando os resultados de sua "bancada" dias após divulgado o resultado eleitoral: primeiro 7, depois 8, e por fim 9 foi o número contabilizado de "vereadores do MBL" eleitos pelo país em 2016, além de 6 suplentes e 1 prefeito (Quadro 4, Apêndice III).

O anúncio exitoso era impulsionado por aliados estratégicos em veículos de mídia, como Reinaldo Azevedo, cuja coluna semanal ocasionalmente fazia as vezes de vitrine ou emprestava a palavra ao movimento:

"O primeiro congresso nacional do MBL, em 29 de dezembro de 2015, dispôs sobre a agenda política defendida pelo grupo e oficializou a estratégia de pulverização partidária de candidatos do movimento. Fomos, assim, a iniciativa liberal mais exitosa nestas eleições, elegendo 9 vereadores e 6 suplentes. Destes, 3 venceram em capitais: São Paulo, Porto Alegre e Aracajú. Ademais, o movimento venceu o estigma de que 'desapareceria' após a queda de Dilma e vem pautando o debate político nacional como o fez nos embates acerca PEC 241 – foi a principal organização a apoiar tal medida. Com audiência web superior a 13 milhões de pessoas por dia — incluindo aí rede de páginas de Facebook, twitter, instagram blogs e canais de Youtube —, o movimento pode ser con-

siderado hoje a mais inovadora e influente força da nova política brasileira.”²⁶⁵

Exageros retóricos à parte, a popularidade do MBL ia, de fato, crescendo. O grupo recrudescia a tática de radicalização com a esquerda (cf. seção 3.4), principalmente a petista, e ia conquistando maior notabilidade enquanto marca, e não apenas pelas campanhas que promovia. À medida que ia se instalando nos espaços galgados, o MBL vislumbrava a chance de expandir seu alcance num *crescendo* sem recuos, e logo envolveu-se nos bastidores da campanha presidencial de 2018.

O projeto presidencial entrou no radar de Renan Santos ainda antes da posse do novo prefeito, posto que serviria de trampolim para ambições mais altaneiras. Renan se empenhou em convencer pares, setores da direita e o próprio Doria²⁶⁶, com quem ainda mantinha boas relações. Mas a amizade sofreu solavancos: o MBL foi perdendo influência junto ao tucano, que exonerou alguns dos militantes das subprefeituras e de outros cargos em comissão. Publicamente, o MBL acusou o prefeito de traição liberal, em razão do anúncio de regulamentação dos aplicativos de táxi. O grupo, então, espalhou cartazes pela cidade alcunhando o prefeito de “João Desempregador”, o qual reagiu com ameaça de multa.²⁶⁷ A relação tinha azedado, visto que os interesses políticos imediatos (a candidatura de Arthur para prefeito e recusa em compor aliança com o PSDB) passaram a divergir.

Outro rico empresário substituiria a investida presidencial do MBL: Flávio Rocha, dono do grupo Riachuelo e recém filiado ao PRB. Flávio tornava-se o novo predileto do MBL, e um mesmo padrão de postagens elogiosas ao empresário era veiculado nas redes sociais do movimento, embora sem a mesma estética e fraseologia de memes.

²⁶⁵ Texto elaborado pelo MBL e reproduzido em Azevedo, 2016, disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/participe-do-2-congresso-do-mbl-veja-quem-estara-la-e-preciso-avancar-na-agenda-liberal>

²⁶⁶ Segundo reportagem de Marina Rossi et al. (2017b) para o El País, disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/26/politica/1506459691_598049.html

²⁶⁷ Conforme reportado no Congresso em Foco: Sardinha, 2018. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/projeto-bula/reportagem/mbl-declara-guerra-a-doria-%E2%80%9Cenganacao%E2%80%9D-%E2%80%9Cestelionato-eleitoral%E2%80%9D-e-%E2%80%9Ctraicao%E2%80%9D>

Até então, considerava-se o nome de Jair Bolsonaro como indesejado – o capitão reformado era visto como um candidato inepto. Nesse quesito, a estratégia da coordenação do grupo tardou em perceber o equívoco estratégico. Dentre os nomes cotados para uma candidatura presidencial, Bolsonaro foi o que mais ecoou o discurso da campanha moralizante protagonizada pelo MBL em 2017-2018, mesma fase em que o movimento assistiu ao mais rápido crescimento de suas redes sociais (ver seção 3.4). E, no entanto, a aposta eleitoral do MBL privilegiava candidatos sem fortes vínculos com igrejas e mais próximos do mercado financeiro (João Doria, Flávio Rocha e, por último, Henrique Meirelles). Contudo, diante da vertiginosa ascensão de Jair Bolsonaro e das evidências de favoritismo, o grupo aderiu ao movimento que tentava decidir a eleição no primeiro turno, de modo que vários dos quadros do MBL anteciparam o voto no 17.

Concomitantemente, o grupo trabalhava duro para eleger o máximo de candidaturas proporcionais, visto que a atmosfera dominante no pleito de 2018 era percebida como valiosa janela de oportunidade às pautas conservadoras. As lideranças do MBL tentavam, sem êxito, viabilizar a formação de um novo partido. O MBL conseguiu atrair a juventude Tucana (os “cabeças pretas”) para junto do movimento e as articulações políticas foram avançando em prol de alianças com o PSDB, apesar do histórico de atritos com o partido. A amplitude dos canais digitais do MBL representava um ativo de campanha e seduzia muitos candidatos, sobretudo os mais jovens, que chegaram a ameaçar desembarque do PSDB e pressionaram pela acolhida de candidaturas ligadas ao movimento.²⁶⁸

“Eu me filiei ao PSDB no limite, no último dia da escolha de partido. A aposta que a gente teve foi que, na época, era um partido de oposição ao PT – eu já comento que é uma oposição muito mais de poder do que ideológica, mas era uma oposição do PT, na época. E existe a estrutura, o que a gente chama de conta política, né. Então era o partido que aqui tinha mais candidatos, existia uma potencialidade de eleger mais candidatos, porque era uma coligação, foi feita uma coligação, na época. (...) Os outros par-

²⁶⁸ Segundo reportagens de Angela Boldrini (2017a; 2017b), disponíveis em: <http://folha.com/no1911818>; <http://folha.com/no1912423>

tidos tinham aquela dificuldade maior. Então essa foi a leitura que a gente fez em relação à legenda. Eu acabei entrando no PSDB por conta disso e foi muito bem a conta que a gente fez.” (Entrevista: E7)

Com candidaturas pulverizadas, o MBL renovava parcerias também com o DEM (partido originalmente fundado por ex-integrantes da Arena, que dava sustentação do regime ditatorial militar). Por ironia (mas não por acaso), o DEM passava a abrigar a maior parte das candidaturas ligadas ao grupo ora conhecido como representante da "nova direita". Foi o caso dos deputados eleitos Kim Kataguiri e Arthur do Val, em nível federal e estadual, respectivamente. Além do DEM e PSDB, também o MDB, Novo, PP, PR, PSC e PROS abrigavam as candidaturas de 2018 (cf. Quadro 5, Apêndice III).²⁶⁹

O resultado de 2018 representava uma vitória significativa para as ambições do MBL, que seguia em ascensão. Diante da expressiva votação, Kataguiri anunciou que, embora novato, sairia candidato à presidência da Câmara do Deputados no ano seguinte. O MBL tentava chegar mais e mais perto dos centros de poder. Com a votação presidencial levada ao segundo turno, o grupo organizou uma caravana pelo Nordeste do Brasil (base eleitoral do PT) a fim de tentar virar votos. "Bolsonaro é Norte, Bolsonaro é Nordeste. Vai 17, vai 17!", cantava a militância liberal sudestina, arremedando o sotaque nordestino. Outro gesto marcante se deu às vésperas do turno decisivo, quando os deputados recém-eleitos Kim Kataguiri e Arthur do Val pegaram carona em jatinho de um empresário amigo e visitaram Bolsonaro em sua residência do Rio de Janeiro para reforçar a aliança e gravar mensagem de apoio.²⁷⁰ Além

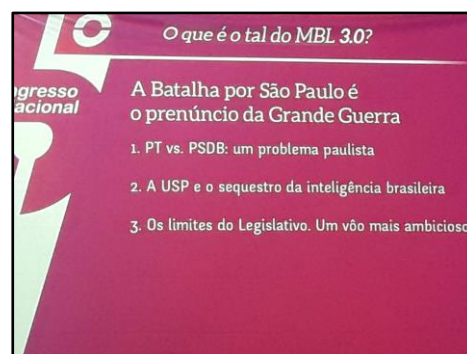


Foto: Ellen Elsie, Painel exibido durante 50 Congresso Nacional

²⁶⁹ Cf. também a reportagem de Angela Boldrini, 2018, disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/08/em-sua-primeira-eleicao-geral-mbl-tenta-eleger-16-candidatos-por-nove-partidos.shtml>

²⁷⁰ Divulgada em 24 de outubro de 2018, no endereço a seguir; o vídeo seria mais tarde tirado do ar pelo MBL: <https://www.youtube.com/watch?v=MCm1L8BhRns>

da amizade de ambos os deputados com o filho e estrategista Eduardo Bolsonaro, a participação na campanha de segundo turno poderia render dividendos políticos junto ao novo governo, conquanto declarassem publicamente que manteriam postura independente.

Como vimos no capítulo anterior (seção 3.5), a missão de apoio eleitoral foi ingrata. Em menos de um ano do novo governo, o MBL rompeu com Bolsonaro e bolsonaristas, e assistiu a um rápido declínio nos números de seguidores e nas expressões de apoio, o que obrigava a redimensionar as ambições políticas para as eleições vindouras. A baixa na popularidade atingia mais a sigla do que suas lideranças – Holiday, Kim e Arthur –, parcialmente poupadas da fuga de seguidores. A reeleição de Holiday como vereador era dada por certa e Arthur do Val se licenciou da ALESP para concorrer a prefeito de São Paulo pelo PATRIOTAS, visto que o deputado havia sido expulso do DEM após se opor à coligação com a dupla tucana que governava o estado e a capital paulista. Como reação, também Holiday e outros candidatos de São Paulo abandonaram o DEM – à exceção de Kataguiri, aliado do então presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM).²⁷¹

O MBL embarcava no partido PATRIOTAS, o qual cedeu a presidência da regional de São Paulo para um dos coordenadores do núcleo duro do movimento: Renato Battista. Cada uma das candidaturas do partido na capital paulista estava vinculada ao MBL no pleito de 2020. E, novamente, o movimento alcançou expressivos resultados: além de Holiday, Rubens Nunes também se tornava vereador, e, mormente, Arthur do Val alcançava o terceiro lugar em uma disputa majoritária na maior cidade do país (atrás de Bruno Covas (PSDB) e Guilherme Boulos (PSOL)), com cerca de 10% dos votos válidos. Em outros estados, o DEM continuava sendo um aliado de primeira hora.

O MBL marcava presença através de dezenas de candidaturas pelo país: em nosso levantamento, contabilizamos 32 candidatos apoiados, 13 dos quais se elegeram (ver Quadro 5, Apêndice III). O grupo ia, assim, consolidando um lugar no jogo das

²⁷¹ Segundo reportagem da IstoÉ; Estadão Conteúdo, 2020a. Disponível em: <https://istoe.com.br/longe-das-ruas-mbl-negocia-candidatura-com-tres-partidos-em-sao-paulo>

forças que disputavam os espaços de poder do Estado, e esse movimento deu nova feição ao grupo.

"Dá pra separar o MBL em 3 esferas diferentes: a primeira esfera é comunicação, que foi onde a gente realmente se preocupava desde o início. O que é que a gente faz pra que liberalismo, essa história de pagar menos imposto, ficasse um negócio legal. (...) O cara de esquerda organizava as festas, o cara tinha boas músicas, o cara ia lá e comia gente, e o cara de direita não, porque era um negócio chato, triste, técnico, numérico. Como é que a gente deixa isso mais legal, esse é o primeiro pilar do MBL: como deixar o liberalismo mais legal. E o segundo ponto: militância, manifestação (...). E agora tem a frente institucional: disputar eleição." (Kim Kataguiri²⁷²).

4.4 Consequências do ativismo institucional

A atuação de movimentos sociais em frentes múltiplas não é coisa excepcional. Porém, uma adesão desbragada à política institucional traz consequências várias e nem sempre desejadas ou previsíveis. No caso que analisamos, as vitórias eleitorais, por um lado, robustecem a estrutura organizativa e renovam recursos materiais que asseguram a sobrevivência do MBL – o que se mostra crucial no enfrentamento dos reveses de sua trajetória.

A prevalência da lógica institucional também angaria ativistas profissionais e demais atores atraídos pela carreira política. O MBL passou a cooptar atores de grupos concorrentes mas com interesses políticos em comum, como os dissidentes do Vem pra Rua (VPR). Então liderado pelo empresário Rogério Chequer, o VPR contava com ativistas de faixa etária mais elevada e perfil menos belicoso, tanto em termos de estilo como de estratégia de ativismo; e, após consulta privada, o VPR havia decidido não participar de disputas eleitorais, preservando a identidade de organização da sociedade civil. A decisão não perdurou, mas suas consequências provocaram a fuga

²⁷² Vídeo de 27 de fevereiro de 2021, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=X02st_oV1Gg/

de vários ativistas do grupo, como Adelaide Oliveira – caso mais notável. Porta-voz e representante exemplar do que o VPR chamava de ativistas-"porcos"²⁷³ – isto é, engajamento devoto –, Adelaide (nascida em 1960) abandonou o VPR em 2020 para candidatar-se a vice-prefeita de São Paulo, na chapa com Arthur do Val, e fortalecer os recursos humanos do MBL. A mesma trajetória se repetiu em outros casos:

"Eu saí do Vem Pra Rua porque houve um indicativo aqui pra sair candidato, porque não adianta a gente ficar só na rua, batendo, apontando o dedo, se a gente não participar, não botar as caras. E na época, o VPR não queria que os seus líderes saíssem candidatos. Houve uma reunião do VPR em São Paulo, inclusive teve votação, e a maioria dos líderes nacionais acharam que [a gente] deveria sair candidato, mesmo assim, o pessoal da nacional lá, o pessoal que comandava nacionalmente achou que não deveria. Daí isso me deixou chateado, deixou outras pessoas chateadas (...). Porque 'ah não, a gente não vai participar porque aí perde um pouco do que foi a proposta do que foi o VPR'. Tudo bem, beleza. Aí eu saí do VPR (...). Aí a decisão foi que [o VPR] não apoiaria nenhum candidato. Engraçado porque o Chequer, dois anos depois, saiu candidato a governador de São Paulo, né. Isso eu achei interessante. (...) O VPR começou com essa postura de não participar diretamente da política e aí ele enfraqueceu muito aquilo que o VPR pensou inicialmente, de ser um instrumento de cobrança da política, o que a gente chama de grupo de pressão, ou seja, que não tá ligado diretamente a partido." (Entrevista: E7).

²⁷³ "O engajamento é o sangue do movimento. Para explicar o significado dessa palavra – engajamento – nós costumamos dizer que queremos trabalhar com 'porcos' e não com 'galinhas'. Por que porcos e galinhas? Nós nos inspiramos no café da manhã dos americanos. Isso porque, invariavelmente, comem-se ovos com bacon pela manhã nos Estados Unidos. Dois animais se envolvem na produção desse café – porcos e galinhas. Enquanto as galinhas apenas participam, cedendo seus ovos, os porcos se engajam, morrendo para que as pessoas se alimentem de parte do seu corpo. Queremos uma equipe composta por porcos, ou seja, por quem esteja disposto a se engajar, a se sacrificar, a se entregar ao movimento. Quem só quer dar palpite e ciscar não nos interessa." (Chequer & Butterfield, 2016: 248-9)

Diferente de seu principal concorrente, a entrada do MBL na política institucional não foi somente inesitante, mas planejada, como demonstramos há pouco. Ainda assim, é notável a rapidez do êxito eleitoral quando comparada às tentativas de institucionalização de outros movimentos (caso do trabalhista ou do movimento ambientalista), como bem aponta Della Porta (2017) em sua discussão sobre 'movement-parties' surgidos nos ciclos de protesto na Europa.

Embora trabalhem em vista de ampliar o contingente de apoio junto à população em geral, movimentos sociais costumam representar interesses de grupos minoritários, sugerindo novas formas de vida em comum, fermentando transformações, pressionando por mudanças ou proteção contra mudanças. Dessa forma, a popularidade de suas demandas não costuma ser critério de definição das bandeiras do grupo, diferente do que sói ocorrer com entidades que dependem da popularidade perante o eleitorado. Todavia, assim como movimentos sociais ajudam a promover agendas que impactam a política eleitoral – como vimos na fase de radicalização do MBL (seção 3.4) –, também os resultados eleitorais influenciam a reorientação da agenda prioritária dos movimentos (McAdam e Tarrow, 2010).

Ao analisar o caso que nos ocupa, podemos dizer que a crescente ascendência da lógica institucional (eleições e coalisões) é responsável pela moderação discursiva e inflexões na trajetória do MBL diante da evasão de apoiadores e da clivagem no campo da direita (seção 3.5), sobretudo diante da preparação de candidatura majoritária. O grupo passou a redesenhar táticas de ativismo e a tentar se comunicar com estratos distantes da sua usual base de apoio. Enquanto candidato a prefeito, Arthur do Val visitou favelas paulistanas e deu palestras sobre liberalismo para jovens colegiais, por exemplo. Junto à Câmara Legislativa, Kataguirí se aliou à presidência da Casa, integrou a bancada evangélica²⁷⁴, mas também passou a aproximar-se eventualmente de congressistas opositores, como Marcelo Freixo (então no PSOL) e Tabata Amaral (PSB). Enquanto isso, as lideranças organizacionais remodelavam o discurso, demandando o ímpeto libertariano, a exemplo do que, mais tarde, disse Renan Santos:

²⁷⁴ Kim Kataguirí é anglicano e se aproximou estrategicamente de políticos evangélicos durante a fase de radicalização (cf. seção 3.4).

"Conforme [o MBL] foi conhecendo o jogo político, ele foi mudando de opinião, porque a gente vai conhecendo o jogo político a fundo. (...) Se você for olhar *by the book* o que o MBL fala, a gente nunca mudou formalmente as posições que a gente tinha, mas a gente vai ter que mudar essas posições. E isso é uma forma como a gente vem tentando reconduzir nossa própria história, porque o pensamento liberal que a gente defendia, ele vai se chocando com a realidade em certos pontos e você vai ter que fazer mini adaptações. (...) Será assim a cada momento que a gente precisar adaptar a perspectiva nossa, que antes era muito mais ortodoxa do ponto de vista ideológico, para uma realidade que é profundamente brasileira."²⁷⁵

Uma vez parte da política institucional, os representantes desses movimentos se investem de uma nova lógica que obriga a reorientar o próprio discurso, a gerir a própria imagem, haja vista não mais poderem se eximir de responsabilidades e de responder pelas consequências objetivas de suas posições – de se "sujar" na realidade. A "ética de convicção" se refaz num discurso modulado estrategicamente (Tarrow, 2014) e os atores tornam-se mais atentos a riscos e oportunidades políticas. Tudo isso traz impactos à dinâmica dos grupos e afeta a sobrevivência dos "vínculos identitários e os compromissos coletivos" em face "da mudança de posição dos atores que ingressam na esfera estatal." (Abers e Bülow 2013: 78).

Além do relacionamento com pares e oponentes, um desses impactos também se faz notar no acréscimo de formalização das interações intra-organizacionais. Embora o MBL consiga, para muitos, vender a imagem de funcionar como um grupo de amigos e glamourizar as personalidades de seus principais quadros – elementos cruciais da estratégia de recrutamento –, as práticas de sociabilidade do grupo carregam múltiplas mediações e camadas de formalidade.

"As pessoas entram no MBL e acha que vai encontrar o Kim, o Arthur, o Holiday, e sair conversando, que são pessoas conhecidas, né. Que vão encontrar essas pessoas no nosso núcleo. Até

²⁷⁵ Vídeo "Renan Santos responde Augusto Botelho!", de 14 de dezembro de 2021, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uQfOdXbcBfE>

porque, no próprio grupo [nacional] do MBL que eu faço parte e que eles estão, eles pouquíssimo falam, porque eles não têm tempo, eles só mandam mensagem: 'estou trabalhando'. O Holiday mesmo, eu só consigo falar quando eu falo com ele no instagram. Eu falei: 'velho, me atenda!'. Aí ele me respondeu: 'diga meu baiano!' O Kim, eu falo com o assessor dele que é muito amigo meu, pra coordenar uma reunião com o Kim. O Arthur, eu mandei mensagem pra ele ontem (...). Ou seja, tá difícil. Então eu digo [aos membros do MBL]: se você acha que vai ter [contato com eles], não vai ter! Mas quando os meninos estiverem aqui, vocês podem tirar foto, convidar pra fazer o que vocês quiserem, entendeu? Eu acho bom avisar isso pra não criar uma [expectativa]." (Entrevista: E6)

Internamente, a distribuição de status se dá na proporção da proximidade dos membros com as estrelas (Kim, Arthur, Holiday, Rubinho) e principais lideranças do grupo (Renan, Renato, Ricardo, dentre outros). Essa economia simbólica não opera somente de forma tácita; há diversos expedientes de comercialização do prestígio dos quadros. Ainda em 2016, quando a preparação eleitoral era incipiente, os núcleos regionais já promoviam eventos de arrecadação de finanças com base no prestígio das estrelas do MBL, a exemplo da venda de convites a R\$290 para jantar com Kim Kataguiri. Os Congressos Nacionais, por sua vez, franqueavam a principal oportunidade de acesso às personalidades mais célebres, sobretudo as festas organizadas após cada dia de atividades. Findo o evento, todos os membros entrevistados revivesciam, com entusiasmo, várias anedotas festivas em torno das baladas junto das celebridades do movimento.

Piadas e apelidos também emulam a dinâmica da vida política. "Como vota, deputado?" virou frase de advertência a objetividade diante das intervenções mais lo-



Reprodução (Facebook MBL Santa Catarina)

quazes; "base jurídica" virou o nome do cão de estimação. A aparência padrão dos quadros também sofreu mudanças. O visual meticulosamente despojado – composição da fase de timbragem identitária (seção 3.3) – deu vez ao paletó, e a sede do escritório saiu da "salinha" na Vila Mariana (bairro de classe média-alta na zona sul de São Paulo) para o vistoso America Business Park (complexo empresarial no abastado bairro do Morumbi). Todas essas mudanças se deram em meio a uma fase de declínio na popularidade digital do movimento, como se nota pela sobreposição da trajetória do grupo e da base dos dados de monitoramento de redes digitais da pesquisadora C. Lerner (2019). A envergadura organizacional já dependia menos das interações virtuais, passando a apoiar-se também em ativos do poder estatal – em "instâncias de poder infra-estrutural." (Mann, 2008).

O movimento de progressiva institucionalização do MBL também vem se mostrando inversamente proporcional à preocupação cultural que marcou a aparência inovadora do que alguns chamaram de "nova direita". Cada gradiente de formalização correspondeu a um apagamento da aura de contra-cultura promovida pela ala de artistas do grupo, cujo principal ícone foi Pedro D'eyrot. Cada vez mais ausente no cotidiano do movimento, Pedro é um dos poucos casos de quem, embora popular, declinou de explorar seu potencial eleitoral para profissionalizar-se na política. Sua participação remanesce como professor de 'memística' nas aulas assíncronas que o grupo vende na plataforma da 'Academia MBL.'²⁷⁶

Produto da mais recente estratégia de recrutamento de militância e fonte de receita, a Academia MBL foi desenhada como uma espécie de incubadora de quadros e candidaturas de direita. Conforme explanamos no capítulo 2 (seção 2.3.1), a iniciativa foi inicialmente pensada como resposta ao diagnóstico, consensual no campo da direita, de que as universidades seriam dominadas por grupos de esquerda. Sua função, contudo, transcende a proposta de formação teórica; os cursos são propagandeados ora como passaporte de sociabilidade ("Quando eu me inscrevi e entrei no grupo, eu

²⁷⁶ "O meme é considerado uma unidade de evolução cultural que pode de alguma forma autopropagar-se. Dessa forma, ele é essencial na transmissão de informação", ensina o professor Pedro em uma de suas aulas. Também disponível em: <https://www.instagram.com/p/CXCSOKXrNkq>

passsei a interagir muito mais com os outros, e até mesmo com figuras que eu sempre admirei (...), porque na Academia você tem um contato muito maior com essas pessoas."²⁷⁷, ora como investimento de carreira política ("Eu tô me esforçando bastante porque eu tô valorizando essa experiência aqui. Eu acho que isso aqui pode me levar muito longe intelectualmente, politicamente, quem sabe, né?").²⁷⁸ Os testemunhos replicados nos canais de venda do programa estão em sintonia com a publicidade feita pelo quadro mais célebre do movimento, Kim Kataguirí:

"[A Academia MBL] não é um curso de formação política, não é isso. É basicamente a nova maneira de ingressar no MBL e de fazer parte de diferentes ramos, de diferentes braços do MBL. (...) Meu interesse na Academia do MBL é a formação de novos porta-vozes e de um grupo pra disputar eleições em 2022, de ter um grupo político que venha dessa academia pra estar junto comigo aqui em Brasília em 2022, e também pra formar bancadas estaduais (...), eleger pessoas em todos os estados do país, e não necessariamente uma pessoa só. Quero que mais pessoas disputem junto comigo as eleições no estado de São Paulo, e pessoas de outros estados ajudem a reforçar bancadas."²⁷⁹

Ao priorizar o jogo político institucional, o MBL vê um crescimento no engajamento carreirista e uma maior segmentação (formação de 'cliques'²⁸⁰) nos círculos de sociabilidade do grupo. Isso também gerou efeitos indesejados no que toca as relações de confiança. Se, por um lado, a dependência dos votos do eleitorado demanda ampliação e maior abertura política (movimento contrário ao observado nas fases iniciais de

²⁷⁷ Trata-se de um relato de aluno da Academia MBL, veiculado no instagram da Academia para fins de propaganda, em 20 de abril de 2022. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CclXl_sDaz-

²⁷⁸ Relato de outro aluno da Academia, publicado em canal de Youtube próprio, em 13 de julho de 2021 (por volta do minuto 9:45). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XkisdMnHUPY>

²⁷⁹ Vídeo publicado no canal de Youtube de Kim Kataguirí, em 27 de fevereiro de 2021: "Sobre minha saída da coordenação nacional do MBL". Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=X02st_oV1Gg

²⁸⁰ Isto é, círculos pequenos e exclusivos de associados. McAdam et al. (2001: 142) notam que a formação de cliques é uma das maneiras pelas quais o mecanismo de *brokerage* – articulação ou mediação – é operacionalizado.

constituição identitária do grupo, quando havia uma preocupação com a ameaça premente de infiltrados), há, por outro lado, uma relativa orientação das interações pela lógica de interesses e resultados. Relações de amizade foram sendo, para alguns, resignificadas na chave do arrivismo, e mais desconfiança foi se introduzindo também entre antigos parceiros: "[A vida] me ensinou que não se pode confiar em nenhum outro ser humano que [não] você mesmo, sua própria sombra, talvez nem em sua própria sombra", disse Fernando Holiday dois anos antes de abandonar o MBL.²⁸¹ Substituição de lealdades (cf. seção 2.5.1) por interesses e aumento da desconfiança acompanham o movimento de progressiva institucionalização do MBL.

Por diferentes caminhos, o avanço do ativismo societário rumo às instituições tende a gerar efeitos desmobilizadores da ação coletiva, e o MBL não é exceção. Alguns grupos acabam percebendo que atuar desde dentro das instituições pode ser mais eficiente aos propósitos do grupo do que arriscar-se em custosas manifestações de rua. "In addition to serving a mobilizing function, elections may have a hand in demobilizing social movements" (Heaney 2013). O efeito desmobilizador foi ressentido por parte dos ativistas societários do MBL, tornando-se assunto de debates internos, como se lê a seguir em uma das "aulas de alinhamento" do professor Ricardo Almeida²⁸², considerado o principal intelectual orgânico do MBL:

"Eu tenho visto e sinto no ar que todos os grupos de direita estão muito desmobilizados e o MBL não é exceção a essa regra. (...) A consequência maior da desmobilização é o fim da direita. Porque a direita não tem universidades, não tem academia, não tem sindicato, não tem nada. A direita tem o apoio pulverizado da população, e agora tem um partido, que é o partido Novo, que também não tem muito dinheiro porque ele vive de doadores (em última instância, também do apoio pulverizado da população). Tem o MBL, que também vive do apoio pulverizado da população, porque é dinheiro de doadores (a mesma coisa) e tem algumas

²⁸¹ Fernando Holiday, 9 de maio de 2019, em entrevista a Marcelo Bonfá (ver por volta do minuto 15). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7J6j7PcKmfw>

²⁸² Ricardo de Almeida, mestre em filosofia pela UFBA desde 2016, é professor e coordenador nacional do MBL. Em suas redes sociais, ele se apresenta como "esotérico obscurantista".

pessoas eleitas, que, por sua vez, também vivem desse mesmo apoio, porque não tem base de ter um bocado de vereador, de prefeito pra sustentar. Em resumo, o pouco que a direita tem mas que aparece em todo canto depende fundamentalmente do apoio pulverizado da população mobilizada. Sem isso, não tem nada. Como consequências menores, a gente tem a perda do sentido do movimento, do sentido das coisas. Se você tem um movimento de massa, de mobilização, que não se mobiliza, você não tem nada. É igual a ser um garoto de programa que não come ninguém ou um padre que não reza missa." (Anexo II).

Os efeitos desmobilizadores não são puramente resultado do movimento de institucionalização. Do ciclo de protestos que compreendeu as grandes mobilizações organizadas pelo MBL, é esperado um declínio dos vetores de mobilização – consequência do arrefecimento da crise política e da rotinização das interações. Como argumenta M. Dobry (2009), mobilizações não se confundem com potencial de ação (acesso a recursos ou arsenal cognitivo); elas só logram dispersarem-se quando um dado recurso se insere numa jogada ("*coup*") consequente e em contextos particularmente disruptivos. Há uma dimensão relacional intrínseca ao processo político que resulta na instabilidade da eficácia ou em flutuações de valor dos recursos.²⁸³

Com a nova posição perante o governo e passada a deposição da administração petista, o campo liberal-conservador reenquadra (*reframes*) opositores, interpretações do jogo político, da democracia e mesmo as emoções que impulsionam as mobilizações. "Movement leaders need to frame issues in ways that attract followers and, to form coalitions (...), they must bridge the concerns of multiple audiences." (Gerhards e Rucht 1992 *apud* Staggenbord, 2013). No caso do MBL, esse reenquadramento afeta significativamente as estratégias comunicativas, um dos pilares do projeto do movimento (que, não por coincidência, tem como principal liderança um comunicador), o que é também característico do que Della Porta (2021) aponta nos 'movement parties'. O investimento em comunicação política (produção, distribuição e consumo) não dei-

²⁸³ Michel Dobry desenvolveu seu argumento como resposta ao debate vigente no campo ao final da década de 1970, sobretudo como oposição ao modelo conceitual da teoria de Mobilização de Recursos.

xa de ser central aos objetivos de longo prazo, mas as "práticas comunicativas" são remodeladas em razão da aproximação institucional.

"As movement activists become party leaders and then access high level institutional positions, their style of communication becomes more mainstream and, especially, the claims and policy choices become more moderate. (...) While certainly also oriented to power, movement parties are deeply affected by their core reference to social movements as they build upon the hybrid and multifarious infrastructures for communication in the movements in which they originated." (della Porta 2021: 11).

O que vimos no MBL foi uma tentativa de reposicionar-se como ator político e como incubadora de candidaturas elegíveis perante um público além de seus fiéis militantes, incapazes de garantir, por si sós, resultados eleitorais mais vultosos. A maior abertura para o diálogo com oponentes, as eventuais campanhas beneficentes, o "me-me conceitual" e o discurso "MBL paz e amor" anunciados no Manifesto do MBL 3.0 (seção 3.5) são exemplos de mudanças ou experimentos de mudança das práticas comunicativas do grupo.

4.5 Conclusão

A trajetória do Movimento Brasil Livre ratifica a forte tendência à institucionalização do ativismo profissional e a penetração da lógica eleitoral na dinâmica dos grupos de onde emergem as lideranças políticas. De modo particular, o mais proeminente movimento social liberal-conservador surgido em meio ao ciclo de protesto iniciado em 2013 – o MBL – constitui um caso exemplar do que a literatura de movimentos sociais define como "movement party".

A evolução do MBL acompanha um reposicionamento estratégico perante o jogo de disputas entre grupos societários e representantes institucionais. Administrado por ativistas de carreira, o grupo adota uma estratégia de ativismo segmentado em frentes múltiplas. Mas, diante do dinamismo do cenário político, a disputa por espaços e posições de poder institucional reorientou as coalisões e, em particular, o discurso

das principais lideranças do movimento, assim como as práticas comunicativas de um modo mais amplo, ressignificando a própria identidade do grupo. As práticas de sociabilidade foram igualmente afetadas, assumindo formalidades e impondo camadas adicionais de mediação nas interações com os participantes de base, e orientando-se por uma economia afetiva marcada por conchavos, arrivismo e aumento da desconfiança.

Por outro lado, o movimento de entrada nas instituições incrementou a disponibilidade dos recursos indispensáveis à manutenção da estrutura organizativa do MBL, assegurando sua sobrevivência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"How did you go bankrupt?"

Two ways. Gradually, then suddenly."

(Ernest Hemingway, *The sun also rises*)

O surgimento de novas associações de direita no cenário político brasileiro, assim como a recomposição do quadro de representantes da política institucional, foi muitas vezes caracterizado como uma "onda conservadora" ou um "espectro" que, de forma insólita, passou a rondar o país (Demier, 2016; Giroto Neto, 2020, Messenberg, 2017; Tatagiba, 2018; et al.). Nos últimos anos, as ruas contaram com a presença massiva de atores políticos com vieses à esquerda e à direita, ora concomitantemente (em junho de 2013), ora alternadamente (protestos em torno do impeachment). À medida que grupos de direita passaram a se emprestar de repertórios (Tilly, 2006) e formas de ação tradicionalmente empregados pela esquerda, a interpretação dos protestos sofreu distorções tanto da parte dos atores quanto da parte dos analistas.

Esta tese procurou apresentar os mecanismos de renovação e restabelecimento do ativismo liberal-conservador no Brasil, com base em uma reflexão inspirada nos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria do Confronto Político, que entende que os movimentos sociais devem ser estudados não enquanto atores reificados, mas com base relação dinâmica do confronto em que os grupos se implicam (McAdam et al., 2001).

Ao identificar o Movimento Brasil Livre, uma associação de perfil liberal-conservador, como movimento social, a tese contradiz uma corrente tradicional dos estudos do campo no país que classifica os grupos de direita surgidos após o ciclo de protestos de 2013 como "organizações movimentalistas" que obedecem a dinâmicas do mundo político (Gohn, 2018). Embora haja uma ascendência continuada da "lógica de ativismo institucional" (Barthe & Robert, 2005) no MBL, a entrada nas instituições não se traduz em substituição, mas em sobreposição do ativismo societário, o que dinamiza o processo de contínua reconfiguração do MBL desde sua origem e compreende-o no conceito de "movement-party" (Della Porta, 2017).

O surgimento do MBL resulta de um processo que conjuga cálculo, oportunidade, utopia vigente e contingência; e é fortemente devedor da oportunidade política e reconfiguração cultural dos sentidos do ativismo no pós-2013. O grupo dá prova de um intenso dinamismo intraorganizacional, cálculo estratégico e uma ágil interconectividade junto a outros grupos e atores sociais diversos. Desde sua fundação em 2014, o grupo inicia um processo de contínua reconfiguração, tanto de parte de seus quadros ativistas, quanto do perfil e caráter do próprio grupo. O mecanismo "identity shift" (McAdam et al., 2001) traduz a tentativa de consolidar-se, assegurar notabilidade, galgar posição de relevância na arena política e acompanhar o dinamismo inerente da realidade social.

O ponteiro das guinadas do movimento obedece a uma avaliação do temperamento de cada conjuntura, medido com base em uma interação estreita com atores imersos no jogo político institucional e com base na percepção da "opinião pública" a partir do debate nas principais redes sociais (Kotras, 2018). O primeiro lustro de vida do MBL é marcado por nítidas inflexões, tanto a respeito da orientação estratégica que o grupo planeja como de reações diante das contingências do processo político, razão pela qual nossa análise apontou a delimitação de distintas fases (predisposição ou *moto* dominante durante um intervalo de tempo) na trajetória do grupo.

A relação com o tempo não corresponde, porém, a uma associação puramente cronológica dos acontecimentos, mas à forma como o grupo edita o cálculo estratégico diante da percepção das oportunidades políticas e do processo de aprendizagem e transformação do próprio grupo. Desse modo, sobreposições entre as fases são prováveis e contribuem para reduzir os riscos das transições ou metamorfoses e para assegurar a transmissão de objetivos e de solidariedades no curso do processo de transformação do grupo.

As disputas por protagonismo durante o ciclo de protestos em torno do impeachment de Dilma marcaram a primeira fase da trajetória do MBL, a qual denominamos "fase concorrencial". A campanha (Tilly, 2006) pelo impeachment se dá em um cenário de disputas de *quadros interpretativos* (Snow & Benford, 2000), onde cada grupo apontava problemas que apelavam a valores existentes e socialmente partilhados, ao mesmo tempo em que disputava o convencimento público acerca das soluções que

ofereciam. Estudos apontam que os quadros interpretativos são mais efetivos quando acompanhados de um *quadro motivacional* – um chamado à ação coletiva concertada (idem, ibidem) –, o que elucida alguns dos motivos pelos quais o apelo à mudança que animava o movimento "Fora Dilma" demonstra maior poder mobilizador do que o movimento "Fica Dilma", pela permanência da presidente.

A segunda fase do grupo ("timbragem identitária") se concentrou em preocupações estéticas e no marketing em torno da própria imagem, buscando imprimir uma percepção arrojada e produzir preconceitos positivos acerca das identidades de direita. Na fase seguinte ("radicalização do confronto"), o MBL inverteu o vetor, apoiando-se em preconceitos negativos para desgastar a reputação de atores e personalidades de esquerda. As ações dessa fase correspondem a um pico da agressividade discursiva (McAdam et al., 2001) do grupo e priorizam pautas de teor moral. Essa fase também coincide com o período que antecede o início oficial da campanha eleitoral de Bolsonaro.

A atuação mais renhida era fruto de um desenho tático e foi bem sucedida em afamar o grupo, contribuir para o avanço de pautas liberais na economia e conservadoras nos costumes, e para impulsionar a candidatura de seus principais quadros de lideranças. Diferente de outros protagonistas do ciclo de protestos pelo impeachment, como Vem Pra Rua e Revoltados Online, cujas lideranças apresentaram candidaturas fracassadas, o MBL alçou seus quadros ao pódio dos representantes legislativos mais bem votados; também foi um dos principais atores sociais responsáveis por melhorar a popularidade da Reforma da Previdência e pelas campanhas de apoio à agenda liberal do governo Temer, como um todo. Mas o grupo também amealhou, advertidamente, numerosos inimigos, entrando na mira de atores dos mais diversos setores sociais. O primeiro movimento de queda de popularidade foi devido a atritos do núcleo da coordenação nacional com a ala libertariana do MBL, em dezembro de 2018, em movimento de nítido distanciamento do berço libertariano. O principal fator que deslocou o MBL do vértice para a mira da artilharia na arena política foi o rompimento com o presidente Bolsonaro e seus apoiadores, em maio de 2019.

Por último, a fase de "realinhamento" (McAdam et al., 2001) é marcada pela evasão de antigos apoiadores, subsequente rompimento com o governo Bolsonaro,

faccionalização da direita nacional e tentativas de recomposição de quadros e do leque de alianças, o que se acompanha da moderação de práticas e discurso.

A "faccionalização" (McAdam et al., 2001) da direita tornou-se um fato consumado e, em grande medida, previsível. A aparente unidade da direita era, antes, resultado de um processo de transitória *dessestorialização do espaço social* (Dobry, 2009). Formado em meio à crise política da fase final do governo Dilma, o bloco de direita tinha vocação para atuar em uma conjuntura crítica de enfrentamento político substancial e iminente, como foi o caso da disputa pelo impeachment. Tal processo se traduziu numa relativa "suspensão da complexidade social": "sincronização dos ritmos multissetoriais" e consequente "estreitamento da arena política", donde a atenção dos atores voltarem-se para decisões centrais. No caso brasileiro, a formação do bloco pelo impeachment de Dilma reuniu grupos de direita fortemente heterogêneos, mas irmanados no interesse por destituir a presidente. À medida que a dinâmica da arena política retoma seu funcionamento de rotina, atores e grupos sociais tendem a recriar ou recuperar objetivos políticos segundo interesses que refletem o alto grau de diferenciação social que desestabiliza a coesão de uma ampla coletividade. Rachas, traições e defecções são consequências irremissíveis.

A rápida perda de popularidade do MBL, que incluiu a deserção de alguns quadros influentes ou promissores dentro do grupo e a expulsão de outros, provocou um movimento de recomposição da militância e metamorfose da identidade do MBL, de modo que o grupo se viu forçado a adaptar-se às novas condições de adesão política e ensaiou um movimento mais ao centro, o que confundiu a própria base ativista, mais resistente em aceitar mudança tão drástica de tom. Na tentativa de visibilizar-se como ator político de relevância, o MBL ensaiou um movimento de conciliação e passou a tentar apresentar-se como uma "terceira via" de centro-direita à polaridade entre petismo e bolsonarismo.

Ativismo e tecnologia digital

Uma das principais facetas do movimento foi o uso intenso das novas tecnologias digitais. A ampliação da conectividade trouxe substantivas implicações para ativismo contemporâneo e para as teorias dos movimentos sociais.

Na literatura acadêmica, o problema do *free rider* – pessoas que optam pela desmobilização diante da expectativa de ganhos conquistados por outrem – era visto como desafio e ponto cego de muitas análises sobre as motivações de um protesto. Com o advento das tecnologias digitais, a questão deslocou-se para a efetividade do ativismo digital – também denominado "cyberativismo" ou slackactivism ("ativismo preguiçoso", em tradução literal) – e as implicações do tipo peculiar de sociabilidade que se estabelece a partir das interações virtuais. No MBL, as redes sociais e tecnologias digitais são utilizadas não apenas como espaço alternativo de organização ou plataforma de discussão, elas compõem as engrenagens de funcionamento, afinam o tom discursivo e as formas de comunicação adotadas.

O crescimento em capilaridade das redes sociais do grupo estiveram entre os principais objetivos de curto prazo do MBL. Como explica DellaPorta (2005), movimentos sociais não apenas se utilizam dos recursos disponíveis, mas também criam seus próprios recursos. A capacidade que o MBL demonstra de angariar e dispor de vastos recursos (materiais e imateriais) – mediante financiamento de aliados, entrada nas instituições políticas, recrutamento de militância jovem e intenso trabalho com mídias digitais –, bem como de construir uma robusta rede de organização, comunicação e plataforma de campanha política é um dos fatores centrais que explicam sua sobrevivência e consolidação como ator político.

Nossa análise também confirma o argumento de Bennett & Sergerberg (2015) de que as mobilizações em espaços digitais são mais eficientes quando se combinam a formas tradicionais de mobilização não eletrônica. A ocupação de espaços públicos (principalmente os espaços considerados simbólicos) foi, antes, agenciada pelo ativismo virtual e não prescindida em razão deste. Ademais, a internet, enquanto espaço virtual global, mostrou contribuir mormente para a organização de movimentos nacionais e locais. Tais constatações apontam para uma articulação das práticas em espa-

ços virtuais e físicos, sendo indispensável o esforço por superar os habituais binarismos entre o ativismo virtual e a militância encarnada dos protestos de rua (Pleyers, 2013; Enjolras et al, 2013). O processo de socialização pregressa em espaços virtuais, sobretudo no universo de interações em torno de videogames, lega características importantes do "estilo de ativismo" e perfil majoritário dos recrutados do MBL. A combinação entre animosidades metodizadas, trolagem e linguagem esculachada é uma dessas características. As lideranças do grupo ensinam os ativistas a iniciarem embates discursivos com atores políticos estabelecidos ou em torno de temas sensacionalistas como mecanismo de notabilização e certificação (McAdam al, 2003) de si enquanto atores políticos. A combatividade é também cultivada nas interações offline como ferramenta de recreação intragrupo, e produz efeitos associativos entre pares e oponentes políticos (Simmel, 1955).

Os vínculos afetivos estabelecidos no processo de "mobilizações e recreações político-identitárias" (Martuccelli & Svampa, 1997) traduzem-se em fator de coesão e geração de lealdades. Assim sendo, a percepção dos atores acerca do próprio status junto ao grupo e as demonstrações de reconhecimento, estima e apreço entre os pares influenciam enormemente o tipo de engajamento dos ativistas, podendo fazer as vezes de uma retribuição material pelo esforço ou fidelizar a contribuição de um operador contratado, haja vista que uma grande parte do quadro de ativistas do MBL é remunerada. As razões que explicam a sobrevivência e consolidação do MBL como ator político após eventos que poderiam selar seu ocaso (a conquista da bandeira do impeachment de Dilma, o movimento de crescente institucionalização, defecções e faccionalização do campo de direita), estão no processo de incubação de lealdades intragrupo, na composição híbrida entre participação de base popular jovem e elites (Polletta, 2016), na ampliação do acesso a recursos (financiamentos privados, monetização de conteúdo digital, redes sociais e cargos eletivos e comissionados, principalmente), e na versatilidade e dinamismo das estratégias de articulação política.

Em seu conjunto, esta tese mostrou como o Movimento Brasil Livre se constituiu em um movimento liberal-conservador versátil: conservador nas relações raciais, de classe e de gênero; liberal nos costumes e na economia; e versátil porque se adapta às variações de cada conjuntura. O movimento combinada uma moralidade circuns-

tanciada, acurado senso de oportunidade, capacidade adaptativa e recrutamento de ativistas pragmáticos ou volúveis. É essa a ala do conservadorismo que vem se valendo das formas de ativismo mais inovativas, com performances mais arrojadas.

Contudo, no que diz respeito ao sentido societário mais profundo deste ativismo, podemos afirmar que o MBL atua como fator de conservação das hierarquias vigentes entre os grupos sociais e na contenção de mudanças democratizantes. A despeito de compor o campo da direita democrática do ponto de vista procedimental, uma vez que observa os preceitos do jogo político e não visa a uma ruptura institucional (diferente de outras correntes da direita), o MBL atua para conter mudanças democratizantes *latu sensu*, sendo crítico do teor do pacto de 1988 que marcou o processo de redemocratização do país, e atuando em favor da redução de garantias e direitos sociais da Carta Constitucional.

REFERÊNCIAS

1. Fontes primárias

1.1. Livros e documentos

ALINSKY, Saul David. **Rules for radicals: a practical primer for realistic radicals**. Vintage Books ed. New York: Random House, 1971.

ÁVILA, Fernando Bastos. **Pequena Enciclopédia de Moral e Civismo**. 2ª edição. Ministério da Educação e Cultura – Fundação Nacional de Material Escolar. 1972.

BURKE, Edmund. **Reflections on the Revolution in France**. In: Reflections on the revolution in France. Yale University Press, 2003.

CARVALHO, O. DE. **O imbecil coletivo: Atualidades Inculturais Brasileiras**. Rio de Janeiro: Faculdade da Cidade, 1996. São Paulo: É Realizações, 2007.

CARVALHO, Olavo de. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**. Org. por Felipe Moura Brasil. 5ª edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 2013.

CHEQUER, Rogerio; BUTTERFIELD, Colin. **VemPraRua: a história do movimento popular que mobilizou o Brasil**. São Paulo, Brazil: Matrix, 2016.

HOLIDAY, Ryan. **Trust me, I'm lying: confessions of a media manipulator**. London: Portfolio/Penguin, 2012.

KATAGUIRI, Kim. **Quem é esse moleque para estar na Folha?** Editora Simonsen, 2017b.

KATAGUIRI, Kim; SANTOS, Renan. **Como um grupo de desajustados derrubou a presidente**. MBL: A origem. São Paulo: Record, 2019.

MBL. **Manual de Filiais do MBL**. Documento de circulação interna, 2015.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. Procuradoria da República no Estado de São Paulo. PIC nº 1.34.001.009478/2017-16. Procuradora: Ana Leticia Absy. São Paulo, 19 de dezembro de 2017. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/dl/requerimento-arquivamento-exposicao-mam1.pdf>

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão - Núcleo de Apoio Operacional na PRR (3ª região). Procedimento Preparatório nº 1.11.000.001318/2017-25. Relatora: Dra. Marcela Moraes Peixoto. São Paulo, 24 de janeiro de 2018. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/dl/requerimento-arquivamento-exposicao-mam.pdf>MAISTRE, Joseph Marie. **Considerations sur la France**. Nouvelle Edition [ed. original: 1796]. Lyon/Paris, 1829.

PETERSON, Jordan. **12 regras para a vida**. Rio de Janeiro: Alta books, 2018.

RAND, Ayn. Of Living Death. **The objectivist**, v. 7, n. 11, nov. 1968. Reproduzido em: <https://courses.aynrand.org/works/of-living-death/>

RAND, Ayn. **Atlas shrugged**. London: Penguin books, 2007.

RAND, Ayn. **The fountainhead**. London: Penguin books, 2005.

RAZZO, Francisco. **Contra o aborto**. Rio de Janeiro: Record, 2017.

SCHOPENHAUER, Arthur; CARVALHO, Olavo de. **Como vencer um debate sem precisar ter razão, em 38 estratagemas: dialética erística**. Introdução, notas e comentários de Olavo de Carvalho; tradução de Daniela Caldas e Olavo de Carvalho. Campinas: Editora Auster, 2019.

ZAMBELLI, Carla. Não foi golpe: os bastidores da luta nas ruas pelo impeachment de Dilma. São Paulo: LVM Editora, 2018.

1.2. Páginas da internet

Academia MBL. Página inicial. Disponível em: <https://academia.mbl.org.br>

Boletim da Liberdade. Página inicial. Disponível em: <https://www.boletimdaliberdade.com.br>

MBL. Página inicial. Disponível em: <https://mbl.org.br>

MBL NEWS. Página inicial. Atualmente fora do ar; antes disponível em: <http://mblnews.org>; cf. também: <https://www.instagram.com/mblnews>

Encyclopædia Dramatica. Página inicial. Disponível em: <https://encyclopediadramatica.wiki>

Fórum da Liberdade. Página inicial. Disponível em: <https://www.forumdaliberdade.com.br/forum>

Instituto Mises Brasil. Página inicial. Disponível em: <http://www.mises.org.br>

Olavo de Carvalho: Website oficial. Página inicial. Disponível em: <http://www.olavodecarvalho.org>

2. Fontes secundárias

2.1. Vídeos e documentários

BEST of Enemies. Direção de Robin Bissell. Roteiro de Robin Bissell e Osha Gray Davidson. Produzido por Astute Films e Material Pictures, 2019 (133 min.)

FERNANDO Haddad: a catarse e a ressaca política, 2017. Entrevista, 32 minutos. Publicado no Youtube pelo canal Videofilmes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3qXnX2nglY0>

GREAT Hack, The. Direção de Karim Amer e Jehane Noujaim. Documentário. Produzido por Karim Amer et al., para a plataforma Netflix, 2019 (113 min.)

NÃO Vai Ter Golpe – o Nascimento de um Brasil Livre. Direção de Alexandre Santos e Fred Rauh. Documentário de produção independente, 2019 (134 min.)

POLITICAL correctness, explained. Episódio da série de documentários Explained, de Joe Posner e Ezra Klein. Produzido por Vox & Netflix. 2018 (18 min.)

PROCESSO, O. Direção de Maria Ramos. Documentário. Produzido por Leonardo Mecchi, 2018 (137 min.)

SQUARE, The. Direção de Ruben Östlund. Produzido por Erik Hemmendorff e Philippe Bober, 2017 (151 min.)

WINTER on Fire: Ukraine's Fight for Freedom. Direção de Evgeny Afineevsky. Documentário. Produzido por Evgeny Afineevsky et al., para a plataforma Netflix, 2015 (102 min.)

2.2. Matérias jornalísticas

ABBUD, Bruno. O grupo da mão invisível. **Piauí**, 3 de outubro de 2017. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/o-grupo-da-mao-invisivel>

AGÊNCIA IBGE. PNAD Contínua 2019: rendimento do 1% que ganha mais equivale a 33,7 vezes o da metade da população que ganha menos. **Agência IBGE Notícias**, 6 de maio de 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27594-pnad-continua-2019-rendimento-do-1-que-ganha-mais-equivale-a-33-7-vezes-o-da-metade-da-populacao-que-ganha-menos>

ALBUQUERQUE, Ana Luiza. De olho em 2018, MBL aposta em apelo emocional e ataques à imprensa. **Folha de São Paulo**, 27 de julho de 2017a. Disponível em: <http://folha.com/no1922068>

ALBUQUERQUE, Ana Luiza. Para alavancar redes sociais, MBL aposta em dupla de "memeiros". **Folha de São Paulo**, 30 de agosto de 2017b. Disponível em: <http://folha.com/no1914163>

ALONSO, Angela. Protesto e repressão. **Le Monde Diplomatique Brasil**, 4 de abril de 2016b. Disponível em: <http://diplomatique.org.br/protesto-e-repressao>

ÁLVARES, Débora & GAMA, Paulo. Acampado no gramado do Congresso há um mês, grupo cobra impeachment. **Folha de S. Paulo**, 15 de novembro de 2015. Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/poder/2015/11/1706581-acampados-no-gramado-do-congresso-ha-um-mes-grupo-cobra-impeachment.shtml>

AMARAL, Marina. A nova roupa da direita. **Agência Pública**, 23 de junho de 2015. Disponível em: <https://apublica.org/2015/06/a-nova-roupa-da-direita>

"ATO em São Paulo começa com menos manifestantes que protesto anterior". **Folha de S. Paulo**, 12 de abril de 2015. Disponível em: <http://folha.com/no1615667>

AUDI, Amanda; RIBEIRO, Paulo Victor; DEMORI, Leandro. Compra, faz um acordo. **The Intercept**, 30 de Setembro de 2020. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/09/30/mbl-comprar-assinaturas-partido-patriota>

AZEVEDO, Reinaldo. Participe do 2º Congresso do MBL! Veja quem estará lá. É preciso avançar na agenda liberal. **Blog de Reinaldo Azevedo (Veja)**, 11 de novembro de

2016. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/reinaldo/participe-do-2-congresso-do-mbl-veja-quem-estara-la-e-preciso-avancar-na-agenda-liberal>

BARCELOS, Gabriel de. O conservadorismo moral como reinvenção da marca MBL. **Le Monde Diplomatique Brasil**, 1 de outubro de 2017. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/o-conservadorismo-moral-como-reinvencao-da-marca-mbl>

BERGAMIN, Giba; SALDAÑA, Paulo; RODRIGUES, Artur. Na avenida Paulista, casarão vira "carro alegórico do impeachment". **Folha de S. Paulo**, 17 de abril de 2016. Disponível em: <http://folha.com/no1762071>

BARREN, Dale. 4chan: The Skeleton Key to the Rise of Trump. **Medium** (plataforma de compartilhamento de textos), 14 de fevereiro de 2017. Disponível em: <https://medium.com/@DaleBeran/4chan-the-skeleton-key-to-the-rise-of-trump-624e7cb798cb>

BIGARELLI, Bárbara; OLIVEIRA, Julyana. O que pensam os organizadores dos protestos. **Época**, 12 de abril de 2015. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Informacao/Acao/noticia/2015/04/o-que-pensam-os-organizadores-dos-protestos.html>

BOITO JR., Armando. O impacto das manifestações de junho na política nacional. **Brasil de fato**, 2 de agosto de 2013

BOLDRINI, Angela. MBL e jovens do PSDB planejam união para 2018. **Folha de S. Paulo**, 22 de agosto de 2017 (2017a). Disponível em: <http://folha.com/no1911818>

BOLDRINI, Angela. Tasso diz estar de "braços abertos" para aproximação do PSDB e o MBL. **Folha de S. Paulo**, 23 de agosto de 2017 (2017b). Disponível em: <http://folha.com/no1912423>

BOLDRINI, Angela. Em sua primeira eleição geral, MBL tenta eleger 16 candidatos por nove partidos. **Folha de S. Paulo**, 16 de agosto de 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/08/em-sua-primeira-eleicao-geral-mbl-tenta-eleger-16-candidatos-por-nove-partidos.shtml>

BORGES, Laryssa. Organizadores de protestos contra Dilma entregam reivindicações ao Congresso. **Veja**, 15 de abril de 2015. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/organizadores-de-protestos-contradilma-entregam-reivindicacoes-ao-congresso>

BRANT, Danielle. Líder do MBL é denunciado sob a acusação de tráfico de influência. **Folha de S. Paulo**, 26 de outubro de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/10/lider-do-mbl-e-denunciado-sob-a-acusacao-de-traffic-de-influencia-e-fraude-em-licitacao.shtml>

BRASIL, Felipe Moura. "Nós hypamos o Olavo" – 120 mil exemplares vendidos. **Blog de Felipe Moura Brasil (Veja)**, 31 de julho de 2015. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/felipe-moura-brasil/8220-nos-hypamos-o-olavo-8221-8211-120-mil-exemplares-vendidos>

CARIELLO, Gabriel; GRILLO, Marco. MBL usa aplicativo irregular para compartilhar conteúdo no Facebook. **O Globo**, 30 de janeiro de 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/mbl-usa-aplicativo-irregular-para-compartilhar-conteudo-no-facebook-22540709>

CARLOS, Antonio. Quem está por trás do protesto pró-impeachment. **Revista Fórum**, 12 de março de 2015. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/2015/3/12/quem-esta-por-tras-do-protesto-pro-impeachment-11794.html>

CADWALLADR, Carole; GRAHAM-HARRISON, Emma. Revealed: 50 million Facebook profiles harvested for Cambridge Analytica in major data breach. **The Guardian**, 17 de março de 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/news/2018/mar/17/cambridge-analytica-facebook-influence-us-election>

CARVALHO, Mario Cesar. Advogado de FHC solicitou parecer sobre impeachment de Dilma. **Folha de S. Paulo**, 4 de fevereiro de 2015. Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/poder/2015/02/1584851-advogado-de-fhc-solicitou-parecer-sobre-impeachment.shtml>

CASTELLOTTI, Carla. MBL é campeão a ataques contra jornalistas no Brasil. **Vice**, 16 de outubro de 2017. Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/wjxvvy/mbl-e-campeao-a-ataques-contra-jornalistas-no-brasil>

CASTRO, Gabriel. A revolução estética dos andarilhos do impeachment. **Veja**, 26 de maio de 2015. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/a-revolucao-estetica-dos-andarilhos-do-impeachment>

CASTRO, Fernando. Em grampo, Lula diz que não quer "fazer como Nero" e "incendi-
diar o país". **G1**, 18 de março de 2016. Disponível em:
[http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2016/03/em-grampo-lula-diz-que-nao-quer-fazer-
como-nero-e-incendi-ar-o-pais.html](http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2016/03/em-grampo-lula-diz-que-nao-quer-fazer-como-nero-e-incendi-ar-o-pais.html)

CAVAZOLLA JR., Cesar Augusto. Santander Cultural promove pedofilia, pornogra-
fia e arte profana em Porto Alegre. **Locus**, 6 de setembro de 2017. Disponível em:
[https://www.locusonline.com.br/2017/09/06/santander-cultural-promove-pedofilia-
pornografia-e-arte-profana-em-porto-alegre](https://www.locusonline.com.br/2017/09/06/santander-cultural-promove-pedofilia-pornografia-e-arte-profana-em-porto-alegre)

CHAUÍ, Marilena de Souza. As manifestações de junho de 2013 na cidade de São
Paulo. **Teoria e Debate**, 27 de junho de 2013. Disponível em:
[https://teoriaedebate.org.br/2013/06/27/%EF%BB%BFas-manifestacoes-de-junho-de-
2013-na-cidade-de-sao-paulo](https://teoriaedebate.org.br/2013/06/27/%EF%BB%BFas-manifestacoes-de-junho-de-2013-na-cidade-de-sao-paulo)

COSTA, Emily. Bolsonaro vence o 1º turno em 13 dos 15 municípios de RR; Haddad
em 2. **G1**, 8 de outubro de 2018. Disponível em:
[https://g1.globo.com/rr/roraima/eleicoes/2018/noticia/2018/10/08/bolsonaro-vence-o-
1o-turno-em-13-dos-15-municipios-de-rr-haddad-em-2.ghtml](https://g1.globo.com/rr/roraima/eleicoes/2018/noticia/2018/10/08/bolsonaro-vence-o-1o-turno-em-13-dos-15-municipios-de-rr-haddad-em-2.ghtml)

CRUZ, Valdo; URIBE, Gustavo. Para Dilma, liberdade de manifestação deve ser res-
peitada. **Folha de S. Paulo**, 13 de março de 2016. Disponível em:
<http://folha.com/no1749561>

ESTADÃO CONTEÚDO. Carta de movimentos ao Congresso não contém pedido de
impeachment. **Uol Notícias**, 15 de abril de 2015. Disponível em:
[https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2015/04/15/carta-de-
movimentos-ao-congresso-nao-contem-pedido-de-impeachment.htm](https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2015/04/15/carta-de-movimentos-ao-congresso-nao-contem-pedido-de-impeachment.htm)

ESTADÃO CONTEÚDO. Longe das ruas, MBL negocia candidatura com três par-
tidos em São Paulo. **IstoÉ**, 3 de janeiro de 2020a. Disponível em:
[https://istoe.com.br/longe-das-ruas-mbl-negocia-candidatura-com-tres-partidos-em-sao-
paulo](https://istoe.com.br/longe-das-ruas-mbl-negocia-candidatura-com-tres-partidos-em-sao-paulo)

ESTADÃO CONTEÚDO. MP denuncia líder do MBL e ex-membro da Imprensa
Oficial por tráfico de influência. **IstoÉ Dinheiro**, 26 de outubro de 2020b. Disponível em:
[https://www.istoedinheiro.com.br/mp-denuncia-lider-do-mbl-e-ex-membro-da-imprensa-
oficial-por-traffic-de-influencia](https://www.istoedinheiro.com.br/mp-denuncia-lider-do-mbl-e-ex-membro-da-imprensa-oficial-por-traffic-de-influencia)

FÁVERO, Bruno & REVERBEL, Paula. Queda de Dilma é o que une grupos à frente de manifestações. **Folha de S. Paulo**, 15 de agosto de 2015. Disponível em: <http://folha.com/no1669199>

FELTRIN, Ricardo. Bispo Macedo ataca Globo, ironiza SBT e revela sucessor, **Folha de S. Paulo**, 8 de outubro de 2007. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0810200714.htm>

FILHO, João. As estratégias antiéticas do MBL, o "movimento que está mudando o Brasil". **The Intercept**, 4 de outubro de 2020. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/10/04/estrategias-antiéticas-mbl>

FUCHS, José. Fernando Holiday: "A causa LGBT e o combate ao aborto não são prioridades para o MBL". **O Estado de S. Paulo**, 29 de janeiro de 2021, Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,fernando-holiday-o-combate-ao-aborto-e-a-causa-lgbt-nao-sao-bandeiras-do-mbl,70003597839>

GONZALEZ, Mariana. Em 2016, Do Val foi denunciado por assediar estudante: "Tocou meu seio". **Universa (UOL)**, 8 de março de 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/03/08/do-val-foi-denunciado-por-assediar-estudantes-em-2016.htm>

GUIMARÃES, Eduardo. Quem inventou Fernando Holiday?. **Blog da Cidadania**, 23 de março de 2015. Disponível em: <https://blogdacidadania.com.br/2015/03/quem-inventou-fernando-holiday>

HADDAD, Fernando. Vivi na pele o que aprendi nos livros. **Revista Piauí**, p. 28 - 37, 05 jun. 2017. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/vivi-na-pele-o-que-aprendi-nos-livros>

"IRRITAÇÃO com corrupção foi motivação para maioria", **Folha de S. Paulo**, 13 de abril de 2015. Disponível em: <http://folha.com/no1615756>

KATAGUIRI, Kim. Oportunismo político das esquerdas causou morte em escola invadida. **Folha de S. Paulo**, 25 de outubro de 2016. Disponível em: <http://folha.com/no1825989>

KATAGUIRI, Kim. Esquerda está fadada a ser bolha da elite. **Folha de S. Paulo**, 3 de janeiro de 2017a. Disponível em: <http://folha.com/no1846542>

MARTÍN, María. Não é uma banda de indie-rock, é a vanguarda anti-Dilma. **El País Brasil**, 12 de dezembro de 2014. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/12/politica/1418403638_389650.html

MATTOSO, Camila; BRAGON, Ranier; SUAREZ, Joana. Partido de Bolsonaro criou candidata laranja para usar verba pública de R\$ 400 mil. **Folha de S. Paulo**, 10 de fevereiro de 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/02/partido-de-bolsonaro-criou-candidata-laranja-para-usar-verba-publica-de-r-400-mil.shtml>

MILLER, Zeke. Hillary Clinton Says Half of Donald Trump's Supporters Are in "Basket of Deplorables". **Time**, 10 de setembro de 2016. Disponível em: <https://time.com/4486437/hillary-clinton-donald-trump-basket-of-deplorables>

JORNALISTAS LIVRES. Bolsonaro é reincidente em casos de racismo. **Jornalistas Livres**, 12 de novembro de 2019. Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/bolsonarista-e-reincidente-em-casos-de-racismo>

LARA, Matheus. "Temos culpa no cartório": MBL agora quer priorizar o debate, mas terá de convencer base. **O Estado de S. Paulo**, 17 de novembro de 2019. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,mbl-temos-culpa-no-cartorio-movimento-quer-priorizar-debate-mas-tera-de-convencer-base,70003092132>

LINARES, Carolina; ZANINI, Fábio. MBL admite culpa por polarização no país e exagero em sua agressividade retórica. **Folha de S. Paulo**, 28 de julho de 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/07/mbl-admite-culpa-por-polarizacao-no-pais-e-exagero-em-sua-agressividade-retorica.shtml>

"MTST disputa o gramado do Congresso com grupos pró-impeachment". **Carta Capital**, 29 de outubro de 2015. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/mtst-disputa-o-gramado-do-congresso-com-grupos-pro-impeachment-9932>

NUNES, Rodrigo. Geração, acontecimento, perspectiva: Pensar a mudança a partir do Brasil. **Nueva Sociedad**, ed. especial em português, dez. 2014. Disponível em: <https://nuso.org/articulo/geracao-acontecimento-perspectiva>

OLIVEIRA, Germano. Kim Kataguiri: "A direita está abandonando Bolsonaro". **IstoÉ**, 4 de setembro de 2019. Disponível em: <https://istoe.com.br/kim-kataguiri-a-direita-esta-abandonando-bolsonaro>

OUALALOU, Lamia. Brésil: Dilma Rousseff est la proie d'une droite déchaînée. **Mediapart**, 13 de abril de 2016. Disponível em: <https://www.mediapart.fr/journal/international/180416/les-deputes-bresiliens-ouvrent-la-voie-la-destitution-de-dilma-rousseff>

PAYÃO, Felipe. Jornalivre está minerando criptomoedas no seu PC. **Tecmundo**, 10 de outubro de 2017. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/seguranca/122891-jornalivre-site-simpatizante-mbl-minerando-criptomoedas-pc.htm>

PONDÉ, Luiz Felipe. Por uma direita festiva. **Folha de S. Paulo**, 21 de abril de 2014. Disponível em: <http://folha.com/no1443306>

PONDÉ, Luiz Felipe. Entre Bolsonaro e Lula na disputa eleitoral de 2022, petista é o menos ruim. **Folha de S. Paulo**, 4 de abril de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/luizfelipeponde/2021/04/entre-bolsonaro-e-lula-na-disputa-eleitoral-de-2022-petista-e-o-menos-ruim.shtml>

REIS, Julia; FANTINI, Marcos. Como o MBL monopolizou as fábricas meméticas de direita no Brasil. **Vice**, 21 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/xwj374/como-o-mbl-monopolizou-as-fabricas-memeticas-de-direita-no-brasil>

REVERBEL, Paula. Um dos fundadores e líderes do MBL também é cantor do Bonde do Rolê. **Folha de S. Paulo**, 7 de outubro de 2016. Disponível em: <http://folha.com/no1820495>

RIBEIRO, Tayguara. Justiça determina arquivamento de inquérito contra Fernando Holiday sobre caixa dois. **Folha de S. Paulo**, 19 de agosto de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/08/justica-determina-arquivamento-de-inquerito-contra-fernando-holiday-sobre-caixa-dois.shtml>

RIBEIRO, Paulo Victor; DEMORI, Leandro. "Eu inventei aqui". Mamãe Falei mentiu a dono da Jovem Pan que desafeto do MBL era criminoso para tirá-lo do Pânico". **The Intercept**, 28 de setembro de 2020. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/09/28/mamae-falei-mbl-crime-jovem-pan-panico>

ROSSI, Marina; BETIM, Felipe; SEGALLA, Vinicius. Renovação Liberal: a associação familiar para onde vai o dinheiro do MBL. **El País Brasil**, 29 de setembro de 2017a. Dis-

ponível

em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/26/politica/1506462642_201383.html

ROSSI, Marina; BETIM, Felipe; SEGALLA, Vinicius. De liberais anticorrupção a guardiães da moral: a metamorfose do MBL. **El País Brasil**, 1 de outubro de 2017b. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/26/politica/1506459691_598049.html

SARDINHA, Edison. MBL declara guerra a Doria e o acusa de enganação, estelionato eleitoral e traição. **Congresso em Foco**, 21 de janeiro de 2018. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/projeto-bula/reportagem/mbl-declara-guerra-a-doria-%E2%80%9Cenganacao%E2%80%9D-%E2%80%9Cestelionato-eleitoral%E2%80%9D-e-%E2%80%9Ctraicao%E2%80%9D>

SANTOS, Fabiano. Primavera Brasileira ou Outono Democrático? **Insight Inteli-gência**, Rio de Janeiro, v. 16, 2013. Disponível em: <https://inteligencia.insightnet.com.br/primavera-brasileira-ou-outono-democratico>

SAVIAN FILHO, Juvenal. Pela responsabilidade intelectual e política: Marilena Chauí fala das manifestações de 2013, de suas críticas ao PT e da irresponsabilidade de intelectuais e políticos brasileiros. **Revista CULT**, São Paulo, n. 182, p.7-15, ago., 2013. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/pela-responsabilidade-intelectual-e-politica>

SEGALLA, Vinicius Segalla; ARANDA, Gustavo. Ex-advogado de Holiday diz que ele não declarou doação de 1 milhão de "santinhos" feita por Doria. **El País Brasil**, 5 de novembro de 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/04/actualidad/1509835952_694120.html

SELWYN, Benjamin. Friedrich Hayek: in defence of dictatorship. **Open Democracy**, 9 de junho de 2015. Disponível em: <https://www.opendemocracy.net/en/friedrich-hayek-dictatorship/>

TAVARES, Flávia; AMORIM, Daniele. Como movimentos ultraconservadores conseguiram encerrar a exposição Queermuseu. **Época**, 15 de setembro de 2017. Disponível em: <https://epoca.globo.com/brasil/noticia/2017/09/como-movimentos-ultraconservadores-conseguiram-encerrar-exposicao-queermuseu.html>

TELLES, Helcimara. Corrupção, legitimidade democrática e protestos: o boom da direita na política nacional? **Revista Interesse Nacional**, ano 8, n. 30, jul.-set. 2015.

THOMAZ, Danilo. Gays de direita: o que pensam jovens homossexuais conservadores. **Época**, 15 de junho de 2018. Disponível em: <https://epoca.globo.com/politica/noticia/2018/06/gays-de-direita.html>

TOLEDO, Diego. Ex-colaboradores afirmam que MBL orientava ataques na internet; grupo nega. **UOL**, 11 de novembro de 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/11/11/mbl-fake-news-difamacao-ex-colaboradores-luciano-avan-roger-scar.htm>

VASSALLO, Luiz; GODOY, Marcelo. Ministério Público amplia investigação contra líder do MBL por suspeita de lavagem de dinheiro. **O Estado de S. Paulo**, 12 de março de 2022. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,ministerio-publico-amplia-investigacao-contralider-do-mbl-por-suspeita-de-lavagem-de-dinheiro,70004006552>

VENCESLAU, Pedro. Tom ameno de documento racha aliança de movimentos anti-Dilma. **O Estado de S. Paulo**, 15 de abril de 2015. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,tom-ameno-de-documento-racha-alianca-de-movimentos-anti-dilma,1670649>

VETTORAZZO, Lucas. Folha testemunha distribuição de dinheiro em ato no Rio. **Folha de S. Paulo**, 13 de março de 2015. Disponível em: <http://folha.com/no1602738>

VIANA, Natalia. A direita abraça a rede. **Agência Pública**, 22 de junho de 2015. Disponível em: <https://apublica.org/2015/06/a-direita-abraca-a-rede>

XAVIER, Luiz Gustavo. Movimento Brasil Livre acusa CPI de perseguição política; deputado contesta. **Agência Câmara de Notícias**, 20 de outubro de 2015. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/473538-movimento-brasil-livre-acusa-cpi-de-perseguiacao-politica-deputado-contesta>

3. Referências bibliográficas (livros e artigos acadêmicos)

ABBOTT, Andrew. Sequence Analysis: New Methods for Old Ideas. **Annual Review of Sociology**, vol. 21, p. 93–113, 1995.

ABBOTT, Andrew. **Processual Sociology**. University of Chicago Press, 2016.

ABERS, Rebecca; BÜLOW, Marisa Uon. Movimentos sociais na teoria e na prática: como estudar o ativismo através da fronteira entre estado e sociedade? **Sociologias**, v. 13, n. 28, p. 52–84, dez. 2011.

ABERS, Rebecca Neaera (Org.). **Ativismo institucional**: criatividade e luta na burocracia brasileira. Brasília: Editora UnB, 2021.

ALEXANDER, Jeffrey. **Performance and power**. Polity Press, 2013.

ALEXANDER, Jeffrey C. A tomada do palco: performances sociais de Mao Tsé-Tung a Martin Luther King, e a Black Lives Matter hoje. **Sociologias**, v. 19, n. 44, p. 198–246, jan. 2017.

ALEXANDER, Jeffrey C. (Org.). **The Micro-macro link**. Berkeley: University of California Press, 1987.

ALEXANDER, Jeffrey C. Ação Coletiva, Cultura e Sociedade Civil: Secularização, atualização, inversão, revisão e deslocamento do modelo clássico dos movimentos sociais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 13, n. 37, p. 5–31, jun. 1998.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen Editorial, 2019.

ALONSO, Angela. As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 76, p. 49–86, 2009.

ALONSO, Angela. "Repertório, segundo Charles Tilly". **Sociologia & Antropologia**, v. 2, n. 3, p. 21-41, 2012.

ALONSO, Angela. Flores, votos e balas: o movimento abolicionista brasileiro (1868-88). São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2015.

ALONSO, Angela. **Métodos qualitativos de pesquisa: uma introdução**. São Paulo: CEBRAP/SESC, 2016a.

ALONSO, Angela. A política das ruas: Protestos em São Paulo de Dilma a Temer. **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, n. especial, p. 49-58, jun. 2017.

ALONSO, Angela. A gênese de 2013: formação do campo patriota. **Journal of Democracy: Em Português**, v. 8, n. 1, p. 97-120, mai. 2019.

ALONSO, Angela; MISCHE, Ann. Changing Repertoires and Partisan Ambivalence in the New Brazilian Protests: June 2013 in Brazil. **Bulletin of Latin American Research**, v. 36, n. 2, p. 144–159, abr. 2017.

ALVAREZ, Marcos César. Cidadania e direitos num mundo globalizado. **Perspectivas: Revista de Ciências Sociais**, v. 22, p. 95-107, 1999.

AMARAL, Marina. Jabuti não sobe em árvore: como o MBL se tornou líder das manifestações pelo impeachment. In: JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo; SINGER, André (Orgs.). **Por que gritamos golpe? para entender o impeachment e a crise política no Brasil**. 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2016.

ANDRADE SILVA, Sara R. Polarização política e reações à arte: a ascensão do moralismo político e sua influência na relação dos públicos com a arte. In: ANPOCS. **Anais do 43º Congresso da Anpocs**, Caxambu, 2017.

ANRIA, Santiago. **When movements become parties: The Bolivian MAS in comparative perspective**. Cambridge University Press, 2018.

ANRIA, Santiago et ROBERTS, Kenneth. A right turn in Latin America. *Aulablog. Center for Latin American and Latino Studies, Washington*. <https://aulablog.net/2019/01/09/a-right-turn-in-latin-america/>, vol. 11, p. 2019.

ANTUNES, Ricardo; BRAGA, Ruy. Os dias que abalaram o Brasil: as rebeliões de junho, julho de 2013. **Revista Políticas Públicas**, v. 18, p. 41, 5 ago. 2014.

ARANTES, Paulo. Depois de junho a paz será total. **O novo tempo do mundo e outros estudos sobre a era da emergência**. 1ª edição. São Paulo SP: Boitempo Editorial, 2014, p. 353-460.

AUDARD, Catherine. *Qu'est-ce que le libéralisme? éthique, politique, société*. Paris: Gallimard, 2009.

AUYERO, Javier. Appendix: On fieldwork, theory, and the question of biography. In: AUYERO, Javier. **Contentious Lives: Two Argentine Women, Two Protests, and the Quest for Recognition**. Duke University Press, 2003.

AVANZA, Martina. Plea for an Emic Approach Towards 'Ugly Movements': Lessons from the Divisions within the Italian Pro-Life Movement. **Politics and Governance**, v. 6, n. 3, p. 112–125, 14 set. 2018.

AVRITZER, Leonardo. The Rousseff impeachment and the crisis of democracy in Brazil. **Critical Policy Studies**, v. 11, n. 3, p. 352–357, 3 jul. 2017.

BARCELLOS, Sérgio B. Quando outros atores vão às ruas: as manifestações de Junho de 2013 e suas múltiplas influências políticas. *In*: LEITE, Elaine da S.; MASSAU, Guilherme C.; SOTO, Willian Hector G. (Orgs.). **Teorias e Práticas Sociológicas**. São Paulo: Editora Max Limonad, 2016.

BARRETT, Michele. Women's Oppression Today: Problems in Marxist Feminist Analysis. London: Verso and New Left Books, 1980.

BARTHE, Yannick; ROBERT, Cécile. **Militantismes institutionnels** (Politix, n° 70). Paris: Armand Colin, 2005.

BENFORD, Robert D.; HUNT, Scott A. Dramaturgy and Social Movements: The Social Construction and Communication of Power. **Sociological Inquiry**, v. 62, n. 1, p. 36–55, jan. 1992.

BENFORD, Robert D.; SNOW, David A. Ideology, Frame Resonance, and Participant Mobilization. *In*: KLANDERMANS, Bert (Org.). **From structure to action: comparing social movement research across cultures**. Greenwich: JAI, 1989.

BENFORD, Robert D.; SNOW, David A. Framing Processes and Social Movements: An Overview and Assessment. **Annual Review of Sociology**, v. 26, p. 611–639, 2000.

BENNETT, W. Lance; SEGERBERG, Alexandra. The Logic of Connective Action: Digital media and the personalization of contentious politics. **Information, Communication & Society**, v. 15, n. 5, p. 739–768, jun. 2012.

BENSMAN, Joseph; GIVANT, Michael. Charisma and modernity: the use and abuse of a concept. **Social Research: an international quarterly**, v. 42, p. 570–614, 1975.

BERGSON, Henri. **La perception du changement**. Oxford : Clarendon Press, 1911.

BERTONCELO, Edison Ricardo Emiliano. "Eu quero votar para presidente": uma análise sobre a Campanha das Diretas. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 76, p. 169–196, 2009.

BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política**. São Paulo: Unesp, 1995.

BOCK-CÔTÉ, Mathieu. Le détour autonomiste du nationalisme québécois. **Commentaire**, v. 169, n. 1, p. 75, 2020.

BOLTANSKI, Luc; THÉVENOT, Laurent. **De la justification: les économies de la grandeur**. Paris: Gallimard, 1991.

BOSCHI, Renato Raul. **A arte da associação: política de base e democracia no Brasil**. São Paulo: Vertice, 1987.

BOURDIEU, Pierre. L'opinion publique n'existe pas. In: **Questions de sociologie**, Paris: Les Editions de Minuit, p. 222-235, 2002.

BRINGEL, Breno. Com, contra e para além de Charles Tilly: mudanças teóricas no estudo das ações coletivas e dos movimentos sociais. **Sociologia & Antropologia**, v. 2, n. 3, p. 43-67, jun. 2012.

BRINGEL, Breno. Miopias, sentidos e tendências do levante brasileiro de 2013. In: BRINGEL, Breno; DOMINGUES, José Maurício (Orgs.). **As Jornadas de Junho em perspectiva global**. Rio de Janeiro: Netsal; Iesp; Uerj, p. 16-29, 2013.

BRINGEL, Breno; DOMINGUES, José Maurício. **Brasil: cambio de era: crisis, protestas y ciclos políticos**. Madrid: Catarata, 2018.

BRINGEL, Breno; PLEYERS, Geoffrey. June 2013, five years later: Polarization, re-configuration of activism, and challenges for the Brazilian left. In: MIGUEL, Luis Felipe; PUZONE, Vladimir (Orgs.). **The Brazilian Left in the 21st Century: Conflict and Conciliation in Peripheral Capitalism**. Palgrave Macmillan, 2019.

BUCCI, Eugênio. A forma bruta dos protestos: das manifestações de junho de 2013 à queda de Dilma Rousseff em 2016. São Paulo, Brazil: Companhia das Letras, 2016.

BÜLOW, Marisa von; DIAS, Tayrine. O ativismo de hashtags contra e a favor do impeachment de Dilma Rousseff*. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 120, p. 5-32, 1 dez. 2019.

CAIANI, Manuela; DELLA PORTA, Donatella; WAGEMANN, Claudius. **Mobilizing on the extreme right: Germany, Italy, and the United States**. Oxford: Oxford University Press, 2012.

CABALLERO, Francisco Sierra; GRAVANTE, Tommaso. **Networks, Movements and Technopolitics in Latin America**. New York, NY: Springer Berlin Heidelberg, 2017.

CARÉ, Sébastien. **La pensée libertarienne**: genèse, fondements et horizons d'une utopie libérale. 1re éd. Paris: Presses universitaires de France, 2009.

CARNEIRO, Thiago Lopes. Da "imobilidade" à ação: por que os brasileiros saíram às ruas em junho de 2013? O contágio comportamental como parte da explicação. **E-Legis - Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação da Câmara dos Deputados**, v. 14, n. 14, p. 26–45, 28 ago. 2014.

CARVALHO, Aloysio Henrique. Imprensa e opinião pública no Brasil: uma retrospectiva histórica. In: LIMA, Venício A. de; GUIMARÃES, Juarez; AMORIM, Ana Paula (orgs.). **Em defesa de uma opinião pública democrática: conceitos, entraves e desafios**. São Paulo: Paulus, p. 89-131, 2014.

CARVALHO FRANCO, Maria Sylvia. **Homens livres na ordem escravocrata** (Vol. 3). Unesp, 1997.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2013.

CEPÊDA, Vera Alves. A Nova Direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais. **Mediações – Revista de Ciências Sociais**, vol. 23, no 2, p. 40-74, 2018.

CHALOUB, Jorge Gomes de S.; PERLATTO, Fernando. Intelectuais da “nova direita” brasileira: ideias, retórica e prática política. In: ANPOCS, **Anais do 39º Congresso da Anpocs**, Caxambu, 2015.

CHÂTELET, François; DUHAMEL, Olivier; PISIER, Evelyne (Orgs.). **Dictionnaire des œuvres politiques**. 2. éd, rev. et augm. Paris: Presses universitaires de France, 1989.

CHAUÍ, Marilena de Souza. A nova classe trabalhadora brasileira e a ascensão do conservadorismo. In: JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo; SINGER, André (Orgs.). **Por que gritamos golpe? para entender o impeachment e a crise política no Brasil**. 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2016.

COELHO, Sillas de Castro; SILVA, Evandro Ramos da; HERDEIRO, Renato Menezes. Modernização conservadora e racismo no Brasil. **Revista Fim do Mundo**, n. 4, p. 110–132, 27 mar. 2021.

COHEN, Jean L. Strategy or Identity: New Theoretical Paradigms and Contemporary Social Movements. **Social Research**, vol. 52, no. 4, p. 663–716, 1985.

COLLINS, Randall. The Durkheimian tradition in conflict sociology. In: ALEXANDER, Jeffrey C. (Org.). **Durkheimian sociology: cultural studies**. Cambridge: Cambridge Univ. Pr, 1990.

CORDEIRO, Janaina Martins. **Direitas em movimento: a Campanha da Mulher pela Democracia e a ditadura no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

COSTA-MOURA, Fernanda. Proliferação das #hashtags: lógica da ciência, discurso e movimentos sociais contemporâneos. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 17, n. spe, p. 141–158, ago. 2014.

COULDRY, Nick. Bystander publics. In: SNOW, David A.; DELLA PORTA, Donatella; KLANDERMANS, Bert; MCADAM, Doug (orgs.). **The Wiley-Blackwell Encyclopedia of Social and Political Movements**. Oxford, UK: Blackwell Publishing Ltd, 2013.

COUTINHO, João Pereira; PONDÉ, Luiz Felipe; ROSENFELD, Denis L. (Orgs.). **Por que virei à direita**. São Paulo, SP: Três Estrelas, 2012.

COWAN, Benjamin Arthur. "Nosso Terreno": crise moral, política evangélica e a formação da "Nova Direita" brasileira. **Varia Historia**, v. 30, n. 52, p. 101–125, abr. 2014.

DARD, Olivier. La Nouvelle Droite et la société de consommation. **Vingtième Siècle. Revue d'histoire**, v. 91, n. 3, p. 125, 2006.

DATAFOLHA. Manifestação na avenida Paulista, 15/03/2015. **Instituto de Pesquisa Datafolha: Opinião Pública**, 17 de março de 2015a. Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2015/03/1604284-47-foram-a-avenida-paulista-em-15-de-marco-protestar-contr-a-corrupcao.shtml/>

DATAFOLHA. Manifestação na avenida Paulista, 12/04/2015. **Instituto de Pesquisa Datafolha: Opinião Pública**, 13 de abril de 2015b. Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2015/04/1615923-100-mil-foram-a-paulista-em-12-de-abril-77-defendem-impeachment.shtml/>

DELCOURT, Laurent. Um TeaParty tropical: a ascensão de uma “nova direita” no Brasil. **Lutas Sociais**, v. 20, n. 36, p. 126–139, 2016.

DELLA PORTA, Donatella. Multiple belongings, tolerant identities, and the construction of 'another politics': Between the European social forum and the local social forum. In: DELLA PORTA, Donatella; TARROW, Sidney G. (Orgs.). **Transnational protest and global activism**. Rowman & Littlefield, p. 175-202, 2005.

DELLA PORTA, Donatella. Communication in progressive movement parties: against populism and beyond digitalism. **Information, Communication & Society**, v. 24, n. 10, p. 1344-1360, 27 jul. 2021.

DELLA PORTA, Donatella, FERNÁNDEZ, Joseba, KOUKI, Hara & MOSCA, Lorenzo. **Movement parties against austerity**. John Wiley & Sons, 2017.

DEMIER, Felipe; HOEVELER, Rejane; BIANCHI, Alvaro (Orgs.). **A onda conservadora: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil**. 1a edição. Rio de Janeiro, RJ: Mauad X, 2016.

DIANI, Mario. The Concept of Social Movement. **The Sociological Review**, v. 40, n. 1, p. 1-25, fev. 1992.

DIANI, Mario; MCADAM, Doug (Orgs.). **Social movements and networks: relational approaches to collective action**. Oxford; New York: Oxford University Press, 2003.

DIAS, Tayrine dos Santos. **É uma batalha de narrativas”: os enquadramentos de ação coletiva em torno do impeachment de Dilma Rousseff no Facebook**. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Instituto de Ciência Política, Universidade de Brasília, 2017.

DILLARD, Maria K. Movement/Countermovement Dynamics. In: SNOW, David A.; DELLA PORTA, Donatella; KLANDERMANS, Bert; MCADAM, Doug (orgs.). **The Wiley-Blackwell Encyclopedia of Social and Political Movements**. Oxford, UK: Blackwell Publishing Ltd, 2013.

DOBRY, Michel. **Sociologie des crises politiques: la dynamique des mobilisations multisectorielles**. 3. éd. revue et augm. d'une préface inéd. Paris: Presses de la Fondation Nationale des Sciences Politiques, 2009.

DUMONT, Louis. **O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

EARL, Jennifer; SCHUSSMAN, Alan. The new site of activism: on-line organizations, movement entrepreneurs, and the changing location of social movement decision making. **Research in Social Movements, Conflicts and Change**, v. 24, p. 155–187, 2003.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade de corte**: Investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

ENJOLRAS, Bernard; STEEN-JOHNSEN, Kari; WOLLEBÆK, Dag. Social media and mobilization to offline demonstrations: Transcending participatory divides? **New Media & Society**, v. 15, n. 6, p. 890–908, set. 2013.

FILLIEULE, Olivier. Propositions pour une analyse processuelle de l'engagement individuel: Post scriptum. **Revue française de science politique**, v. 51, n. 1, p. 199–215, 2001.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA – FBSP. **Anuário brasileiro de segurança pública, ano 13 (2019)**. São Paulo: FBPS, 2019.

FRIEDMAN, Milton & FRIEDMAN, Rose. **Free to choose: A personal statement**. Houghton Mifflin Harcourt, 1990.

GAHYVA, Helga. Notas sobre o conservadorismo: elementos para a definição de um conceito. **Política & Sociedade**, v. 16, n. 35, p. 299, 9 jun. 2017.

GAMSON, William A. **Talking politics**. Cambridge, UK; New York, NY, USA: Cambridge University Press, 1992.

GAMSON, William A. Bystanders, Public Opinion, and the Media. In: SNOW, David A.; SOULE, Sarah A.; KRIESI, Hanspeter (orgs.). **The Blackwell Companion to Social Movements**. Oxford, UK: Blackwell Publishing Ltd, p. 242–261, 2007.

GAUCHET, Marcel. La droite et la gauche. In: NORA, Pierre (Org.). **Les lieux de mémoire**, v. 3, p. 1. Paris: Gallimard, 2004.

GAUCHET, Marcel. Droite et gauche en redéfinition. **Le Débat**, v. 192, n. 5, p. 35, 2016.

GIROTTI NETO, Ângelo. **A onda conservadora e as eleições de 2018 no Brasil**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2020.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. **Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1997.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. *Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo*. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

GOHN, Maria. **Manifestações e protestos no Brasil**: Correntes e contracorrentes na atualidade. São Paulo: Cortez Editora, 2018.

GOLDSTONE, Jack A. (Org.). **States, Parties, and Social Movements**. 1. ed. Cambridge University Press, 2003.

GONDIM, Linda M. P. Movimentos sociais contemporâneos no Brasil: a face invisível das Jornadas de Junho de 2013. **Polis (Santiago)**, v. 15, n. 44, p. 357–379, ago. 2016.

GOODWIN, Jeff. The Libidinal Constitution of a High-Risk Social Movement: Afectual Ties and Solidarity in the Huk Rebellion, 1946 to 1954. **American Sociological Review**, v. 62, n. 1, p. 53, fev. 1997.

HABERMAS, Jürgen; NICHOLSEN, Shierry Weber; WOLIN, Richard. **The new conservatism: cultural criticism and the historians' debate**. 4. print. Cambridge, Mass: MIT Press, 1994.

HAYEK, Friedrich. "The principles of a liberal social order." *Il Politico* 31, no. 4 (1966): 601–18.

HAYEK, Friedrich. "Why I'm Not a Conservative". In: **The Constitution of Liberty**. Chicago: The University of Chicago Press, 1960.

HEADLAND, T. N., PIKE, K. L. & HARRIS, M (Eds.). **Emics and etics: The insider/outsider debate**. Sage Publications, Inc, 1990.

HEANEY, Michael T. Elections and social movements. In: SNOW, David A.; DELLA PORTA, Donatella; KLANDERMANS, Bert; MCADAM, Doug (orgs.). **The Wiley-Blackwell Encyclopedia of Social and Political Movements**. Oxford, UK: Blackwell Publishing Ltd, 2013.

HICKS, Stephen Ronald Craig. *Explaining postmodernism: Skepticism and socialism from Rousseau to Foucault*. Scholargy Publishing, Inc., 2004.

HIRSCHMAN, Albert O. **The rhetoric of reaction: perversity, futility, jeopardy**. Cambridge, Mass: Belknap Press, 1991.

HIRSCHMAN, Albert O. **O pensamento conservador: perversidade, futilidade e risco**. Tradução de Tomás Rosa Bueno. Viseu: Difel, 1997.

JASPER, James M. *The art of moral protest: culture, biography, and creativity in social movements*. Chicago: Chicago University Press, 1997.

JUDENSNAIDER, Elena; LIMA, Luciana; POMAR, Marcelo; ORTELLADO, Pablo. **Vinte centavos: a luta contra o aumento**. São Paulo, SP: Veneta, 2013.

KAYSEL, André. Regressando ao Regresso: elementos para uma genealogia das direitas brasileiras. In: VELASCO E CRUZ, Sebastião; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (Orgs.). **Direita, volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro**. São Paulo, SP: Fundação Perseu Abramo, p. 49-75, 2015.

KERLINGER, Fred N. *Liberalism and conservatism: the nature and structure of social attitudes*. Hillsdale, N.J.: L. Erlbaum, 1984.

KRETSCHMER, Kelsy. *Factions/Factionalism*. In: SNOW, David A.; DELLA PORTA, Donatella; KLANDERMANS, Bert; MCADAM, Doug (orgs.). **The Wiley-Blackwell Encyclopedia of Social and Political Movements**. Oxford, UK: Blackwell Publishing Ltd, 2013.

KITSCHOLT, Herbert. *Movement parties*. In: KATZ, Richard S.; CROTTY, William J. (Orgs.). **Handbook of party politics**. London: SAGE, 2006.

KLANDERMANS, Bert; STAGGENBORG, Suzanne (Orgs.). **Methods of social movement research**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2002.

KOTRAS, Baptiste. **La voix du web: nouveaux régimes de l'opinion sur Internet**. Paris: Seuil, 2018.

LACERDA, Marina Basso. **Neoconservadorismo: articulação pró-família, punitivista e neoliberal na Câmara dos Deputados**. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2018.

LASCH, Christopher. **The Revolt of the Elites and the Betrayal of Democracy**. WW Norton & Company, 1996.

LAVALLE, Adrian Gurza; CARLOS, Euzeneia; DOWBOR, Monika; SZWAKO, José (Orgs.). **Movimentos sociais e institucionalização: políticas sociais, raça e gênero no Brasil pós-transição**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018.

LAZARFELD, Paul; MERTON, Robert K. Friendship as a Social Process: A Substantive and Methodological Analysis. In: BERGER, Morroe (Org.). **Freedom and Control in Modern Society**, Van Nostrand, New York, 1954.

LERNER, Celina. **A Mentalidade Conservadora no Brasil** : Uma análise da interação política em redes sociais digitais (2012 - 2018). Tese (Doutorado em Ciências Humanas e Sociais) – Universidade Federal do ABC, 2019.

LONGHURST, Brian. Conclusion: Conservative Thought. In: **Karl Mannheim and the contemporary sociology of knowledge**. Springer, 1989.

LOSEKANN, Cristiana. Os protestos de 2013 na cidade de Vitória/ES: #resistir, resistir até o pedágio cair! In: ROSA, Soraia Mendes da (Org.). **País mudo não muda! As manifestações de junho de 2013 na visão de quem vê o mundo para além dos muros da academia**. Brasília: IDP, 2014. v. 1, p. 26-38.

LÖWY, Michael. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. **Serviço Social & Sociedade**, n. 124, p. 652–664, dez. 2015.

LUKES, Steven. Epilogue: The grand dichotomy of the twentieth century. In: BALL, Terence; BELLAMY, Richard (orgs.). **The Cambridge History of Twentieth-Century Political Thought**, p. 602–626. Cambridge University Press, 2003.

MACHADO, Jorge; MISKOLCI, Richard. Das jornadas de junho à cruzada moral: o papel das redes sociais na polarização política brasileira. **Sociologia & Antropologia**, v. 9, n. 3, p. 945–970, dez. 2019.

MACIEL, Débora A.; MACHADO, Marta R. Flows of protest control in São Paulo (2013-2014). **Novos Estudos CEBRAP**, v. 40, n. 2, p. 227–241, ago. 2021.

MACIEL, Débora A.; MACHADO, Marta R. A "Arte da Associação" conservadora: o ativismo antiaborto no Brasil. **Simpósio Direitas Brasileiras**, 2017.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **@Internet e #rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brazil: Editora Sulina, 2013.

MANN, Michael. Infrastructural Power Revisited. **Studies in Comparative International Development**, v. 43, n. 3–4, p. 355–365, dez. 2008.

MANNHEIM, Karl. **Ideology and Utopia** [primeira edição: 1936]. Hoboken: Taylor and Francis, 2013.

MANNHEIM, Karl; KETTLER, David; MEJA, Volker; STEHR, Nico. **Conservatism: a contribution to the sociology of knowledge**. London; New York: Routledge & Kegan Paul, 1986.

MANNHEIM, Karl. Conservative Thought. In: MANNHEIM, Karl; WOLFF, Kurt. **From Karl Mannheim**. Routledge, pp. 260–350, 2017.

MARTIN, Isaac William. **Rich people's movements: grassroots campaigns to un-tax the one percent**. Oxford; New York: Oxford University Press, 2013.

MARTINS, José De Souza. Linchamento o lado sombrio da mente conservadora. **Tempo Social**, v. 8, n. 2, p. 11–26, dez. 1996.

MARTUCCELLI, Danilo; SVAMPA, Maristella. Notas para una historia de la sociología latinoamericana. **Cuadernos Americanos**, v. 8, n. 46, 1994.

MARTUCCELLI, Danilo; SVAMPA, Maristella. **La Plaza vacía: las transformaciones del peronismo**. Buenos Aires: Editorial Losada, 1997.

MATHIEU, Lilian; FILLIEULE, Olivier; PÉCHU, Cécile. **Dictionnaire des mouvements sociaux**. Presses de Sciences Po, 2009.

MCADAM, Doug. Initiator and Spin-Off Movements: Diffusion Process in Protest Cycles. In: TRUGOTT, Mark (Org.). **Repertoires and cycles of collective action**. Durham: Duke University Press, 1995.

MCADAM, Doug; MCCARTHY, John D.; ZALD, Mayer N. Introduction: Opportunities, mobilizing structures, and framing processes – toward a synthetic, comparative perspective on social movements. In: MCADAM, Doug; MCCARTHY, John D.; ZALD, Mayer N. (orgs.). **Comparative Perspectives on Social Movements**. Cambridge University Press, p. 1–20, 1996.

MCADAM, Doug; TARROW, Sidney. Ballots and Barricades: On the Reciprocal Relationship between Elections and Social Movements. **Perspectives on Politics**, v. 8, n. 2, p. 529–542, jun. 2010.

MCADAM, Doug; TARROW, Sidney G.; TILLY, Charles. **Dynamics of contention**. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2001.

MCCARTHY, John D.; ZALD, Mayer N. Resource Mobilization and Social Movements: A Partial Theory. **American Journal of Sociology**, 82, no. 6, p. 1212–41, 1977.

MEARS, Ashley. "Girls as elite distinction: The appropriation of bodily capital". **Poetics**, 53, 22-37, 2015.

MELUCCI, Alberto. The new social movements: A theoretical approach. **Social Science Information**, v. 19, n. 2, p. 199–226, maio 1980.

MERQUIOR, José Guilherme. "Liberalismos conservadores". In: MERQUIOR, José Guilherme. **O liberalismo-antigo e moderno**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1991.

MESSEMBERG, Débora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. **Sociedade e Estado**, v. 32, n. 3, p. 621–648, dez. 2017.

MILLER, Kelly. **Radicals & Conservatives and others essays on the Negro in America**. New York: Schocken Books, 1968.

MORAES, Alana et al. Junho está sendo. In: MORAES, Alana; GUTIÉRREZ, Bernardo; PARRA, Henrique; ALBUQUERQUE, Hugo; TIBLE, Jean; SCHAVELZON, Salvador. (Orgs.). **Junho: potência das ruas e das redes**. São Paulo: Friedrich Ebert Stiftung, 2014.

MORRIS, Aldon D.; STAGGENBORG, Suzanne. Leadership in Social Movements. In: SNOW, David A.; SOULE, Sarah A.; KRIESI, Hanspeter (orgs.). **The Blackwell Companion to Social Movements**. Oxford, UK: Blackwell Publishing Ltd, p. 171–196, 2007.

NAGLE, Angela. **Kill all normies: the online culture wars from Tumblr and 4chan to the alt-right and Trump**. Winchester, UK; Washington, USA: Zero Books, 2017.

NETO, Odilon Caldeira. A "Direita Envergonhada" e a Fundação do Partido da Reedição da Ordem Nacional. **Historiæ**, v. 7, n. 2, p. 79–102, 2017.

NEWSON, Martha. Football, fan violence, and identity fusion. **International Review for the Sociology of Sport**, vol. 54, no 4, p. 431-444, 2019.

NIKOLSKI, Véra. La valeur heuristique de l'empathie dans l'étude des engagements "répugnants": **Genèses**, v. n° 84, n. 3, p. 113–126, 1 out. 2011.

NISBET, Robert A. **Conservatism: dream and reality**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1986.

NOBRE, Marcos. **Choques de democracia: razões da revolta**. São Paulo Companhia das Letras, 2013.

NOZICK, Robert. **Anarchy, state, and utopia**. New York: Basic Books, 1974.

OAKESHOTT, Michael; FULLER, Timothy. **The politics of faith and the politics of scepticism**. New Haven: Yale University Press, 2009.

ORTELLADO, Pablo; SOLANO, Ester. Pesquisa manifestação política 12 de abril de 2015. Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas para o Acesso à Informação (USP), 2015a. Disponível em: <http://gpopai.usp.br/>

ORTELLADO, Pablo; SOLANO, Ester; NADER, Lúcia. Pesquisa manifestação política 16 de agosto de 2015. Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas para o Acesso à Informação (USP), 2015b. Disponível em: <http://gpopai.usp.br/pesquisa>

ORTELLADO, Pablo; SOLANO, Esther. Nova direita nas ruas?: uma análise do descompasso entre manifestantes e os convocantes dos protestos antigoverno de 2015. **Perseu: História, Memória e Política**, n. 11, p. 169-180, 2016.

PFEFFERKORN, Roland. L'impossible neutralité axiologique: Wertfreiheit et engagement dans les sciences sociales. **Raison présente**, v. N° 191, n. 3, p. 85-96, 1 set. 2014.

PHILLIPS, Whitney. This is why we can't have nice things: Mapping the relationship between online trolling and mainstream culture. The MIT Press, 2015.

PIERSON, Paul; SKOCPOL, Theda (Orgs.). The transformation of American politics: activist government and the rise of conservatism. Princeton: Princeton University Press, 2007.

PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira. **Ciladas da diferença**. São Paulo: Editora 34, 1999.

PIRRO, Andrea L. P. Ballots and barricades enhanced: far-right 'movement parties' and movement-electoral interactions. **Nations and Nationalism**, v. 25, n. 3, p. 782-802, jul. 2019.

PLEYERS, Geoffrey. Présentation. **Réseaux**, v. n° 181, n. 5, p. 9, 2013.

POLLETTA, Francesca. Social movements in an age of participation. **Mobilization: An International Quarterly**, v. 21, n. 4, p. 485-497, 1 dez. 2016.

ROBIN, Corey. *The reactionary mind: conservatism from Edmund Burke to Donald Trump*. Oxford University Press, 2018.

ROCHA, Camila. **'Menos Marx, mais Mises': uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018)**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

RYDGREN, Jens. The Sociology of the Radical Right. **Annual Review of Sociology**, v. 33, n. 1, p. 241–262, 18 jul. 2007.

RYDGREN, Jens (Org.). **The Oxford handbook of the radical right**. New York: Oxford University Press, 2018.

SADER, Eder. *Quando novos personagens entram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo – 1970-1980*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SADER, Emir. **O anjo torto: esquerda (e direita) no Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

SALLUM JÚNIOR, Brasília. *O impeachment de Fernando Collor: sociologia de uma crise*. São Paulo: Editora 34, 2015.

SANDEL, Michael J. *The tyranny of merit: What's become of the common good?* London: Penguin, 2020.

SANDEL, Michael. Liberalism and the Limits of Justice. In : *Debates in Contemporary Political Philosophy*. Routledge, 2005. p. 150-169.

SANTOS, Fabiano; GUARNIERI, Fernando. From Protest to Parliamentary Coup: An Overview of Brazil's Recent History. **Journal of Latin American Cultural Studies**, v. 25, n. 4, p. 485–494, out. 2016.

SANTOS, Fabiano; TANSCHKEIT, Talita. Quando velhos atores saem de cena: a ascensão da nova direita política no Brasil. **Colombia Internacional**, n. 99, p. 151–186, jul. 2019.

SCHÜTZ, Alfred; LUCKMANN, Thomas. **The structures of the life-world**. Northwestern University Press, 1973.

SCRUTON, Roger (2006). Hayek and conservatism. In: FESER, Edward (Org.). **The Cambridge Companion to Hayek**. Cambridge University Press, 2006.

SCRUTON, Roger. **The meaning of conservatism**. South Bend, Ind.: St. Augustine Press, 2014.

SHERER-WARREN, Ilse. **Redes emancipatórias: nas lutas contra a exclusão e por direitos humanos**. Curitiba: Appris, 2012.

SILVA, Gustavo Jorge. Conceituações teóricas: esquerda e direita. **Humanidades em diálogo**, v. 6, p. 149–162, 8 nov. 2014.

SIMMEL, Georg. **Conflict and the web of group-affiliations**. Translated by Kurt H. Wolff & Reinhard Bendit. Free Press, 1955.

SINGER, André. Brasil, junho de 2013, classes e ideologias cruzadas. **Novos Estudos - CEBRAP**, n. 97, p. 23–40, nov. 2013.

SNOW, David A.; DELLA PORTA, Donatella; KLANDERMANS, Bert; MCADAM, Doug (Org.). **The Wiley-Blackwell encyclopedia of social and political movements**. Malden, MA: Wiley, 2013.

SNOW, David A.; ROCHFORD, E. Burke; WORDEN, Steven K.; BENFORD, Robert D. Frame Alignment Processes, Micromobilization, and Movement Participation. **American Sociological Review**, v. 51, n. 4, p. 464, ago. 1986.

SOLANO, Esther; ROCHA, Camila (Orgs.). **As direitas nas ruas e nas redes**. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

SOLANO, Esther; BRINGEL, Breno; ÁLVAREZ-BENAVIDES, Antonio. Las derechas radicales contemporáneas en Brasil (y América Latina): aprendizajes y desafíos para las izquierdas. **Revista Crítica de Ciencias Sociales**, 21 (2), 2021.

SOUTHGATE, Donald. **The Passing of the Whigs, 1832-1886**. London, Macmillan, 1962.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato**. 1ª edição. Rio de Janeiro, RJ: LeYa, 2017.

SOUZA, Jessé. **A radiografia do golpe: entenda como e por que você foi enganado**. São Paulo, SP: LeYa, 2016.

SOUZA, Rafael de. **Cenários de protesto: Mobilização e espacialidade no ciclo de confronto de junho de 2013**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

STAGGENBORG, Suzanne. The Consequences of Professionalization and Formalization in the Pro-Choice Movement. **American Sociological Review**, v. 53, n. 4, p. 585, ago. 1988.

STAGGENBORG, Suzanne. Entrepreneurs, Movement. In: SNOW, David A.; DELLA PORTA, Donatella; KLANDERMANS, Bert; MCADAM, Doug (orgs.). **The Wiley-Blackwell Encyclopedia of Social and Political Movements**. Oxford, UK: Blackwell Publishing Ltd, 2013.

SVAMPA, Maristella. **Cambio de época: movimientos sociales y poder político**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, CLACSO, 2008.

SVAMPA, Maristella. Mouvements sociaux, matrices sociopolitiques et nouveaux contextes en Amérique latine. **Problèmes d'Amérique latine**, v. 74, n. 4, p. 113, 2009.

TARROW, Sidney. Estado y oportunidades: la estructuración política de los movimientos sociales. In: MCADAM, Doug; MCCARTHY, Zald (Org.) **Movimientos sociales: perspectivas comparadas**. Madri: Istmo, pp. 71-99, 1999.

TARROW, Sidney. **The New Transnational Activism**. 1. ed. Cambridge University Press, 2005.

TARROW, Sidney G. **Power in movement: social movements and contentious politics**. Rev. & updated 3rd ed. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2011.

TARROW, Sidney. **Strangers at the Gates: Movements and States in Contentious Politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012

TARROW, Sidney G. **The language of contention: revolutions in words, 1688–2012**. Cambridge University Press, 2013.

TATAGIBA, Luciana. 1984, 1992 e 2013. Sobre ciclos de protestos e democracia no Brasil. **Política & Sociedade**, v. 13, n. 28, p. 35, 31 dez. 2014.

TATAGIBA, Luciana. Entre as ruas e as instituições: os protestos e o impeachment de Dilma Rousseff. **Lusotopie**, v. 17, n. 1, p. 112–135, 10 set. 2018.

TATAGIBA, Luciana; TRINDADE, Thiago; TEIXEIRA, Ana Claudia Chaves. Protests à direita no Brasil (2007-2015). VELASCO E CRUZ, Sebastião; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (Orgs.). **Direita, volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro**. São Paulo, SP: Fundação Perseu Abramo, pp. 197-212, 2015.

TEITELBAUM, Benjamin R. Traditionalism in the American Right. In: BAR-ON, Tamir; MOLAS, Barbara (Orgs.). **The right and radical right in the Americas: ideological currents from interwar Canada to contemporary Chile**. Lanham: Lexington Books, 2021.

TILLY, Charles. **The Vendée**. 3. print. Cambridge Mass: Harvard U. P, 1976.

TILLY, Charles. Mechanisms in Political Processes. **Annual Review of Political Science**, v. 4, n. 1, p. 21-41, 1 jun. 2001.

TILLY, Charles. Social Boundary Mechanisms. **Philosophy of the Social Sciences**, v. 34, n. 2, p. 211-236, jun. 2004.

TILLY, Charles. **Regimes and repertoires**. Chicago: University of Chicago Press, 2006.

TISSOT, Sylvie; GAUBERT, Christophe; LECHIEN, Marie-Hélène (Orgs.). **Reconversions militantes**. Limoges: PULIM, 2005.

TRINDADE, Hélió. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30**. Rio de Janeiro: DIFEL/Difusão Editorial, 1974.

TWENGE, Jean M.; SHERMAN, Ryne A.; WELLS, Brooke E. Sexual Inactivity During Young Adulthood Is More Common Among U.S. Millennials and iGen: Age, Period, and Cohort Effects on Having No Sexual Partners After Age 18. **Archives of Sexual Behavior**, v. 46, n. 2, p. 433-440, fev. 2017.

VELASCO E CRUZ, Sebastião; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (Orgs.). **Direita, volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro**. São Paulo, SP: Fundação Perseu Abramo, 2015.

VRYDAGH, Fanny. "Gagner les corps, les coeurs et les esprits" Comprendre l'engagement dans le mouvement brésilien pro-destitution (2014-2016). Tese (Doutorado em Ciências Políticas e Sociais) – Université libre de Bruxelles, 2020.

WEBER, Max. **Economía y sociedad: esbozo de sociología comprensiva**. Tradução de José Medina Echavarría. Madrid: F.C.E. de España, 2002.

WILLETTS, David. Modern Conservatism. **The Political Quarterly**, v. 80, p. S224–S232, set. 2009.

ZALD, Mayer N.; ASH, Roberta. Social Movement Organizations: Growth, Decay and Change. **Social Forces**, v. 44, n. 3, p. 327, mar. 1966.

ZALUAR, Alba. Esculacho and other spoken meanings of pacification in Rio de Janeiro. **Brasiliana, Journal for Brazilian Studies**, v.4, n.2, 2016.

ANEXOS E APÊNDICES

Apêndice I – Classificação e roteiro das entrevistas

Quadro 1. Lista de entrevistados

| | <i>gênero</i> | <i>grupo etário*</i> | <i>vínculo com o MBL</i> | <i>local de atuação</i> | <i>modalidade e data da entrevista</i> |
|---|---------------|----------------------|--------------------------|-------------------------|--|
| 1 | Fem. | IV | membro | São Paulo-SP | Presencial, nov. 2016 |
| 2 | Masc. | I | membro | São Paulo-SP | Presencial, nov. 2016 |
| 3 | Masc. | I | membro | São Paulo-SP | Presencial, nov. 2016 |
| 4 | Masc. | III | membro | São Luís-MA | Videoconferência, out.2019 |
| 5 | Masc. | II | coordenador | Boa Vista-RR | Telefone, out. 2019 e presencial, nov. 2019 |
| 6 | Masc. | IV | coordenador | Salvador-BA | Telefone, out. 2019, e presencial, nov. 2019 |
| 7 | Masc. | IV | membro | Salvador-BA | WhatsApp, out. 2019 |
| 8 | Masc. | III | coordenador | Marília-SP | Presencial, nov. 2019 |
| 9 | Masc. | IV | coordenador | Campinas-SP | Presencial, nov. 2019 |
| | Mas. | II | membro | São Paulo-SP | Videoconferência, nov. 2019 |

| | | | | | |
|----|-------|-----|-----------------|------------------|--------------------------------|
| 10 | | | | | |
| 11 | Fem. | II | membro | ABC-SP | Presencial, nov. 2019 |
| 12 | Fem. | I | membro | Santo André-SP | Presencial, nov. 2019 |
| 13 | Masc. | III | coordenador | Fortaleza-CE | Presencial, nov. 2019 |
| 14 | Fem. | I | coordenadora | São Paulo-SP | Telefone, nov. 2019 |
| 15 | Masc. | II | membro | Recife-PE | Presencial, nov. 2019 |
| 16 | Fem. | III | coordenador | São Paulo-SP | Segunda mão, nov.2019 |
| 17 | Masc. | III | ex-participante | Florianópolis-SC | Segunda mão, jun. 2020 |
| 18 | Masc. | IV | ex-participante | São Paulo-SP | Videoconferência, jun. 2020 |
| 19 | Mas. | III | ex-participante | São Paulo-SP | Segunda mão, jul. 2020 |
| 20 | Masc. | III | ex-participante | Curitiba-PR | Segunda mão, jul. 2020 |

* grupos etários: (I) Nascidos após o ano 2000; (II) Nascidos entre 1991 e 2000; (III) Nascidos entre 1981 e 1990; (IV) Nascidos entre 1971 e 1980; (V) Nascidos antes de 1971.

Elaboração própria.

Roteiro semiestruturado das entrevistas

- Apresentação: Solteiro casado etc.? Formação educacional (instituição pública ou privada, local e ano)? Ano de nascimento? Religião (é praticante)?
- Mobilidade social da familiar?
- Ocupação e tempo livre (hobbies [games?], interesses).
- Lê em idiomas estrangeiros? Acompanha a política internacional?
- Identificação política: esquerda, centro, direita? nenhum?
- Já votou em candidatos à esquerda?
- Como e quando entrou em contato pela primeira vez com ideias liberais e/ou libertárias? Você costuma ler (e os textos recomendados pelo MBL)? Quais são seus autores preferidos/por quê?
- Através de qual veículo de mídia se informa?
- Existe algum outro grupo/partido/personalidade política que te represente? Quais e por quê? por que não?
- Quais os seus principais inimigos políticos?
- Quando/como/por quê entrou pra o MBL?
- Integração: Como foi sua experiência pessoal no acampamento/marcha/congresso?
- Você já esteve em protestos de rua? Em quais ocasiões? 2013, Você participou? Qual foi sua percepção durante os protestos? Qual é a sua percepção hoje?
- Como é/era a estrutura organizativa do seu núcleo? (perfil do grupo? quanta gente? Quais atividades realizam? Como se dão as reuniões? Frequência? Meios materiais?)
- Você tem/teve despesas/ganhos materiais em razão do MBL?
- Como se deu seu engajamento com o MBL? Você vai para os congressos nacionais? Qual é a sua relação com os demais membros? Há vínculos pregressos? Amigos?
- Origem dos amigos mais próximos? Mantém amigos no MBL? Quando viaja para eventos do MBL, onde se hospeda?
- Qual a influência/importância que o MBL tem/teve na sua vida?
- Ambição política: pretende/gostaria de se candidatar a algo no futuro?
- Na sua opinião, quais são os piores problemas do país? Como seria uma sociedade ideal? Algum modelo?

Apêndice II – Manifestações em São Paulo

Quadro 2. Manifestações antipetistas ou pró-impeachment, em São Paulo

| Data | Principais Organizadores | N. de participantes (PM/Datafolha/ organizadores) | Bandeira |
|-------------------|---------------------------------|--|---|
| 16/10/2014 | VPR | 300/ – / – | Anti-PT Anticorrupção |
| 22/10/2014 | VPR | 1mil/ – /20mil | Anti-PT Anticorrupção |
| 25/10/2014 | VPR | 8mil/ –/ – | Anti-PT Pró-impeachment Anticorrupção |
| 01/11/2014 | MBL VPR | 3mil/ – /3mil | Anti-PT Pró-impeachment Anticorrupção |
| 15/11/2014 | VPR | 6mil/ – /10mil | Anti-PT Pró-impeachment Anticorrupção |
| 29/11/2014 | RoL | 500/ –/ – | Anti-PT Pró-impeachment Anticorrupção |
| 06/12/2014 | MBL VPR | 5mil/ –/ – | Anti-PT Pró-impeachment Anticorrupção |

| | | | |
|-------------------|------|----------------------------------|---------------------------|
| 13/03/2015 | RoL | 50/ -/ - | Pró-impeachment |
| 15/03/2015 | MBL | | Anti-PT |
| | VPR | 1mi/210mil/1mi | Pró-impeachment |
| | RoL | | Anticorrupção |
| 12/04/2015 | MBL | | Anti-PT |
| | VPR | 275mil/100mil/800mil | Pró-impeachment |
| | RoL | | Anticorrupção |
| 16/08/2015 | MBL | | Anti-PT |
| | VPR | 350mil/135mil/900mil a 1,5mi* | Pró-impeachment |
| | RoL | | Anticorrupção |
| 07/09/2015 | VPR | | Anti-PT |
| | ANMD | - / - / 3mil | Pró-impeachment |
| | | | Anticorrupção |
| 13/12/2015 | MBL | 30mil/40mil/50mil a 500mil* | Esquenta pelo impeachment |
| 13/03/2016 | MBL | | Anti-PT |
| | VPR | 1,4mi/500mil/2mi a 2,5mi | Esquenta pelo impeachment |
| | ANMD | | |
| 17/04/2016 | MBL | | Esquenta pelo impeachment |
| | VPR | 215mil/250mil/800mil | |

* A variação reflete diferentes estimativas anunciadas por diferentes organizadores.
Elaboração própria, com base em notícias veiculadas na imprensa.

Quadro 3. Manifestações contra o impeachment, em São Paulo

| Data | Principais Organizadores | N. de participantes (PM/Datafolha/ organizadores) | Bandeira |
|-------------------|----------------------------------|--|---|
| 13/03/2015 | CUT, CTB, MSTS | 12k/40k/100k | “Fica Dilma” |
| 20/08/2015 | CUT, MTST, UNE, UBES | 40k/37k/75k | “Fica Dilma” “Fora Cunha” fim do ajuste fiscal |
| 16/12/2015 | CUT, MTST, UNE, UBES | 50k/55k/70k a 100k* | “Não vai ter golpe” “Fora Cunha” fim do ajuste fiscal |
| 18/03/2016 | CUT, MST | 80k/95k/380k | “Não vai ter golpe” Defesa da democracia |
| 31/03/2016 | CUT, Brasil Po- pular | 181/40k/60k | “Não vai ter golpe” Defesa da democracia |
| 17/04/2016 | Brasil Popular, Povo Sem Medo | 75k/42k/200k | “Não vai ter golpe” |
| 04/09/2016 | Brasil Popular, Povo Sem Medo | – / – / 100 k | “Fora Temer” “Diretas já” |
| 11/09/2016 | Povo sem Medo, Brasil popular | – / – / 60 k | “Fora Temer” |

* A variação reflete diferentes estimativas anunciadas por diferentes organizadores.
Elaboração própria, com base em notícias veiculadas na imprensa.

Apêndice III – Candidaturas ligadas ao MBL em 2016, 2018 e 2020

Quadro 4. Candidados apoiados pelo MBL nas eleições municipais de 2016

| Nome | Partido* | Município - UF | Foi eleito? |
|---------------------------|----------|------------------|-------------|
| Adalberto Maurer | DEM | Caxias do Sul | não |
| Carol Gomes | PSDB | Rio Claro-SP | sim |
| Douglas Goy | DEM | Irari | não |
| Felipe Camozzato | NOVO | Porto Alegre-RS | sim |
| Fernando Holiday | DEM | São Paulo | sim |
| Kleber Romão | DEM | Manaus | não |
| Luís Felipe Nunes | DEM | Campina Grande | não |
| Paulo Ricardo Filippus | DEM | Gaspar | não |
| Ramiro Zinder | DEM | Florianópolis | não |
| Ronaldo Tanimoto | DEM | Campinas | não |
| Sílvio Fernandes Filho | DEM | Goiânia | não |
| Valderson Cardoso | DEM | Ponta Grossa | não |
| Gustavo de M. Mota | NOVO | Rio de Janeiro | não |
| Matheus Sperry | NOVO | Porto Alegre | não |
| Roberto Z. da Costa | PEN | Praia Grande | não |
| Rodrigo Soares dos Santos | PHS | Araras | não |
| Gabriel Bueno Fioravanti | PMDB | Valinhos | não |
| Caroline R. de Toni | PP | Chapecó | não |
| Gabriel Neubert | PP | Capão da Canoa | não |
| Maike Pereira Trancoso | PP | Santa Leopoldina | não |
| Marco Jacobsen | PP | Santa Maria | não |
| Roni Stefanuto | PP | Garulhos | não |
| José Pocai Jr. (prefeito) | PPS | Monte Sião | sim |

| | | | |
|-------------------------|---------------|----------------------|------------|
| Filipe Barros | PRB | Londrina | sim |
| Marcelo Angeli | PROS | Foz do Iguaçu | não |
| Marschelo Meche | PSDB | Americana | sim |
| Maurício Dvorak | PSB | Matinhos | não |
| Eder Borges | PSC | Curitiba | não |
| Fabricio Melos | PSC | Cascavel | não |
| Grasiele Rodrigues | PSC | Guarapari | não |
| Pablo Amin Calluans | PSC | Joaçaba | não |
| Bernardo Sampaio | PSDB | Niterói | não |
| Gil Corrêa | PSDB | São João Del Rei | não |
| Junior Moreira | PSDB | S. Bernardo do Campo | não |
| Leonardo Barcellos | PSDB | Anchieta | não |
| Leonardo Braga | PSDB | Sapiranga | sim |
| Marschelo Meche | PSDB | Americana | sim |
| Mônica Barreto de Souza | PSDB | Araras | não |
| Ramiro Rosário | PSDB | Porto Alegre | sim |
| Thiago Dias Pereira | PSDB | Recife | não |
| Alessandro Mazaro | PTB | Itu | não |
| Kenner Garcia | PTB | Uberlândia | não |
| Lawrence B. Waclawiak | PTB | Pirassununga | não |
| Junior Alves | PTN | Sorocaba | não |
| Homero Marchese | PV | Maringá | sim |
| Rodrigo Hávila | SOLIDARIEDADE | Santarém | não |

* Partido a que estava filiado no momento da candidatura

Elaboração própria

Fontes: Entrevistas de primeira mão; Página de Facebook do MBL (lista de candidatos);
Justiça eleitoral (divulgação dos dados das eleições); ROCHA, C. (2019)

Quadro 5. Candidatos apoiados pelo MBL nas eleições gerais de 2018

| Nome | Partido* | UF | Cargo | Foi eleito? |
|----------------------|----------|----|----------------------|-------------|
| Ulysses Moraes | DC | MT | Deputado(a) Estadual | sim |
| Arthur MamãeFalei | DEM | SP | Deputado(a) Estadual | sim |
| José Mário Schneider | DEM | GO | Deputado(a) Federal | sim |
| Kim Kataguiri | DEM | SP | Deputado(a) Federal | sim |
| Marcelo Buz | DEM | RS | Deputado(a) Estadual | não |
| Marcos Rogério | DEM | RO | Senador(a) | sim |
| Ramiro Zinder | DEM | SC | Deputado(a) Estadual | não |
| Sóstenes Cavalcante | DEM | RJ | Deputado(a) Federal | sim |
| Vinícius Siqueira | DEM | MS | Deputado(a) Estadual | não |
| Ericsson Hemmer | MDB | SC | Deputado(a) Federal | não |
| Charbel Maroun | NOVO | PE | Deputado(a) Federal | não |
| Diego Dusol | NOVO | PB | Deputado(a) Federal | não |
| Heitor Santana | NOVO | MT | Deputado(a) Federal | não |
| Jaime Groff | NOVO | RN | Deputado(a) Federal | não |
| Jajá Jailton | NOVO | DF | Deputado(a) Estadual | não |
| Jerônimo Goergen | PP | RS | Deputado(a) Federal | sim |
| Luiz Carlos Heinze | PP | RS | Senador(a) | sim |
| Marcus Vinicius | PP | RS | Deputado(a) Estadual | não |
| Paula Cassol | PP | RS | Deputado(a) Federal | não |
| Ricardo Gomes | PP | RS | Deputado(a) Estadual | não |
| Patrícia Ferraz | PR | AP | Deputado(a) Federal | não** |
| Eduardo Girão | PROS | CE | Senador(a) | sim |
| Homero Marchese | PROS | PR | Deputado(a) Estadual | sim |
| Leonardo Vitor | PSC | MG | Deputado(a) Estadual | não |

| | | | | |
|-------------------------|------|----|----------------------|------------|
| Paulo Martins | PSC | PR | Deputado(a) Federal | sim |
| Roberto Motta | PSC | RJ | Deputado(a) Federal | não |
| Bruno Lessa | PSDB | RJ | Deputado(a) Estadual | não |
| Cezar Leite | PSDB | BA | Deputado(a) Federal | não |
| Mayra Pinheiro | PSDB | CE | Senador(a) | não |
| Mônica Bahia | PSDB | BA | Vice-governador(a) | não |
| Haroldo Santos | PTB | ES | Deputado(a) Estadual | não |
| Serjão Magalhães | PTB | ES | Deputado(a) Federal | não |

* Partido a que estava filiado no momento da candidatura.

** Patrícia Ferraz, embora não tenha sido eleita na apuração inicial, assumiu, como Suplente, o mandato de Deputado(a) Federal, na Legislatura 2019-2023, a partir de 5 de dezembro de 2019. Afastou-se, em 22 de junho de 2020 (fonte: Câmara dos Deputados).

Elaboração própria. Fontes: tweet de Kim Kataguirí, de 6 de outubro de 2018 (lista de candidatos); Justiça eleitoral (divulgação dos dados das eleições).

Quadro 6. Candidatos apoiados pelo MBL nas eleições municipais de 2020

| Nome | Partido* | Município - UF | Foi eleito? |
|-------------------------|-----------------|--------------------------|--------------------|
| Pedro Jácome | CIDADANIA | Recife - PE | não |
| Bernardo Sampaio | DEM | Niterói - RJ | não |
| Brendow Amaral | DEM | Uruguaiana - RS | não |
| Douglas Souto | DEM | Londrina - PR | não |
| Eron Flavio | DEM | Vit. da Conquista - BA | não |
| Gleisson Andrade | DEM | Matozinhos - MG | não |
| Jean Kaiser | DEM | Guaíba - RS | não |
| Jonas Claudino | DEM | Joinville - SC | não |
| Netto Marques | DEM | Belém - PA | não |
| Warlen Miiller | DEM | São J. do Rio Preto - SP | não |
| Gabriel Bueno | MDB | Valinhos - SP | sim |
| Breno Panetto | NOVO | Vitória - ES | não |

| | | | |
|-------------------------|----------|------------------------|---------------|
| Felipe Keizo | NOVO | Florianópolis - SC | não |
| Giorgio Aguiar | NOVO | Cuiabá - MT | não |
| Henrique Neiva | NOVO | Natal - RN | não |
| Leticia Arsenio | NOVO | Rio de Janeiro - RJ | não*** |
| Paulo Gaspar** | NOVO | Campinas - SP | sim |
| Rodrigo Marinho | NOVO | Fortaleza - CE | não |
| Thomaz Henrique | NOVO | São J. dos Campos - SP | sim |
| Amanda Vettorazzo | PATRIOTA | São Paulo - SP | não |
| Anderson Camargo | PATRIOTA | São Paulo - SP | não |
| Artur Neto | PATRIOTA | São Paulo - SP | não |
| Augusto Marsiglia | PATRIOTA | São Paulo - SP | não |
| Barolo | PATRIOTA | São Paulo - SP | não |
| Bispo Varotto | PATRIOTA | São Paulo - SP | não |
| Cabo Alves | PATRIOTA | São Paulo - SP | não |
| Cabo Geovannes | PATRIOTA | São Paulo - SP | não |
| Cabo Regina | PATRIOTA | São Paulo - SP | não |
| Cachorro Caramelo | PATRIOTA | São Paulo - SP | não |
| Caio Japa Morfo | PATRIOTA | São Paulo - SP | não |
| Capitão Gabriel Mazzali | PATRIOTA | São Paulo - SP | não |
| Carlos Fabrini | PATRIOTA | São Paulo - SP | não |
| Comandante Braga | PATRIOTA | São Paulo - SP | não |
| Cris Bernart | PATRIOTA | São Paulo - SP | não |
| Darcy Junior | PATRIOTA | Serra - ES | não |
| Dias Motoca | PATRIOTA | São Paulo - SP | não |
| Douglas Balbino | PATRIOTA | São Paulo - SP | não |
| Dra Patricia Ferreira | PATRIOTA | São Paulo - SP | não |

| | | | |
|----------------------|----------|----------------|------------|
| Edu Da Luz | PATRIOTA | São Paulo - SP | não |
| Edy De Paula | PATRIOTA | São Paulo - SP | não |
| Fábio B Júnior | PATRIOTA | São Paulo - SP | não |
| Fernando Holiday | PATRIOTA | São Paulo - SP | sim |
| Helena Niveus | PATRIOTA | São Paulo - SP | não |
| Jorge Varelas | PATRIOTA | São Paulo - SP | não |
| Lais Taliberti | PATRIOTA | São Paulo - SP | não |
| Letícia Vasconcellos | PATRIOTA | São Paulo - SP | não |
| Ligieri | PATRIOTA | São Paulo - SP | não |
| Luciano Klein | PATRIOTA | São Paulo - SP | não |
| Luis Vallejo | PATRIOTA | São Paulo - SP | não |
| Lurdinha | PATRIOTA | São Paulo - SP | não |
| Marcia De Thuin | PATRIOTA | São Paulo - SP | não |
| Marcio Entregador | PATRIOTA | São Paulo - SP | não |
| Marlon do Uber | PATRIOTA | São Paulo - SP | sim |
| Mayara Tavares | PATRIOTA | São Paulo - SP | não |
| Natã Costa | PATRIOTA | São Paulo - SP | não |
| Patrícia Mota | PATRIOTA | São Paulo - SP | não |
| Paulo Pasquini | PATRIOTA | Guarujá - SP | não |
| Pavinatto | PATRIOTA | São Paulo - SP | não |
| Prô Majô | PATRIOTA | São Paulo - SP | não |
| Rafael Capalbo | PATRIOTA | São Paulo - SP | não |
| Regiane Cazzarotti | PATRIOTA | São Paulo - SP | não |
| Rogério Graft | PATRIOTA | São Paulo - SP | não |
| Rubinho Nunes | PATRIOTA | São Paulo - SP | sim |
| Santana | PATRIOTA | São Paulo - SP | não |

| | | | |
|----------------------|----------|-------------------------|------------|
| Sergio Cury | PATRIOTA | São Paulo - SP | não |
| Sergio Pereira | PATRIOTA | São Paulo - SP | não |
| Sergio Roberto | PATRIOTA | São Paulo - SP | não |
| Sonia Ribeiro | PATRIOTA | São Paulo - SP | não |
| Tchê | PATRIOTA | São Paulo - SP | não |
| Thays Da Nóbrega | PATRIOTA | São Paulo - SP | não |
| Prof. Eduardo Bastos | PMN | Aracruz - ES | não |
| Eduardo Sacht | PODE | Joinville - SC | não |
| Gabriel Maia | PODE | Volta Redonda - RJ | não |
| Gabriel Zanon | PODE | Itajaí - SC | não |
| Renato Guedes | PODE | Barretos - SP | não |
| Sam Rebouças | PODE | Porto Velho - RO | não |
| Vagner Prestes | PODE | Goiânia - GO | não |
| Lucas Sanches | PP | Guarulhos - SP | sim |
| Clara Kido | PSC | Curitiba - PR | não |
| Italo Moreira | PSC | Sorocaba - SP | sim |
| Kaique Fernando | PSC | Rio Grande da Serra -SP | não |
| Gideon Oliveira | PSD | São J. dos Pinhais – SP | não |
| Glauco Braido | PSD | São B. do Campo – SP | sim |
| Michel Pillonetto | PSD | Caxias do Sul - RS | não |
| Robert Petty | PSD | Xangri-Lá - RS | não |
| Adenilson Rocha | PSDB | Sinop - MT | sim |
| Aderbal Junior | PSDB | Cabedelo - PB | não |
| Bruno Souza | PSDB | Nilópolis - RJ | não |
| Dhonatan Pagani | PSDB | Vilhena - RO | sim |
| Marcio Colombo | PSDB | Santo André - SP | sim |

| | | | |
|-----------------------------|--------------|------------------------|------------|
| Marcos Tavares | PSDB | São Gonçalo - RJ | não |
| Ramiro Rosário | PSDB | Porto Alegre - RS | sim |
| Siqueira Júnior | PSDB | Lauro de Freitas - BA | não |
| Alef Braian | PSL | Itupeva - SP | não |
| Bruno Souza | PSL | Cabo Frio - RJ | não |
| Cadu Moraes | PSL | Nova Iguaçu - RJ | não |
| Gesenilton Nelo | PSL | Várzea Grande - MT | não |
| Lucas Santos | PSL | Campo Grande - MS | não |
| Matheus Linard | PSL | Juazeiro do Norte - CE | não |
| Robson Cândia | PSL | Anápolis - GO | não |
| Jhony Souza | PV | Manaus - AM | não |
| Bruno Santos | REPUBLICANOS | Osasco - SP | não |
| Flávio Cler | REPUBLICANOS | Nova Friburgo - RJ | não |
| Luís Bená | REPUBLICANOS | Piracicaba - SP | não |
| Prof. Leonardo Ramos | REPUBLICANOS | Itaguaí - RJ | não |

* Partido a que estava filiado no momento da candidatura.

** O candidato não constava da lista de candidatos oficialmente apoiados antes das eleições por Kim Kataguirí e Arthur do Val, mas é listado como “membro e coordenador do MBL” eleito, em postagem feita após a divulgação dos resultados das eleições, em 16 de novembro.

*** Candidata não eleita, mas com votos bastantes para suplência.

Elaboração própria. Fontes: postagem nas redes sociais do MLB, Kim Kataguirí, Arthur do Val, de 14 de novembro (lista de candidatos), e 16 e 17 de novembro (congratulações a vereadores eleitos); Justiça eleitoral (divulgação dos resultados das eleições).

Apêndice IV – Aliança Nacional dos Movimentos Democráticos

Quadro 7. Organizações que integraram a ANMD

| Movimento (principal liderança) | Principais bandeiras |
|---------------------------------|----------------------|
|---------------------------------|----------------------|

| | |
|---|---|
| <p>Acorda Brasil (Alexandre Arraes)</p> | <p>“(...) mais empreendedores e solidariedade espontânea entre os indivíduos e não dependência e assistencialismo do governo”; “O objetivo primordial (...) é uma comoção nacional de cidadania, de amor à pátria (...)”.</p> |
| <p>Amazonas em Ação (Iza Oliveira)</p> | <p>Combate à corrupção, Fora PT.</p> |
| <p>Avança Brasil- Maçons.BR</p> | <p>#EstadoLiberal #PrimaveraLivre #PovoLimita- OGoverno #EstadoDeDireitoDemocrático #Libertas- QuaeSeraTamen.</p> |
| <p>Basta Brasil</p> | <p>Combate à corrupção, contra o “descaso da política com o nosso país”, pró-punitivismo.</p> |
| <p>BHCC – BH Contra a Corrupção (Afonso Lembi)</p> | <p>“Estímulo à cidadania, e a exigência de um fazer político orientado em princípios éticos (...) tendo como foco a Luta Contra a Corrupção”.</p> |
| <p>Nós Somos Opo- sição/Brasil Melhor (Heduan Pinheiro)</p> | <p>“Mudar a realidade corrompida de nosso país”; “contra inflação, aumento de impostos, cortes na saúde, educação e segurança”; “Queremos competência na gestão pública, seriedade, transparência, justiça, liberdade e crescimento em todas as áreas do país”.</p> |
| <p>Brava Gente Bra- sileira</p> | <p>“Intervenção militar, combate à corrupção”.</p> |
| <p>Central das Manifes- tações</p> | <p>“Limpar a sujeira (...) contra os desmandos e os desgovernos”; anti-intervencionista.</p> |
| <p>Chega de Impostos (Jean Marsala)</p> | <p>“Chega de tanto ‘imposto’, atraso, ineficiência e gasto desnecessário com o DINHEIRO DA SOCIEDADE”.</p> |

| | |
|---|--|
| Diferença Brasil | N/A |
| Eu Amo o Brasil (Marco Antonio La- salvia) | Patriotismo vago. |
| Face do Norte (Júlio Lins) | Combate à corrupção; bandeiras liberais. |
| IDE – Instituto De- mocracia e Ética (Fredy Menezes) | Combate à corrupção; “Instituição política, supra- partidária, sem fins lucrativos que busca conscientizar os cidadãos de sua responsabilidade política na sociedade”. |
| Levanta Sacode a Poeira (Cecilia Aiube) | Respeito à democracia, legalismo, igualdade de oportunidades, liberdade de expressão, eficiência pública, responsabilidade econômica, empreendedorismo. |
| MBCC – Movimento Brasil Contra a Cor- rupção (Clay Zebal- los) | “Basta na corrupção e impunidade”. |
| MBR – Movimento Brasileiro de Resis- tência (Daniel Araújo) | Combate à corrupção, “Intervenção Militar Já”. |
| MCB – Movimento Cidadania Brasil (Olavo Tarraf) | “Estado sem corrupção, menor e mais eficiente, voltado para o empreendedorismo social e econômico”. |
| MEB – Movimento Endireita Brasil (Ri- cardo Salles) | “Defende uma nova direita no cenário político bra- sileiro: liberal, ética e democrática”. |

| | |
|---|--|
| Movimento 31 de Julho | “Luta pela democracia representativa e contra a corrupção e a impunidade no Brasil”. |
| Movimento Cariocas Direitos (Denis Abreu) | “Contra tudo que não presta, como as Doutrinas Marxistas (Socialismo/ Comunismo/ Nazismo) e o Foro de São Paulo. Liberalismo Político. Preservar as liberdades individuais e a propriedade privada em oposição a conceitos coletivistas e ao Estado paternalista”. |
| Movimento dos Indignados | Combate à corrupção; Fora PT. |
| Movimento Guarulhos Livre | Combate à corrupção, Fora PT. |
| Fundação Jovens Transformadores | “Transformação nas relações e na sociedade, através de trabalhos voluntários em conjunto com entidades sociais”. |
| Movimento Muda Brasil (Ely Inês Olavarria) | “A nossa luta é o bem estar da população e garantia dos nossos direitos”; “Diretas Já”. |
| Movimento pela Ética e Moral (Carlos U. Pozzobon) | Combate à corrupção, Fora PT. |
| Movimento Quero Me Defender | “A favor do armamento de cidadãos de bem. Tem a finalidade de divulgar dados e fotos sobre armamento”. |
| Movimento Voz do Brasil | N/A |
| MPB – Movimento Pró Brasil (Cristiano | “Por um Brasil livre do Foro de São Paulo!”; “a favor da soberania, da união de todas as raças, classes soci- |

| | |
|--|--|
| Guimarães) | ais e religiões (...) liberdades individuais. Lutaremos por um Estado eficiente, diminuindo a corrupção, os impostos abusivos, promovendo a meritocracia. (...) distância de regimes ditatoriais. (...) resgate do sentimento de nação (...) contra (...) o conflito de classes”. |
| Nação Digital Nação Digital (Robson Machado) | “A Nação é a agência pioneira de Inbound Commerce no Brasil e tem como objetivo alcançar resultados agressivos de crescimento para seus clientes e uma experiência incrível para seus colaboradores. Se você quer fazer a diferença, arregaçar as mangas e ganhar o mundo, bem-vindo ao time!” |
| Nas Ruas (Carla Zambelli) | “Movimento de combate à corrupção e impunidade”. |
| Organização Contra a Corrupção (Marcos Maher) | “O fim da corrupção e consequente melhoria da vida de todos!” |
| Pátria Livre (Kalina Brito) | “Um grupo que luta contra a corrupção, buscando um Brasil melhor para todos”. |
| Patriotas (Bruno Gazzinelli) | “Somos brasileiros, amamos o Brasil e cansamos de tanta barbaridades e corrupção”. |
| QEP – Queremos Ética na Política (Henriette Krutman) | “Punição (...), defesa da democracia representativa, das liberdades individuais, de opinião e de expressão, dos direitos da cidadania e da liberdade de mercado (...) fim da corrupção sistêmica (...) contrários ao financiamento público de campanhas eleitorais e defendemos o voto distrital puro ou misto”. |
| Reage Brasil | “Contra a onda de impunidade que compromete a unidade e a prosperidade do Brasil”. |

UPB – Unidos Pelo
Brasil (Solange Santos)

Pela pátria, Liberalismo tatcheriano, punitivismo,
militarismo.

Vem Pra Rua (Rogério Chequer)

“Por um Brasil ético, justo, próspero e com valores
sólidos. E, acima de tudo, por um Brasil unido!”

Xô Corrupção!
(Carminha David)

Combate à corrupção, Fora PT, ‘apoiar a execução
de reformas econômicas e políticas que assegurem desen-
volvimento econômico, social, cultural e científico – e for-
taleçam a democracia”.

Elaboração própria.

Anexo I – Manifesto do MBL (primeira versão do manifesto por um Brasil Livre, de abril de 2015)

MANIFESTO POR UM BRASIL LIVRE

SOMOS ADULTOS, ADOLESCENTES E IDOSOS; SOMOS BRANCOS, NEGROS, PARDOS, AMARELOS E ATÉ MEIO ROSADOS; SOMOS EMPRESÁRIOS, EMPREGADOS, AUTÔNOMOS, ESTUDANTES E FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS; SOMOS RICOS, POBRES, CLASSE-MÉDIA; SOMOS HOMENS E MULHERES. SOMOS BRASILEIROS.

E NOS IMPORTAMOS COM OS RUMOS DO NOSSO PAÍS. ACREDITAMOS QUE UM GOVERNO DEVE SERVIR PARA UNIR O SEU POVO, E NÃO CRIAR DIVISÕES ARTIFICIAIS. DEVE TRATAR AS PESSOAS COMO CIDADÃOS, E NÃO COMO SÚDITOS OU PEÇAS DESCARTÁVEIS DE UM JOGO DE TABULEIROS A SEREM MANIPULADAS E MANOBRADAS.

LUTAMOS E TORCEMOS A FAVOR DO BRASIL INDEPENDENTE DE QUAL SEJA O GOVERNO. NÃO IMPORTA A COR OU SIGLA DO TIMONEIRO, ESTAMOS TODOS NO MESMO BARCO. MAS EXIGIMOS MUDANÇAS. CHEGA DE CORRUPÇÃO, CHEGA DE IMPUNIDADE. CHEGA DE DESRESPEITO ÀS INSTITUIÇÕES DEMOCRÁTICAS E AO IMPÉRIO DA LEI.

O QUE QUEREMOS?

IMPrensa LIVRE E INDEPENDENTE, SEM VERBAS OU REGULAMENTAÇÕES GOVERNAMENTAIS QUE INFLUENCIEM SEUS POSICIONAMENTOS
TRANSPARÊNCIA E LISURA NAS INVESTIGAÇÕES DE TODOS OS CRIMES CONTRA A PETROBRÁS, PATRIMÔNIO DE TODOS OS BRASILEIROS
AUDITORIA EXTERNA DAS URNAS ELETRÔNICAS UTILIZADAS NAS ELEIÇÕES
INVESTIGAÇÃO SOBRE A ATUAÇÃO DOS CORREIOS NAS ELEIÇÕES
RESPEITO À SEPARAÇÃO DE PODERES E À ORDEM CONSTITUCIONAL
FIM DOS SUBSÍDIOS DIRETOS E INDIRETOS A DITADURAS

DIA 15 DE NOVEMBRO, NO ANIVERSÁRIO DE 125 ANOS DA PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA, REALIZAREMOS MANIFESTAÇÕES BRASIL AFORA REAFIRMANDO NOSSO COMPROMISSO COM A LIBERDADE, A JUSTIÇA E AS INSTITUIÇÕES DEMOCRÁTICAS, REPUDIANDO QUALQUER TENTATIVA DE ATAQUE A ELAS.

Fonte: Página de Facebook do MBL

Anexo II – Como organizar uma manifestação (transcrição de aula interna de alinhamento entre militantes) (por Ricardo Almeida)

"1) Organização de ofícios e comunicação: modelos, redação, protocolo: Comunicar, através de ofício, as autoridades responsáveis (geralmente o comandante da PM). O grupo oferece modelos de ofício para esse propósito. Recomenda-se direcionar ofício também à empresa de transporte local. O procedimento deve ser ágil para evitar que outros grupos assumam o comando do protesto, sob a 'autoridade' de quem chegou primeiro'. (...) Pegue o telefone das pessoas, procure saber quem é o comandante. A gente tinha uma excelente relação com o comandante da PM lá da Barra, que sempre autorizava tudo e ele próprio ia às manifestações para regular. A gente chegava lá, conversava com ele, agradecia no trio o trabalho da PM, citava o cara. Sempre teve uma boa relação com as autoridades policiais. Afinal de contas, a gente não é revolucionário, não quer destruir a ordem.

2) Organização da divulgação virtual: Facebook, WhatsApp, Instagram, Impulsioneamento: regras e eficiência: 99% do trabalho da manifestação é divulgar, fazer com que as pessoas cheguem no lugar e fiquem ali. Geralmente escolhe-se um fim de semana, estipula-se data, local e horário. Procure saber se há outros envolvidos na mesma manifestação e, se a relação for boa, entre em contato e marque em conjunto. Crie um evento no *Facebook* com uma arte personalizada e comece a convidar todo mundo que for de direita e de centro. Comece por seus amigos, e, se puder, mande uma mensagem individual genérica, por exemplo: 'amigos, temos que salvar o Brasil. Se não sairmos nas ruas, o Brasil vai acabar etc. etc.'. Faça uma mensagem bem estrambólica, bem agoniada para a pessoa achar que ela tem que ir, se não já era. Comece a disparar essa mensagem. Se não puder fazer isso de maneira patrocinada, vai no dedo mesmo, sempre com o link do evento, e mandando a pessoa entrar no evento e convidar todos os amigos dela. Monitorem o evento, que deve estar crescendo até o dia da manifestação. Divulgação pelo WhatsApp é também obrigatória. Há que fazer um meme com os dados básicos, chamando para a manifestação. Isso tem que ser disparado em todos os grupos, de preferência para cada pessoa do grupo. Nós chegávamos a disparar mensagens para 3 ou 4 mil pessoas 'no dedo', pessoa a pessoa. Isso funcionava muito bem. Meu celular é entupido de grupos de direita justamente por causa disso. Eu usava esses grupos para a divulgação. Recomenda-se que ao menos uma pessoa do núcleo tenha 'uma cassetada' de grupos, fora os grupos do MBL. Porque nesses grupos estão as pessoas. No *Instagram*, deve-se colocar o meme no perfil do Instagram daquela cidade. Por último, o impulsioneamento é fundamental. Se surgiu uma manifestação, conversa com as pessoas e levanta um dinheiro e le-

vanta um dinheiro. E não pode ser muquirana, dizer que não tem dinheiro. Tem dinheiro sim! Se você não está morando debaixo da ponte, você tem dinheiro. Pega pelo menos R\$50, tenta ver todas as pessoas, cria um meme para doação e vai passando. Quando juntar R\$300, já se começa a impulsionar. Não impulsionem eventos nem página! O mais importante é impulsionar o meme. O Google mostra como faz pra impulsionar no Facebook. Para não perder dinheiro, faça uma seleção do público que você quer. Use as ferramentas para selecionar por interesses das pessoas (ex.: Bolsonaro, direita, MBL), por idade (de 20 a 50 e pouco, que é o grosso. Os velhos também vão muito nessas manifestações). Às vezes eu botava homem e mulher, às vezes eu só botava para homens, porque nas manifestações de direita há uma prevalência de homens. Assim você impulsiona. Não coloque só em um dia, se tiver pouco dinheiro, coloque em vários dias. Deixa isso correr ao longo de 4 ou 5 dias. Não faça no início, mas do meio para o fim do mês de organização. Sempre com um meme bonito. Verifique todos os dias a quantidade de pessoas que compartilharam e a quantidade de pessoas que curtiram. É muito importante ter um pequeno texto no início, mandando as pessoas compartilharem, e sempre num linguajar desesperado (compartilhem se não já era, 'Lula vai voltar', 'o Lula vai matar a família de vocês', uma coisa assim forte, não coloque um texto sobre democracia, república... isso é frescura).

3) Como organizar atos de divulgação: a) Faixa; b) Lambe-lambe; c) Cartazes.

“Para uma manifestação boa ser bem organizada, é necessário pelos um mês ou mês e meio. Por isso que o VPR ter se antecipado é um erro categórico. Um ato não precisa de tanto tempo. O [Marcelo] Carratú pode mandar vocês fazerem um ato daqui a 3, 4, 6 dias. Isso é possível porque um ato é menor. Existem inúmeros atos que podem ser feitos. Existem atos muito criativos, muito interessantes e existem atos básicos. Vamos falar de atos básicos:

a) Um ato simples que a gente fez foi a confecção e a exposição de faixas. A gente fazia as faixas, colocava-as nos viadutos. 'Não pode!'. Eu sei que não pode, mas a gente fazia. Colocava as faixas nos viadutos, tirava muitas fotos das faixas e lançava essas fotos para a imprensa. Isso também é importante. Se vocês não têm mailing de jornalista, providenciem! Isso é fundamental. Vocês têm que ter e-mail de todos os jornais da cidade ou estado de vocês. Se virem e arranjam esse mailing dos jornalistas. Isso é muito importante porque as matérias aparecem se os jornalistas ficam sabendo, e isso se você mandar os fatos. Eu tinha um grupo que era uma lista de transmissão só dos jornalistas, uns 40 jornalistas da Bahia. Todo mundo estava lá. Funcionou bastante. Gerou bastante mídia no período por conta disso. Ter os telefones dos jornalistas é fundamental. Voltando à faixa. O que é preciso fazer numa fai-

xa: comprar o pano (não precisa faixa plotada, é caro e não é necessário). Pano largo e bem comprido, 8m ou 16m se quiser uma faixa gigante. Compra tinta preta e pincel e bota lá a mensagem que você quer: 'Pec 410! Se não o Lula volta!'. Mensagem simples, direta. Botou isso num viaduto de maior movimento na cidade. Tira um bocado de fotos, manda pro jornalista e deixa lá no viaduto. A polícia vai tirar depois, mas vai ter carro passando, as pessoas vão ver. 'Que porra é essa? Lula vai voltar?'. Entendeu? Os transeuntes vão passar, olhar, ficar surpresos. Isso gera um 'bafafá' e é barato. Lembrando que a faixa no viaduto tem que colocar de noite. Vá depois das 11:00 da noite. Se a cidade for perigosa, você reza e tal. Não vai acontecer nada, com fé em deus. E vai lá e coloca a faixa. (...) Não precisa colocar que foi o MBL.

b) Lambe-lambe. Foram feitos vários na época do impeachment. Lambe-lambe é um negócio que você faz uma cola, pode olhar aí no google como faz a receita. E aí você manda fazer numa gráfica várias folhas de ofício com alguma coisa que você quer mostrar. Ex.: A Pec 410 com a Lula saindo da cadeia, uma coisa desse tipo. Pega esses lambe-lambes e vai, de noite, pregando nos postes. Também é barato. Com qualquer R\$300 você faz um bocado de lambe-lambe.

c) Cartazes. Se for fazer um ato pequeno, para reunir, sei lá, 15 pessoas na frente de um lugar. Vocês têm que escolher lugares simbólicos. No caso da Pec, o Tribunal de Justiça, se a cidade for pequena, a prefeitura. Um lugar que signifique algo. E aí vocês vão com os cartazes, fazem os cartazes, também super fácil. Cartolina, hidrocor, fazer o cartaz e levar as pessoas e sempre tirem foto, isso é fundamental. Muita foto, muito vídeo e mandem para os jornalistas e para os grupos de WhatsApp. *O mais importante nesses atos não é o ato em si, é a divulgação do ato depois.* Vocês têm que gerar material em cima do ato para divulgar, para que as pessoas saibam que houve um ato. E aí elas vão ser influenciadas não porque elas estavam no ato, se o ato é pequeno. Elas vão ser influenciadas porque elas viram que teve o ato. A influência é indireta. Já a influência da manifestação é direta, as pessoas estão lá no local, em grande quantidade. Então vocês têm que produzir muito material.

4) Organização: escolha de local. Tem que ser um local conhecido da cidade, central, em que as pessoas afluam. (...) Roubar lugares da esquerda é uma maravilha. Depende da cidade onde você está. Se você nunca fez manifestação na cidade e ali a esquerda costuma fazer manifestação num lugar 'x' porque é um lugar muito bom, onde as pessoas vão, você bota um ofício e faz lá! Se você acha que não vai ter treta ou confusão. Em São Paulo, no Largo da Batata é sempre a esquerda que faz, e a gente sempre faz na av. Paulista. Em Salvador tam-

bém. Em Campo Grande a esquerda fazia e em Farol da Barra a gente fazia. (...) Não tem fórmula pra lidar com a apatia. Você vai ter que divulgar a manifestação com as pessoas dizendo que isso não vai servir para p* nenhuma e que elas nem vão, e você tem que continuar a divulgar. Era assim no início do impeachment. (...) A gente via toda aquela quantidade de gente mas não é que a mobilização era extasiante, havia também muita apatia, havia momentos em que você pedia dinheiro e não davam um centavo, tinha que tirar do nosso bolso. Se a nacional estabelecer que vai fazer, faça! Não criem dificuldade. No duro, dá pra fazer, tudo é possível. Se tivesse alguém com uma arma na sua cabeça dizendo: 'ou você faz a manifestação ou você morre', você não fazia a manifestação? Então! Estabeleceu data, o importante é isso, todo mundo tem que fazer! Porque se tiver um ato na data 'x', tem que ter 100, 150, 200 cidades fazendo ato na data 'x', se não, não adianta nada, vira grupo de WhatsApp.

5) Vídeos e instruções: Se vocês forem fazer uma manifestação grande, com muita gente, façam todos um vídeo de instruções para o público. Um vídeo de 2 ou 3 minutos. 'E aí pessoal, vamos fazer uma manifestação, estão todos convidados. É pacífica, podem levar parentes, crianças, não vai ter nenhum problema. Estaremos lá com o apoio da polícia, segurança garantida'. Aí você explica a ideia da manifestação. Vídeo instrui. Para deixar o cidadão de bem tranquilo, para que ele possa ir e não ache que vai ter quebra-quebra, confusão.

6) Como evitar problemas com a PM: Se for um ato grande, alguém do grupo tem que levar a cópia do ofício. Levem a cópia do ofício, nem que deixem uma pasta no carro com uma cópia do ofício. É importante porque se tiver alguma coisa, um problema, a esquerda chegou dizendo que é um absurdo... Você mostra: eu tenho um ofício aqui com autorização. Leve sempre com você o ofício. Se possível, tenham contato com o chefe de operações da PM que vai fiscalizar a segurança do local. Se tiver no carro de som, agradeça o cara, seja educado, para que se crie uma boa relação. Fale com o cara antes e depois. Com essas simples regras, você não vai ter problema com a polícia.

7) Como evitar problemas com outros grupos [de direita]: Isso varia de local pra local. Na Bahia, conseguimos estabelecer relações de cordialidade com todos os grupos que faziam manifestação antes de chegar a mulher de Bolsonaro, Dayane Pimentel. Quando ela chegou, deu confusão. Então uma das maneiras de evitar problemas com os grupos é conversar. (...) Se a relação estiver muito ruim, pra evitar problemas com os grupos você divulga e faz tudo sozinho. Se a nacional fizer com o VPR, aí você procura a liderança do VPR local, converse, e faz com essa liderança. Mas se a liderança for um louco radical, você esquece o

VPR e faz a 'parada' sem eles. Caso o ato seja pequeno, não precisa fazer com outros grupos, dá pra fazer só como MBL.

8) Pautas e discursos: Tendo manifestação, é preciso que tenha pessoas para fazer os discursos. Nisso vocês vão ter problema. Se você tiver um trio numa manifestação, vai aparecer um bocado de gente querendo falar no seu trio. As pessoas vão querer subir, elas vão querer falar, se você não deixar elas vão se irritar. Estabeleça uma regra. Não pode falar ou só pode falar quem representa uma associação ou uma instituição. Discurso rápido. Isso pra manifestação grande. Pega a pessoa melhor do grupo de vocês e bota ela pra discursar. É essa pessoa que tem que segurar o máximo tempo possível na manifestação na garganta, nos discursos. Se não tiver ninguém tão predisposto a discursar, antes de fazer a manifestação, anota, escreve, faz um *brainstorm* do que se vai falar, estude a pauta, procure saber do que se trata para você chegar lá e poder fazer um bom discurso.

9) Música e sonorização: Muito simples. Pega um pen drive, bota algumas músicas de direita. O MBL disponibiliza, o VPR antigamente disponibilizava também uma série de músicas (que não eram muito boas). Banda Loka Liberal... Você faz a playlist ali e toca. Tem que ter um hino do Brasil, afinal de contas nós somos patriotas e brasileiros. Mas não fica só na música senão vira festinha. Tem que ter o discurso.

10) A necessidade de remobilizar: Eu tenho visto e sinto no ar que todos os grupos de direita estão muito desmobilizados e o MBL não é exceção a essa regra. Tá todo mundo menos enérgico pras coisas do que era na época do impeachment, quando o pessoal era até um pouco histérico. Qualquer coisa que acontecia, tinha que sair pra rua. Hoje a gente não vê mais isso. Se eu abro um grupo de líderes, o que mais tem é conversa, a pessoa batendo papo. 'Eu acho isso...'. Isso é muito ruim, porque a desmobilização faz com que o movimento perca força. E aí não importa se o movimento lança livro, filme... Pode lançar o que for, não interessa. A base do MBL é ser um movimento de massas organizado, de atos, de enfrentamento e de pressão popular sobre políticos. Essa é a base do movimento. Se ele perde essa força, todo o resto do movimento vai cair. Pode demorar, mas vai cair. E para que isso seja viabilizado, é necessário que as pessoas estejam mobilizadas, que a nacional se mobiliza mais, mas que as filiais se mobilizem também. E não inventem desculpas, não coloquem dificuldades artificiais dizendo que não pode, não dá. No início do processo de impeachment, as coisas eram muito mais difíceis. O MBL tinha uma página ridícula de menos de 50mil curtidas, não tinha dinheiro, não tinha meta nenhuma, as pessoas não sabiam fazer manifestação, era tudo muito precário, e tudo foi feito. Claro que havia uma atmosfera histórica poderosa, mais do

que a gente vive hoje. Mas houve da parte dos líderes originários um fogo, um afã que foi se perdendo, e a galera que entrou depois eu não vejo tendo muito. Então é necessário voltar a ter isso. Quanto o [Marcelo] Carratú anunciar um ato, não é ficar dizendo porque a gente não pode fazer, é ficar vendo porque é que a gente tem de fazer e como, de que maneira vai ser feita. E a predisposição inicial não pode ser de negação, mas da ação. É se predispor à ação e pensar estrategicamente. Se não tiver isso, o movimento vai ficar patinando, a direita vai ficar patinando.

11) O problema da desmobilização e suas consequências: A consequência maior da desmobilização é o fim da direita. Porque a direita não tem universidades, não tem academia, não tem sindicato, não tem nada. A direita tem o apoio pulverizado da população, e agora tem um partido, que é o partido Novo, que também não tem muito dinheiro porque ele vive de doadores (em última instância, também do apoio pulverizado da população). Tem o MBL, que também vive do apoio pulverizado da população, porque é dinheiro de doadores (a mesma coisa) e tem algumas pessoas eleitas, que, por sua vez, também vivem desse mesmo apoio, porque não tem base de ter um bocado de vereador, de prefeito pra sustentá-las. Em resumo, o pouco que a direita tem mas que aparece em todo canto depende fundamentalmente do apoio pulverizado da população mobilizada. Sem isso, não tem nada. Como consequências menores, a gente tem a perda do sentido do movimento, do sentido das coisas. Se você tem um movimento de massa, de mobilização que não se mobiliza, você não tem nada. É igual a ser um garoto de programa que não come ninguém ou um padre que não reza missa (...). É imprescindível que a força de mobilização seja sentida, e a sociedade perceba que o MBL tem força de mobilização, que sacode as coisas. Porque foi isso que construiu a imagem do movimento.”

Anexo III – Carta do povo brasileiro (dos "movimentos que querem tornar este país uma Nação")

"BRASILIA, 15 de abril de 2015

Às suas Excelências senhores Deputados Federais, senhores Senadores, senhor Presidente da Câmara dos Deputados e senhor Presidente do Senado.

A democracia brasileira está fragilizada. A República está em risco. E o povo brasileiro está farto.

O povo cansou do desrespeito e da incompetência de alguns políticos e governantes
brasileiros e exige mudanças já.

AS RAZÕES

Vivemos um quadro assustador de corrupção no seio dos poderes constituídos. A corrupção é histórica, sim, e nem por isso admissível. Há 12 anos, porém, ela se tornou sistêmica e se institucionalizou na máquina pública em níveis sem precedência, como nunca antes visto. Um câncer a comer as entranhas já podres do país. Os sucessivos escândalos nos órgãos e empresas públicas vêm à tona e envergonham a nação. Agravado pela impunidade reinante, nós, cidadãos brasileiros, vivemos uma sensação de desesperança. A justiça não consegue cumprir seu papel de forma neutra e sem interferências de outros Poderes. O Executivo, tentando proteger suas bases de apoio político, interfere no livre andamento das investigações que deveriam ser conduzidas imparcialmente pelo Judiciário. Quando passamos a acreditar que malfeitores pudessem ser penalizados, assistimos, incrédulos, ao tratamento privilegiado a políticos criminosos, que não mais se encontram onde deveriam estar: junto aos outros contraventores, presos. O Brasil, ao tratar de forma diferenciada políticos e trabalhadores, não conseguiu deixar de ser um país injusto.

A associação da corrupção com a impunidade impede o Brasil de se tornar um país desenvolvido.

O povo brasileiro, cansado e indignado, quer dar um BASTA nisso.

A ineficiência da gestão pública é outro tumor maligno que adoece o país. É responsável por fazer do Brasil um país desigual, mais pobre, e estagnado. O Brasil não suporta mais o inchamento, o amadorismo e o clientelismo das máquinas públicas, o conhecido “toma-lá-dá-cá”. No plano federal, as contas não fecham. A Lei de Responsabilidade Fiscal, depois de desrespeitada, foi alterada para acobertar o crime cometido pelo Governo Federal e pela Presidente.

Obras, quando finalizadas, são entregues a custos inaceitáveis, ofensivos para os reais financiadores, os contribuintes. O excesso de servidores comissionados agride os cofres públicos e a mínima decência. Programas sociais são descontinuados. Os que continuam têm um claro e explícito ar eleitoral. Os programas sociais condenam os mais carentes à escravidão em lugar de promover-lhes o crescimento. A lógica é da universalização dos benefícios e não das oportunidades. A saúde vive eternamente na UTI. Brasileiros morrem diariamente nas filas do SUS.

A violência urbana cresce em escalada incontida, principalmente nas periferias, matando principalmente crianças e adolescentes, que perdem a vida na guerra diária das drogas. Mais de 50.000 mortes violentas por ano denunciam a falência completa da ordem pública. É uma guerra não anunciada. O sistema público educacional não consegue cumprir sua função maior de formar cidadãos conscientes de seus direitos e deveres. Não forma alunos preparados para ingressar no ensino superior. Não capacita os jovens a ser profissionais qualificados. A economia enverga. Os empregos somem. A inflação cresce. A moeda se desvaloriza. Administra-se por contingências — em um eterno apagar de incêndios. Aumentam-se as tarifas, os preços controlados e os impostos. E o pior: para reparar seus maus feitos, o governo pede ao povo para pagar a conta da ineficiência.

Pagamos impostos a fundo perdido. Impostos que não voltam à sociedade na forma de serviços básicos de qualidade. Tributos, que deveriam servir aos interesses e necessidades do povo, principalmente dos mais carentes e necessitados, são desviados, via corrupção, para enriquecimento próprio, para o populismo, para a conquista e manutenção de poder.

O governo federal está sem rumo. O povo brasileiro, farto e escorraçado, quer dar um BASTA nisso.

No campo da moralidade, a ética e a decência desapareceram. A mentira passou a ser procedimento costumeiro nos pronunciamentos do governo federal à nação. A trama da manipulação de dados é um aliado habitual para justificar os consecutivos erros. Contabilidade criativa é o eufemismo que se usa para explicar o injustificável. Não existe transparência nos atos e nas contas. Não existe por parte do governo o reconhecimento dos equívocos e de suas fragilidades. Não existe pudor.

A falta de vergonha com que se diz a mentira como se fosse verdade é cínica e abusiva. Assustadoramente, criamos uma geração de crianças e jovens que assistem à mentira como padrão de comportamento de governantes, geralmente acompanhado de enriquecimento pessoal. Exemplo maior ocorreu nas eleições de 2014, quando a presidente Dilma Rousseff deflagrou o mais escancarado estelionato eleitoral da história do Brasil. O partido do governo, além de ser conivente com estas práticas, trata seus membros criminosos como ídolos e continua a lhes atribuir poder. O Partido dos Trabalhadores teve 13 anos de poder para mudar o Brasil, conforme prometeu em sua carta ao povo brasileiro em 2002. Ele recebe agora, do mesmo povo, uma carta que repudia a situação na qual o país foi deixado.

O povo brasileiro, desrespeitado e inconformado, quer dar um BASTA nesse estilo ilegal, ilegítimo e antiético de fazer política.

Escondem-se do povo inaceitáveis associações internacionais que ameaçam a democracia. O governo brasileiro patrocina, através de supostos investimentos e aberta ideologia partidária, países totalitários e populistas, organizados através do Foro de São Paulo. Este clube reúne todos os partidos de extrema esquerda da América Latina e Caribe, além de possuir visíveis indícios da participação de organizações criminosas e terroristas, como as FARC. O ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, com forte influência no atual governo para o qual fez campanha, vem há anos, neste clube, idolatrando as práticas de líderes totalitários, entre outros da Venezuela, como Hugo Chávez e Nicolas Maduro.

O povo brasileiro não mais ignora este projeto e educa-se politicamente para discernir o certo do errado.

Quem deveria resolver estes graves problemas do Brasil?

A REPRESENTATIVIDADE

Como representantes constituídos pela sociedade, resta a Suas Excelências o DEVER de atuar na solução destes problemas.

A trágica realidade brasileira, agravada por um sistema político com fortes traços populistas, e que não tem a sociedade como principal beneficiária, vem há uma década indignando o povo brasileiro, que não mais aceita ser apenas um coadjuvante no projeto do governo.

E O POVO ACORDA

Cansados deste cenário frustrante, ao longo dos últimos anos, vários movimentos democráticos e apartidários lideram nas redes sociais campanhas maciças de conscientização do povo para as grandes questões políticas e sociais. Em 2013, grupos saíram às ruas em protesto contra atos do governo federal, da classe política e do judiciário. Diante da situação que passou de grave a inaceitável, a partir de outubro de 2014 movimentos passaram a sair às ruas de forma consistente e organizada. Até fevereiro de 2015, foram seis manifestações de massa, e vários atos públicos simbólicos em dezenas de cidades por todo o país.

Diante da ausência de resposta do governo e do Congresso, em março e abril de 2015, num espaço de quatro semanas, o povo saiu às ruas nas duas maiores manifestações espontâneas da história da América Latina. Elas ocorreram em mais de 450 cidades por todo o Brasil, em todas as regiões. Trouxeram às ruas mais de três milhões de brasileiros de todas as classes sociais, indignados com o desrespeito do governo e da classe política. A voz das ruas

é uníssona: desaprovação ao governo federal; solicitação de julgamento neutro e condenação de todos os envolvidos em crimes de corrupção; repúdio e revolta às manobras descomprometidas com a justiça e a verdade, protagonizadas por membros da mais alta corte da justiça brasileira.

Os históricos protestos, mesmo envolvendo milhões de pessoas, foram pacíficos, democráticos, cívicos e ordeiros. O povo vai às ruas na esperança de ter sua voz e seus pleitos ouvidos por aqueles que constitucionalmente estão na condição de representantes de seus interesses. Verdade legal que, hoje, desperta dúvida real, uma vez que o próprio representante que não dá a devida atenção a tais pleitos, põe em questionamento tal legitimidade.

Note-se que para cada uma das grandes manifestações de março e abril o Governo Federal e o Partido dos Trabalhadores também chamaram, em datas próximas, seus simpatizantes para virem às ruas. Em março, o número de pessoas pró-governo foi 40 vezes menor que os manifestantes contra o governo. Em abril foi 100 vezes menor e acompanhado de violência.

A proporção entre os movimentos de rua pró e contra governo demonstra o sentimento e o posicionamento da sociedade diante da grave situação política, econômica e ética do país. Diante disso, os representantes do povo devem agir.

PROPOSTAS CONCRETAS

Atendendo a urgência que o momento exige, viemos, neste instante, apresentar ao Congresso Nacional a primeira pauta de reivindicações da agenda construtiva para um novo Brasil:

1) Enfrentamento real da corrupção através do fim da impunidade:

- a) aprovar, prioritariamente, as 10 medidas de combate à corrupção apresentadas pelo MPF;
- b) submeter os acordos de leniência à anuência do Ministério Público;
- c) apoiar incondicionalmente o Juiz Sergio Moro, o Ministério Público Federal, e a Polícia Federal nas investigações da Operação Lava Jato;
- d) agravar as penas para corrupção, aprovando-se o projeto de lei 915, que cria o crime de Lesa Pátria;
- e) fortalecer a Polícia Federal para combater a corrupção;

f) indicar servidores concursados, de carreira, idôneos, com amplo reconhecimento e competência comprovada, para os cargos do STF, STJ, TCU, STM, MPF e TSE, com prazo de mandato definido e com posterior quarentena;

g) Senado exercer papel de controle efetivo da capacidade dos indicados acima, por meio de sabatina, com critérios objetivos de imparcialidade, convidando técnicos da OAB, CNJ e MPF para compor o grupo avaliador;

h) Implementar eleições diretas por entidades representativas para escolha dos Procuradores-Gerais, com o fim de listas tríplices e escolhas arbitrárias pelo chefe do Executivo;

g) afastar o ministro Dias Toffoli do STF e TSE por não atender ao critério de imparcialidade;

2) Sobre a Presidência da República

a) Pedir ao STF e ao Procurador Geral da República a abertura de investigação por crime comum da cidadã Dilma Vana Rousseff;

b) apreciar com transparência os pedidos de impeachment contra a presidente Dilma Rousseff apresentados ao Congresso;

3) Choque de ordem e transparência na gestão pública:

a) Abertura total dos contratos de empréstimos realizados pelo BNDES, fim de empréstimos do BNDES a outros países e a empresas doadoras em eleições. Rejeição da MP 661;

b) reduzir o número de ministérios, o número de cargos comissionados e o tamanho da máquina pública;

c) transparência nas contas de todas as empresas públicas ou com participação societária do estado brasileiro;

d) total transparência e redução dos gastos de parlamentares e governantes, incluindo os cartões de crédito governamentais;

e) “Revalida” para todos os médicos estrangeiros atuando no Brasil;

f) redução e simplificação dos impostos.

4) Educação

- a) Qualidade total na educação básica, sendo a mesma universal e meritocrática;
- b) fim da doutrinação ideológica e partidária nas escolas. Aprovação do PL 867/2015, “Escola Sem Partido”.

5) Ajustes no processo político eleitoral

- a) Maior justiça, legitimidade e representatividade nas eleições pela implantação do Voto Distrital;
- b) Eleições com registro eletrônico e impresso do voto, auditáveis por empresa idônea e partidos;
- c) revisão do financiamento público de campanhas. O Estado não suporta mais patrocinar a atual farra eleitoral;
- d) Mandato único – Fim de reeleição para todos os cargos executivos.

É importante frisar que novas pautas serão apresentadas e outras complementadas, nas próximas semanas, vindas do diálogo com as ruas, e conduzidas pelos vários movimentos democráticos, ressaltando que repudiamos qualquer tipo de controle da mídia ou limitação na liberdade de expressão irrestrita de todo e qualquer brasileiro.

O POVO QUER AÇÕES, NÃO PROMESSAS

A expectativa do povo brasileiro é que o Congresso Nacional não os abandone em seu dever moral e constitucional, encaminhe e execute essas demandas do povo brasileiro. Cada parlamentar, individualmente, deve se comprometer publicamente com o povo a promover esta execução de forma sistemática e organizada, com agenda e pauta e encaminhar as demandas com a rapidez que o momento exige. Não queremos discursos nem promessas. Queremos ação efetiva em busca de soluções que signifiquem avanços políticos e sociais para o Brasil através dessas demandas. Queremos proatividade, rapidez, objetividade e determinação em executá-las.

As bases para a construção de um novo presente e futuro para nossa nação estão lançadas. Elas levarão nosso país para onde os brasileiros já mereciam estar há muito tempo.

Acabou-se o tempo do conformismo. Os trabalhadores brasileiros não mais tolerarão políticos que governam para causas próprias. Não mais assistirão impassíveis às manobras que visam à manutenção do poder. Não mais aceitarão um governo mentiroso.

BASTA de desrespeito.

Estaremos atentos às ações do Congresso a partir de hoje, para observarmos qual a prioridade que ele dará à execução expressa das reivindicações das ruas. Estaremos igualmente atentos às ações do Executivo e do Judiciário, que têm papel de protagonismo em várias das reivindicações apresentadas. Os resultados efetivos que os três poderes atingirem na execução das demandas apresentadas levarão os brasileiros a decidir como proceder daqui para frente.

Os Movimentos de rua, que aglutinaram milhões de brasileiros indignados, continuarão a atuar quando necessário, seja em caráter de massa ou local, sempre de forma ordeira, constitucional e incisiva.

Exigimos um país politicamente mais ético, economicamente mais forte, socialmente mais justo. Não aceitaremos nada menos do que isso.

Um Brasil do qual seu povo, nesta e nas próximas gerações, possa finalmente se orgulhar.

Brasília-DF, 15/04/2015

Anexo IV – Teste de Personalidade (Academia MBL)

"O oráculo de Delfos trazia a arcaica inscrição: conhece-te a ti mesmo. Conhecer a si mesmo é o caminho para saber explorar seu potencial genuíno. Agora é a sua hora de trilhar essa nova senda conosco. [...] A partir de agora você deve descrever a si mesmo como é agora, não como você gostaria de ser.

1. Tomo posições firmes diante de forte oposição
2. Tenho dificuldade em fazer os outros trabalharem juntos
3. Não gosto de aprender coisas novas
4. Gosto de resolver problemas complexos
5. Sou bom em fazer discursos de improviso
6. O treinador de futebol de João decide que todos no time devem usar chuteiras pretas, mas no dia da partida ele aparece usando chuteiras brancas
7. Evito lidar com emoções desconfortáveis
8. Tento fazer todos do grupo se sentirem incluídos
9. Faço esforço extra para ir a eventos educacionais
10. Geralmente fico nos bastidores

11. Tenho dificuldade em compreender ideias abstratas
12. Fernanda promete à sua mãe doente que visitará seu túmulo todos os meses. Após o falecimento da sua mãe, Fernanda acha difícil encontrar tempo para visitar o túmulo e sua visita acaba sendo uma por ano.
13. Não hesito em expressar opiniões impopulares
14. Não sou bom em tomar conta de um grupo de pessoas
15. Não gosto de visitar museus
16. Não me importo em ser o centro das atenções
17. Evito discussões filosóficas
18. Um tenente do exército negligencia um relatório sobre o assassinato de um civil provocado pelas suas tropas porque ele sabe que foi um acidente
19. Evito lidar com situações constrangedoras
20. Sou bom em ajudar as pessoas a trabalharem bem juntas
21. Fico animado quando aprendo coisas novas
22. Acho difícil me aproximar dos outros
23. Sei de respostas para muitas perguntas
24. Quando o time de futebol de Daniel vai jogar contra o time de uma outra nação, ele canta o hino nacional do outro time, ao invés do seu
25. Parto pra ação enquanto os outros falam
26. Não sou bom em planejar atividades em grupo
27. Não leio livros de não-ficção por diversão
28. Tenho habilidades de liderança
29. Me considero uma pessoa mediana
30. Júlia pede aos seus amigos para não confraternizarem com Carlos, seu ex-namorado, já que ele a traiu com outras mulheres. Três semanas depois, Melissa, amiga de Júlia, está saindo com Carlos
31. Não defendo minhas crenças com unhas e dentes
32. Me dizem que eu sou um líder forte e justo
33. Anseio pela oportunidade de aprender e crescer
34. Tenho medo de dar discursos em público
35. Desafio o ponto de vista dos outros
36. Ana herdou uma bandeira velha de seu país quando seu pai faleceu, mas nunca a usou. Um dia, quando Ana estava limpando a casa, ela descobriu que está sem panos de chão, então ele usou a bandeira como um pano para limpar a casa
37. Enfrento meus medos

38. Me considero um eterno aprendiz
39. Consigo facilmente associar fatos que parecem não ter relação
40. Tenho uma personalidade forte
41. Não falo livremente o que penso quando isto pode gerar consequências negativas
42. Tento fazer felizes os membros do meu grupo
43. Leio o tempo todo
44. Não me interessa em ficar especulando sobre o sentido das coisas
45. Não gosto de ser o centro das atenções
46. Quando eu ouço alguém falar algo maldoso eu falo contra
47. Consulto a biblioteca ou a Internet imediatamente se quero conhecer alguma coisa
48. Me sinto confortável ao redor das pessoas
49. Não me interessa muito por discussões teóricas
50. Eu sou corajoso (a)
51. Leio uma grande variedade de livros
52. Faço perguntas que ninguém mais faz
53. Tenho pouco a dizer."

Anexo V – Cronologia política do recorte temporal da pesquisa (jun. 2013 – nov. de 2020)²⁸⁴

2013

6 de junho de 2013. Primeiro ato contra o aumento das passagens de transporte urbano em São Paulo. O movimento estima o público em 5 mil pessoas. A PM, em 2 mil. O confronto é violento. O segundo ato é marcado para o dia seguinte.

7 de junho de 2013. Segunda passeata do MPL em São Paulo, no Largo da Batata.

11 de junho de 2013. Nova manifestação em SP reúne 12 mil manifestantes. Um policial que fazia a segurança do Tribunal de Justiça, na Praça da Sé, é espancado. Um ônibus é incendiado na Avenida Rangel Pestana. A Tropa de Choque é acionada, e vinte pessoas são presas.

²⁸⁴ Elaboração baseada em levantamento próprio, e consulta complementar a Tatagiba, 2018.

- 13 de junho de 2013.** Recrudescimento da repressão policial. Cerca de 50 pessoas são detidas antes mesmo de a manifestação começar em São Paulo. Jornalistas, manifestantes e pedestres são atingidos no rosto com balas de borracha. 105 pessoas ficam feridas.
- 14 de junho de 2013.** Governador Geraldo Alckmin (PSDB) defende a ação policial e chama os manifestantes de vândalos. A violência da PM faz a sociedade civil tomar partido em defesa das manifestações.
- 16 de junho de 2013.** Protestos pelo mundo: no fim de semana após a "quinta-feira negra" (dia 13/06), estudantes e imigrantes brasileiros de 27 cidades do mundo fazem manifestações pacíficas em defesa dos manifestantes contra o aumento das tarifas em São Paulo. Os maiores atos ocorrem em Dublin (Irlanda) e Berlim (Alemanha).
- 17 de junho de 2013.** Manifestações se espalham pelo País e políticos viram alvo. Os protestos reúnem 230 mil pessoas em 12 cidades. Em Brasília, o teto do Congresso é ocupado e há tentativa de invasão; estima-se que 10 mil pessoas protestaram na Esplanada dos Ministérios. No Rio, de Janeiro o ato mira a Assembleia Legislativa. A PM responde com munição real: três pessoas são baleadas. Em São Paulo, o quinto protesto tem 50 mil pessoas.
- 18 de junho de 2013.** O sexto protesto contra a tarifa em São Paulo é marcado por destruição e saques nas ruas do centro histórico. A PM decide não intervir, e a Prefeitura sofre tentativa de invasão e de incêndio. Jornalistas são atacados por manifestantes. O protesto tinha cerca de 50 mil pessoas.
- 19 de junho de 2013.** Depois de 14 dias de mobilização, as Prefeituras do Rio e de São Paulo, e o governo paulista, cedem às pressões e revogam o aumento das tarifas.
- 20 de junho de 2013.** Mais de 1 milhão de pessoas saem às ruas em mais de 100 cidades por todo o País. Dilma convoca ministros e o PT para debater a situação. Ocorre a primeira morte devido aos protestos.
- 21 de junho de 2013.** Dilma Rousseff fala por 10 minutos em rede nacional e propõe "cinco pactos" para melhorar saúde, educação e transportes, além de uma constituinte para realizar a reforma política. Manifestações pela criminalização do aborto e redução da maioria penal fazem o MPL anunciar sua retirada das ruas.

24 de junho de 2013. Após reunião com representantes das manifestações, Dilma propõe promover reforma política, adotar medidas de responsabilidade fiscal, e aumentar investimentos em saúde, transporte público e educação.

25 de junho de 2013. Em meio à onda de protestos no país, a Câmara derruba a PEC 37, que impedia o Ministério Público de promover investigações criminais por conta própria. O PEC é rejeitado sob o argumento de ser antidemocrático.

26 de junho de 2013. Governo Federal desiste de convocar constituinte para realizar a reforma política. As manifestações remanescentes concentram-se no Rio, contra a violência policial.

17 de julho de 2013. Surge a página do MBL, que propõe a formação de partido novo.

5 de agosto de 2013. Investigações sobre a formação de cartel nas licitações do Metrô ganham os noticiários, conduzidas pelo CADE. São alvo de investigação o Metrô de São Paulo e do Distrito Federal, e a CPTM.

11 de setembro de 2013. Dilma sanciona a lei que destina 75% dos royalties do petróleo e 50% do Fundo Social do Pré-Sal para a educação.

2014

17 de março de 2014. Deflagrada 1ª fase da Operação Lava Jato da Polícia Federal.

22 de março de 2014. É realizada a Marcha da Família com Deus, contrária o governo do PT. Cerca de mil pessoas participam da Marcha, segundo estimativas da PM.

14 de maio de 2014. Instalação da CPI da Petrobrás no Senado.

05 de junho de 2014. Relatório da Anistia Internacional aponta abuso policial em protestos de junho de 2013.

21 de outubro de 2014. Em depoimento de delação premiada prestado para a Polícia Federal e o Ministério Público, Alberto Youssef implica Lula e Dilma no escândalo da Petrobrás. O caso vira capa da Revista Veja dois dias depois.

25 de outubro de 2014. Às vésperas do segundo turno das eleições, ato em São Paulo simula o enterro de Dilma.

26 de outubro de 2014. Dilma Rousseff vence as eleições em segundo turno, sendo reeleita presidente do Brasil. A vitória sobre Aécio Neves é a mais apertada desde a redemocratização. O candidato do PSDB convoca manifestação contra o resultado da eleição.

1 de novembro de 2014. Protestos em 4 capitais pedem impeachment de Dilma Rousseff.

6 de novembro de 2014. Novo protesto contra Dilma em São Paulo.

12 de dezembro de 2014. PSDB solicita ao TSE a cassação do registro da chapa Dilma-Temer, e propõe que Aécio assumira a Presidência no lugar.

2015

1 de janeiro de 2015. Dilma Rousseff toma posse e inicia seu segundo mandato.

Janeiro de 2015. Circula mensagem de convocação para ato no dia 15 de março, contra o aumento das passagens e contra o governo Dilma. A mensagem não tem autoria declarada.

1 de fevereiro de 2015. Eduardo Cunha (PMDB) é eleito presidente da Câmara em primeiro turno.

3 de fevereiro de 2015. Publicado na Folha de S. Paulo o artigo "A hipótese de culpa para o impeachment", de Ives Gandra da Silva Martins. A defesa do impeachment pelo MBL passa a se apoiar nesse artigo.

26 de fevereiro de 2015. A Câmara instala uma CPI para investigar os desvios na Petrobrás.

3 de março de 2015. O PGR Rodrigo Janot, protocola no STF pedidos de abertura de inquérito para investigar políticos suspeitos de envolvimento no esquema de corrupção na Petrobrás.

8 de março de 2015. Dilma faz pronunciamento à nação no Dia da Mulher. Culpa a crise mundial pelas dificuldades econômicas e pede 'paciência'. Pessoas em várias partes do país fazem "panelaço" durante a transmissão.

12 de março de 2015. Deputado Federal Jair Bolsonaro protocola pedido de impeachment de Dilma, denunciando-a por crime de responsabilidade relacionado ao esquema de corrupção na Petrobrás, investigado pela Lava Jato.

- 13 de março de 2015.** Manifestação de apoio à Dilma na Av. Paulista, organizada pela CUT, pelo MST e pela UNE, reunindo 41 mil pessoas, segundo o Datafolha.
- 15 de março de 2015.** Primeira grande manifestação pelo impeachment de Dilma Rousseff, convocada pelo MBL, VPR e Revoltados Online. Estima-se que mais de 2 milhões de pessoas participam em atos realizados em pelo menos 160 cidades do País. Segundo estimativa da PM, 1 milhão de pessoas se concentraram na Av. Paulista. Datafolha estima mais de 210 mil pessoas, fazendo desta a maior manifestação política na capital paulista desde as Diretas Já.
- 16 de março de 2015.** Tem início a 10ª fase da Operação Lava Jato (Que País é esse?). PF cumpre 18 mandados de prisão no Rio de Janeiro e em São Paulo.
- 6 de abril de 2015.** Responsável pelo início das investigações do caso das “pedaladas fiscais”, o procurador do MP junto ao TCU, Júlio Marcelo de Oliveira, assina parecer sobre o caso.
- 12 de abril de 2015.** Segunda grande manifestação pelo impeachment. Novos atos contra o governo reúnem mais de 700 mil pessoas em pelo menos 224 cidades do país.
- 14 de abril de 2015.** “Nesse dia, o impeachment entrou pra pauta”.
- 15 de abril de 2015.** Deflagrada a 12ª fase da Operação Lava Jato, com prisão do ex-tesoureiro do PT João Vaccari Neto, sob a suspeita de receber propina em esquema da Petrobras. Carla Zambelli Salgado, do Movimento Nas Ruas Contra Corrupção, protocola novo pedido de impeachment de Dilma Rousseff.
- 15 de abril de 2015.** A carta ao povo brasileiro da ANMD é lida a senadores no Congresso. O Estadão dá a seguinte manchete de capa: "Oposição se une por impeachment".
- 24 de abril de 2015.** Início da Marcha pela Liberdade, do MBL. A Marcha sai de São Paulo e vai até Brasília, para protocolar novo pedido de impeachment de Dilma Rousseff.
- 27 de maio de 2015.** A Marcha pela Liberdade chega a Brasília, e integrantes do MBL protocolam pedido de impeachment na Câmara dos Deputados.
- 17 de junho de 2015.** O Tribunal de Contas da União decide adiar a análise das contas do governo diante de irregularidades encontradas e dá prazo para Dilma explicar as chamadas "pedaladas fiscais".

- 17 de julho de 2015.** Presidente da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB) rompe com o governo e anuncia que é da oposição.
- 3 de agosto de 2015.** O ex-ministro José Dirceu é preso como parte da 17ª fase da Operação Lava Jato.
- 6 de agosto de 2015.** Pesquisa Datafolha mostra que 71% reprovam o governo Dilma, a pior taxa da história da pesquisa. Várias capitais registram pânico durante programa eleitoral do PT.
- 16 de agosto de 2015.** Terceira grande manifestação pelo impeachment. Pela 1ª vez, os grupos organizadores decidem a data conjuntamente.
- 20 de agosto de 2015.** O procurador-geral da República, Rodrigo Janot, apresenta denúncia de corrupção contra Eduardo Cunha (PMDB). No mesmo dia, manifestação a favor do governo reúne 37 mil pessoas, segundo Datafolha.
- 1 de setembro de 2015.** Hélio Bicudo e Janaína Paschoal apresentam à Câmara dos Deputados a primeira versão de seu pedido de impeachment de Dilma Rousseff.
- 2 de outubro de 2015.** Dilma anuncia reforma ministerial e entrega pastas de Ciência e Tecnologia e Saúde ao PMDB, com o objetivo de assegurar a governabilidade.
- 6 de outubro de 2015.** TSE reabre ação do PSDB para impugnar a chapa Dilma/Temer por suposto abuso de poder na eleição de 2014.
- 7 de outubro de 2015.** TCU recomenda reprovação das contas do governo por “pedaladas fiscais”.
- 15 de outubro de 2015.** Hélio Bicudo, Janaína Paschoal e Miguel Reale Jr. apresentam nova versão do pedido de impeachment de Dilma Rousseff.
- 21 de outubro de 2015.** Oposição entrega a Eduardo Cunha o pedido de impeachment de Hélio Bicudo, Janaína Paschoal e Miguel Reale. Tem início o acampamento do MBL no gramado em frente ao Congresso.
- 28 de outubro de 2015.** Ativistas do MTST protestam contra a lei Antiterrorismo ao lado do acampamento do MBL. Os dois grupos entram em conflito. Na mesma data, Carla Zambeli e ANMD protestam no Congresso.
- 3 de novembro de 2015.** Conselho de Ética da Câmara instaura processo contra Eduardo Cunha.

- 15 de novembro de 2015.** Ato pelo impeachment em frente ao Congresso.
- 18 de novembro de 2015.** Um policial civil acampado no gramado do Congresso dispara pra o alto, contra a marcha das mulheres negras, e é preso pela PM.
- 25 de novembro de 2015.** Polícia Federal prende Delcídio do Amaral (PT), líder do governo no Senado, por suspeita de obstruir as investigações na Lava Jato.
- 28 de novembro de 2015.** MBL realiza seu primeiro congresso.
- 2 de dezembro de 2015.** O PT decide votar pela continuidade do processo de Eduardo Cunha. No mesmo dia, Cunha autoriza a abertura do processo de impeachment baseado no requerimento feito por Hélio Bicudo, Miguel Reale Júnior e Janaína Paschoal.
- 3 de dezembro de 2015.** Abertura oficial do processo de impeachment de Dilma.
- 7 de dezembro de 2015.** O Vice-Presidente Michel Temer envia carta a Dilma em que aponta “fatores reveladores da desconfiança” que o governo tem em relação a ele e ao PMDB, e em que se diz tratado como um “vice decorativo”.
- 8 de dezembro de 2015.** Definida a comissão especial para avaliar o pedido de impeachment. O PC do B entra com ação contrária no STF. Em votação secreta e em meio a sessão marcada por tumultos, a Câmara dos Deputados elege chapa alternativa integrada por deputados de oposição e dissidentes da base governista. À noite, no entanto, o ministro do STF Luiz Edson Fachin a instalação da comissão até que o plenário do Supremo analise o caso.
- 13 de dezembro de 2015.** Quarta grande manifestação pelo impeachment organizada pelo MBL e VPR, em apoio ao impeachment. É a manifestação com menor adesão das quatro.
- 16 de dezembro de 2015.** Ato contra o impeachment reúne 55 mil pessoas na Av. Paulista, de acordo com medição do Datafolha. No mesmo dia, o STF elabora o novo rito do processo de impeachment.
- 17 de dezembro de 2015.** A maioria do STF decide anular a eleição da chapa alternativa para a comissão especial da Câmara e determina que a votação para a escolha dos integrantes seja aberta.

- 8 de janeiro de 2016.** Primeiro ato do MPL contra o novo aumento das tarifas de transporte público. A manifestação termina com 17 pessoas detidas.
- 12 de janeiro de 2016.** Segundo ato do MPL contra o aumento das tarifas.
- 14 de janeiro de 2016.** Terceiro ato do MPL contra o aumento das tarifas.
- 19 de janeiro de 2016.** Quarto ato do MPL contra o aumento das tarifas. No mesmo dia, Kim Kataguiri começa a escrever para a Folha de S. Paulo.
- 3 de fevereiro de 2016.** Sete capitais registram panelaço contra pronunciamento de Dilma.
- 23 de fevereiro de 2016.** João Santana, publicitário das campanhas de Lula e Dilma Rousseff é preso como parte da 23ª fase da Lava Jato.
- 2 de março de 2016.** A revista IstoÉ publica trechos da delação de Delcídio do Amaral, implicando Lula e Dilma e esquemas de corrupção.
- 4 de março de 2016.** Condução coercitiva de Lula. Nesse dia, o MBL faz uma transmissão com quase 30 milhões de visualizações na página num só dia.
- 13 de março de 2016.** Quinto e maior protesto pelo impeachment e pela prisão de Lula, em todo o país. A PM estima que mais 3 milhões de pessoas participaram do protesto. Segundo o Datafolha, só na Av. Paulista se concentram cerca de 500 mil pessoas, superando as Diretas Já e se tornando o maior ato político já registrado em São Paulo.
- 16 de março de 2016.** Lula é anunciado Ministro Chefe da Casa Civil. No mesmo dia, juiz Sérgio Moro quebra sigilo e divulga áudio de conversa entre Lula e Dilma. Reagindo à nomeação, são convocados protestos em 16 capitais.
- 17 de março de 2016.** Contra a nomeação de Lula, manifestantes acampam na Av. Paulista: o “Occupy Paulista”. Nesse dia, também é formada a Comissão Especial da Câmara, para avaliar o pedido de impeachment de Dilma Rousseff. Rogério Rosso (PSD) é nomeado presidente da Comissão, e Jovair Arantes (PTB), relator.
- 18 de março de 2016.** O Supremo Tribunal Federal suspende nomeação de Lula para a Casa Civil. É realizada manifestação a favor do governo Dilma na Av. Paulista, reunindo, segundo o Datafolha, 95 mil pessoas.
- 30 de março de 2016.** Os juristas autores do pedido de impeachment falam para a Comissão Especial da Câmara.

- 31 de março de 2016.** Nelson Barbosa e Ricardo Ribeiro falam a favor do governo na Comissão da Câmara. No mesmo dia, manifestação a favor do governo reúne 40 mil pessoas na Praça da Sé, segundo contagem do Datafolha.
- 4 de abril de 2016.** José Eduardo Cardozo, Advogado Geral da União, fez a defesa de Dilma.
- 6 de abril de 2016.** O relator da Comissão Especial da Câmara faz parecer favorável à abertura do processo de impeachment.
- 8 de abril de 2016.** A Comissão Especial debate sobre a abertura do impeachment.
- 11 de abril de 2016.** Por 38 votos a 27, a Comissão Especial da Câmara aprova abertura do processo de impeachment.
- 12 de abril de 2016.** O parecer da comissão é lido em Plenário.
- 13 de abril de 2016.** O resultado da votação é publicado no D. O. da Câmara.
- 15 de abril de 2016.** Começa a sessão na Câmara para decidir a admissibilidade do processo de impeachment.
- 17 de abril de 2016.** A Câmara aprova o envio do processo ao Senado por 367 votos a favor e 137 contra, 07 abstenções e 02 faltas. No mesmo dia, é realizada manifestação pró-governo no Vale do Anhangabaú, em São Paulo, reunindo cerca de 42 mil pessoas, segundo contagem do Datafolha.
- 18 de abril de 2016.** O Senado recebe o pedido de impeachment.
- 19 de abril de 2016.** A autorização da Câmara para abertura do processo de impeachment é lido no plenário.
- 25 de abril de 2016.** Os nomes para a Comissão do Senado são confirmados em Plenário.
- 26 de abril de 2016.** Instalada a Comissão Especial do Impeachment do Senado. Raimundo Lira (PMDB) é nomeado presidente, e Antonio Anastasia (PSDB), relator da comissão.
- 27 de abril de 2016.** Tem início a reunião da Comissão Especial do Senado.
- 28 de abril de 2016.** Janaína Paschoal e Miguel Reale Júnior apresentam as bases da acusação para a Comissão Especial do Senado.
- 29 de abril de 2016.** O AGU José Eduardo Cardozo e os ministros Nelson Barbosa e Kátia Abreu fazem a defesa da presidente perante a Comissão do Senado.

- 2 de maio de 2016.** O procurador do MP no TCU Júlio Marcelo de Oliveira, o juiz José Maurício Conti e o advogado Fábio Medina Osório atestam os crimes de responsabilidade atribuídos a Dilma Rousseff.
- 3 de maio de 2016.** O ex-presidente da OAB Marcello Lavenère e os professores de direito Geraldo Mascarenhas Prado e Ricardo Lodi Ribeiro defenderam a presidente.
- 4 de maio de 2016.** Antonio Anastasia, relator da Comissão Especial do Senado, apresenta relatório favorável ao impeachment.
- 5 de maio de 2016.** O relatório é discutido pelos senadores. Teori Zavascki, ministro do STF, afasta Eduardo Cunha do mandato de Deputado Federal e da Presidência da Casa. À noite, os 11 ministros do STF confirmam a decisão.
- 6 de maio de 2016.** Por 15 votos a 5, a Comissão Especial de Impeachment do Senado aprova a abertura do processo.
- 9 de maio de 2016.** Vicentinho Alves (PL), lê no Plenário do Senado um resumo do parecer da Comissão Especial, e o relatório é publicado no D. O. do Senado. Waldir Maranhão (PP), presidente em exercício da Câmara dos Deputados, anula a votação que havia aprovado a admissibilidade do impeachment. Renan Calheiros (PMDB) rejeita a decisão de Maranhão, e anuncia que dará continuidade ao processo no Senado. A CCJ do Senado adia para o dia 12 de maio a decisão sobre a cassação de Delcídio do Amaral, e Calheiros avisa que só marcaria a votação do impeachment de Dilma após a votação do caso de Delcídio.
- 10 de maio de 2016.** O processo de Delcídio vai a plenário e tem o seu mandato de Senador cassado por 74 votos a zero. Waldir Maranhão, revoga sua decisão do dia anterior de anular a sessão da Câmara. AGU entra com um mandado de segurança no STF para anular o processo de impeachment.
- 11 de maio de 2016.** O Ministro do STF Teori Zavascki nega o pedido da AGU.
- 12 de maio de 2016.** Com 55 votos a favor, 22 contra e 2 ausências, o Senado aprova o pedido de abertura do processo de impeachment. Dilma Rousseff é notificada do afastamento e Temer assume como presidente interino do Brasil.
- 29 de julho de 2016.** Dilma Rousseff entrega as suas alegações finais na Câmara.
- 2 de agosto de 2016.** Antônio Anastasia apresenta relatório favorável ao impeachment.

10 de agosto de 2016. O relatório é aprovado no plenário do Senado e Dilma vai a julgamento.

25 de agosto de 2016. Começa a etapa final do julgamento de impeachment.

29 de agosto de 2016. Dilma se defende no Senado e se refere ao processo como golpe de estado.

31 de agosto de 2016. Dilma Rousseff é afastada em definitivo da Presidência da República.

7 de setembro de 2016. Michel Temer é vaiado em desfile do dia da Independência. O dia é marcado por uma série de protestos contra Temer, em todo o território nacional, sendo a maior em Salvador, BA.

22 de setembro de 2016. CUT organiza o Dia Nacional de Paralisação e Mobilização das Categorias, com manifestações em todo o país; a maior concentração ocorre em Salvador, BA.

2 de outubro de 2016. Primeiro turno das eleições municipais. Oito candidatos apoiados pelo MBL (7 a vereador e um a prefeito) se elegeram, dois em capitais. Outros seis, na suplência, têm boas chances de assumir.

19 de outubro de 2016. Eduardo Cunha é preso como parte da Operação Lava-Jato.

30 de outubro de 2016. Segundo turno das eleições municipais.

8 de novembro de 2016. Donald Trump é eleito presidente dos EUA.

19 a 20 de novembro de 2016. O MBL realiza seu segundo Congresso Nacional.

4 de dezembro de 2016. São realizadas manifestações em prol Lava-Jato por todo o país. As manifestações, organizadas pelo VPR reúnem mais de 75 mil pessoas, segundo PM; e mais de 480 mil pessoas, segundo os organizadores.

15 de dezembro de 2016. O Congresso Nacional promulga a Emenda Constitucional nº 95, conhecida como PEC do Teto dos Gastos Públicos.

2017

19 de janeiro de 2017. Ministro do STF e relator da Lava-Jato, Teori Zavascki morre em acidente aéreo.

Fevereiro de 2017. MBL defende o nome de Ives Gandra Martins Filho para o STF.

- 15 de março de 2017.** Sindicatos e funcionários públicos fazem protestos contrários à reforma da previdência por todo o país.
- 22 de março de 2017.** Alexandre de Moraes torna-se Ministro do STF.
- 26 de março de 2017.** MBL, VPR, Nas Ruas e Movimento Liberal Acorda Brasil organizam manifestação pelo "bom andamento" da Lava Jato, fim do foro privilegiado, fim do estatuto do desarmamento e pelas reformas trabalhista e da Previdência. Movimento se dá em reação a ameaça de anistia do crime de caixa dois. Apesar de chamadas separadamente, por diferença de pauta – o Vem Pra Rua, por exemplo, afirma que o fim do estatuto do desarmamento não é sua pauta –, as manifestações devem se unir em São Paulo, já que estão marcadas para a Avenida Paulista.
- 28 de abril de 2017.** Centrais sindicais convocam a greve geral nacional, em protesto diante da reforma trabalhista então em curso.
- 9 de maio de 2017.** Na véspera do primeiro depoimento de Lula a Sérgio Moro, o MBL organiza uma vigília em prol da Lava-Jato.
- 18 de maio de 2017.** O presidente Michel Temer faz um pronunciamento em que declara que não renunciará, diante da abertura de inquérito para investigá-lo como parte da Operação Lava-Jato.
- 24 de maio de 2017.** É realizada a marcha “Ocupa Brasília”, convocada por centrais sindicais e movimentos sociais, em protesto ao governo Temer. O protesto termina em confronto com a polícia.
- 9 de junho de 2017.** O TSE, por 4 votos a 3, decide pela absolvição da chapa Dilma-Temer diante da acusação de ilegalidades na campanha; a decisão permite a permanência de Michel Temer na Presidência da República.
- 12 de julho de 2017.** Lula é condenado em primeira instância pelos crimes de corrupção passiva e lavagem de dinheiro.
- 13 de julho de 2017.** Sancionada a Reforma Trabalhista do governo Temer.
- 2 de agosto de 2017.** A Câmara dos Deputados vota por barrar a primeira das duas denúncias da Procuradoria-Geral da República contra o presidente Michel Temer.
- 15 de agosto de 2017.** MBL organiza a marcha em favor do Programa Escola Sem Partido, em âmbito nacional.

10 de setembro de 2017. Após pressão de membros do MBL, é fechada no Rio Grande do Sul a exposição Queermuseu – cartografias da diferença na arte da brasileira”.

26 de setembro de 2017. É realizada a performace "La Bête", no MAM. A performace é alvo de críticas dos membros do MBL, após a circulação de um vídeo em que uma criança de cerca de quatro anos interage com performer nu.

25 de outubro de 2017. A Câmara dos Deputados vota por barrar a segunda denúncia da Procuradoria-Geral da República contra o presidente Michel Temer.

7 de novembro de 2017. Grupos conservadores protestam contra a Judith Butler, em evento com a filósofa no SESC Pompeia, em São Paulo.

11 a 12 de novembro de 2017. O MBL realiza seu terceiro Congresso Nacional.

2018

24 de janeiro de 2018. Lula é julgado e condenado em segunda instância. Na mesma data, o MBL organiza evento no Rio Grande do Sul em favor da prisão de Lula ("Carnalula").

16 de fevereiro de 2018. Início da intervenção federal no Rio de Janeiro.

25 de fevereiro de 2018. Ocorre o Primeiro Congresso Estadual do MBL no Mato Grosso.

14 de março de 2018. A vereadora Mariele Franco, e seu motorista Anderson Gomes, são executados no Rio de Janeiro; o assassinato motiva manifestações em várias partes do país.

17 de março de 2018. The Guardian e The New York Times publicam reportagens com ex-funcionário da Cambridge Analítica.

5 de abril de 2018. Sérgio Moro decreta a prisão de Lula.

7 de abril de 2018. Lula é preso dois dias após ter prisão decretada, em meio a manifestações a seu favor no Sindicato dos Metalúrgicos no ABC.

21 de maio de 2018. Início da greve dos caminhoneiros, que se estenderia até dia 30 de maio, gerando crise de abastecimento em várias cidades pelo país.

25 de julho de 2018. O Facebook remove várias contas ligadas ao MBL, entre elas a de Renan Santos.

6 de setembro de 2018. Candidato à presidência, Jair Bolsonaro sofre atentado à faca durante um evento de campanha, e é hospitalizado às pressas.

29 de setembro de 2018. Manifestações em diversas regiões do Brasil, contra a candidatura de Bolsonaro, como parte do Movimento Ele Não. Os protestos foram convocados pelas redes sociais e organizados por mulheres.

7 de outubro de 2018. Primeiro turno das eleições gerais. Na disputa pela presidência, Jair Bolsonaro e Fernando Haddad vão para o segundo turno.

21 de outubro de 2018. Manifestações contrárias ao PT em todo o território nacional, sob o mote "PT nunca mais". As manifestações contam com o apoio do MBL, Vem pra Rua e Nas Ruas, entre outros.

28 de outubro de 2018. Segundo turno das eleições gerais; Jair Messias Bolsonaro é eleito presidente do Brasil.

1 de novembro de 2018. Bolsonaro anuncia que Sérgio Moro assumirá o Ministério da Justiça.

23 a 24 de novembro de 2018. Quarto Congresso Nacional do MBL.

2019

1 de janeiro de 2019. Jair Messias Bolsonaro toma posse como 38º presidente do Brasil.

25 de janeiro de 2019. Mais de 250 pessoas morrem por causa do rompimento de barragem de rejeitos de minério de ferro em Brumadinho.

1 de fevereiro de 2019. Rodrigo Maia (DEM) é eleito presidente da Câmara dos Deputados. No dia seguinte, Davi Alcolumbre (DEM) é eleito presidente do Senado Federal.

9 de fevereiro de 2019. MBL organiza ato e panfletagem em São Paulo, em defesa da privatização dos correios.

23 de fevereiro de 2019. É realizado o Primeiro Congresso Estadual do MBL em São Paulo, na cidade de São José do Rio Preto.

17 de março de 2019. MBL convoca a manifestação "Em defesa da Lava Jato!", com atos em vários Estados.

- 21 de março de 2019.** Decretada a prisão preventiva de Michel Temer, que ficaria preso só alguns dias. Ele volta a ser preso por alguns dias em 8 de maio do mesmo ano, tendo o habeas corpus concedido por decisão unânime do STF.
- 15 de maio de 2019.** São realizadas manifestações de estudantes em cerca de 200 cidades, por todo o país, contra os cortes na educação promovidos pelo governo Bolsonaro. O MBL, em seu Twitter oficial, classifica essa como a "maior manifestação da esquerda em anos", e afirma que "o governo não pode continuar errando na política como está fazendo hoje".
- 26 de maio de 2019.** Manifestações pró-bolsonaro, ("Reformas Já"). MBL e VPR não participam.
- 29 de maio de 2019.** MBL organiza o ato contra o aumento salarial dos funcionários do TCM – SP.
- 30 de maio de 2019.** A UNE convoca o segundo ato em prol da educação, dando sequência às manifestações de 15 de maio.
- 8 de junho de 2019.** Ocorre o Primeiro Congresso Estadual do MBL no Rio Grande do Sul.
- 9 de junho de 2019.** The Intercept revela as primeiras mensagens da "Vaza-Jato".
- 13 de junho de 2019.** O STF aprova a criminalização da homofobia pela Lei de Racismo.
- 14 de junho de 2019.** Centrais sindicais convocam greve geral contra a reforma da previdência e os cortes na educação do governo Bolsonaro.
- 20 de junho de 2019.** Jair Bolsonaro participa da Marcha para Jesus.
- 30 de junho de 2019.** Manifestações em defesa da Lava Jato. O evento conta com apoio do MBL.
- 13 de agosto de 2019.** Protestos estudantis pelo país contra cortes na educação e reforma da previdência.
- 28 de setembro de 2019.** Primeiro Congresso Estadual do MBL em Minas Gerais.
- 8 de novembro de 2019.** Lula é solto, após decisão do STF que derrubou a prisão em segunda instância. A decisão motiva manifestações favoráveis e contrárias, estas com apoio do MBL.
- 15 e 16 de novembro de 2019.** MBL realiza seu 5º Congresso Nacional.

16 de novembro de 2019. Lideranças do MBL fazem *mea culpa* por terem tencionado e polarizado o cenário político.

19 de novembro de 2019. O Deputado Estadual de São Paulo, Arthur do Val, é expulso do DEM.

2020

26 de fevereiro de 2020. Primeiro caso confirmado de Covid-19 no Brasil.

11 de março de 2020. OMS classifica pela primeira vez o Covid-19 como “pandemia”.

15 de março de 2020. Bolsonaristas fazem manifestações pró-governo em várias cidades, com participação de intervencionistas. Bolsonaro manifesta apoio pelas redes sociais.

17 de março de 2020. Primeira morte confirmada por Covid-19 no Brasil.

16 de abril de 2020. Mandetta é demitido do cargo de Ministro da Saúde do governo.

24 de abril de 2020. Demissão do ministro Sérgio Moro, que acusa Bolsonaro de intervir na PF.

26 de abril de 2020. Primeiro Congresso Online do MBL.

3 de maio de 2020. Apoiadores de Bolsonaro fazem novo ato contra o STF e o Congresso. Bolsonaro participa da manifestação.

25 de maio de 2020. Assassinato de Georg Floyd nos EUA gera onda de protestos do movimento "Black lives matter".

18 de junho de 2020. Fabrício Queiroz, ex-assessor e ex-motorista de Flávio Bolsonaro, é preso.

7 de julho de 2020. Bolsonaro anuncia que seu exame para Covid-19 deu positivo.

10 de julho de 2020. Polícia de SP faz buscas na sede do MBL, por ordem do Ministério Público e prende dois empresários suspeitos por lavagem de dinheiro.

28 de agosto de 2020. STJ determina afastamento do Governador do Rio de Janeiro, Wilson Witsel (PSC).

26 de outubro de 2020. MP-SP denuncia Renan Santos, um dos líderes do MBL, por tráfico de influência.

7 de novembro de 2020. Veículos da imprensa dos EUA projetam vitória de Joe Biden nas eleições dos EUA.

15 de novembro de 2020. Primeiro turno das eleições municipais, estaduais e legislatura.